



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LILIANE VIANA LIMA

**AS EXPRESSÕES ‘SER CAPAZ DE’, ‘DAR PARA’ E ‘TER COMO’ NA
MANIFESTAÇÃO DA MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

FORTALEZA

2024

LILIANE VIANA LIMA

AS EXPRESSÕES ‘SER CAPAZ DE’, ‘DAR PARA’ E ‘TER COMO’ NA
MANIFESTAÇÃO DA MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
CONTEMPORÂNEO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nadja Paulino Pessoa Prata.

FORTALEZA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L698c Lima, Liane Viana.

As expressões 'ser capaz de', 'dar para' e 'ter como' na manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo / Liane Viana Lima. – 2024.
268 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profª. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata.

1. Funcionalismo Linguístico. 2. Gramática Discursivo-Funcional. 3. português brasileiro contemporâneo. I. Título.

CDD 410

LILIANE VIANA LIMA

AS EXPRESSÕES ‘SER CAPAZ DE’, ‘DAR PARA’ E ‘TER COMO’ NA
MANIFESTAÇÃO DA MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
CONTEMPORÂNEO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC) como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nadja Paulino Pessoa Prata.

Aprovada em 29/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Nadja Paulino Pessoa Prata (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof.^a Dr.^a Izabel Larissa Lucena Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico esta pesquisa àquela que me ensinou desde criança que eu seria capaz de realizar meus sonhos.

Obrigada por tudo, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Nadja Paulino Pessoa Prata, pelo apoio, pela paciência e por toda a dedicação desde o início do Mestrado até os dias de hoje;

Aos membros da Banca examinadora, Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes, Prof^a. Dr^a Izabel Larissa Lucena Silva e Prof^a Hebe Macedo de Carvalho, pela disponibilidade e pelas contribuições para este trabalho.

À Prof^a Dr^a Marcia Teixeira Nogueira, não somente pela participação na Banca examinadora, mas também pelo apoio desde o mestrado.

A todos os professores do PPGLin, pela minha formação em Linguística e pelas discussões valiosas.

À professora Dr^a Cibele Naidhig de Souza, da UFPR, pelas discussões valiosas.

À professora Dr^a. Patricia de Araújo Rodrigues, da UFPR, pelo auxílio em disponibilizar algumas obras essenciais para esta pesquisa.

Ao meu esposo, Francisco Heide Pereira Lima, por todo o apoio e por estar sempre ao meu lado em todos os momentos.

À minha querida Eliete Aguiar Adriano Costa, pela disponibilidade e compreensão.

À minha amiga, Adriana Negreiros de Almeida Morais, por sempre me incentivar e nunca me deixar desistir.

À minha amiga Karina Fernandes Carvalho, pela ajuda no momento crucial para a elaboração da Metodologia deste trabalho.

À minha mãe, Joinete Inácio Viana, por sempre estar ao meu lado.

À minha sogra, Maria Inez Pereira Lima, por todas as orações.

Ao meu padrasto, José Alisdon de Moura, por seu carinho.

A Deus, por me permitir a conclusão desta Tese.

RESUMO

Esta tese objetiva descrever e analisar as propriedades formais e funcionais que caracterizam o uso das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ enquanto marcas de manifestação da categoria Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Essas expressões, quando utilizadas em contextos modais facultativos, adquirem o sentido de condições físicas/circunstanciais da ocorrência de um determinado evento ou capacidades e habilidades intrínsecas/adquiridas de um participante. Embasados teoricamente na Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e em autores como Carretero (1992), Olbertz (1998), Palmer (2001), Souza (2016, 2019), Lima (2018), Lima e Prata (2019, 2023), Oliveira (2020), Lanchares (2021), entre outros, a nossa metodologia parte de um aspecto teórico-prático, em que nossas hipóteses são testadas seguindo o percurso *top down* dos níveis do Componente Gramatical (Interpessoal, Representacional e Morfossintático) para identificar como a categoria se manifesta em português. Para isso, usamos uma amostra dos *blogs* do Brasil, que formam o banco de dados *Corpus do Português* (DAVIES, 2009). Após a escolha da amostra e da análise qualiquantitativa por meio da leitura individual das ocorrências e da testagem de relevâncias estatísticas no *software* SPSS, observamos os seguintes resultados: a) a expressão ‘ser capaz de’ foi a mais recorrente em orientação-para-o-participante. Foram encontrados seis casos que indicam a atuação da categoria na camada do Episódio; b) a expressão ‘dar para’ ocorreu prioritariamente com orientação-para-o-evento; c) a expressão ‘ter como’ foi a menos recorrente das três, atuando prioritariamente orientada-para-o-evento. Por meio da análise estatística, percebemos que algumas categorias são determinantes para a manifestação da Modalidade Facultativa, como por exemplo a “Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado”, que incide numa reação em cadeia e condiciona, por exemplo, as categorias semânticas das Condições de Realidade e Designação do Argumento 1, que por sua vez determina as categorias morfossintáticas de Codificação do Argumento 1, Tempo Verbal e Modo Verbal. Com isso, esperamos ampliar as discussões acerca da categoria Modalidade Facultativa e contribuir para a sua descrição e identificação dos seus limites modais.

Palavras-chaves: Modalidade Facultativa; português brasileiro contemporâneo; Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT

This thesis aims to describe and analyze the formal and functional properties that characterize the use of the linguistic expressions ‘ser capaz de’, ‘dar para’ and ‘ter como’ as manifestation marks of the category Facultative Modality in contemporary Brazilian Portuguese. These expressions, when used in Facultative modal contexts, acquire the meaning of physical/circumstantial conditions of the occurrence of a certain event or intrinsic/acquired capacities and abilities of a participant. Theoretically based on Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) and authors such as Carretero (1992), Olbertz (1998), Palmer (2001), Souza (2016, 2019), Lima (2018), Lima and Prata (2019, 2023), Oliveira (2020), Lanchares (2021), among others, our methodology starts from a theoretical-practical aspect, in which our hypotheses are tested following the top-down path of Grammatical Component levels (Interpersonal, Representational and Morphosyntactic) to identify how the category manifests itself in Portuguese. For this, we used a sample of blogs from Brazil, which form the *Corpus do Português* (DAVIES, 2009) database. After selecting the sample and performing the qualitative and quantitative analysis by reading the occurrences individually and testing their statistical relevance in the SPSS software, we observed the following results: a) the expression ‘ser capaz de’ was the most recurrent in participant-orientation. Six cases were found that indicate the category’s performance in the Episode layer; b) the expression ‘dar para’ occurred primarily with event-orientation; c) the expression ‘ter como’ was the least recurrent of the three, acting primarily event-oriented. Through statistical analysis, we realized that some categories are decisive for the manifestation of Facultative Modality, such as the “Position of the Speaker in relation to the Facultatively established value”, which affects a chain reaction and determines, for example, the semantic categories of Reality Conditions and Designation of Argument 1, which in turn determines the morphosyntactic categories of Codification of Argument 1, Verbal Tense and Verbal Mood. With this, we hope to broaden the discussions about the category Facultative Modality and contribute to its description and identification of its modal limits.

Keywords: Facultative Modality; contemporary brazilian portuguese; Discursive-Functional Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– A modalidade orientada-para-o-participante em Olbertz (1998)	38
Figura 2	– A GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal	58
Figura 3	– Estrutura geral das camadas	59
Figura 4	– Estrutura de interação verbal no Nível Interpessoal	61
Figura 5	– Organização básica do Nível Representacional	64
Figura 6	– Organização do Nível Morfossintático.....	67
Figura 7	– Modelo de construção modal facultativa	83
Figura 8	– Estrutura geral da expressão ‘dar para’.....	172
Figura 9	– Estrutura de negação em ‘ter como’	215
Figura 10	– <i>Continuum</i> da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.....	249

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Similaridades entre as Modalidade de acordo com Wright (1951)	32
Quadro 2	–	Modalidade sob a perspectiva de Palmer (2001)	35
Quadro 3	–	Domínios de avaliação da Modalidade Facultativa em Olbertz (1998) ...	39
Quadro 4	–	Síntese tipológica da Modalidade Facultativa	52
Quadro 5	–	Categorias de análise do <i>corpus</i> referente ao Componente Gramatical ...	78
Quadro 6	–	Síntese analítica das expressões ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’...	241

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Quantitativo total de expressões linguísticas no <i>Corpus do Português</i>	75
Tabela 2	–	Quantitativo proporcional de expressões no <i>Corpus do Português</i>	76
Tabela 3	–	Quantitativo de ocorrências obtidas após análise qualitativa	84
Tabela 4	–	Posição do Falante em ‘ser capaz de’	89
Tabela 5	–	Alvo da MF em ‘ser capaz de’	96
Tabela 6	–	A MFOP em ‘ser capaz de’	97
Tabela 7	–	As Condições de realidade em ‘ser capaz de’	108
Tabela 8	–	A Polaridade da MF em ‘ser capaz de’	110
Tabela 9	–	As categorias ‘Polaridade’ e ‘Alvo’ em ‘ser capaz de’	111
Tabela 10	–	As categorias semânticas do A1 em ‘ser capaz de’	115
Tabela 11	–	Traço do Indivíduo em ‘ser capaz de’	117
Tabela 12	–	Tipos de Predicado escopado em ‘ser capaz de’	132
Tabela 13	–	Codificação do A1 em ‘ser capaz de’	137
Tabela 14	–	As categorias ‘Tempo’ e ‘Modo’ em ‘ser capaz de’	149
Tabela 15	–	Posição do Falante quanto à expressão ‘dar para’	171
Tabela 16	–	O Alvo da MF em ‘dar para’	175
Tabela 17	–	As Condições de Realidade em ‘dar para’	178
Tabela 18	–	A Polaridade da MF em ‘dar para’	180
Tabela 19	–	As categorias semânticas do A1 em ‘dar para’	182
Tabela 20	–	Traço do Indivíduo em ‘dar para’	183
Tabela 21	–	Tipo de predicado escopado quanto a ‘dar para’	189
Tabela 22	–	Codificação do A1 em ‘dar para’	193
Tabela 23	–	As categorias de ‘Tempo’ e ‘Modo’ em ‘dar para’	195
Tabela 24	–	Posição do Falante em ‘ter como’	204
Tabela 25	–	O Alvo da MF em ‘ter como’	208
Tabela 26	–	A MFOP em ‘ter como’	211
Tabela 27	–	Condições de realidade em ‘ter como’	213

Tabela 28 – A Polaridade em ‘ter como’	215
Tabela 29 – As categorias semânticas do A1 em ‘ter como’	219
Tabela 30 – Traço do Indivíduo em ‘ter como’	220
Tabela 31 – Codificação do A1 em ‘ter como’	227
Tabela 32 – As categorias ‘Tempo’ e ‘Modo’ em ‘ter como’	231

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A1	Argumento 1
CP	Conteúdo Proposicional
EC	Estados-de-coisas
EP	Episódio
+F	+ Falante
-F	- Falante
+INC	[+inclusivo]
- INC	[- inclusivo]
± INC	[± inclusivo]
IND	Indivíduo
GDF	Gramática Discursivo-Funcional
GF	Gramática Funcional
NI	Nível Interpessoal
MN	Nível Morfossintático
NR	Nível Representacional
MF	Modalidade Facultativa
MFOE	Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante
MFOP	Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento
MFOEP	Modalidade Facultativa orientada-para-o-episódio
MOE	Modalidade orientada-para-o-evento
MOP	Modalidade orientada-para-o-participante
+O	+ Ouvinte
-O	- Ouvinte
OE	Orientado-para-o-evento
OP	Orientado-para-o-participante
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A MODALIDADE FACULTATIVA	31
2.1	Estudos em língua portuguesa sobre ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’	41
2.2	Estudos sobre habilidades e capacidades em outras línguas	44
2.2.1	<i>A perspectiva modal do item ‘capaz’ em Grández Ávila (2010)</i>	44
2.2.2	<i>‘Ser capaz’ na perspectiva de Castroviejo e Oltra-Massuet (2018)</i>	47
2.2.3	<i>‘Capaz’ na perspectiva de Lanchares (2021)</i>	48
2.3	Síntese conclusiva	51
3	A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	55
3.1	Os componentes não linguísticos	57
3.2	O Componente Gramatical	59
3.2.1	<i>O Nível Interpessoal</i>	61
3.2.2	<i>O Nível Representacional</i>	64
3.2.3	<i>O Nível Morfossintático</i>	67
3.3	Síntese conclusiva	69
4	METODOLOGIA	72
4.1	O corpus do português	73
4.2	Procedimentos de análise	76
4.2.1	<i>Categorias de análise</i>	77
4.2.1.1	<i>Descrição da análise dos dados</i>	79
4.3	Casos excluídos	81
4.4	Síntese conclusiva	84
5	A EXPRESSÃO DA MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	86
5.1	A expressão linguística “ser capaz de”	86
5.1.1	<i>Análise do Nível Interpessoal</i>	89
5.1.2	<i>As categorias de análise do Nível Representacional</i>	95
5.1.2.1	<i>O Alvo da Modalidade Facultativa</i>	96

5.1.2.2	<i>As Condições de realidade</i>	108
5.1.2.3	<i>A Polaridade</i>	110
5.1.2.4	<i>As categorias semânticas do Argumento 1</i>	115
5.1.2.5	<i>O tipo de predicado escopado</i>	130
5.1.3	<i>As categorias de análise do Nível Morfossintático</i>	135
5.1.3.1	<i>A Codificação do Argumento 1</i>	136
5.1.3.2	<i>O Tempo e o Modo verbal</i>	149
5.1.4	<i>A inter-relação entre as categorias de análise em ‘ser capaz de’</i>	153
5.1.5	<i>Síntese de ‘ser capaz de’</i>	169
5.2	<i>A expressão linguística “dar para”</i>	171
5.2.1	<i>A categoria de análise do Nível Interpessoal</i>	171
5.2.2	<i>As categorias de análise do Nível Representacional</i>	174
5.2.2.1	<i>O Alvo da Modalidade Facultativa</i>	175
5.2.2.2	<i>As Condições de realidade</i>	178
5.2.2.3	<i>A Polaridade</i>	180
5.2.2.4	<i>As categorias semânticas do Argumento 1</i>	182
5.2.2.5	<i>O tipo de predicado escopado</i>	189
5.2.3	<i>As categorias de análise do Nível Morfossintático</i>	192
5.2.3.1	<i>A codificação do Argumento 1</i>	192
5.2.3.2	<i>O Tempo e o Modo verbal</i>	194
5.2.4	<i>A inter-relação entre as categorias de análise em ‘dar para’</i>	196
5.2.5	<i>Síntese de ‘dar para’</i>	203
5.3	<i>A expressão linguística “ter como”</i>	204
5.3.1	<i>A Categoria do Nível Interpessoal</i>	204
5.3.2	<i>As Categorias do Nível Representacional</i>	207
5.3.2.1	<i>O Alvo da Modalidade Facultativa</i>	208
5.3.2.2	<i>As Condições de realidade</i>	213
5.3.2.3	<i>A Polaridade</i>	215
5.3.2.4	<i>As categorias semânticas do Argumento 1</i>	219

5.3.2.5	<i>O tipo de predicado escopado</i>	223
5.3.3	<i>As Categorias de análise do Nível Morfossintático</i>	226
5.3.3.1	<i>A codificação do Argumento 1</i>	226
5.3.3.2	<i>O Tempo e o Modo verbal</i>	230
5.3.4	<i>A inter-relação entre as categorias de análise em ‘ter como’</i>	232
5.3.5	<i>Síntese de ‘ter como’</i>	239
5.4	Síntese geral	240
6	CONCLUSÕES	243
	REFERÊNCIAS	251
	APÊNDICE A - VALORES DO QUI-QUADRADO PARA OS CRUZAMENTOS ESTATÍSTICOS REALIZADOS COM O SPSS EM ‘SER CAPAZ DE’	260
	APÊNDICE B - VALORES DO QUI-QUADRADO PARA OS CRUZAMENTOS ESTATÍSTICOS REALIZADOS COM O SPSS EM ‘DAR PARA’	263
	APÊNDICE C - VALORES DO QUI-QUADRADO PARA OS CRUZAMENTOS ESTATÍSTICOS REALIZADOS COM O SPSS EM ‘TER COMO’	266

1 INTRODUÇÃO

A modalidade é um campo de estudos bastante amplo. Não é raro encontrarmos divergências acerca de seus limites e das unidades linguísticas utilizadas para expressar um determinado valor modal. Tal situação acentua-se ainda mais quando focamos nossas atenções na Modalidade Facultativa, pois a categoria pode ser encontrada ora sob o termo ‘modalidade dinâmica’ (WRIGHT, 1951; PALMER, 2001; ZIELÍNSKI; ELORZA, 2018), caracterizando noções de capacidades/habilidades e considerando em si também questões relacionadas à volição, conforme Palmer (2001) e Zielinski e Elorza (2018), ora sob o termo ‘modalidade inerente’ (OLBERTZ, 1998), em que a categoria Modalidade Facultativa estaria incluída como uma subcategoria. Hengeveld e Mackenzie (2008), por outro lado, mantém a posição de que a Modalidade Facultativa é uma categoria linguística autônoma e distinta de outras categorias modais, ampliando a concepção da categoria modalidade e mostrando que a categoria é autônoma e distinta das demais concepções modais.

Outros autores, como Kenny (1976), baseiam-se na distinção aristotélica entre os ‘poderes racionais’¹ e os ‘poderes naturais’² e na possibilidade de um equívoco de tradução em inglês com o verbo ‘can’ (poder) por Wright. Segundo o autor, “[...] a lógica da habilidade não pode ser capturada com uma semântica de mundo possível[...]” (KENNY, 1976, p. 209). Embora o filósofo não considere a modalidade dinâmica uma modalidade, suas argumentações abrem espaço para que a categoria seja vista com mais atenção devido principalmente à polissemia linguística inerente à modalidade.

Com o passar do tempo e os avanços de análises sobre a modalidade no viés linguístico, proliferaram nas décadas seguintes diversas análises sobre o tema, dentre os quais podemos citar Palmer (2001)³. O autor considera sua tipologia modal em pares dicotômicos, cuja principal distinção seria as modalidades epistêmica/evidencial e dinâmica/volitiva: enquanto em uma os fatores condicionantes são externos ao participante (que lhe é permitido, ordenado), na outra, esses fatores são internos ao indivíduo (que ele é capaz, que ele deseja, etc. para agir), mostrando desde as primeiras análises um entrelaçamento inicial entre o que é

¹ Habilidades aprendidas pelo indivíduo, bidirecionais e podem ser exercidos à vontade (Cf. KENNY, 1976, p. 209).

² Condições físicas (externas) necessárias que, quando reunidas, esse poder será necessariamente exercido (Cf. KENNY, 1976, p. 209).

³ Essa edição de 2001 da obra de Palmer é uma reimpressão da segunda edição, *Mood and Modality*, publicada em 1986.

considerado pela Gramática Discursivo-Funcional (2008) como três categorias modais distintas: Modalidade Facultativa, Modalidade Volitiva e Modalidade Deôntica.

Outros autores que discorreram acerca da tipologia das modalidades em linguística foram Lyons (1977), cujas análises recaíram mais na perspectiva semântica da modalidade, Parret (1984), que analisou o aspecto pragmático da modalidade. Carretero (1992), por exemplo, tomou por base a teoria de Perkins (1983) e Jespersen (1928) ao considerar as modalidades dinâmica e epistêmicas próximas. Para ela, a modalidade dinâmica seria “a possibilidade ou necessidade segundo o mundo possível das leis da natureza” (p. 44), de acordo com os exemplos a seguir:

1. Juan sabe dirigir (possibilidade dinâmica: capacidade)⁴.
2. Juan pode abrir a porta (possibilidade dinâmica: as circunstâncias externas não o impedem).
3. Juan quer vir a nossa casa (necessidade dinâmica: desejo).
4. Os seres vivos têm que respirar (necessidade dinâmica: características internas dos seres vivos; se não respirar, é porque não são seres vivos). (CARRETERO, 1992, p. 47-48).

A verificação destes exemplos evidencia que a autora assemelha sua concepção de modalidade a conceitos como a de Palmer, em que a noção de desejo/volição também estaria incluída na modalidade dinâmica. Sua proposta, na realidade, é considerar a modalidade dinâmica como

a possibilidade e necessidade segundo as leis da natureza, entendendo por tais: 1) a possibilidade (habilidade) e necessidade inerentes a alguém ou algo, como em ‘Juan sabe falar’ e ‘os seres vivos têm que se alimentar’, respectivamente; 2) a possibilidade e necessidade circunstancial, como em ‘podemos entrar porque temos a chave desta porta’ e ‘temos que ficar fora porque não temos a chave dessa porta’. A esses dois subtipos de modalidade podemos chamá-los modalidade dinâmica inerente e dinâmica não inerente (CARRETERO, 1992, p. 47-48)

Ambas as categorias seriam distribuídas em um *continuum* de necessidade e possibilidade em que o eixo de gradação iria desde o extremo positivo até o extremo negativo, sendo perpassados pelos conceitos ‘provável/possível’ (mais próximo ao eixo positivo), indo até os conceitos ‘impossível/quase improvável’ (mais próximo ao eixo negativo).

Sob a perspectiva funcional, Olbertz (1998) analisou a tipologia modal em perífrases verbais em espanhol numa perspectiva funcional. Para ela, a Modalidade Facultativa seria subdividida em ‘extrínseca’, correspondente a questões externas ao participante, e ‘intrínseca’, correspondente a habilidades inatas do participante. Baseada em Hengeveld

⁴ Tradução nossa.

(1988), a autora distingue os significados modais por meio de dois parâmetros: o alvo (relação entre um participante animado em um evento e a realização desse evento), e o domínio (dentro dos quais a Modalidade Facultativa estaria inserida).

Essas e outras perspectivas acerca das noções modais serviram de preparação para que, em 2008, diversas noções teóricas fossem revistas e condensadas na Gramática Discursivo-Funcional, em que a Modalidade Facultativa é vista como uma categoria autônoma e pode ter orientação para-o-participante, ao indicar suas habilidades e capacidades descritas no predicado, ou orientação para-o-evento, ao indicar as condições físicas ou circunstanciais de realização deste evento.

Considerada uma ampliação da Gramática Funcional de Simon Dik (1997), a GDF é uma teoria funcional de base moderada que visa “[...] descrever as unidades linguísticas a partir da aplicação de quatro níveis de análise, que se situam no Componente Gramatical [...]” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 182). Na perspectiva da GDF, a Modalidade Facultativa é uma categoria linguística pertencente à formulação semântica que caracteriza a intenção do Falante em enunciar capacidades e habilidades de um participante, assim como condições físicas e circunstanciais de ocorrência de um determinado evento.

Dentro do funcionalismo linguístico, optamos por ter como base teórica principal a GDF, justificada na medida em que nossa perspectiva de lidar com a linguagem real e identificar como se dá a produção de cada um dos usos de expressões modais facultativas no português brasileiro contemporâneo, tendo em vista uma perspectiva de análise linguística de estratificação em camadas para uma tipologia de modalidade. No tocante a esta temática, observamos que os estudos ainda se encontram incipientes, sobretudo quando falamos de Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Dentre alguns dos trabalhos relevantes, podemos citar Nagamura (2011), que tratou da Modalidade Facultativa em livros de autoajuda da saúde, Bastos e Brunelli (2012), que também trataram do mesmo tema, mas concentraram-se em um estudo comparativo da autoajuda em português e em espanhol para identificar os usos modais do verbo ‘poder’. Ambos os trabalhos, entretanto, não focam na Modalidade Facultativa, apenas citando-a como pano de fundo para outras categorias modais, identificando-a em comparação com outras modalidades. Além destas, outras pesquisas, como Brunelli (2004), Casimiro (2007), Nagamura (2014, 2016), Guiraldelli (2013), Kapp-Barboza (2017), citaram também a Modalidade Facultativa e chegaram até a discorrer um pouco sobre ela, mas sempre tendo como foco outras categorias modais.

Dentre os trabalhos mais recentes sobre a noção de habilidade e capacidades, citamos a pesquisa de Zielínski e Elorza (2018) sobre a língua espanhola, que traz trata de um

panorama geral da modalidade dinâmica na história da língua espanhola. Essa perspectiva é importante não apenas no sentido de trazer à tona estudos recentes sobre o tema, pois dependendo da perspectiva teórica, a categoria que chamamos Modalidade Facultativa pode trazer traços semelhantes ao que consideramos também como modalidade dinâmica. Sua discussão é muito rica, sobretudo na medida em que busca definir os limites de cada categoria modal por eles analisada (dinâmica, deôntica e epistêmica).

De acordo com os autores, a modalidade dinâmica ainda não recebeu a devida atenção. Seu intuito é o de refinar os conceitos de possibilidade e necessidade dinâmicas, haja vista que sua concepção de modalidade geral é a de “uma categoria semântica com duas noções fundamentais: possibilidade e necessidade⁵” (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 20). As perífrases verbais analisadas pelos autores e identificadas como ‘dinâmicas’ foram: a) ‘poder + infinitivo’, polissêmico desde o século XIII adquirindo diacronicamente valores relacionados a três concepções principais: ‘capacidade’, ‘habilidade’, ‘permissão’ e ‘probabilidade’ ou ‘possibilidade’⁶ (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 82); b) ‘saber + infinitivo’, também observada desde o século XIII e vista sob duas formas distintas: ‘saber + infinitivo’, que funcionaria como subordinada completiva da modalidade alética, indicando ‘ter conhecimento de algo’, ou a expressão semiperiférica ‘saber + infinitivo’, que desenvolveu dois valores semânticos, relacionados à ‘capacidade’ e a ‘habilidade’⁷, incluídos na modalidade dinâmica (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 109); c) ‘querer + infinitivo’, considerado um semiauxiliar que poderia indicar tanto desejo quanto intenção⁸, conseqüentemente, integrando-se à modalidade dinâmica⁹ (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 133); por fim, d) ‘pensar de + infinitivo’, expressão típica medieval e pode ser encontrada tanto como modal quanto como

⁵Texto original: “Por lo tanto, consideramos la modalidad como una categoría semántica con dos nociones fundamentales: posibilidad y necesidad. Esta será la premisa básica de nuestro estudio”. (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 20, tradução nossa).

⁶ Texto original: “la construcción muestra desde el siglo XIII — en el que adquiere valores epistémicos — las tres acepciones principales: (i) ‘capacidad’, relacionada metonímicamente con ‘habilidad’, (ii) ‘permiso’ y (iii) ‘probabilidad’ o ‘posibilidad’.” (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 82, tradução nossa).

⁷Texto original: “desde el siglo XIII existen paralelamente tres Construcciones sintácticas estrechamente vinculadas: (i) *saber* + un infinitivo que funciona como subordinada completiva de caracter telico, con el significado de ‘tener conocimiento de algo’; (ii) la construcción semiperifrástica <*saber* + infinitivo>, que llegó a desarrollar dos valores semánticos: uno de ‘capacidad’ y otro de ‘habilidad’, ambos incluídos en la modalidad dinámica; y (iii) la perífrasis aspectual <*saber* + infinitivo>, que denota ‘frecuentatividad’.” (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 109, tradução nossa).

⁸ Texto original: Dentro del grupo de las semiperífrasis encajan empleos propios de la modalidad dinámica que codifican ‘deseo’ e ‘intención’.” (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 133, tradução nossa).

⁹ Vale ressaltar que, embora a modalidade dinâmica tenha traços de familiaridade com a Modalidade Facultativa, ambas não podem ser consideradas idênticas entre si, haja vista que a modalidade dinâmica traz em si aspectos relacionados a desejos e vontades; em nossa perspectiva teórica (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as noções de habilidades e de desejos são duas categorias modais distintas conhecidas por Modalidade Facultativa e Volitiva, respectivamente.

aspectual. Quando enunciada dinamicamente, é utilizada com significado de ‘intenção’ em que um sujeito animado agente e possíveis interpolações de elementos entre o auxiliar e o auxiliado¹⁰ (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 157). Em outras palavras, podemos dizer que haveria uma intenção ao mesmo tempo volitiva e dinâmica.

Somente nos últimos anos as pesquisas acerca da Modalidade Facultativa dedicaram-se a analisar como a categoria se manifesta em língua portuguesa, especificamente no português brasileiro. Dentre estes, temos Souza (2016), por exemplo, que analisou os usos do verbo ‘dar’ na perspectiva discursivo-funcional e, posteriormente, a construção modal ‘ter como’ (SOUZA, 2019) sob a perspectiva teórica proposta pela Gramática de Construções proposta por Goldberg (1995), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), e a tipologia modal definida em Hengeveld (2004).

Uma das mais relevantes em língua portuguesa é a pesquisa de Lima (2018) e sua posterior sintetização de resultados em Lima e Prata (2019) sobre a Modalidade Facultativa. As autoras fizeram um estudo panorâmico da categoria no português falado na região do Cariri sob a perspectiva discursivo-funcional. Dentre seus resultados, o Falante do português cearense tende a utilizar a categoria orientada-para-o-participante, sobretudo em subtipo *adquirida*, em polaridade positiva. Morfossintaticamente, a categoria é codificada por meio dos sintagmas ‘ter condições de’, ‘em condições de’ e ‘ter capacidade de’ e por meio dos verbos ‘poder’, ‘conseguir’ e ‘saber’ quando em perífrases verbais com o verbo principal no infinitivo, por meio dos substantivos ‘poder’, ‘condição’ e ‘capacidade’ e do adjetivo ‘capaz’. Seus resultados são relevantes, entre outros motivos, por apresentar sintagmas que possuem sentido intercambiável com as expressões analisadas nesta pesquisa.

Um dos nossos principais pontos de partida para nossa análise sobre a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo é justamente aprofundar o estudo de Lima (2018), dando continuidade ao seu mapeamento da Modalidade Facultativa e investigar não somente os dados que a autora elencou como “dificuldades de análise”, mas também verificar expressões modais facultativas no português brasileiro contemporâneo ainda não mapeados detalhadamente. Além de caracterizar as principais expressões da Modalidade Facultativa e como elas ocorrem num contexto linguístico de entrevistas do tipo DID¹¹, a pesquisadora também identificou uma série de dados excluídos da análise quantitativa por esses dados

¹⁰ Texto original: “*pensar puede ser (i) verbo lexico [...]; (ii) verbo semiauxiliar em semiperífrasis de modalidad dinamica, con significado de ‘intencion’, sujeto animado agentivo y posibles interpolaciones de elementos entre el auxiliar y el auxiliado [...]*”. (ZIELÍŃSKI; ELORZA, 2018, p. 157, tradução nossa).

¹¹ O *corpus* PROFALA, utilizado pela autora em sua pesquisa, era composto por entrevistas do tipo DID – Diálogo entre Informante e Documentador.

causarem interpretações limítrofes entre as categorias modais, mas que indicavam em si uma carga modal que poderia fazê-las parte da Modalidade Facultativa¹².

Uma das conclusões de seu trabalho é a necessidade de aprofundar a descrição da categoria a fim de distingui-la outros subtipos modais, dada a polissemia inerente aos verbos modais naturalmente utilizados em variadas expressões desse tipo. Dentre estes, os principais casos que Lima (2018, p. 74-78) identifica são:

- a) expressões em que um verbo se liga a um dêitico, permitindo uma leitura metafórica de alcançar determinado objetivo ou adquirir determinada capacidade, como ‘chegar lá’, em que o dêitico não identifica necessariamente um lugar físico, mas uma finalidade, um objetivo; as elipses, por exemplo, são compreendidas em sua totalidade somente por meio da análise de todo o contexto linguístico para que se possa fazer uma leitura modal facultativa, como em Lima (2018, p. 76): “eu aprendo, mas (eu) **num sei** dançá não, eu digo' eu também **num sei**, então tamo bom de casá, case:mo, (+) ((risos)) CASEI em trinta e se:is, (+)”. Neste caso, o entrevistado relata como conheceu sua esposa e refaz parte do diálogo que tiveram sobre ambos não saberem dançar. Como não há a elipse do verbo ‘dançar’ na segunda ocorrência do verbo ‘saber’, a autora não incluiu esta ocorrência na análise quantitativa, fazendo apenas uma verificação qualitativa de que este caso poderia ser relevante, dado o contexto linguístico de identificar que o Falante em questão estava enunciando as habilidades comuns entre e sua esposa e, por este motivo, ambos deveriam se casar;
- b) o verbo ‘saber’, por exemplo, pode indicar valor modal facultativo (KAPP-BARBOZA, 2017);
- c) o caso de marcadores discursivos também é um fator levado em consideração para a identificação do tipo de modalidade, haja vista que muitos podem ser

¹² A análise quantitativa de Lima (2018) apresentou brevemente alguns dados excluídos de sua análise e justificou que sua verificação estatística se limitava naquele momento apenas aos casos completamente inseridos na Modalidade Facultativa, haja vista que sua pesquisa foi uma das pioneiras a tratar somente da categoria em língua portuguesa. Como a autora se concentrou bastante em aspectos quantitativos e verificação de relevâncias estatísticas das ocorrências encontradas de Modalidade Facultativa no português falado no Cariri, a descrição dos casos limítrofes foi inserida na seção ‘dificuldades de análise’, que traz uma breve discussão de algumas das expressões linguísticas que poderiam ser consideradas facultativas por trazerem em si uma carga de enunciação e capacidades/habilidades de um indivíduo ou condições físicas/circunstanciais de um evento determinado, mas que, por terem mais de uma leitura modal ou por elas não serem compostas por verbos, acabaram não sendo incluídas na análise da autora.

utilizados como termos facultativamente modalizados. Ressaltamos, novamente, a necessidade de analisar todo o contexto do enunciado para que se possa verificar a existência de Modalidade Facultativa ou outras categorias modais. No caso de Lima (2018), foi encontrado o marcador “num sabe”, que, embora tenha o verbo “saber”, não seria necessariamente marca de Modalidade Facultativa, haja vista que nesse contexto tanto o verbo ‘saber’ quanto a negação ‘num’ (não) perderiam sua denotação original e passariam a corresponder a um tipo de explicação que o Falante intenciona em seu enunciado;

- d) por fim, outros dados excluídos da análise de Lima (2018) correspondiam a expressões linguísticas encontradas em sua amostra, como ‘nascer para’ e ‘dar para’ que, embora de caráter facultativo, traziam em si interpretações ambíguas: esta, por exemplo, foi encontrada em polaridade negativa (‘não dar para’) e, dentro do contexto analisado, houve ambiguidade entre a Modalidade Facultativa indicando uma incapacidade do Falante e a Modalidade Deôntica, indicando que o Falante não poderia executar determinada ação. A expressão seguinte, ‘nascer para’, foi considerada pela autora uma expressão cristalizada no português brasileiro, indicando uma habilidade *intrínseca* do participante no discurso. Tais expressões foram excluídas dessa análise por se tratarem de expressões em que não há propriamente um verbo modal ou uma perífrase verbal, mas sim por serem, respectivamente, casos ambíguos e expressões cristalizadas.

Isto posto, salientamos nosso intuito de aprofundar ainda mais a descrição e a análise da Modalidade Facultativa seguindo os passos de Lima (2018) e Lima e Prata (2019) para contribuir com a ampliação de pontos de vista e com o estudo da categoria no português brasileiro contemporâneo.

Com base no panorama expresso até o presente momento, podemos dizer que nossa pesquisa busca revisitar seus trabalhos, assim como o de Lima (2018) e Lima e Prata (2019, 2023) para identificar como as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ expressam a modalidade facultativa no português brasileiro contemporâneo. Além disso, vale ressaltar que, em Souza (2016) vimos os usos de ‘dar’ em uma perspectiva mais geral, podendo ou não vir acompanhado da preposição ‘para’. Em Souza (2019), por outro lado, vimos a expressão ‘ter como’ atuando em conjunto, mas, em ambos os casos, o foco da análise estava

nos possíveis sentidos modais das expressões e não somente na Modalidade Facultativa. Assim, vemos a relevância de se descrever como estas expressões se comportam a enunciar a categoria no português brasileiro contemporâneo.

Outro autor que também tratou sobre a modalidade em língua portuguesa foi Oliveira (2020), que buscou verificar como a orientação modal facultativa influencia a estratégia argumentativa de artigos de opinião e, assim como Souza (2019), sua base teórica também contou com a proposta tipológica modal de Hengeveld (2004). Após a análise de 30 temas distintos em 60 artigos de opinião¹³ do Jornal *O Povo* entre os anos de 2013 e 2014, os resultados encontrados foram os de que a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante indicaria uma ênfase do participante ou, no caso do “produtor do artigo, em relação a possibilidade de o sujeito introjetado no discurso vir a realizar o evento designado no predicado” (OLIVEIRA, 2020, p. 229). A Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, por sua vez, indicaria “disposições externas ao sujeito introjetado no discurso, geralmente relativa a circunstâncias físicas que possibilitem a efetivação do EC” (OLIVEIRA, 2020, p. 230), podendo manifestar-se tanto na primeira pessoa do plural como na 3ª pessoa do singular ou do plural. Embora o autor não cite diretamente, vemos que há uma tendência de a orientação-para-o-evento ser expressa mantendo o apagamento do espaço correspondente ao primeiro argumento, podendo ser marcado linguisticamente por manter a marcação da impessoalidade verbal.

Nossa opção pela GDF como principal aparato teórico parte de nossa opção de considerar que a noção de habilidades e capacidades é mais completa e abarca adequadamente os aspectos relacionais a esta categoria modal. Assim, a principal perspectiva teórica adotada nesta pesquisa é a de Hengeveld e Mackenzie (2008), em que a Modalidade Facultativa, quando orientada-para-o-evento, caracteriza um EC em termos de suas condições físicas e/ou circunstanciais de um determinado evento (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 178) e, quanto orientada para-o-participante, indica a capacidade ou habilidade de um participante em se engajar no EC descrito no predicado, podendo esta habilidade ser *intrínseca* ou *adquirida* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212).

Tendo em vista as análises apresentadas até aqui, especialmente as relacionadas ao português brasileiro, vimos a necessidade de haver um estudo focado na categoria Modalidade Facultativa especificamente no português brasileiro contemporâneo. Inicialmente buscamos para nossa pesquisa a análise das expressões excluídas por Lima (2018), como ‘chegar lá’,

¹³ Segundo o autor, cada tema possuía dois artigos de opinião.

‘saber como’, ‘nascer para’ e alguns correlatos como ‘ter jeito para’ e ‘ter nas mãos’, pois observamos que estas expressões poderiam ser dotadas de aspectos facultativos. Entretanto, vimos que elas possuem pouca carga modal ou já haviam sido contempladas em nossa base teórica: i) ‘chegar lá’, por exemplo, embora tenha um sentido semelhante a ‘conseguir’ encontrado por Lima (2018), tende a não deixar espaços para interpretações e, neste caso, precisaríamos recorrer quase que completamente ao contexto linguístico anterior para identificar o ‘local’ metafórico indicado pelo dêitico ‘lá’; ii) ‘saber como’ já está descrito na GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212) enquanto expressão modal facultativa *adquirida* e, em nossa pesquisa inicial, não foram encontrados dados seus em outras categorias modais.

Tendo em vista esses aspectos, escolhemos para esta pesquisa as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’. Nossa opção específica por estas se deu não apenas pela necessidade de se aprofundar o estudo de Lima (2018) sobre a Modalidade Facultativa em outros tipos de expressão linguística, mas também em pesquisas como as de Souza (2016, 2019), respectivamente, sobre os usos do verbo ‘dar’ e sobre ‘ter como’, a qual analisamos anteriormente. Acerca do verbo ‘dar’, Souza (2016) identificou que o verbo poderia ser usado em contextos modais facultativo e deôntico e sua pesquisa revelou evidências de “expansão dos escopos de usos modais do verbo dar em direção a camadas e níveis mais altos do modelo da GDF, aumento de gramaticalidade e abstratização” (SOUZA, 2016, p. 96), ideia que poderia ser revisitada em momentos posteriores.

Considerando que a categoria Modalidade Facultativa pode ser orientada-para-o-participante ou para-o-evento, o ideal seria que encontrássemos expressões linguísticas que ainda não tivessem sido analisadas detalhadamente sob o viés facultativo e que pudessem ser encontradas em ambos os alvos (participante e evento). Vimos, portanto que ‘ter como’ se encaixaria em nossos parâmetros; o verbo ‘dar’, ao se juntar com a preposição ‘para’, também se encaixaria em nossa análise e ambas as expressões, inclusive, possuem sentidos semelhantes. ‘Ser capaz de’, por sua vez, embora seja indicado pela GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212) como uma expressão típica de modalidade *intrínseca*¹⁴, sabemos que o termo ‘capaz’ pode indicar também a modalidade *adquirida* (Cf. LIMA, 2018, LIMA; PRATA, 2019) e também outras categorias modais, como como percebemos em pesquisas como as de Bassi e Görski (2014), as de Cavalcante e Simioni (2018), as de Rodrigues e Lunguinho (2019, 2021), entre outros, apenas o núcleo era analisado (o adjetivo ‘capaz’) e, como possíveis conclusões,

¹⁴ Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 212) referem-se a “be able to”.

tais pesquisas indicaram que ‘capaz’ estaria relacionado a outras categorias modais, além de se apresentar como um item em processo de gramaticalização, podendo ocorrer também na categoria modalidade epistêmica. Sendo assim, partimos da expressão completa (‘ser capaz de’) utilizada por nossa principal base teórica para identificar como é o seu comportamento no português brasileiro contemporâneo.

Além disso, as três expressões (‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’) trazem em si tanto o sentido habilitativo quanto o sentido de condições para ocorrência de um determinado evento. O exemplo seguinte, retirado de uma análise de Castroviejo e Oltra-Massuet (2015) sobre o ‘capaz’ em espanhol pode auxiliar nesta compreensão: “Hobbes foi capaz de traduzir a obra completa de Homero aos 86 anos.”¹⁵ (CASTROVIEJO; OLTRA-MASSUET, 2015, p. 2).

Nesse caso podemos observar que o Argumento 1 ‘Hobbes’ da categoria semântica Indivíduo se mostra dotado da capacidade de traduzir Homero, mesmo com sua idade avançada (o que, de acordo com o julgamento do Falante, o tornaria *incapaz* de tal feito). Neste caso, poderíamos trocar o termo ‘foi capaz de’, por exemplo, pelo verbo ‘poder’ (Hobbes pôde traduzir...), mantendo-se a semântica habilitativa do contexto inicial, ou mesmo por ‘ter condições de’ (Hobbes teve condições de traduzir...), sem que houvesse prejuízo semântico.

Outro exemplo disso, tem-se no excerto, “INF: acho (+) que foi logo quando eu me cansei’ aí dêxei de lado’ porque eu/(+) ou estudava ou ia trabalha aí eu achei que ficava muito cansativo’ aí num dava pra mim fazê as duas coisas[...]” (LIMA, 2018, p. 78), retirado de uma das “dificuldades de análise” da autora e que mostra ‘dar para’ indicando a circunstância em que a Falante se sente *incapaz* de cumprir com todas as tarefas de seu cotidiano.

O foco de seu enunciado, entretanto, não está necessariamente em si mesma, mas nas circunstâncias incapacitantes que não lhe permitiam trabalhar e estudar. Percebemos isso pela ausência da codificação do Argumento 1 de ‘dar’, deixando seu espaço vazio e o verbo com a marcação desinencial de terceira pessoa do singular, indicando que as *circunstâncias* lhe tornavam *incapaz* de desempenhar a ação do estado-de-coisas escopado “fazer as duas coisas”. A Modalidade Facultativa orientado-para-o-evento, subtipo ‘condição circunstancial’ faz-se presente neste excerto. Aqui, poderíamos trocar a expressão ‘dava para’ por ‘não ter condições’ (“não tinha condições de eu fazer as duas coisas”) ou mesmo por ‘ter como’ (“não tinha como eu fazer as duas coisas”), sem prejuízo na semântica original do exemplo em análise.

Assim, as expressões linguísticas descritas nesta pesquisa (‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’) podem ter semânticas ligadas a noções habilitativa e circunstanciais no português

¹⁵ Texto original: Hobbes fue capaz de traducir la obra de Homer a los 86 años (CASTROVIEJO; OLTRA MASSUET, 2015, tradução nossa).

brasileiro contemporâneo, assim como se mostram dotadas da capacidade de transitar entre a orientação-para-o-participante e orientação-para-o-evento. Por isso, verificamos a necessidade de aprofundar a descrição e análise dessas expressões linguísticas a fim de identificar o seu comportamento ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em suas especificidades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas.

Tendo isso em mente, podemos explicitar nosso objetivo geral de *Descrever e analisar o comportamento das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ ao expressar a categoria linguística Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo tendo em vista aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos de seu enunciado*. Decorrente deste objetivo geral, nossos objetivos específicos são:

- a) identificar como o fator pragmático da Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado determina as escolhas semânticas e morfossintáticas das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo;
- b) elencar os aspectos semânticos que determinam a escolha do alvo das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo;
- c) descrever o comportamento semântico dos elementos que circundam as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao manifestar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, a saber: as categorias semânticas do Argumento 1 e o tipo de predicado que a expressão modal escopa;
- d) descrever e analisar a relação semântica entre a polaridade e a manifestação das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo;
- e) descrever e analisar os aspectos morfossintáticos que codificam as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao manifestar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

Tendo em mente nossos objetivos de pesquisa, formulamos em seguida uma série de questionamentos a fim de colocá-los em prática. A principal problemática desta tese reside em mapear como se dá a produção do enunciado linguístico modal facultativo no português

brasileiro contemporâneo em relação às expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’, para detalhar seu desenvolvimento linguístico pragmático, semântico e morfossintático influenciando diretamente a manifestação da categoria linguística no português brasileiro contemporâneo.

Partindo desse pressuposto, temos a seguinte questão central: *Quais aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos são relevantes para a manifestação das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo?*

Esse questionamento geral pode ser detalhado em outros questionamentos específicos, para os quais buscaremos respostas por meio da análise dos dados encontrados:

- a) Como o fator pragmático da Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado determina o comportamento das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo?
- b) Quais aspectos semânticos determinam a escolha do Alvo das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo?
- c) Qual o comportamento semântico dos elementos que circundam as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no Português brasileiro contemporâneo, em especial as categorias semânticas do Argumento 1 e o tipo de predicado que a expressão modal escopa?
- d) Qual a relação semântica entre a polaridade e a manifestação das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo?
- e) Quais os aspectos morfossintáticos que codificam as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter com’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo?

No momento em que elaboramos questões de pesquisa, naturalmente nossa atenção recai sobre suas possíveis respostas. Assim, de acordo como que vimos até o presente momento, podemos dizer que a categoria Modalidade Facultativa é um fenômeno que ainda não se esgotou em possibilidades de pesquisas e de mapeamento, exatamente porque ainda não há um consenso científico acerca de sua natureza e tipologia. Assim, elencamos a seguir uma hipótese principal

acerca do surgimento da Modalidade Facultativa em língua portuguesa que identificamos ao longo de nossa pesquisa:

Tendo em vista a divisão em níveis do Componente Gramatical na GDF, há uma série de escolhas feitas pelo Falante que determinam o uso das expressões modais ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ no português brasileiro contemporâneo. No que tange ao aspecto pragmático referente ao Nível Interpessoal, a escolha pela posição do Falante no valor facultativo instaurado determinará como a Formulação semântica irá se comportar. Semanticamente, essa escolha determina: 1) o alvo da avaliação modal facultativa (orientado-para-o-evento ou para-o-participante), 2) a categoria semântica em que o Argumento 1 da expressão modal facultativa ocorre, e 3) o tipo de predicado que a expressão modal facultativa escopa. Esses aspectos são codificados morfossintaticamente no português brasileiro contemporâneo por meio das expressões modais facultativas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’, cujos verbos são flexionados no modo indicativo, em especial com o tempo presente, na primeira e terceira pessoas do singular.

Seguindo nosso percurso analítico e aprofundando esta hipótese básica, destacamos como hipóteses secundárias em nossa pesquisa:

- a) sendo o Nível Interpessoal (NI) responsável pelas decisões pragmáticas do Falante, a escolha de sua Posição no valor facultativo instaurado determina o tipo de identificação e especificação do Argumento 1 nas expressões modais ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’. Em todas, a tendência à inclusão determinará a Posição [+inclusiva], que formulará semanticamente a orientação-para-o-participante, ao passo que a Posição [-inclusiva] formulará semanticamente a orientação-para-o-evento;
- b) sendo o Nível Representacional (NR) responsável pela designação das categorias semânticas, em relação à Modalidade Facultativa, há uma tendência maior de manifestação da categoria por meio da orientação-para-o-participante, indicando habilidades e (in)capacidades de um indivíduo. A orientação-para-o-evento possui uma menor predisposição a ocorrer, indicando circunstâncias que (não) poderiam ocorrer e (in)capacidades;
- c) as escolhas pragmáticas em relação à Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado determinarão as escolhas semânticas pela designação do Argumento 1 do tipo ‘Indivíduo’ e por predicados do tipo ‘ação’ quando ocorrer a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante no português brasileiro

contemporâneo. As demais categorias semânticas do Argumento 1 (lugar, tempo, maneira, razão, etc.) e até mesmo o Argumento 1 vazio aliado a predicados do tipo ‘estado’, ‘posição’ e ‘processo’ tendem a ocorrer durante a manifestação da Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento;

- d) a marcação da polaridade é relevante por indicar ao ouvinte que determinada capacidade/habilidade tenderá a não ocorrer ao ser enunciada a Modalidade Facultativa. Tendo isso em vista, o tipo de polaridade mais recorrente nas expressões modais facultativas ‘ser capaz de’, ‘ter como’ e ‘dar para’, quando orientadas-para-o-participante, é a positiva. Por outro lado, a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento tende a ocorrer em polaridade negativa, indicando a circunstância de não ocorrência deste evento;
- e) tendo em vista as informações formuladas nos níveis Interpessoal e Representacional, a expressão modal facultativa mais recorrente em todos os tipos e subtipos da categoria no português brasileiro contemporâneo é ‘ser capaz de’, sendo seguida por ‘dar para’, mais recorrente com a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, e ‘ter como’, respectivamente. O núcleo verbal de cada uma dessas expressões é relacionado às categorias de tempo e modo, de forma que, quando orientada-para-o-participante, seu uso principal reside nos tempos do modo indicativo, em especial o ‘presente’ com seu Argumento 1 codificado por itens lexicais. Quando orientada-para-o-evento, o núcleo verbal tende a ser na terceira pessoa do singular, com seu Argumento 1 vazio.

Com nosso trabalho está inserido no âmbito do funcionalismo linguístico, naturalmente inclinamo-nos a trabalhar com um banco de dados linguístico representativo da língua, ou seja, composto por enunciados efetivamente produzidos em contextos comunicativos. Para tanto, escolhemos o *Corpus do Português*¹⁶ a fim de testarmos nossas hipóteses e termos maiores possibilidades de mapear o funcionamento de expressões linguísticas ao enunciar a categoria Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, especialmente das expressões linguísticas ‘ser capaz de’ ‘dar para’ e ‘ter como’ que, ao enunciar a categoria Modalidade Facultativa, podem possuir tanto sentidos ligados a habilidades e capacidades quanto a condições de acontecimento de eventos.

¹⁶ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/> Acesso em 20/08/2024.

A escolha do *Corpus do Português* justifica-se em razão de necessitarmos de um *corpus*¹⁷ atual e de dimensões que nos permita verificar aspectos de como podemos encontrar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo efetivado em textos. Além disso, o *Corpus do Português* é um banco de dados linguístico que possui uma grande variedade de textos e uma série de subdivisões, que nos permite identificar a Modalidade Facultativa em diversos parâmetros e, conseqüentemente, analisar seu comportamento.

Do ponto de vista retórico-discursivo esta Tese segue sua organização: *Introdução*, a seção presente, em que identificamos o nosso objeto de estudos, seu estado da arte, e discorremos acerca da relevância de nossa pesquisa acerca da categoria Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, elucidamos os nossos principais objetivos, questões de pesquisa e hipóteses que nortearão nossa coleta e interpretação de dados;

No segundo capítulo, *A Modalidade Facultativa*, trazemos uma discussão teórica acerca dos primeiros estudos acerca da categoria e relevância dela para nossa pesquisa, bem como os critérios de identificação da Modalidade Facultativa no português brasileiro.

No terceiro capítulo, *A Gramática Discursivo-Funcional*, mostramos nosso principal pressuposto teórico e como a Modalidade Facultativa é vista sob essa perspectiva. Fizemos um detalhamento sobre quais parâmetros são considerados em nossa análise dos dados.

No quarto capítulo, *Metodologia*, discutimos acerca de nossos procedimentos de pesquisa, o detalhamento de nosso *corpus*, os procedimentos de análise escolhidos para a seleção e análise da amostra escolhida e a verificação das categorias de análise a serem discutidas nos capítulos seguintes.

No quinto capítulo, *A expressão da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo*, trazemos o detalhamento dos resultados qualiquantitativos encontrados e sua interpretação, à luz de nossas categorias de análise escolhidas e dos pressupostos teóricos.

Por fim, no sexto capítulo, *Conclusões*, mostramos as considerações finais desta tese e possíveis aprofundamentos destinados a pesquisas posteriores.

¹⁷ Conjunto de dados que consiste em recursos de linguagem nativamente digitais e mais antigos, digitalizados, anotados ou não.

2 A MODALIDADE FACULTATIVA

A Modalidade Facultativa é uma categoria modal bastante complexa e necessita ainda de estudos mais aprofundados para identificar seus limites e suas principais formas de expressão no português brasileiro contemporâneo. Conseqüentemente, essa necessidade é o que traz à tona a relevância de nossa descrição e análise acerca do tema.

Neste capítulo, detalharemos como a noção de habilidades e capacidades foi estudada até os dias atuais e o papel da Modalidade Facultativa no âmbito das modalidades, sobretudo no âmbito da GDF.

É fato irrefutável a presença ainda marcante de aspectos oriundos da Lógica aristotélica que ainda permeiam os estudos acerca da modalidade, afinal, segundo Hughes e Cresswell (1996)

“[...] a lógica modal é a lógica da necessidade e da possibilidade de ‘deve ser’ e ‘pode ser’. Isso significa que ela considera não apenas a verdade e a falsidade aplicadas ao que é ou não é assim como as coisas realmente são, mas considera o que seria, então, se as coisas fossem diferentes”¹⁸. (HUGHES; CRESSWELL, 1996, p. 1).

A análise dos modos do ‘dever’ e do ‘poder’ estavam atrelados a questões filosóficas e somente nesse contexto era estudado até algumas décadas atrás. Wright (1951), por exemplo, identificou além dos quatro modos principais (os aléticos, os epistêmicos, os deônticos e os existenciais) uma outra lógica, ligada às noções de habilidade e disposição, que necessitaria de ampliação.

A intenção de Wright (1951) era compreender as categorias modais de forma mais ampla, com a distinção de quatro modos: a) os modos aléticos ou modos da verdade, em que uma proposição é ou não é verdadeira; b) os modos epistêmicos ou modos do conhecimento, cujas modalidades são: verificada (sabidamente verdadeira), falseada (sabidamente falsa) e indecisa (nem conhecido como verdadeiro, nem como falso); c) os modos deônticos ou modos da obrigação. Seus valores modais são: obrigatório (‘dever’), permitido (‘poder’) e proibido (‘não dever’); d) os modos existenciais ou modos da existência, que geralmente não são considerados um ramo modal (WRIGHT, 1951, p. 1-2).

Suas similaridades consideradas por nós podem ser consideradas no Quadro 1:

¹⁸ Modal logic is the logic of necessity and possibility, of ‘must be’ and ‘may be’ (HUGHES; CRESSWELL, 1996, p. 01, tradução nossa).

Quadro 1 – Valores modais de acordo com Wright (1951)

Alético	Epistêmico	Deontico	Existencial
Necessário	Verificado	Obrigatório	Universal
Possível		Permitido	Existencial
Contingente	Indeciso	Indiferente	

Fonte: Elaboração própria, com base em Wright (1951, p. 8).

Além desta categorização modal, ele percebe ainda a existência de uma outra lógica, ligada a noções de habilidade e de disposição, em verbos como ‘poder’. A este conceito, Wright (1951) chamou de modalidades dinâmicas e que, em sua opinião, sua lógica estaria sujeita às mesmas regras formais das modalidades aléticas. Entretanto, como o próprio autor explica, sua análise precisará ser “investigada separadamente” (Wright, 1951, p. 28). Em outras palavras, a gênese da modalidade dinâmica já se mostrava distinta de outros sistemas modais.

Decorrente desta visão de aprofundar as discussões sobre a modalidade dinâmica, Kenny (1976) pôs em xeque a presença da lógica das habilidades, considerando que ela “não pode ser capturada em um sistema modal com uma semântica de mundo possível do tipo familiar” (KENNY, 1976, p. 209). Sua análise foi concentrada especificamente no verbo ‘can’ (‘poder’), caracterizado por sua polissemia, em que são aplicadas diferentes regras sintáticas e semânticas. Sua discussão gira em torno, basicamente, de compreender a habilidade, partindo da perspectiva lógica e intencionando provar que a modalidade dinâmica não deveria estar inserida no âmbito da tipologia modal. Com isso, acaba identificando uma série de elementos modais em um quadro com dez tipos diferentes de ‘poder’, dentre os quais dois especificamente poderiam ser considerados ‘modalidade dinâmica’: a) possibilidade física; disposição; poderes naturais; b) habilidade mental e poderes físicos; possibilidade humana.

Para o autor, a habilidade estaria ligada à oportunidade, que

são coisas que vêm e passam; elas não são verdades tão lógicas que permanecem as mesmas para sempre. Claramente, uma formalização completa da lógica da oportunidade precisaria ser combinada com uma lógica temporal para permitir uma indicação do momento em que uma oportunidade ocorrer. Da mesma forma, as habilidades vêm e vão; o que agora somos capazes de fazer podemos nem sempre ter sido capazes e nem sempre continuarmos capazes de fazer” (KENNY, 1976, p. 223).

Em outras palavras, percebemos que ele intenciona unir a habilidade à oportunidade, considerando ambas momentâneas. Por fim, a sua conclusão sobre a lógica da habilidade é a de que ela seria fundamentalmente distinta de outros tipos de ‘poder’ e não poderia ser capturada por um sistema modal.

Com base no exposto, temos algumas ressalvas ao tratar do assunto: a primeira delas reside no fato de que a argumentação do autor rejeitou a noção inicial de Wright (1951) sobre a associação da habilidade à disposição e passou a associá-la à oportunidade, mencionando este fato como um dos preponderantes para que ela não fosse considerada uma categoria modal, haja vista que uma oportunidade seria algo momentâneo. Consideramos isso um ponto de vista delicado, pois dessa forma uma habilidade só passaria a existir quando ocorresse uma oportunidade e, portanto, tendendo ao acaso. Nosso ponto de vista é bem distinto, pois consideramos a habilidade tanto algo natural, intrínseco ao indivíduo quanto algo aprendido, adquirido por ele ao longo de sua vida. Esses dois fatores não seriam necessariamente condicionados à oportunidade, pois este conceito estaria ligado a ocasiões favoráveis e conveniências¹⁹, ou seja, algo que não possuiria necessariamente alguma tendência específica interna ou externa de acontecimentos. Nesse sentido, a noção de ‘oportunidade’ identificada por Kenny (1976) estaria ligada à noção de condições físicas ou circunstanciais de ocorrência de um evento, ou seja, estaria ligada à nossa concepção de modalidade facultativa orientada-para-o-evento. Em outras palavras, Kenny (1976) pode ter identificado aspectos relacionados à modalidade orientada-para-o-evento, mas, dada a sua perspectiva ligada à Lógica, não conseguiu distinguir os dois conceitos por meios filosóficos, o que foi obtido pela análise da categoria em Linguística, como veremos no desenrolar deste Capítulo.

Além disso, seu argumento acerca de uma possível dificuldade de Wright em traduzir sentenças em inglês com o verbo ‘poder’ (can), chegando a dizer que seria necessário um “formidável apêndice de regras de tradução” (KENNY, 1976, p. 216) também mostra seu posicionamento radical. Levando em consideração não somente as dificuldades típicas do processo de tradução, o próprio autor elenca uma série de possíveis sentidos para o verbo ‘poder’, dentre os quais residiria também o ‘poder’ habilitativo. Em outras palavras, sua argumentação somente reforça ainda mais a posição de elencar a categoria modal que descreve habilidades e capacidades como uma categoria autônoma e distinta das demais, com fins de observá-la no contexto da modalidade em linguística, onde ela se mostra distinta de outras categorias modais e bastante profícua.

Com a ampliação das discussões sobre o tema um leque de possibilidades foi aberto para trabalhos voltados ao âmbito da compreensão sobre a tipologia modal. Embora, na década de 1960, os estudos linguísticos estivessem mais voltados para a gramática gerativa, emergia uma visão distinta, focada na percepção de que a base de qualquer estudo sobre a língua deveria

¹⁹ Cf. Fernandes et al. (1996, p. 441).

se concentrar no uso, ou seja, nas funções que as expressões linguísticas teriam de acordo com seu contexto. Conseqüentemente, os linguistas acabariam se voltando para o estudo da modalidade, já que, entre outros questionamentos, poderíamos citar como possível problemática que justificou pesquisas sobre a categoria, em que “a própria avaliação da existência ou não de modalidade em enunciados sem marca de modalização explícita e detectável” (NEVES, 2016, p. 151-152).

O estudo da modalidade em linguística passa não mais a considerar a relevância da ‘necessidade’, ‘possibilidade’ ou ‘oportunidade’ da verdade, mas sim a compreender quais marcas o sujeito pode imprimir em seu enunciado (DUBOIS *et al*, 2014, p. 384). Palmer (2001), por exemplo, ao descrever a tipologia das modalidades, focou sua atenção em quatro categorias modais específicas, analisando-as uma em oposição à outra: por um lado, as modalidades epistêmica e evidencial, em que ambas seriam consideradas os dois tipos principais de modalidade proposicional e “a diferença essencial entre esses dois tipos é [...] que com a modalidade epistêmica, os Falantes expressam julgamentos sobre o status factual da proposição, ao passo que com a modalidade evidencial, eles indicam as evidências que eles têm para o seu status factual²⁰” (PALMER, 2001, p. 08). As modalidades deôntica e dinâmica, por sua vez, são definidas uma em relação à outra por serem consideradas, segundo o autor, dois tipos de modalidade de evento. Sua diferença básica seria a de que

com a modalidade deôntica, os fatores condicionantes são externos ao indivíduo relevante, enquanto com a modalidade dinâmica eles são internos ao indivíduo. Assim, a modalidade deôntica se relaciona com obrigação ou permissão proveniente de uma fonte externa, enquanto a modalidade dinâmica se relaciona à capacidade ou vontade, que vem do indivíduo em causa (PALMER, 2001, p. 9-10).

A própria caracterização da modalidade dinâmica envolvia noções distintas das que vemos atualmente, pois, de acordo com Palmer (2001), ela englobaria somente a capacidade interna do indivíduo, a qual estaria associada ao conceito de volição, indicando que, se alguém possui determinada capacidade interna, esse indivíduo teria em si também um desejo anterior em obter esta habilidade. Um fator que nos aproxima de Palmer (2001) é o de considerar que a “habilidade dinâmica pode às vezes ser interpretada em termos de circunstâncias que a tornam a ação possível ou impossível [...] ao invés da capacidade real do sujeito” (PALMER, 2001, p. 70). Aqui, percebemos um indício de a possível subdivisão posterior da categoria, fato este que

²⁰Texto original: “The essential difference between these two types is (as is implicit in the discussion) that with epistemic modality speakers express their judgments about the factual status of the proposition, where as with evidential modality they indicate the evidence they have for its factual status” (PALMER, 2001, p. 08).

o próprio autor detalha um pouco mais à frente ao considerar que “parece haver dois tipos de modalidade dinâmica, expressando capacidade e vontade (habilitativa e volitiva)” (PALMER, 2001, p. 76). Há ainda línguas que podem distinguir a noção de ‘saber como’ e habilidade física, além de distinguir três tipos de modalidade dinâmica, podendo indicar: a) liberdade de tabu; b) sem obstáculos; e c) com coragem suficiente. Um último fator relevante a ser ressaltado acerca do estudo de Palmer é o de que, embora ele buscasse identificar em outras línguas questões modais para justificar seu ponto de vista, ainda assim, seu foco era a língua inglesa.

Para sintetizar melhor o tema, apresentamos o Quadro 2, o qual condensa a tipologia modal de Palmer (2001):

Quadro 2 - Modalidade sob a perspectiva de Palmer (2001)

Orientação	Categoria modal	Descrição
Modalidades proposicionais	Epistêmica	Expressão dos julgamentos sobre o <i>status</i> factual da proposição
	Evidencial	Evidências que o Falante tem para o seu <i>status</i> factual
Modalidades de evento	Deontica	Fatores condicionantes externos ao indivíduo; possui relação com obrigação ou permissão externas ao indivíduo.
	Dinâmica	Fatores condicionantes internos ao indivíduo; possui relação com capacidade ou vontade internas ao indivíduo.

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises de Palmer (2001).

Conforme visto no Quadro 2, a distinção de Palmer (2001) tem como ponto de partida a distinção entre modalidades ‘proposicionais’ e ‘de evento’, a quais, respectivamente, relacionam-se à factualidade da proposição e sobre fatores condicionantes que podem ou não proporcionar a realização de um determinado evento.

Com sua obra, Palmer (1986) abriu um caminho importante para a compreensão das principais formas de expressão que podemos encontrar a modalidade dinâmica em linguística. Tais características são essenciais para compreendermos as visões da categoria e o desenvolvimento de suas análises.

Em relação à concepção de modalidade, Hengeveld (1988) propõe a divisão do sistema modal em espanhol com base na GF. Segundo a perspectiva funcional, as expressões linguísticas são representadas em predicções subjacentes, em que funções semânticas, sintáticas e pragmáticas indicam relações de contenção entre os participantes de um EC (HENGEVELD, 1988, p. 3). Com base nisso, as funções pragmáticas podem ser atribuídas a argumentos para especificar seu status informacional par especificar a perspectiva em que o EC seria apresentado.

A modalidade, nesse contexto, pertenceria ao domínio do conteúdo proposicional. Elementos lexicais ou gramaticais proporcionando expressões para distinções modais são parte da informação que o Falante deseja para transmitir alguma consideração do predicado. Hengeveld (1988) dividiu a perspectiva em três tipos, podendo ser: a) **modalidade inerente**, correspondente a todos os significados linguísticos em que o Falante pode caracterizar a relação entre um participante em um EC e a realização desse EC; b) modalidade objetiva, correspondente a todos os significados linguísticos em que o Falante pode avaliar a atualidade de um EC em termos de seu conhecimento da possibilidade de um EC; e c) modalidade epistemológica, correspondente a todos os significados linguísticos em que o Falante pode expressar seu comprometimento com relação à verdade de uma proposição. (p. 10).

Dentre esses conceitos, o que mais se aproxima de nosso objeto de estudos é o da Modalidade Inerente, que possui como principal distinção a ‘habilidade’. Segundo o autor, “através de uma habilidade no predicado o Falante reporta que algum participante em um EC possui as habilidades para performar certa habilidade”²¹ (HENGEVELD, 1988, p. 10). Ainda, segundo o autor, algumas línguas podem distinguir entre habilidade ‘física’ e habilidade ‘adquirida’. Essa bipartição entre os subtipos de modalidade relacionada a habilidades e capacidades, posteriormente, é observada na GDF como a distinção entre MF *intrínseca* e *adquirida*. No entanto, ressaltamos mais uma vez que o seu estudo foi com base na língua espanhola e, por mais que o espanhol e o português tenham a mesma origem e sejam relativamente semelhantes, faz-se necessária a averiguação de como a categoria se comporta em língua portuguesa, especificamente no português brasileiro contemporâneo.

A modalidade também foi enfatizada em Dik (1997), que se inspirou em Hengeveld (1988) para fazer não somente a distinção entre modo e modalidade, mas a distinção entre os três níveis de modalidade: Inerente, Objetiva e Subjetiva. De forma distinta de Hengeveld, entretanto, Dik (1997, p. 241) insere a habilidade e a volição em um mesmo patamar²², identificando-as como semelhantes. Vemos esse posicionamento como um tanto simplista, pois, conforme veremos mais adiante na GDF (2008), além de ambas serem categorias modais distintas, possuem suas particularidades modais, de acordo com o que podemos observar nas pesquisas de Lima (2018), Lima e Prata (2019; 2023) e Oliveira (2017; 2021).

²¹ “Through the use of an ability predicate S reports that some participant in s SoA has the skills to perform a certain ability” (HENGEVELD, 1988, p. 10, tradução nossa).

²² “These distinctions may consist in the ability or the willingness of a participant to do the SoA (*can, be able to / want, be willing to*), or in the question whether the participant is obliged (*must, have to*) or permitted (*may, be allowed to*) to do the SoA” (DIK, 1997, p. 241).

Outra teórica que descreveu o comportamento da modalidade ligada às habilidades foi Olbertz (1998), trazendo-a para a perspectiva funcionalista. Para tanto, estudou os usos modais de perífrases verbais em língua espanhola e, embora sua categorização tipológica modal ainda fosse inicialmente embasada em Palmer (1986) (sua definição modal também trazia a modalidade correspondente a habilidades e capacidades sendo teorizada ao lado da modalidade deôntica novamente), encontramos alguns desenvolvimentos dignos de relevância.

Para Olbertz (1998, p. 131-133), a Modalidade Facultativa²³ formaria um subdomínio da modalidade inerente, em que a chamada Modalidade Facultativa extrínseca²⁴ seria uma habilidade de um participante em relação a fatores situacionais, que não dizem respeito a questões intrínsecas deste participante, como por exemplo no enunciado “não vou poder jogar tênis neste domingo. Porque eu estou com o pulso bastante mal” (OLBERTZ, 1998, p. 131), em que o participante possui a habilidade de jogar tênis, mas está impossibilitado por sua condição de ter o pulso machucado.

Quando orientada-para-o-evento, a modalidade avalia a possibilidade ou a necessidade de ocorrência de um evento, podendo esta perspectiva ser volitiva, deôntica, epistêmica ou inerente. A modalidade inerente intrínseca orientada-para-o-evento, em especial, corresponde à possibilidade de ocorrer um estado-de-coisas é decorrente de suas características intrínsecas, ou seja, “mais propriamente, o que é considerado é a possibilidade física do estado-de-coisas” (OLBERTZ, 1998, p. 387). As características deste EC não dependeriam propriamente de circunstâncias relacionadas a ele, mas sim de condições físicas *inerentes ao evento* que *naturalmente* proporcionariam determinada capacidade (no sentido de possibilidade) de determinada situação ocorrer, como no exemplo citado pela que a autora: “1. CONTEXTO: (em ficção científica): tem muitas crateras... cheias de uma coisa parecida com a nossa água, porém muito mais densa; então, nessa água (...) flutuam corpos muito grandes (...) até pode flutuar uma bola de ferro (...)” (OLBERTZ, 198, p. 387)²⁵; a autora explica que, na Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, há a aceitabilidade de determinadas condições físicas, como em ‘bolas de ferro flutuando em um determinado líquido’. Neste enunciado, por exemplo, haveria a função modal em especificar uma possível ocorrência do EC em termos de condições físicas (OLBERTZ, 1998, p. 133). Neste exemplo, a presença da perífrase verbal

²³ O título Modalidade Facultativa foi cunhado pela primeira vez em Goossens (1983).

²⁴ A autora cita que sua subdivisão em modalidade extrínseca e intrínseca é proposta por Carretero (1992), a qual, como veremos posteriormente, utiliza os termos ‘inerente’ e ‘não inerente’ (OLBERTZ, 1998, p. 132).

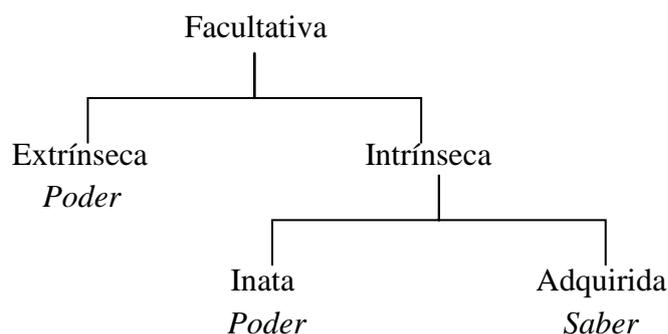
²⁵ (148) CONTEXTO: (on science-fiction) *tiene muchísimos cráteres... llenos de una cosa parecida al agua nuestra pero es mucho mas densa; entonces, em esa agua (...) flot ancuer pos muy grandes, (...)* ‘it has got an awful lot of craters... full of something like our water but it is Much denser; so, in this water (...) huge masses are floating. (OLBERTZ, 1998, p. 133, tradução nossa).

‘poder + infinitivo’ especifica uma característica inerente à densidade deste líquido, o que permite que se observe a possibilidade física de ocorrer ‘bolas de ferro flutuando’, dentro deste contexto descrito pelo Falante. Observamos, além disso, que a característica de permitir que as bolas de ferro sobrenadem é devido à característica de densidade da água nesse contexto específico. Assim, todas as características naturais independentes (o fato de estar neste mundo específico diferente do nosso, a densidade do líquido que aparenta ser água e permite a flutuação de corpos grandes e a possibilidade de uma bola de ferro poder estar neste líquido), quando unidas, necessariamente teriam este resultado²⁶.

Diante do exposto, podemos fazer um paralelo entre a modalidade inerente intrínseca orientada-para-o-evento de Olbertz (1998) e a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, da GDF (2008): levando em consideração que esta segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), “caracteriza o estado-de-coisas nos termos de condições físicas ou circunstanciais de sua ocorrência” (p. 176), vemos que não há propriamente uma distinção nem um detalhamento específico entre o tipo de condição em que este ocorre. A modalidade intrínseca seria relacionada a habilidades inatas, ligada ao participante do estado-de-coisas.

Em relação ao uso de verbos para a construção de perífrases verbais modais, Olbertz (1998, p. 132) diz que “*poder*” é usado exclusivamente para se referir a habilidades inatas, enquanto as habilidades adquiridas são referidas por meio do semi-auxiliar “*saber*”. A caracterização da modalidade orientada-para-o-participante está condensada na Figura 1:

Figura 1- A modalidade orientada-para-o-participante em Olbertz (1998)



Fonte: Traduzido de Olbertz (1998, p. 133).

²⁶ (...) '*hasta puede flotar una bola de hierro* (M 55) even can.3SG float.INF a ball of iron 'even an iron ball can float' (OLBERTZ, 198, p. 387, tradução nossa). Outro fator também a ser ressaltado acerca do exemplo é o de que todos os elementos principais são indivíduos não animados, tanto o líquido possuidor da propriedade densidade, quanto as bolas de ferro. Ambos não possuem qualquer traço de animacidade, ou seja, não teriam nenhum tipo de 'oportunidade' ou 'volicção' envolvidos. Esse fator é relevante para definirmos a possibilidade de fronteiras entre 'condição física' e 'condição circunstancial'.

Sua distinção de modalidade orientada-para-o-participante vai além de distinção de uma habilidade como capacidade interna ou externa, afinal, ela subdivide a modalidade intrínseca em inata e adquirida. Na realidade, a sua divisão insere o ‘poder’ em habilidades naturais e inatas e o ‘saber’ em habilidades adquiridas.

A fim de uma melhor compreensão acerca da tipologia descrita em Olbertz (1998), apresentamos o Quadro 3, o qual condensa as principais informações da autora:

Quadro 3 - Domínios de avaliação da Modalidade Facultativa em Olbertz (1998)

Modalidade Facultativa Inerente	Participante	Evento
Intrínseca	A ¹²⁷ é capaz de EC	A ocorrência do EC é fisicamente possível
Extrínseca	A ¹ pode/deve EC devido às circunstâncias	A ocorrência do EC é circunstancialmente possível / necessário

Fonte: Adaptado de Olbertz (1998, p. 378).

Dentre os parâmetros que nos chamam a atenção é salutar a identificação de como a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante *intrínseca* age: segundo a autora, há a existência de um Argumento 1 (A¹) que assume o papel de *ser capaz de* executar o estado-de-coisas designado no predicado; quando *extrínseca*, esse mesmo A¹ é mostrado como executor do estado-de-coisas de acordo com as circunstâncias, ou seja, embora haja a noção de possibilidade e de necessidade, o que definirá se o A¹ executará esse EC serão as circunstâncias. Esse fator é relevante para nós por indicar que, neste período, a Modalidade Facultativa ainda não estava completamente definida quanto ao seu alvo, haja vista que o subtipo *extrínseco*, embora traga em si traços ligados ao participante, só poderia executar o estado-de-coisas descrito no predicado por meio das *circunstâncias* externas ao indivíduo.

Conforme observamos até o presente momento, as análises de tipologia modal são caracterizadas, sobretudo, por buscar evidências de usos do Falante natural da língua em modalizar o seu enunciado. Consequentemente, nossa opção por escolher uma teoria de base funcional para nos proporcionar maiores possibilidades de ampliarmos nossos conhecimentos acerca de quais os processos gramaticais que ocorrem para a manifestação do enunciado facultativamente modalizado.

²⁷ Argumento 1.

Também inserido na perspectiva funcionalista, Hengeveld (2004) distinguiu ‘modo’, ‘ilocução’ e ‘modalidade’, lançando as bases principais do que, quatro anos após, seriam os principais parâmetros pragmáticos e semânticos inseridos na GDF (2008) de distinção modal. Em sua pesquisa, o autor mostrou que o ‘modo’ é uma categoria que compreende “[...] todos os elementos gramaticais que operam em uma situação/proposição que não estão diretamente relacionados com a situação de um evento no mundo real, como conhecido pelo Falante”²⁸. Em termos pragmáticos, a subdivisão entre ‘ilocução’ e ‘modalidade’ corresponderia, respectivamente, à identificação de sentenças de tipos específicos de atos de fala e à modificação do conteúdo dos atos de fala.

Tendo em vista que a Ilocução corresponde ao uso conversacional e, dada sua natureza de ser restrita a frases e citações independentes (Cf. Hengeveld, 2004, p. 1191) e que nosso *corpus* distingue-se do escolhido por Lima (2018), em virtude de não se tratar de entrevistas do tipo DID, não consideramos nesta pesquisa a identificação do tipo de Ilocução em que a modalidade facultativa pode se manifestar no português brasileiro contemporâneo em relação às expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’, fato este que pode ser verificado por meio de pesquisas posteriores sobre o tema.

A categoria ‘modalidade’, por sua vez, é identificada pelo autor sob dois aspectos: a) o Alvo, correspondente à parte do enunciado que é modalizada; e o b) Domínio, ou seja, a perspectiva da qual a avaliação é executada. Assim, o primeiro parâmetro (alvo) é o que permite a distinção entre orientação para-o-participante (OP), correspondente à relação entre um participante e suas propriedades em um evento e a potencial realização desse evento, orientação -para-o-evento (OE), correspondente à descrição do evento contida no enunciado e diz respeito à avaliação objetiva do status de atualidade do evento, e a orientação para-a-proposição, correspondente ao conteúdo proposicional do enunciado, ou seja, as visões e crenças do Falante, dizendo respeito à especificação do grau de comprometimento do Falante com a proposição apresentada por ele).

Sendo o parâmetro do Domínio a perspectiva da avaliação modal executada, pode ser distinto entre cinco parâmetros: a) **modalidade facultativa**: relacionada a capacidades intrínsecas e adquiridas; b) modalidade deôntica, relacionada com o que é permissível legalmente, socialmente ou moralmente; c) modalidade volitiva, relacionada com o que é desejável; d) modalidade epistêmica, relacionada com o que é conhecido sobre o mundo real;

²⁸ “[...] the morphological category of mood may be said to comprise all grammatical elements operating on a situation/proposition that are not directly concerned with situating an event in the actual world, as conceived by the speaker.” (HENGEVELD, 2004, p. 1190, tradução nossa).

por fim e) modalidade evidencial²⁹, relacionada com a fonte da informação contida em uma frase. Dentre todas essas perspectivas pelas quais a modalidade pode apresentar, vemos que a categoria foco de nossa análise, quando orientada-para-o-participante, “descreve a capacidade de um participante em se envolver no tipo de evento designado pelo predicado”³⁰ (HENGEVELD, 2004, p. 1194). Algumas línguas, como por exemplo o espanhol, fazem a distinção entre habilidades intrínsecas (‘ser capaz de’ ou ‘poder’) e adquiridas (‘saber como’ ou ‘saber’). Em português, por exemplo, a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante (MFOP) é expressa, além dos verbos citados por Hengeveld, por meio dos verbos ‘saber’, ‘conseguir’, ‘poder’, conforme a pesquisas de Bastos (2011; 2014); Nagamura (2011), Lima (2018) e Lima e Prata (2019), entre outros.

A Modalidade Facultativa, quando orientada-para-o-evento (MFOE), ao ocupar uma posição intermediária entre a orientação para-o-participante e a para-a-proposição, “caracteriza um evento em termos das condições físicas ou circunstanciais possibilitadoras de sua ocorrência”³¹ (HENGEVELD, 2004, p. 1195), não havendo um participante específico para executar o estado-de-coisas definido no predicado. Sendo assim, ela pode ser encontrada mais facilmente em construções impessoais, ou seja, em estruturas linguísticas em que não há um Argumento 1 explícito para executar a ação contida no predicado. Entretanto, vale ressaltar que essa não é a única forma em que se pode encontrar a MFOE. Assim, conforme veremos em nossa análise, outras estruturas podem ser encontradas com esta característica semântica.

A pesquisa de Hengeveld (2004) é relevante em razão não apenas de distinguir as categorias modais, mas também por identificar as categorias modais que vimos descritas na GDF (2008).

Após a análise do aparato geral de como nossa categoria de análise desenvolveu-se até o momento atual, veremos algumas análises relevantes para nossa pesquisa.

2.1 Estudos em língua portuguesa sobre ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’

Conforme verificado em nossa Introdução, vimos que somente nos últimos anos os estudos funcionalistas voltaram-se para a análise de nossas expressões em foco nesta pesquisa. Dentre os principais trabalhos que podemos citar, estão considerações de Souza³² (2016, 2019)

²⁹ Atualmente a Evidencialidade é considerada uma categoria independente.

³⁰ Texto original: Facultative participant-oriented modality describes the ability of a participant to engage in the event type designated by the predicate. (HENGEVELD, 2004, p. 1194, tradução nossa).

³¹ Texto original: “Facultative event-oriented modality characterizes events in terms of the physical or circumstantial enabling conditions on their occurrence”. (HENGEVELD, 2004, p. 1195, tradução nossa).

³² Detalhamos ambas as pesquisas de Souza (2016, 2019) na Introdução desta pesquisa.

sobre os usos do verbo ‘dar’ e sobre a construção ‘ter como’, respectivamente; mas que, ainda assim, apresentaram uma perspectiva em seu foco que estava exclusivamente na Modalidade Facultativa. Seus resultados são caros não somente por enfatizar a categoria Modalidade Facultativa, mas também por peculiaridades: após pesquisa feita por ela no *Corpus do Português*, a expressão ‘ter como’³³ foi encontrada, em sua maior parte, como orientada-para-o-evento (62% dos casos encontrados), como no exemplo a seguir, em que o modal não corresponde a habilidades ou capacidades de um participante, mas sim à circunstância de deterioramento da “política do encarceramento em massa”, posta em elipse pelo Falante: “Esse é o consenso da sociedade hoje. Precisamos de muitas prisões, penas mais duras para os criminosos. Em algum momento essa política de encarceramento em massa vai ruir, **não tem como se sustentar.**” (SOUZA, 2019, p. 1631).

Os casos de ‘ter como’ indicando a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante, embora menor quantidade (10% do total de casos encontrados), ainda assim são significativos para a compreensão da categoria por mostrar que a expressão pode ter usos distintos, a depender de seu contexto. Essa característica é tão marcante que, segundo a autora, em uma parte considerável dos casos (28% do total), seria possível tanto para a leitura orientada-para-o-evento quanto à orientada-para-o-participante, como a seguir:

Vale a pena o suicídio? Ninguém morre e volta para dizer se vale ou não a pena, o que podemos imaginar é que o suicídio pra muita gente é como se fosse uma saída para aquilo que **ela acha que não tem como resolver**. Uma fuga para ficar em paz e não ter que vivenciar sua realidade [...]. (SOUZA, 2019, p. 1632).

Neste exemplo, haveria uma dupla interpretação em virtude da ambiguidade entre a falta de condições para resolver a questão, pois ela depende de *condições circunstanciais* ou de *capacidade intrínseca* da pessoa que comete suicídio. Casos como esse são interessantes de se analisar, pois mostram-nos que uma ocorrência pode não ser necessariamente excluída da análise em razão de sua característica polissêmica. Para esse caso, outra interpretação possível seria a de verificar quais categorias semânticas e morfossintáticas rodeiam a expressão modal ‘ter como’. Percebemos, por exemplo, que o enunciado “[...] uma saída para aquilo que *ela* acha que *não tem como* resolver[...]” (SOUZA, 2019, p. 1632), embora marcado morfossintaticamente por um pronome pessoal do caso reto em 3ª pessoa do singular, não se refere a um Indivíduo específico, mas sim a uma pessoa hipotética que pode se sentir *incapaz* de resolver seus problemas. Procurando a quem esse pronome pessoal se refere, percebemos

³³ Como sua perspectiva teórica principal é a Gramática de Construções, a autora identifica ‘ter como’ enquanto um “esquema construcional” e o codifica pela fórmula [ter como].

que o Falante utiliza inicialmente o pronome indeterminado ‘ninguém’, correspondente a “nenhuma pessoa” e, logo após, a expressão “muita gente”, mostrando que ambos os termos são generalizantes e, portanto, reforçando nossa visão de que o pronome ‘ela’ corresponderia a uma ‘pessoa hipotética’ criada pelo Falante para reforçar seu argumento de que o suicídio não resolveria os problemas das pessoas e, assim, ‘ela’ seria o Indivíduo dotado da *incapacidade* de ‘resolver’ possíveis problemas sem chegar ao suicídio. Assim, a Modalidade Facultativa estaria orientada-para-o-participante, em que a polaridade negativa traz uma leitura de incapacidade de realizar o estado-de-coisas descrito no predicado (“resolver os problemas”). Nossa leitura, portanto, não seria ambígua pois parte do pressuposto de que é necessário observar não somente o escopo da expressão modal, mas também os elementos que a antecedem a fim de eliminar quaisquer tipos de possíveis ambiguidades presentes no contexto linguístico.

Uma das pesquisas mais recentes que podemos destacar a de Rosário (2024), que intenciona identificar os significados modais do ‘capaz’ quanto a identificação pragmática e semântica dos elementos que o cercam. Sendo pautado nos preceitos teóricos da Gramática de Papel e Referência³⁴ (VAN VALIN, 2023, VALIN; LA POLLA, 1997; VAN VALIN, 1993) e na Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), analisou no *Corpus do Português* expressões linguísticas que possuem o ‘capaz’ como núcleo: ‘ser capaz de’, ‘ser capaz que’ e ‘capaz que’, chegando aos seguintes resultados: a) quando observadas sob o âmbito da GPR, a expressão ‘ser capaz de’ apresentou-se como pertencente tanto à modalidade de raiz (expressando habilidade) quanto status (expressando a modalidade epistêmica); as demais expressões, ‘ser capaz que’ e ‘capaz que’ foram encontradas somente em valor de status; b) quando observadas sob o âmbito da GDF, a expressão ‘ser capaz de’ apresentou-se prioritariamente em MFOP, embora alguns poucos casos também ocorreram em MFOE; a expressão ‘ser capaz que’ foi encontrada em Modalidade Epistêmica, tanto orientada-para-o-episódio quanto orientada-para-a-proposição; a expressão ‘capaz que’, por fim, apresentou-se como em Modalidade epistêmica orientada-para-a-proposição.

Esses resultados são caros a nós não somente por se tratar de uma expressão semelhante à que discutimos neste trabalho, mas também por mostrar outras possibilidades de pesquisas em língua portuguesa. No entanto, vale salientar que a pesquisa de Rosário (2024) não se ateve somente a ‘ser capaz de’, assim como também utilizou outros parâmetros teóricos distintos da GDF.

³⁴ GPR.

2.2 Estudos sobre habilidades e capacidades em outras línguas

Dentro das pesquisas acerca da tipologia modal encontramos uma série de estudos que podem ser úteis em nossa pesquisa, sobretudo em razão de algumas terem semelhanças com os termos indicados nesta pesquisa, como o ‘capaz’, analisado por diversos pesquisadores e sob os mais variados pressupostos teóricos da modalidade, embora o ‘capaz’ seja frequentemente associado à modalidade epistêmica. Nosso intuito, nesta pesquisa, é ressaltar que não somente o ‘capaz’ pode enunciar a Modalidade Facultativa, mas também o item ‘capaz’ aliado a ‘ser’ e ‘de’, além das expressões ‘dar para’ e ‘ter como’. As pesquisas identificadas nesta seção discorrem predominantemente em espanhol em razão de não somente haver poucos trabalhos sobre o tema em língua portuguesa, mas também em razão de não tratarem especificamente de nosso tema em análise³⁵.

Nesta seção, discutiremos sobre alguns trabalhos em língua espanhola que apresentaram pressupostos teóricos semelhantes aos que mostramos nesta pesquisa. Inicialmente, verificaremos como Grández Ávila (2010) trabalha o significado modal de ‘capaz’ no espanhol americano; em seguida, a semântica de ‘capaz’ ligado ao verbo ‘ser’ em espanhol com Castroviejo e Oltra-Massuet (2018) e, por fim, a perspectiva sintática e as variações do adjetivo ‘capaz’ em espanhol com Lanchares (2021); em seguida, veremos

2.2.1 A perspectiva modal do item ‘capaz’ em Grández Ávila (2010)

A pesquisa de Grández Ávila (2010) nos é cara não somente por tratar de ‘capaz’, mas também por fazê-lo sob a visão teórica da GDF (2008). Com seu objetivo de identificar os padrões de subjetivação em termos de relações de escopo da expressão espanhola ‘capaz’, seu trabalho traz um panorama diacrônico muito importante sobre como o termo foi encontrado no espanhol desde o século XV até o século XX.

Buscando caracterizar aspectos formais e semânticos do ‘capaz’, sua pesquisa foi de cunho qualiquantitativo, em que dois *corpora* de língua espanhola foram utilizados (CORDE e CREA) e foram divididos em três amostras: a) período pré-colonial e clássico (uso de ‘capaz’ em fontes espanholas dos séculos VX e XVI; b) Período colonial (uso de ‘capaz’ em textos espanhóis e latino-americanos dos séculos XVII e XVIII); c) Período moderno (uso de ‘capaz’ latino-americano dos séculos XIX e XX). Seus principais critérios analíticos relacionaram-se

³⁵ Grande parte dos textos encontrados que tratavam ou de nossas expressões em análise ou da categoria Modalidade Facultativa estão em nossa Introdução.

às quatro distinções associadas às unidades para as quais os efeitos semânticos de ‘capaz’ se orientam aos efeitos semânticos, a saber: participante, evento, evento episódico e conteúdo proposicional do enunciado.

Dentre os principais resultados que sua pesquisa obteve, podemos citar que:

- i) no ‘capaz’ pré-colonial, seu sentido ainda estava muito ligado à concepção adjetiva, significando ‘capacidade espacial’ (lugares/locais para indicar sua capacidade física para receber ou conter algo) e ‘capacidade atitudinal’ (pessoas ou objetos para indicar as qualidades ou condições necessárias para algo). Durante esse período o ‘capaz’ poderia vir acompanhado por ‘de’ quando ocorriam argumentos internos de capaz, ou por ‘para’, quando eram adicionadas informações extras. Esse também foi o período em que o termo foi menos recorrente;
- ii) no segundo período, o ‘capaz’ americano colonial entre os séculos XVII e XVIII, inicialmente não teve mudanças significativas em seu uso; o início das distinções ocorreram gradativamente a partir do século XVIII, sobretudo em relação ao tipo de complemento de ‘capaz’: o termo assumia complementos do tipo nominal passa a constituir complementos verbais nucleados por verbos dinâmicos e não dinâmicos, atribuídos a entidades controladoras e não controladoras (GRÁNDEZ ÁVILA, 2010, p. 19). Seu uso passa a ser cada vez mais modalizado e inicialmente caracterizava qualidades facultativas intrínsecas. Além disso, também ocorreram indícios modais que poderiam ser associados à Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, mas nesse período, apesar de assemelhar-se às propriedades funcionais de um modal orientado-para-o-evento, “capaz não pode ser considerado categoricamente como uma forma de modalização orientada-para-o-evento” (GRÁNDEZ ÁVILA, 2010, p. 22);
- iii) no terceiro período, ‘capaz’ moderno em espanhol americano compreendido entre os séculos XIX e XX, houve um aumento significativo de utilização do termo, assim como também distinções em seu uso e aumento de seu escopo: houve uma queda da utilização de ‘capaz’ em seu sentido atitudinal para emergir o seu sentido facultativo, com “novos significados e funções modalizadoras, intimamente associada à expressão de possibilidade” (GRÁNDEZ ÁVILA, 2010, p. 22). Dentre os aspectos que proporcionaram

esta mudança, pôde-se observar o seu uso crescente com complementos verbais e, em especial, estes complementos nucleados por verbos de ação. Além disso, foi observado também a utilização do termo tanto em orientação-para-o-participante quanto em orientação-para-o-evento.

Embora sua pesquisa esteja pautada na análise diacrônica, seus resultados são relevantes por nos mostrar que, embora haja atualmente uma maior tendência do capaz em enunciar tanto a OE quanto a OP, vimos que seus usos ‘primitivos’³⁶ ainda não foram completamente descartados, o que nos dá maiores possibilidades de verificarmos como a categoria se comporta linguisticamente ao enunciar a MFOE e a MFOP. Além disso, sua tendência atual em ser vista com complementos verbais nucleados por verbos de ação podem mostrar que a expressão pode também ser encontrada em outros contextos modais além do facultativo.

Suas conclusões se mostram relevantes por nos dar um panorama geral de como o ‘capaz’ passou por sucessivas distinções semânticas até se apresentar como é mostrado atualmente. Grández Ávila também faz um panorama comparativo entre a MFOE e a MFOP, onde podemos observar distinções sintáticas entre ambas atualmente, como a distinção entre formas ativas e construções pessoais, mais características da MFOP, ao passo que formas passivas e impessoais são mais características da MFOE, além de ressaltar que nem sempre é tão simples a distinção entre ambas, pois muitas vezes faz-se necessário a verificação do contexto linguístico a fim de identificar em qual categoria modal facultativa o termo se refere. Um outro detalhe relevante é a sua percepção de que há um aspecto semântico importante que MFOP e MFOE “têm em comum que não diz respeito apenas ao seu sentido facultativo, mas também a uma noção implícita de possibilidade, que se torna particularmente relevante quando aspectos circunstanciais ou contextuais entram em jogo” (GRÁNDEZ ÁVILA, 2010, p. 25), ou seja, reforça nosso ponto de vista de que é necessário observar como o contexto linguístico age sobre a expressão modal facultativa. Em português, por exemplo, percebemos que o termo ‘capaz’ parece estar gradativamente ascendendo entre as camadas e níveis, ou seja, está cada vez mais se subjetivando, caminhando para uma possível gramaticalização (GÖRSKI, 2014), como por exemplo a sua presença não somente na Modalidade Facultativa, mas também a sua associação à Modalidade Epistêmica, ou mesmo a sua utilização como marcador discursivo.

³⁶ Grifos nossos.

2.2.2 ‘Ser capaz’ na perspectiva de Castroviejo e Oltra-Massuet (2018)

Outro ponto de vista relevante para a análise de ‘capaz’ é a pesquisa de Castroviejo e Oltra-Massuet (2018) sobre ‘ser capaz’ em espanhol. Partindo do ponto de vista gerativo da habilidade considerada como disposição, as autoras embasaram-se teoricamente em Kratzer (1981; 1991; 2012), Mari e Martin (2007; 2009) e Portner (2009) para descrever aspectos de distribuição e interpretação da expressão, chegando às seguintes conclusões (p. 25):

- a) ‘ser capaz’ em espanhol não é um auxiliar modal, mas uma cópula seguida por um adjetivo;
- b) sua base modal é independente de aspecto, contendo proposições que descrevem circunstâncias internas do sujeito, onde a força modal é sempre dupla, contendo um quantificador existencial e um quantificador universal;
- c) quando a cópula contém um imperfectivo (ou seja, uma leitura genérica no presente ou no pretérito imperfeito), são possíveis a leitura puramente habilitativa e a leitura acidental, considerada pela autora próxima à leitura epistêmica.

Esta leitura ‘acidental’ é uma tentativa das autoras em rever a questão de Castroviejo e Oltra-Massuet (2015b), onde há a proposta de considerar ‘capaz’ um termo ambíguo, pois esta leitura envolve as circunstâncias internas ao sujeito, mas o sujeito não tem controle sobre o acontecimento, ao contrário das leituras puramente habilitativa (CASTROVIEJO; OLTRA-MASSUET, 2018, p. 18). Ou seja, segundo elas, não seria exatamente uma caracterização epistêmica por se tratar de possibilidades, mas sim uma subcategoria específica, ‘acidental’, em que o significado estaria ligado à falta de controle e à imprevisibilidade. Nesta perspectiva, observamos que esta leitura ‘acidental’ estaria um tanto assemelhada ao que Olbertz (1998) considerou Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante *extrínseca*, pois ambas trazem em si a relevância de circunstâncias externas imprevisíveis que poderiam acontecer.

Embora seu ponto de vista teórico enquadre o ‘capaz’ habilitativo na noção da modalidade de raiz³⁷, a noção semântica em relação a ‘ser capaz’ é concebida pelas autoras como “circunstâncias relacionadas com a força do corpo, caráter ou intelecto do sujeito”

³⁷ A modalidade de raiz (ou modalidade radical) é mais próxima da concepção vista na modalidade dinâmica.

(CASTROVIEJO; OLTRA-MASSUET, 2018, p. 16) e nos mostra os limites semânticos entre ‘ser capaz’ e outros termos modais, como por exemplo ‘poder’. Em outras palavras, o ‘capaz’ habilitativo dependeria das circunstâncias do sujeito, mais especificamente as que estão sob o seu controle; em contextos onde não houvesse esse poder de ação, a leitura ‘acidental’ ocorreria. Em nosso ponto de vista, observamos que o ‘capaz’ habilitativo considerado por ela ‘modalidade de raiz’, estaria mais próximo ao que consideramos Modalidade facultativa orientada-para-o-participante, tendendo ao subtipo *intrínseca*, ao passo que a leitura ‘acidental’, embora guarde aspectos semelhantes à modalidade *extrínseca*, traria em si traços mais próximos da Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento.

Levando em consideração que a leitura do ‘capaz’ habilitativo e do ‘capaz’ acidental tocam em alguns pontos com a nossa concepção de habilidades/capacidades do participante e condições físicas/circunstanciais de realização de um evento, podemos recorrer à teoria de Castroviejo e Oltra-Massuet (2018) para solucionar possíveis casos ambíguos sobre como as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ expressam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

2.2.3 ‘Capaz’ na perspectiva de Lanchares (2021)

Dentre os estudos mais recentes acerca das modalidades, temos também o de Lanchares (2021), que trata especificamente da modalização do adjetivo ‘capaz’ em espanhol, visando uma caracterização do adjetivo em sua natureza sintática, de acordo com seu aspecto modal e não modal. A pesquisadora elenca quatro principais construções linguísticas a serem analisadas: a) ‘capaz’ intransitivo; b) ‘capaz + para’; c) ‘capaz de’; d) ‘capaz’ como marcador oracional’. Embora seu estudo seja sob a perspectiva gerativa, ainda assim é de grande relevância para nosso estudo, afinal, amplia nossa perspectiva acerca da modalidade.

Segundo a autora, o adjetivo ‘capaz’ possui como função “descrever propriedades: em particular, descreve uma só propriedade ao nome, a saber: ter capacidade” (LANCHARES, 2021, p. 06). A autora, inclusive, faz a distinção entre dois tipos de capacidade: ‘física’ e ‘mental’, como por exemplo, respectivamente, em “uma gaveta capaz”, onde ‘capaz’ faria menção ao espaço físico necessário para guardar outros objetos, e “um estudante capaz”, onde ‘capaz’ faria menção às propriedades necessárias adequadas para exercer as funções de um estudante (LANCHARES, p. 11, 2021). Em outras palavras, quando estiver enumerando uma capacidade física, ele modificaria uma entidade [-animada], a qual pode ser um espaço físico, um objeto físico, etc., possuidor da propriedade de conter objetos físicos. A capacidade abstrata,

por sua vez, será expressa quando ‘capaz’ modifica uma entidade [\pm animada], que possui propriedades abstratas. No exemplo acima, o que caracterizaria um estudante ‘capaz’ seriam suas propriedades abstratas, como inteligência e outros fatores³⁸ (LANCHARES, 2021, p. 13).

Há que se ressaltar, ainda, que o ‘capaz’ intransitivo pode ser utilizado de duas maneiras principais (LANCHARES, p. 14-15): a) adjetivo subsectivo, designando uma propriedade a uma entidade de maneira relativa à classe a que pertence esta entidade; d) adjetivo individual, quando designando de maneira intransitiva e pode predicar qualidades individuais ou entidades modificadas.

Em seguida, a construção analisada pela autora é ‘capaz+para’, que também não teria contorno modal e expressa noções semelhantes ao capaz intransitivo, como por exemplo em “uma pessoa capaz para estudar ciências” (LANCHARES, 2021, p. 68), em que o adjetivo está qualificando uma pessoa como tendo as propriedades mentais necessárias (inteligência, raciocínio, etc.) para estudar ciências.

Em seguida, passamos para os estudos da autora acerca do ‘capaz’ com aspecto modal. Inicialmente, ela nos mostra que ‘capaz + de’ pode ter um contorno modal epistêmico e de raiz. A leitura epistêmica seria feita, por exemplo, em “a chuva é capaz de inundar meu porão em questão de minutos”³⁹, onde teríamos uma possibilidade de a chuva causar esta inundação. Embora saibamos dos efeitos da chuva e que, naturalmente, o seu excesso poderia causar este fato, apenas por esta frase não temos informações suficientes sobre como sobre a chuva no momento desta enunciação. Sabemos que o termo em questão pode ter, muitas vezes uma leitura ambígua e, exatamente por este motivo, a autora nos dá algumas pistas sobre como podemos distinguir o ‘capaz’ modal: um indício de modalidade epistêmica é a presença de adjetivos quantificadores, como demasiado, excessivo, etc.; outro indício seria a associação a advérbios, adjetivos, auxiliares e marcas modais que consideram as noções epistêmicas, de necessidade, de possibilidade, de vontade, de obrigação, de habilidade, etc. Por fim, há também indícios de modalidade epistêmica em ‘capaz’ quando ele entra em colisão com outros elementos da frase, como ‘provavelmente’, como em “a chuva é capaz de inundar minha garagem, provavelmente” (LANCHARES, 2021, p. 81).

³⁸ Texto original: “Se interpretará que la capacidad expresada es del tipo física cuando *capaz* modifica a una entidad [-animada] (que puede ser un espacio físico, un objeto físico, etc.) que tiene la propiedad de contener objetos físicos [+contenedor de objetos físicos] [...]. Y se interpretará que la capacidad expresada es del tipo abstracto cuando *capaz* modifica una entidad [+/-animada] que posee propiedades abstractas ([+contenedor de propiedades abstractas]). Este tipo de propiedades abstractas pueden ser conocimientos, inteligencia, aptitudes, etc.[...]”. (LANCHARES, 2021, p. 13, tradução nossa).

³⁹ Texto original: “La lluvia es capaz de inundar mi sótano en cuestión de segundos” (LANCHARES, 2021, p. 79, tradução nossa).

Por fim, a leitura de ‘capaz’ com teor radical (LANCHARES, 2021, p. 27) estaria submetida a uma restrição de sujeito idêntico e apresenta restrições seletivas pelas quais requer que a entidade modificada seja o agente da ação denotada pelo verbo subordinado, como em “Maria foi capaz de ser aprovada no exame”, que poderia ser lido como Maria possui as propriedades que potencializaram e concluíram a ação de ser aprovada no exame, mostrando que esta possível habilidade seria algo visto como excepcional, ou seja, uma ação não cotidiana, e não traria em si o componente do esforço, ou seja, se alguém possui determinada capacidade, ele poderá executá-la sem grandes esforços, além de expressar a habilidade ou a aptidão de uma agente que potencializa a conclusão de uma ação. Nossa postura teórica, entretanto, possui alguns pontos conflitantes com tais alternativas, pois a partir do momento em que alguém possui determinada capacidade, seja ela inata (intrínseca, inerente à sua pessoa) ou adquirida ao longo da vida, não necessariamente estamos falando de ações excepcionais. Nesse ponto, o julgamento sobre a excepcionalidade da habilidade em questão passaria pelo julgamento subjetivo do Falante, o que poderia indicar uma possível subjetividade do enunciado. Além disso, tal afirmação ainda indicaria uma tendência a vermos tal modalidade somente na polaridade positiva incitando-nos a uma interpretação de que a Modalidade Facultativa não poderia estar relacionada à negação.

Outro ponto que desejamos pôr em discussão é a afirmativa da pesquisadora de que o verbo ‘poder’ não poderia substituir a construção ‘capaz + de’, pois, enquanto este mostra uma ação que poderia ser feita sem esforço, aquele teria a noção oposta, ou seja, algo feito com dificuldade. Nossa compreensão parte do próprio conceito do verbo ‘poder’, que, segundo o Dicionário Brasileiro (1996, p. 483), significa “ter a faculdade ou possibilidade de; [...]; ter a capacidade para”. Logo, seus exemplos utilizados, “Ana foi capaz de caminhar por um quilômetro para pedir ajuda” e “Ana pôde caminhar por um quilômetro para pedir ajuda” (LANCHARES, 2021, p. 28), indicando, respectivamente, que em um exemplo ela teve o mérito de caminhar e, no outro ela caminhou com dificuldade, não se aplicaria em nossa análise acerca da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, pois em nossa língua, o verbo ‘poder’ e o adjetivo ‘capaz’, quando modalizados facultativamente, são sinônimos e parafraseáveis, conforme os estudos de Neves (1996; 2016), Souza (2016; 2019), Lima (2018), Lima e Prata (2019, 2023), dentre outros.

Além desta discussão, um fator também relevante na pesquisa de Lanchares (2021) é que, como a autora utiliza a modalidade de raiz⁴⁰ em sua pesquisa, ela acaba agrupando as

⁴⁰ A autora utiliza em sua pesquisa o título ‘modalidade radical’.

noções facultativa e volitiva na leitura radical, diferenciando-as por meio do tipo de leitura feita em cada um:

A diferença entre as leituras radicais (a leitura facultativa e a leitura de vontade) faz-se na natureza dos fatores que contribuem, a que o sujeito agente se envolva no evento denotado pelo complemento proposicional. Na leitura facultativa os fatores condicionantes são as habilidades ou as atitudes do participante. Por outro lado, na leitura de vontade, o fator condicionante é a predisposição psicológica que potencializa a tomada de decisões (valores morais, personalidade, etc.) (LANCHARES, 2021, p. 31).

De acordo com sua perspectiva, a Modalidade Facultativa é um subtipo da modalidade radical e, conseqüentemente, sua visão é um pouco distinta da nossa. Entretanto, sua análise acerca do adjetivo ‘capaz’ nos é bastante cara, haja vista que é um estudo atual acerca de um dos termos que pretendemos analisar e, visto sob outra perspectiva, amplia nossa visão acerca do que podemos encontrar nos dados analisados.

2.3 Síntese Conclusiva

Nesta seção discutimos as principais concepções teóricas acerca da tipologia das modalidades, concentrando nossas ações em nosso objeto de estudos, a Modalidade Facultativa. Verificamos os primeiros estudos da categoria com Wright (1951), que, ao analisar a Lógica modal, identificou uma modalidade ligada a habilidade e capacidades, intitulada modalidade dinâmica, que estaria ligada às mesmas regras formais da modalidade alética.

Em seguida, verificamos um dos principais estudos acerca da tipologia das modalidades, o de Palmer (1986), o qual discorre sobre as concepções de modo e modalidade. Em relação à noção de habilidades e capacidades, o pesquisador a considerou ‘modalidade dinâmica’ e inseriu nela também a noção volitiva.

A partir de 1998 a nossa categoria toma uma roupagem mais semelhante à que vemos hoje, com Olbertz, que traz os pressupostos da modalidade inerente, que traz os pressupostos da teoria de base funcionalista. Segundo a autora, a modalidade inerente refere-se a habilidade inatas e adquiridas e poderia ser dividida em intrínseca e extrínseca, podendo ser orientada tanto para o participante quanto para o evento. A Modalidade Facultativa, para a autora, seria parte da modalidade inerente, mais especificamente, seria a Modalidade Facultativa extrínseca.

Quanto à perspectiva teórica geral ligada a habilidades e capacidades em relação às expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ em língua portuguesa,

consideramos o estudo de Souza (2016, 2019) sobre o verbo ‘dar’ e sobre ‘ter como’ e vimos que a autora mantém o posicionamento de que elas podem expressar diversas categorias modais.

Dentre os estudos mais atuais de língua portuguesa, vimos que Rosário (2024) buscou um panorama geral de ‘(ser) capaz de/que’, identificando como sua construção linguística poderia expressar diversas categorias modais.

Vimos que em outras línguas, especificamente o espanhol, há também estudos especificamente sobre o ‘capaz’ como Grández Ávila (2010), que analisou a subjetivação do ‘capaz’ em espanhol, partindo de uma perspectiva diacrônica; Castroviejo e Oltra-Massuet (2018), que discutiu sobre os possíveis sentidos de ‘ser capaz’ também em espanhol, identificando os sentidos ‘habilitativo’ e ‘acidental’. Por fim, Lanchares (2021), traz uma concepção de base teórica gerativista sobre o adjetivo modal ‘capaz’, considerando-o tanto modal epistêmico quanto radical. Neste ínterim, a autora acaba inserindo a noção de desejo, vista como uma disposição para executar determinada ação; Em língua portuguesa, vimos que Rosário (2024) identificou quatro usos distintos em ‘(ser) capaz de/que’: Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante (‘ser capaz de’), Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento (‘ser capaz de), Modalidade Epistêmica orientada-para-o-episódio (‘ser capaz que’) e Modalidade Epistêmica orientada-para-a-proposição (‘ser capaz que’; ‘capaz que’).

Após esta breve discussão teórica, apresentamos um quadro resumo dos principais pontos de vista acerca da MF e os seus principais teóricos:

Quadro 4 - Síntese tipológica da Modalidade Facultativa (continua)

Autor	Ano	Categoria	Conceito
Wright	1951	Modalidade dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> ● Habilidade e disposição; ● Lógica ligada às mesmas regras das modalidades aléticas.
Palmer	1986, 2001	Modalidade dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> ● Modalidade dinâmica neutra (circunstâncias gerais) e modalidade dinâmica orientada para o sujeito (circunstâncias características do sujeito); ● Passível de ser descartada da tipologia modal; ● Inclusão da noção de vontade na categoria.
Hengeveld	1988	Modalidade inerente	<ul style="list-style-type: none"> ● Todos os significados linguísticos em que o Falante pode caracterizar a relação entre um participante em um EC e a realização deste EC; ● O falante reporta que algum participante em um EC possui as habilidades para performar certa habilidade descrita no predicado; ● Diversas línguas distinguem entre habilidade física e adquirida.

Quadro 4 - Síntese tipológica da Modalidade Facultativa (conclusão)

Autor	Ano	Categoria	Conceito
Dik	1997	Modalidade inerente	<ul style="list-style-type: none"> ● Relações entre um participante e a realização do EC no qual está envolvido; ● Habilidade ou vontade de um participante em fazer o EC; ● Pertencem à estrutura interna da predicação.
Olbertz	1998	Modalidade inerente	<ul style="list-style-type: none"> ● Habilidades inatas e adquiridas; ● Dividida em intrínseca e extrínseca; ● Pode ter orientação para-o-participante ou para-o-evento; ● Modalidade Facultativa: equivalente a modalidade inerente extrínseca.
Hengeveld; Mackenzie	2008 ⁴¹	Modalidade Facultativa	<ul style="list-style-type: none"> ● É um dos operadores presente no Nível Representacional; ● Pode ser orientada-para-o-evento ou orientada-para-o-participante; ● Quando OE, designa o EC em termos de condições físicas ou circunstanciais de ocorrência de um determinado evento; ● Quando OP, designa a capacidade de um participante em executar o EC descrito no predicado; ● Algumas línguas distinguem a capacidade em <i>intrínseca</i> e <i>adquirida</i>.
Grández Ávila	2010	Modalidade Facultativa	<ul style="list-style-type: none"> ● Pode ser orientada-participante ou orientada-para-o-evento; ● Segue os mesmos parâmetros teóricos da GDF (2008)
Castroviejo e Oltra-Massuet	2018	Modalidade radical	<ul style="list-style-type: none"> ● ‘Capaz’ habilitativo: circunstâncias internas do sujeito (força do corpo, do caráter ou intelectual); ● ‘Capaz’ accidental: o sujeito não possui controle das ações.
Lanchares	2021	Modalidade radical	<ul style="list-style-type: none"> ● Sujeito agente do complemento argumental; ● Adjetivo intersectivo ou individual; ● Adjetivo qualificativo modalizado; ● Modalidade Facultativa: subgrupo da modalidade radical, juntamente com a modalidade volitiva.

Fonte: Elaboração própria com base na leitura das obras propostas sobre Modalidade Facultativa.

⁴¹ No Capítulo 3, detalharemos como a GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) interpreta a Modalidade Facultativa.

Com base nas informações descritas no decorrer deste Capítulo, sintetizadas no Quadro 4, vemos que no decorrer do tempo a modalidade voltada para habilidades e capacidades foi aprimorando seus conceitos e, com base em cada perspectiva teórica, vimos que seu conceito pode ora ser restrito (identificando somente noções relacionadas a habilidades/capacidades/circunstâncias) ou amplo (identificando noções relacionadas a habilidades/capacidades e também noções relacionadas a desejos/vontades). Tendo isso em mente, nossa opção de ter como base teórica principal os pressupostos funcionalistas da GDF estão relacionados ao fato de que sua concepção da Modalidade Facultativa enquanto uma categoria autônoma caracterizando participantes e eventos, mas também por nos dar uma visão geral de seu papel semântico e como ela pode ser codificada no português brasileiro contemporâneo.

De posse destas concepções teóricas, podemos observar como a categoria linguística Modalidade Facultativa foi interpretada no decorrer do tempo e de acordo com diversas concepções teóricas e, sobretudo, pudemos verificar que há a necessidade de analisar e aprofundar cada vez mais o estudo de seu conceito, de seus termos e sua aproximação de outras categorias modais. Tendo em vista que nosso principal matiz teórico irá se concentrar na GDF (2008), o Capítulo seguinte se deterá em detalhar seu funcionamento.

3 A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

De acordo com o que vimos até o presente momento, a modalidade é uma categoria originalmente vinda da Lógica e, conforme o avanço das análises, foi percebida a sua importância como uma categoria linguística que poderia trazer em si marcas da intenção do Falante em seu enunciado (NEVES, 2016). Vimos também que a categoria modal relacionada às habilidades e capacidades, a depender da perspectiva teórica, já foi intitulada de Modalidade Dinâmica e trazia em si noções volitivas, intitulada de Modalidade Inerente e abrigava somente habilidades e capacidades de um participante envolvido no EC designado no predicado, até chegar à categoria que conhecemos atualmente como Modalidade Facultativa. Assim, faz-se necessária a explicitação de em que momento a categoria é encontrada, mas também e seu papel dentro de nossa principal base teórica, a GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Sendo a Gramática Discursivo-Funcional, de Kees Hengeveld e J. Lachlan Mackenzie (2008), uma teoria de base funcional centrada no Falante, ou seja, no modo como a expressão linguística é produzida, nossa análise subsequente detalha como as expressões linguísticas⁴² do português brasileiro contemporâneo ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ manifestam os tipos e subtipos da categoria Modalidade Facultativa.

Sucessora da Gramática Funcional de Simon Dik (1997), a GDF busca, assim como sua antecessora, descrever as línguas naturais partindo do pressuposto da estratificação em camadas. Seu ponto de vista é o de que a produção linguística se dá de maneira descendente, ou seja, partindo de uma intenção do Falante observada, respectivamente, em noções pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas para, enfim, ocorrer a articulação do enunciado linguístico.

O conceito de estratificação em camadas não é uma ideia relativamente nova. Desde a década de 1980, por exemplo, encontramos ecos de sua produção e organização. Hengeveld (1989) nos indicava que as predicções utilizadas para representar as expressões linguísticas possuem dupla função: uma descritiva e uma de conteúdo. A predicção daria a descrição da situação externa a que o Falante se refere em seu ato de fala aliada ao conteúdo proposicional ou unidade de mensagem processada nesse ato de fala (HENGEVELD, 1989, p. 127). Trazendo aspectos inerentes à Pragmática e observando como questões interpessoais interferem na comunicação verbal, dois níveis de análise da predicção verbal foram identificados: um

⁴² A fim de evitar confusão com a camada do Nível Morfossintático Expressão Linguística, é necessário ressaltar que o termo em minúsculo, ‘expressão linguística’ corresponde aos itens em análise nesta pesquisa (‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’).

Interpessoal, correspondente à interação comunicativa, em que o ouvinte poderia, por meio dos atos de fala, identificar as marcas de intenção do Falante e, assim, prosseguir com a comunicação, e o Representacional, que tomaria como foco aspectos relacionados a semântica da predicação verbal, como a descrição de um EC para que o Ouvinte possa compreender adequadamente a situação que o Falante está enunciando.

Quando Simon Dik (1997) reuniu em uma única obra a perspectiva funcionalista de análise da predicação verbal em sua *Gramática Funcional*, a perspectiva que adotou era distinta da GDF, pois sua visão era ascendente (*bottom-up*), ou seja, a escolha linguística primária foi a dos itens lexicais, que trouxeram vários quadros (*frames*) que se encaixavam a uma predicação subjacente (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 37). Sendo assim, o foco da GF estava no predicado e em quais relações entre o predicado e seus Argumentos de modo que, por exemplo, o que definiria o detalhamento referente à tipologia dos EC refere-se relação de escopo que está sendo enunciado, ou seja, o predicado do enunciado.

A GDF, por outro lado, intenciona dar continuidade à visão de que as línguas são estruturas complexas com o fato igualmente patente de que são adaptadas para a função como instrumentos de comunicação. Entretanto, esta teoria busca ser um avanço da anterior ao separar os níveis Interpessoal e Representacional e investigar toda a complexidade da interação entre ambos em uma forma linguística determinada. Seu um modelo de interação verbal é inspirado em evidências psicolinguísticas da produção do discurso. O impacto da teoria, portanto, reside na oferta de uma conta equilibrada do impacto sistemático dos fenômenos pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos em uma forma linguística determinada (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. xi-xii).

A arquitetura geral da GDF reflete exatamente essa perspectiva de identificar hierarquicamente como se dá o Ato Discursivo. Sua análise é composta por quatro camadas, dispostas dentro de um Componente Gramatical, em que cada nível possui camadas específicas de atuação. Para essa teoria, a expressão linguística é produzida por meio de quatro componentes: a) o Componente Conceitual, em que estaria inserida a intenção comunicativa do Falante e sua influência incidiria diretamente no Nível Interpessoal por meio da identificação linguística das intenções do Falante; b) o Componente Contextual, situado ao lado do Componente Gramatical e tanto influencia quanto é influenciado pelas noções linguísticas contidas no Componente Gramatical e vão propiciar o prosseguimento da comunicação; c) o Componente Gramatical, principal responsável pela produção verbal e, conseqüentemente, o mais complexo deles; e o d) Componente de Saída, responsável por receber as informações do

Componente Gramatical e articulá-las no discurso para que o enunciado linguístico possa se manifestar.

Sendo o Componente Gramatical o único claramente linguístico, naturalmente é o mais complexo. Consequentemente, as atenções na GDF recaem sobre ele e sobre o desenvolvimento de sua arquitetura básica de produção do enunciado linguístico. Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 12-13), dentro do Componente Gramatical há duas grandes operações: a Formulação, que recebe do Componente Conceitual as representações conceituais e as transforma em conceitos pragmáticos e semânticos, respectivamente, nos níveis Interpessoal e Representacional. A seguir, as configurações obtidas são enviadas para a operação de Codificação, em que as informações se transformam em estruturas morfossintáticas e fonológicas nos níveis homônimos, respectivamente. Assim como os anteriores, a codificação possui também seus próprios primitivos⁴³. Por fim, essas informações, passam, então, para a articulação presente no Componente de Saída e temos como resultado o enunciado linguístico. Segundo os autores, a justificativa para tal organização do Componente Gramatical é a de que

Desse jeito, a GDF toma a abordagem funcional da linguagem ao seu extremo: dentro da organização descendente da gramática, a pragmática governa a semântica, a semântica governa a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a morfologia. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13).

Partindo desse pressuposto, faz-se necessário que nossa perspectiva analítica da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo também siga esse percurso metodológico. Por isso, detalharemos a arquitetura geral da GDF, focando em seu Componente Gramatical e possíveis inter-relações entre seus níveis para a produção da expressão linguística.

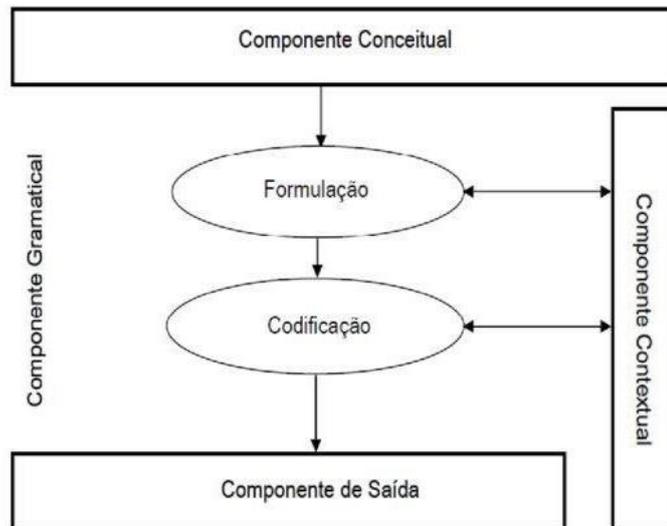
3.1 Os componentes não linguísticos

Dentre os componentes que organizam a Arquitetura Geral da GDF, três deles atuam como ‘suporte’ ao Componente Gramatical. Destes, o Componente Conceitual, situa-se acima de todos e é o responsável por possíveis intenções do Falante ao enunciar determinada expressão linguística, ou seja, “é responsável pelo desenvolvimento de uma intenção comunicativa relevante para o evento de fala atual e as conceituações associadas com relação a eventos extralinguísticos relevantes” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 6). Este componente está diretamente ligado à cognição, especialmente a aspectos cognitivos que

⁴³ Quadros, lexemas e operadores.

possibilitem a interação verbal entre Falante e Ouvinte. Este componente interage diretamente na Formulação Gramatical e determina aspectos pragmáticos e semânticos do enunciado linguístico. Podemos identificar melhor a posição de cada Componente por meio da Figura 2:

Figura 2 – GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal



Fonte: HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 6, tradução nossa.

De acordo com a Figura 2, o único Componente que atua sobre as operações de Formulação e Codificação é o Componente Contextual, que exerce influência enviando e recebendo dados dos níveis Interpessoal (NI), Representacional (NR), Morfossintático (NM) e Fonológico (NF) durante a interação verbal.

Com base em Alturo, Keizer e Paytaró (2014, p. 193-194), o Componente Contextual é responsável por dois tipos de informação: as imediatas, que dizem respeito a enunciados específicos, recentes; e as de longo prazo, que atuam como um todo sobre o que está acontecendo. De acordo com esses pressupostos, nossa compreensão de como o Componente Contextual atua no Componente Gramatical se dará com base sobretudo, em Connolly (2007; 2014), que não somente explanou o Componente Contextual, mas também ampliou a visão dele e propôs um Modelo Estendido de Contexto, e Hengeveld e Mackenzie (2014), que propuseram uma Arquitetura para este Componente, baseada em estratos (*estratos*) que refletem os níveis de organização gramaticais. Cada estrato reflete informações contextuais relevantes para que o ato comunicativo possa perdurar, dividindo-se em: a) informações situacionais, que ocorrem na formulação e são referentes tanto à situação de fala quanto ao mundo físico; b) informações discursivas, que ocorrem nos quatro níveis do Componente Gramatical e são responsáveis por Atos Discursivos e unidades semânticas, morfossintáticas e

fonológicas, respectivamente. Com esta organização, observamos que fica mais clara a conexão entre informações linguísticas e não linguísticas no compartilhamento entre ambos os componentes em análise (contextual e gramatical)⁴⁴.

Após ocorrer a intenção do Falante, passar pelo Contexto e ocorrerem as operações de Formulação e Codificação da expressão linguística, temos por fim o Componente de Saída. Situado abaixo do Componente Gramatical, este componente é o responsável por receber todas essas informações e as articula fisicamente para que a expressão linguística ocorra.

Ao identificarmos o funcionamento dos Componentes não linguísticos e como eles influenciam a execução da interação verbal, faz-se necessário detalharmos o funcionamento do único Componente Linguístico dentro da Arquitetura geral da GDF, ou seja, o Componente Gramatical.

3.2 O Componente Gramatical

O Componente Gramatical é considerado o mais complexo por ser aquele que recebe as informações mentais e situacionais para organizá-las linguisticamente, ou seja, o Componente Gramatical é o que Formula e Codifica os elementos gramaticais para que a interação verbal possa ocorrer. Nesse componente, há quatro níveis de organização, que se dispõem hierarquicamente, cada qual disposto em camadas. Nesta seção, detalharemos um pouco mais os níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático para uma maior compreensão de como as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ manifestam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

Neste Componente encontramos descrições de todas as unidades linguísticas que refletem e recebem influência em seu uso na interação verbal. Segundo Hengeveld e Mackenzie, (2008, p. 14), “o que todos os níveis têm em comum é que eles possuem uma organização em camadas ordenada hierarquicamente e são exibidos como uma estrutura em camadas”. Exatamente por este motivo, sua estrutura geral das camadas, dentro dos níveis, apresenta-se da seguinte forma:

Figura 3 - Estrutura geral das camadas

$$(\pi v_1: [\text{head } (v_1)\Phi]:[\sigma (v_1)\Phi])\Phi$$

Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 14).

⁴⁴Nossa pesquisa trabalhou somente com o contexto linguístico identificável por meio das ocorrências encontradas no *Corpus do Português*.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 14-15), podemos interpretar esta estrutura da seguinte maneira: V_1 representa a variável da camada relevante, restringida por um núcleo (possivelmente complexo) que recebe a variável como seu argumento, e pode ser restringida ainda mais por um modificador σ que recebe a variável como seu argumento. A camada pode ser especificada por um operador π e carregar uma função Φ . Núcleos e modificadores representam estratégias lexicais, enquanto operadores e funções representam estratégias gramaticais. A diferença entre operadores e funções é que estes últimos são relacionais, mantendo-se entre a unidade inteira e outras unidades da mesma camada, enquanto os primeiros não são, aplicando-se apenas à própria unidade formam uma configuração não hierárquica (equipolente), são colocadas entre colchetes, onde a relação entre um núcleo e seu argumento e um modificador e seu argumento é indicada⁴⁵.

Há uma sensível diferença entre cada um desses níveis, correspondente ao fato de que em cada um deles a expressão linguística é detalhada em termos de distinções relevantes para si. Sendo assim, ao analisarmos uma expressão linguística com base na GDF, podemos observar quatro parâmetros principais de análise: a) no Nível Interpessoal verificamos, por exemplo, como esta expressão age pragmaticamente em relação às informações vindas do Componente Conceitual; b) no Nível Representacional⁴⁶ verificamos os aspectos semânticos de formulação do enunciado linguístico; c) no Nível Morfossintático, por sua vez, verificamos aspectos específicos da língua em que aquela expressão está sendo enunciada: a escolha de cláusulas, sintagmas e palavras específicas, nos tempos e modos verbais adequados, etc.; d) no Nível Fonológico, por fim, verificamos como estas informações são organizadas em distinções sonoras.

Empossados em tais informações, passaremos ao detalhamento de como cada nível organizacional age dentro do Componente Gramatical.

⁴⁵ Texto original: v_1 represents the Variable of there levant layer, which is restricted by a (possibly complex) head that takes the variable as its argument, and may be further restricted by a modifier σ that takes the variable as its argument. The layer may be specified by an operator π and carry a function Φ . Heads and modifiers represent lexical strategies, while operators and functions represent grammatical strategies. The difference between operators and functions is that the latter are relational, holding between the entire unit and Other units at the same layer, while the former are not, applying only to the unit itself [...] In those cases in which units to get her form a non-hierarchical (equipollent) configuration, they are enclosed between square brackets, as exemplified in (13), Where the relationship between a head and its argument and a modifier and its argument is indicated by square brackets (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 14-15, tradução nossa).

⁴⁶ Sendo o Nível Representacional o responsável por aspectos semânticos como a modalidade, o foco desta pesquisa recairá sobre este nível.

3.2.1 O Nível Interpessoal

Sendo o mais alto na hierarquia descendente, o Nível Interpessoal “lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que refletem seu papel na interação entre Falante e Ouvinte” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 46). Em outras palavras, este nível lida com os aspectos pragmáticos de elaboração do enunciado linguístico. A partir do momento em que falamos de interação, também devemos estar dispostos a lidar com aspectos relacionados a possíveis intenções retóricas e pragmáticas do Falante, além de estratégias comunicativas que possam influenciar a comunicação. Entretanto, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), é necessário salientar que não temos como saber das reais intenções comunicativas do Falante por outro meio a não ser pelas estratégias interpessoais que ele utiliza para produzir o seu enunciado.

Neste nível, encontramos descrições das unidades linguísticas que recebem influência na comunicação verbal. Segundo Hengeveld e Mackenzie, (2008), “o que todos os níveis têm em comum é que eles possuem uma organização em camadas ordenada hierarquicamente e são exibidos como uma estrutura em camadas” (p. 14). Como acabamos de discutir, todos os níveis hierárquicos possuem uma estrutura semelhante de descrição em camadas, nos quais cada uma representa uma estrutura específica. Neste caso, a estrutura do Nível Interpessoal é apresentada de acordo com o que se segue:

Figura 4 - Estrutura de interação verbal no Nível Interpessoal.

$(M_1 : [(A_1 : [(F_1(P_1)_s(P_2)_A(C_1 : [(T_1)_{[\Phi]} \dots (T_{1+N})_{[\Phi]} (R_1)_{[\Phi]} \dots (R_{1+N})_{[\Phi]}](C_1)_{[\Phi]})](A_1) \dots (A_{1+N})_{[\Phi]} \dots])(M_1))$

Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 15).

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 15), podemos interpretar esta estrutura da seguinte maneira: o Move (M) pode conter um ou mais Atos Discursivos (A). Cada Ato Discursivo contém pelo menos uma Ilocução (F), que especifica a relação entre os Participantes (P1 e P2), Falante (S⁴⁷) e Ouvinte (A) e o Conteúdo Comunicado (C). O Conteúdo Comunicado, por sua vez, contém um número variável de Subatos de Atribuição (T) e de Subatos Referenciais (R), os quais operam na mesma camada, ou seja, não há relação hierárquica entre elas.⁴⁸

⁴⁷ A fim de uma melhor compreensão com a base teórica, deixamos o modelo do Nível Interpessoal com as terminologias originais, S (Speaker) e A (Adresse).

⁴⁸ As indicated in 1.2.3, we recognize as a unit of analysis at the Interpersonal Level the Move (M), which may contain one or more (N) Discourse Acts (A). Each Discourse Act contains an Illocution (F), which specifies a

Cada um desses elementos é disposto em camadas específicas, cada qual com sua função, tendo como parâmetro ora sua extensão, ora a especificidade de sua função. No Nível Interpessoal, o Move é a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical. Dotado de efeito perlocucionário, o Move pode provocar uma reação do interlocutor, como uma resposta a uma pergunta, um argumento, etc. Esta reação geralmente, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), toma a forma de um Move. Um Move pode ter um ou mais Atos Discursivos, que por sua vez contém uma Ilocução, a qual, de acordo com os autores, “captura as propriedades lexicais e formais do Ato Discursivo e pode ser atribuída para seu uso interpessoal convencionalizado em alcançar uma intenção comunicativa” (p. 68). A Ilocução pode ser uma camada relevante para indicar, nos níveis abaixo, como a modalidade opera. Ao todo, a GDF enumera um total de doze tipos de ilocução, que podem ocorrer em quaisquer línguas: Declarativa, Interrogativa, Imperativa, Imperativa, Proibitiva, Optativa, Imprecativa, Hortativa, Desortativa, Admonitiva, Comissiva, Suplicativa e Admirativa (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 71-72). Tendo em vista os pressupostos de Menezes (2011, 2013), ao analisar as ilocuições em língua portuguesa, podemos identificar quatro tipos de ilocução: a) Declarativa, em que o Falante informa o Ouvinte do Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado; b) Interrogativa, em que o Falante solicita uma resposta do Ouvinte para o Conteúdo Proposicional evocado no Conteúdo Comunicado; c) Imperativa, em que o Falante direciona o Ouvinte para executar a ação evocada no Conteúdo Comunicado; d) Admirativa, em que o Falante expressa sua surpresa sobre o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado. Destas, nosso foco estará sob a Ilocução Declarativa, pois buscamos analisar e descrever a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo e, tendo em vista que os demais tipos de Ilocução tendem a uma presença dialógica, nem sempre isso ocorre de imediato no *blog*. Além disso, Lima (2018) identificou esse tipo de Ilocução como a mais recorrente em enunciar a MF no português.

As demais categorias deste nível são: a dos Participantes, P1 e P2, que se alternam entre as funções de Falante e Ouvinte, ambos essenciais para que haja a interação verbal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 84); a do Conteúdo Comunicado, citado durante a explanação sobre as ilocuições, e “contém a totalidade do que o Falante deseja evocar em sua comunicação com o Ouvinte” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.87). Por fim, a última

relation between speech-act Participants (P, the Speaker S, and the Addressee A) and (except in the case of Expressives, 2.5.2.4.2) the Communicated Content (C). The Communicated Content contains a varying number of Ascriptive (T) and Referential (R) Subacts. Note that the latter two units are operative at the same layer, i.e. there is no hierarchical relation between them. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 15, tradução nossa).

camada é a dos Subatos, divididos em Subatos de Atribuição⁴⁹ ou de Referência⁵⁰, onde “enquanto o Subato de Atribuição envolve a evocação de uma propriedade, os Falantes performam Subatos de Referência a fim de evocar uma entidade” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 113).

Tomando como ponto de partida as noções de identificabilidade e especificação do Referente dentro do Subato de Referência (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 113), observamos que pode também haver um outro parâmetro designado especificamente para identificar a Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado, em que a opção do Falante em formular um enunciado em primeira pessoa, por exemplo, mostrará a tendência a sua inclusão (Cf. LIMA; PRATA, 2023) e esta formulação tenderá a designar no Nível Representacional a MFOP.

Por outro lado, a não inclusão do Falante no valor facultativamente modalizado mostraria uma maior predisposição semântica para que, gradativamente, ocorra a sua exclusão mediante o valor facultativo instaurado e, assim, a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento se manifeste.

Com base em Lima e Prata (2023), a Posição do Falante mediante o valor facultativamente modalizado pode se apresentar de três maneiras principais:

- a) parâmetro [+inclusivo]: ocorre quando o Falante se insere explicitamente no valor facultativamente modalizado, em primeira pessoa no singular (eu) [+F, -O] ou em primeira pessoa do plural (nós) [+F+O], em que o contexto linguístico não mostre que esse ‘nós’ é utilizado como um termo genérico ou, conforme a GDF, um “operador de genericidade⁵¹”. Neste caso há a inclusão semântica e morfológica do Falante;
- b) parâmetro [- inclusivo]: ocorre quando há a total exclusão do Falante no valor facultativamente modalizado, de modo que fica explícita a utilização da segunda pessoa, [-F+O], e da terceira pessoa (singular ou plural), ou mesmo a ausência de um participante no valor facultativamente modalizado[-F-O], como é a tendência da MFOE;
- c) parâmetro [±inclusivo]: intermediário entre a inclusão total e a exclusão total, este parâmetro corresponde ao uso de pronomes indeterminados como

⁴⁹ Esta categoria também pode ser encontrada na literatura sob o termo “Subato Atributivo”.

⁵⁰ Esta categoria também pode ser encontrada na literatura sob o termo “Subato Referencial”.

⁵¹ O operador de genericidade ocorre no Nível Representacional.

‘alguém’, ‘ninguém’ e termos generalizantes, em que não há clareza sobre em que posição o Falante se encontra.

Levando em consideração que esse Falante recebe as informações sobre inclusão do Nível Conceitual, ele formula pragmaticamente a sua inclusão ou exclusão, direta ou indiretamente no valor facultativamente modalizado. Assim, o parâmetro da Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado pode repercutir na identificação do Argumento 1 em relação às expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

A seguir, veremos como esta escolha pragmática pode repercutir semanticamente para a manifestação da Modalidade Facultativa.

3.2.2 O Nível Representacional

Assim como a construção da estrutura do Nível Interpessoal é feita por camadas, lexemas e operadores primários, a organização do Nível Representacional espelha a mesma estrutura do nível anterior. As informações pragmáticas são introduzidas nesse nível e são descritas em termos semânticos, podendo esta designação indicar tanto modos como a linguagem relata o mundo extralinguístico que descreve, como também os significados das unidades linguísticas e unidades complexas. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), esses significados passam a ser importantes no momento em que são usados durante a comunicação. Sua organização básica segue o modelo do nível anterior e é simbolizada a seguir:

Figura 5 - Organização básica do Nível Representacional

$$(p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2)^n (x_1)...(x_{1+n})] (f_1))... (f_{1+n}) (e_1)])... (e_{1+n}) \{\}] (ep_1))... (ep_{1+n}) \{\}] (p_1))$$

Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 15).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 15-16), a descrição das unidades linguísticas é feita neste nível de acordo com as categorias semânticas que elas designam. Neste nível de análise, as unidades linguísticas são descritas em termos da categoria semântica que designam, podendo ser de diversos tipos: Conteúdos Proposicionais (p), que podem conter um ou mais (n) Episódios (ep), que por sua vez podem conter uma ou mais descrições de Estados-de-coisas (e). Esses Episódios podem conter uma ou mais Propriedades (f₁), que podem conter descrições de Indivíduos (x₁) e outras Propriedades (f₁). Assim como a descrição do Nível

Interpessoal, a presença dos colchetes no Nível Representacional indica que os Indivíduos e as demais Propriedades pertencem à mesma camada, ou seja, não há relação hierárquica entre as categorias.⁵²

Sua maior unidade de análise, ou seja, a camada mais alta e que recebe diretamente as informações do nível anterior, é o Conteúdo Proposicional (p), considerado em termos de “construções mentais que não existem no espaço ou tempo, mas, em vez disso, existem nas mentes daqueles que entram em contato com eles” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 144). O Conteúdo Proposicional pode ser dividido em factual, quando corresponde ao conhecimento, crenças sobre o mundo externo, ou não factual, quando há algum tipo de crença ou desejo a respeito de um mundo imaginário.

A camada seguinte, a do Episódio (ep), consiste em um ou mais EC que são tematicamente coerentes, no sentido de que eles mostram a unidade ou a continuidade de Tempo (t), Lugar (l) e Indivíduos (x). Conforme apontam Hengeveld e Mackenzie (2008), geralmente, longas cadeias de cláusulas podem ser formadas em que, juntas, constituem Episódios dentro de uma longa narrativa. É nessa camada que encontramos, geralmente, o encadeamento verbal semântico para a continuidade de EC e a criação da coerência na comunicação verbal. Vemos uma distinção básica entre essas duas camadas (Episódio e EC) por meio do exemplo de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 161): “Amanhã ele irá para Londres antes do almoço e ela para Paris após o jantar”⁵³, em que vemos uma sequência de dois EC em que o escopo temporal (as duas viagens) são observados pela sequência “antes do almoço” e “após o jantar”, sendo esta noção sequencial reforçada pela conjunção aditiva e pela elipse do verbo ‘ir’, indicando que uma ação ocorre em um determinado tempo e, após esta primeira, a segunda ação ocorre, tornando o enunciado um Episódio.

Se o Episódio é o encadeamento um ou mais EC, naturalmente ele também seria considerado uma camada na GDF. Considerados em termos de entidades que podem ser localizadas no tempo relativo e podem ser avaliadas em termos de seu status de realidade. Estados-de-coisas podem então ser ditos para ‘(não) ocorrer’, ‘(não) acontecer’, ou ‘(não) ser o

⁵² Texto original: “At this level of analysis linguistic units are described in terms of the semantic category they designate (see Hengeveld 1989, 2004a; Mackenzie 2004c). These categories are of different types, such as Propositional Contents (p), which may contain one or more (n) episodes (ep) (see Gómez Soliño 1995), which may contain one or more descriptions of States-of-Affairs (e); the latter, in turn, are characterized by one or more Properties (f1), which may contain descriptions of Individuals (x1) and further Properties (f2). Further classes of semantic category are presented in Chapter 3. Note that, as is indicated by the square brackets, the Individuals and further Properties in Figure 4 belong to the same layer, i.e. there is no hierarchical relation between them” (HENGEVELD, MACKENZIE, 2008, p. 15-16. Tradução nossa).

⁵³ Texto original: Tomorrow he will go to London before lunch and she to Paris after Dinner” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 161. Tradução nossa.)

caso' em algum ponto ou intervalo de tempo. Nesta camada, por exemplo, encontramos a oposição entre *realis/irrealis*, que comumente é atribuída aos tempos não-futuros e tempos futuros, respectivamente. Na abordagem da GDF, essa oposição se explica pelo fato de que a especificação temporal é um operador na camada do EC. Sendo assim, o conjunto completo de Propriedades Configuracionais, camada abaixo dos Estados-de-coisas, que caracterizam um estado-de-coisas que se enquadra no escopo de um único operador⁵⁴. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), além da oposição *realis/irrealis*, é nesta camada, dentro de um de seus operadores, que encontramos a modalidade orientada-para-o-evento; descrevendo a existência de possibilidades, obrigações gerais e como o Falante tem responsabilidade por esses julgamentos (p. 174). Dentre as possibilidades modais desta camada, encontramos a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, que sob este alvo identifica a caracterização de ocorrência de um evento determinado em relação às condições físicas ou circunstanciais de sua ocorrência.

Outro operador relevante nessa camada é o da Polaridade, relacionada à negação simples de um EC. Em sistemas de Polaridade, o valor negativo é geralmente marcado, ao passo que o valor positivo não. Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 178), além desta oposição básica, pode haver uma série de valores específicos que podem ser atribuídos a esta categoria além da simples oposição sim/não, como por exemplo 'ainda não', caracterizando uma negação antecipando um EC positivo, ou 'não mais, caracterizando um positivo antecipando um EC negativo.

Logo abaixo da camada dos Estados-de-coisas, está composta a camada das Propriedades Configuracionais (f), que “constituem o inventário de quadros de predicação relevantes para uma língua, e não camadas de propriedades configuracionais que hospedam lexemas de uma língua” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 181). Assim como na camada anterior a MFOE atua como operador, nas Propriedades Configuracionais a Modalidade Facultativa orientada para-o-participante também está presente, atuando sobre a parte relacional do enunciado como expressa pelo predicado e seus argumentos, descrevendo a habilidade/capacidade de um participante em desempenhar a ação designada pelo predicado. Algumas línguas, como é o caso do português (Cf. LIMA, 2018; LIMA; PRATA, 2019; 2023)

⁵⁴ Texto original: “In these examples, the *realis* is used for the non-future and the *irrealis* for the future. Verbs are marked either both for *realis*, as in (206a), or both for *irrealis*, as in (206b), but a core serialization never contains a combination of the two. Within our approach this can be explained as a result of the fact that temporal specification is an operator on a State-of-Affairs, not on the Properties characterizing that State-of-Affairs. Thus, it is the full set of Configurational Properties characterizing a State-of-Affairs that falls under the scope of a single operator.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 170, tradução nossa).

fazem a distinção entre habilidades intrínsecas e adquiridas, dividindo a categoria semântica em dois subtipos: capacidade/habilidade *intrínseca* e capacidade/habilidade *adquirida*.

Outra camada relevante para o Nível Representacional é a das Propriedades Lexicais, e que as categorias semânticas são designadas por expressões de Propriedade Lexical, que podem ocorrer tanto em posição inicial quanto na posição de modificador.

Além destas camadas, há que se considerar também a relevância das categorias semânticas que estão representadas neste nível. A primeira delas, a do Indivíduo (x), consideradas entidades “concretas, tangíveis [...], definidas como ocupando uma porção do espaço, em que dois indivíduos não podem ocupar o mesmo espaço” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 236) como por exemplo, nomes próprios e substantivos, como “filho” e “pai” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 241). Partindo desse princípio, esta categoria não se restringe a indivíduos humanos ou dotados de animacidade, mas também a todos os elementos que se adequem a essas características. Esse raciocínio será relevante na medida em que ele nos auxilia na compreensão da Modalidade Facultativa, em especial a orientada-para-o-participante. As demais categorias semânticas também são relevantes na medida em que elas designam outros elementos que podem ocupar a posição de Argumento 1 ao qual a MF pode se referir. Dentre elas, podemos citar Local (l), “casa”, Tempo (t), “dia”, Maneira (m), “jeito”, Quantidade (q), “muito”, “pouco” e Razão (r), “como”.

De posse das informações comunicativas e semânticas formuladas, passa-se para a operação de Codificação da expressão linguística no Nível Morfossintático.

3.2.3 O Nível Morfossintático

Chegando à operação de Codificação, o Nível Morfossintático possui como função básica analisar as unidades pragmáticas e semânticas para codificá-las conforme os princípios específicos de cada língua, como Iconicidade, Integridade de Domínio e Estabilidade Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 283). Assim, como os níveis anteriores, o Nível Morfossintático também possui uma série de camadas descendentes, de modo que sua estrutura básica é composta de acordo com a hierarquia descrita na Figura 6 (abaixo):

Figura 6 - Organização do Nível Morfossintático

(Le₁: [(Cl₁: [(Xw) (Xp₁: [(Xw) (Xp₂) (Cl₂)] (Xp₁)) (Cl₃)] (Cl₁))] (Le₁))

Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 291).

De acordo com esta subdivisão em que estruturas maiores são organizadas tendo em vista estruturas menores, observamos as seguintes camadas hierárquicas: Expressão Linguística (Le), Cláusula (Cl), Sintagma (Xp) e Palavra (Xw).

A primeira camada deste nível é a Expressão Linguística, correspondente a “qualquer conjunto de pelo menos uma unidade que pode ser usada independentemente; onde há mais de uma unidade dentro de uma expressão linguística, elas comprovadamente pertencerão juntas morfossintaticamente, enquanto, crucialmente, uma não faz parte da outra.”⁵⁵ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308). Essas unidades podem ser Cláusulas e Sintagmas, que pode combinar-se não somente entre si, mas também uns com os outros elementos. Levando em conta esse pressuposto, consideraremos as unidades ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ *expressões linguísticas* por condizem com essas características e, combinando-se a outros elementos, podem manifestar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

A camada seguinte, Cláusula, “consiste em uma configuração sequenciada de Palavras, Frases e outras Cláusulas (incorporadas)” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 310). Conforme a análise dos autores, a GDF considera que “elementos lexicais são sempre os núcleos de frases no Nível Morfossintático, Palavras na camada da Cláusula podem ser apenas gramaticais, como conjunções, partículas e similares”, ou seja, ao passo que palavras lexicais (correspondentes a lexemas no Nível Representacional) atuam como núcleos de frases nesse nível, as demais palavras sem conteúdos lexical (ou seja, as palavras ‘gramaticais’) atuam em funções linguísticas para prosseguir com a comunicação verbal, podendo organizar temporalmente um episódio, como por exemplo os advérbios, ou mesmo unindo cláusulas, organizando períodos compostos independentes como a coordenação, ou períodos dependentes entre si, como o período composto por subordinação.

As duas camadas seguintes são: o Sintagma, considerado uma configuração sequenciada de Palavras, de outros sintagmas (podendo ser sintagmas verbais, nominais, adjetivais, adverbiais e apositivos) ou de outras cláusulas embutidas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 376). Conforme os autores, “há sintagmas sem um núcleo lexical [...] e a ocorrência de cláusulas dentro de sintagmas nos permite contabilizar vários tipos de orações

⁵⁵ Texto original: “A Linguistic Expression is any set of at least one unit that can be used independently; Where there is more than one unit within a Linguistic Expression, they will demonstrably belong together morphosyntactically, while, crucially, one is not part of the other. The units that may combine in this way may be Clauses or Phrases, which do not only combine with themselves but also with each Other” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308, tradução nossa).

subordinadas” (p. 376). Os sintagmas podem ser ‘verbais’, ‘substantivos’, ‘adjetivos’, ‘adverbiais’ e ‘adpositivos’.

Por fim, para Hengeveld e Mackenzie (2008), a camada das Palavras consiste numa configuração sequenciada de Morfemas, outras Palavras, Sintagmas e Cláusulas (p. 400). Embora essas três últimas categorias causem certo estranhamento, são necessárias para dar conta de línguas polissintéticas, o que não é o caso da língua portuguesa.

Sendo a Palavra uma sequência de Morfemas, ela também pode representar semanticamente lexemas no Nível Representacional. Da mesma forma, o oposto também é válido, ou seja, um único lexema no Nível Representacional pode corresponder a várias palavras no Nível Morfossintático. Embora possam parecer semelhantes à primeira vista, lexemas e palavras não são parte da mesma categoria, já que esta atua no Nível Morfossintático, ao passo que aquela corresponde ao Nível Representacional.

Tendo por base os pressupostos da GDF, defendidos por Hengeveld e Mackenzie, (2008), vimos que as categorias possíveis de palavras lexicais que ocorrem no nível são ‘verbo’, ‘nome’, ‘adjetivo’, ‘advérbio’, ‘preposição’, ‘conjunção’ e ‘partícula’ (p. 401). Por outro lado, as palavras gramaticais possíveis pertencem às classes ‘verbo auxiliar’, ‘pronomes’, ‘intensificadores’⁵⁶ de adjetivos e advérbios, ‘preposição gramatical’, ‘preposição gramatical’, ‘partícula gramatical’. Embasados em Lima (2018), podemos dizer que as palavras lexicais que expressam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo são ‘verbo’, ‘nome’, ‘adjetivo’ e ‘preposição’⁵⁷.

Por fim, as informações organizadas morfossintaticamente são recebidas pelo Nível Fonológico⁵⁸, considerado um parceiro do Nível Morfossintático por também ser uma das manifestações da Codificação. Sua responsabilidade é aplicada primordialmente a oposições binárias, como segmentos fonológicos individuais e a contrastes prosódicos.

3.3 Síntese conclusiva

Conforme o exposto até o presente momento, vimos que as funções de cada componente e, em especial de cada nível do Componente Gramatical são bem definidas, com

⁵⁶ Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 401) descrevem em inglês os termos ‘proadjective’ e ‘proadverb’, correspondentes a uma classe específica de palavras que ocorrem antes de adjetivos e advérbios com a função específica de intensificá-las.

⁵⁷ Não descartamos a probabilidade das demais classes lexicais serem encontradas enunciando a MF. Entretanto, não foram encontrados nesta pesquisa outros elementos que pudessem enunciar a categoria.

⁵⁸ Nesta Tese não trabalhamos com aspectos do Nível Fonológico.

fins de identificar com o máximo possível de detalhes em que momento da produção linguística ocorre determinado elemento, como é o caso da Modalidade Facultativa que, embora seja claramente identificada no Nível Representacional, tanto recebe influências do Nível Interpessoal quanto influencia as escolhas no Nível Morfossintático.

Dentre os componentes que integram a GDF, o que mais deixa marcas relevantes no enunciado linguístico realizado é o Componente Gramatical, por ser o centro da organização linguística. Dentro deste componente há quatro níveis, dois responsáveis pela Formulação e dois responsáveis pela Codificação da expressão linguística.

Os dois níveis da Formulação são: a) o Nível Interpessoal, responsável pela maior unidade a ser analisada no discurso, o Ato Discursivo. Nele estão inseridos os aspectos pragmáticos de produção do enunciado, como o tipo de Subato enunciado e a Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado; b) o Nível Representacional, responsável pela designação semântica dos elementos, sendo a modalidade um dos operadores que ocorre neste nível: a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento ocorre na camada dos Estados-de-coisas e caracteriza condições físicas e/ou circunstanciais de ocorrência de um evento, ao passo que a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante ocorre na camada das Propriedades Configuracionais e corresponde à capacidade/habilidade de um participante em desempenhar a ação descrita no predicado. Algumas línguas, como é o caso do português, que segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), distinguem as habilidades em intrínsecas (inatas, inerentes ao indivíduo) e adquiridas (aprendidas pelo indivíduo ao longo de sua vida). Há algumas línguas, inclusive, que possuem um termo específico para a incapacidade, como é o caso do turco (p. 212).

Os dois níveis da Codificação são: c) o Nível Morfossintático, responsável receber as informações formuladas e codificá-las identificando sua organização morfossintática, em que são escolhidas as expressões linguísticas, os sintagmas e as palavras correspondentes a cada língua; d) por fim, o Nível Fonológico, responsável por identificar as distinções fonológicas das línguas.

Cada um destes níveis posiciona-se de modo que, quanto mais alto o nível, maior a sua influência em relação ao tipo de expressões que serão escolhidas nos níveis abaixo. Sendo assim, o Nível Interpessoal influencia todos os níveis abaixo dele, o Nível Representacional recebe influência do nível acima e influencia os níveis da Codificação, o Nível Morfossintático recebe influência dos níveis da Formulação e influencia o Nível Fonológico, que por sua vez recebe influência de todos os níveis acima.

Tendo em vista o funcionamento de nossa categoria de análise e de nosso principal aparato teórico de pesquisa, no capítulo seguinte detalharemos nossos procedimentos de análise para identificar o comportamento das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

4 METODOLOGIA

A finalidade desta pesquisa é descrever e analisar o comportamento das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, sob a perspectiva do funcionalismo linguístico, concentrando nossas ações analíticas na GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e em demais teorias da tipologia modal.

Conforme observamos até o presente momento, a Modalidade Facultativa pode ser encontrada tanto orientada-para-o-evento, em que suas características dependem de condições físicas ou circunstanciais que possibilitem a realização deste evento quanto orientada-para-o-participante, correspondente a capacidades e habilidades que um participante possua, podendo tal característica ser intrínseca (inata), ou adquirida pelo participante ao longo de sua vida.

Como intencionamos ampliar o estudo de Lima (2018), faz-se necessário relembrar brevemente alguns de seus resultados obtidos com a análise da Modalidade Facultativa no português do Cariri. Conforme a autora (LIMA, 2018, p. 80-128), os principais resultados obtidos quanto à Modalidade Facultativa no português falado no Ceará foram:

- a) Nível Interpessoal: a principal Ilocução encontrada foi a Declarativa e o aspecto pragmático de Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado mais recorrente foi o comportamento [+ inclusivo];
- b) Nível Representacional: a maior parte dos entrevistados no *corpus* utilizou um conteúdo proposicional predominantemente factual e em condição *realis*, com alvo majoritariamente orientado-para-o-participante e subtipo ‘adquirida’. Quanto à polaridade, os dados analisados evidenciaram uma tendência à polaridade positiva e o estado-de-coisas mais recorrente foi do tipo ‘ação’.
- c) Nível Morfossintático: a Modalidade Facultativa foi encontrada em sua grande parte codificada por palavras, em especial verbos modais (poder), verbos plenos (conseguir; saber), substantivos (condição; capacidade; poder substantivado) e adjetivos (capaz); os sintagmas encontrados foram ‘ter condições de’ ‘em condições de’ e ‘ter capacidade de’; o modo verbal mais utilizado para enunciar a Modalidade Facultativa foi o indicativo, sendo seguido pelo subjuntivo. Por fim, o tempo mais utilizado foi o presente.

Os resultados encontrados por Lima (2018) são relevantes em razão de caracterizarem a Modalidade Facultativa no português em termos gerais. Levando em consideração tanto seus resultados obtidos quanto suas ‘dificuldades de análise’⁵⁹, percebemos uma ampliação de chances em encontrarmos uma maior variedade de tipos e subtipos das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ ao enunciarem a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

Dito isto, passemos ao detalhamento do *corpus* escolhido para esta pesquisa.

4.1 O Corpus do Português

Escolhemos para esta pesquisa sobre a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação às expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ o banco de dados *Corpus do Português*⁶⁰, criado pelo professor Mark Davies⁶¹ e financiado pelo *National Endowment for the Humanities*. Esse banco de dados contém mais de dois bilhões de palavras, o que proporciona a obtenção de uma grande variedade de ocorrências em diversos contextos distintos onde podemos encontrar as expressões em análise neste trabalho. O *corpus*, ao todo possui quatro subdivisões:

- a) Gênero/histórico, com 45 milhões de palavras coletadas entre os séculos XIII e XX, podendo ser utilizado para um estudo diacrônico do português;
- b) Web/Dialetos, com cerca de 1 bilhão de palavras de páginas da web de países como Brasil, Portugal, Angola e Moçambique;
- c) NOW (2012-2019), a mais nova adição ao *corpus* e contém mais de 1,1 milhões de palavras dos referidos países de língua portuguesa;
- d) Word And Phrase, que permite a pesquisa e navegação das 40.000 palavras mais utilizadas em língua portuguesa, tendo em vista a frequência com que elas aparecem no *corpus*, em que podem ser observadas informações detalhadas das palavras, como sinônimos, frequência por gênero, por país, etc.

⁵⁹ Discutimos as ‘Dificuldades de análise’ de Lima (2018) na Introdução deste trabalho.

⁶⁰ Disponível em www.corpusdoportugues.org. Acesso em 30 de set. 2024.

⁶¹ Linguista americano, especialista em linguística de corpus e variação e mudança de linguagem. Ele é o criador da maioria dos corpora de texto do English-Corpora.org (incluindo o Corpus of Contemporary American English / COCA), bem como o Corpus del español e o Corpus do português.

A sua amplitude permite um trabalho bastante rico e, conseqüentemente, nossa escolha recaiu sobre este *corpus*, com ações focadas na subseção Web/Dialetos, em que podemos encontrar tanto a divisão entre páginas da web em geral quanto blogs dos países Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Consideramos que a escolha deste banco de dados bastante acertada, pois a diversidade de contextos em que a língua portuguesa pode ser encontrada é algo que proporciona uma série de análises sincrônicas sobre o português brasileiro contemporâneo, o português europeu e o português africano, além das possibilidades de análises diacrônicas sobre a língua portuguesa.

Dadas as suas dimensões, mesmo com a escolha de uma subseção do *corpus*, seria inviável trabalharmos com todos os dados encontrados após nossa análise inicial. Assim, nossa escolha recaiu sobre a subdivisão Web/Dialetos, especificamente, em blogs do Brasil, não somente por ser mais recente que a Gênero/Histórico, mas também porque ela nos dá maiores possibilidades de refinar nossa pesquisa e aprofundar as análises em relação ao português brasileiro contemporâneo, haja vista que a coleta de seus textos ocorreu entre os anos de 2013 e 2014⁶², sendo um dos mais recentes encontrados em língua portuguesa.

Nossa escolha por esta especificação se deveu, além dos fatos sobresscritos, ao contexto de que o blog pode ser considerado um gênero textual em que pode haver diversas temáticas e que dá maior liberdade aos seus usuários, afinal

O blog pode ser definido, então, como jornal/diário digital/eletrônico (v.) pessoal publicado na web, normalmente com toque informal, atualizado com frequência e direcionado ao público em geral. Blogs geralmente trazem a personalidade do autor, seus interesses, gostos, opiniões e um relato de suas atividades. Portanto, geralmente são simples, com textos curtos, predominando os narrativos (relatos), descritivos e opinativos. [...] Em resumo, o blog é o gênero discursivo da autoexpressão [...]. (COSTA, 2009b, p. 39).

Tendo em mente que o blog é um gênero em que o Falante pode se expressar naturalmente sem se sentir preso às formalidades típicas dos gêneros escritos em geral, podemos então encontrar uma gama de contextos diversos próximos ao modo cotidiano de língua efetivamente utilizada na comunicação oral.

Berber Sardinha (2002) ao relatar os principais estudos acerca do tamanho ideal de uma amostra, aponta que “Há, portanto, uma grande variação entre os números propostos [...] para traços frequentes, e mais de 1100 para os infrequentes.” (p. 107), o que não chega a um consenso geral. Por este motivo e considerando que, segundo o autor, o mínimo para se obter em uma amostra com textos não frequentes seria o de 1100 ocorrências para análise, optamos

⁶² Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp?c=3> . Acesso em 30 set. 2024.

por separar o total de frequência de cada uma no quantitativo proporcional de 2,5% de cada, que aproxima nossa pesquisa a esse valor indicado por Berber Sardinha (2002).

Nosso intuito de escolher esse valor de dados torna-se mais visível ao observar o total de ocorrências encontradas referentes a cada uma das expressões modais facultativas no português brasileiro contemporâneo, descritos na Tabela 1:

Tabela 1 – Quantitativo total de expressões linguísticas no *Corpus do Português*

Expressão	Quantitativo total de ocorrências
Ser capaz de	41 511
Ter como	33 440
Dar para	23 040
TOTAL	97 991

Fonte: Elaboração própria, com base nos resultados obtidos no *Corpus do Português*.

O total de casos identificados inicialmente das expressões ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ no *Corpus do Português* totalizaram mais de 97 mil casos. Tendo em vista a dificuldade de se trabalhar com dados tão extensos e considerando a noção de *corpus* em Dubois et al. (2014), em que

O *corpus* não pode ser considerado como constituindo a língua (ele reflete o caráter da situação artificial na qual foi organizado e registrado), mas somente como uma amostra da língua. O *corpus* deve ser representativo, i.e., deve ilustrar toda a gama das caracterizações estruturais. Pode-se pensar que as dificuldades serão levantadas se um corpus for exaustivo [...]. Na realidade, sendo indefinido o número de enunciados possíveis, não há exaustividade verdadeira e, além disso, grandes quantidades de dados inúteis só podem complicar a pesquisa, tornando-a pesada. O linguista deve, pois, procurar obter um *corpus* realmente significativo. (DUBOIS et al. (2014, p. 149).

Sendo nosso foco a descrição clara e objetiva das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘ter como’ e ‘dar para’ e como elas expressam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo com base nos pressupostos da GDF, nossa opção metodológica de trabalhar com uma amostra de 2,5% de cada uma destas ocorrências a fim de manter entre elas a proporcionalidade de manifestação da categoria nos dá a representatividade probabilística do quantitativo geral exposta por Berber Sardinha (2004) de aproximadamente 1100 casos. Tendo em mente este valor mínimo explicitado, chegamos ao seguinte quantitativo de ocorrências a serem trabalhadas nesta pesquisa, subdivididas de acordo com o exposto na Tabela 2:

Tabela 2 - Quantitativo proporcional de expressões *Corpus do Português*

Expressão	Quantitativo total de ocorrências
Ser capaz de	1037
Ter como	836
Dar para	576
TOTAL	2 449

Fonte: Elaboração própria, com base nos resultados obtidos no *Corpus do Português*.

Tendo em vista estes resultados, observamos que a análise possibilita maiores chances de aprofundamento nas expressões citadas e nos proporcionará a descrição do nosso foco principal, a descrição de como elas expressam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

Além destes aspectos, a escolha das ocorrências que compõem a amostra contou com os seguintes critérios: a) verificamos as ocorrências na ordem sequencial em que foram encontradas no *Corpus do Português*; b) em seguida, fomos para o endereço indicado no *corpus* a fim de saber se a página ainda estava ativa. As ocorrências que não estavam disponíveis nas páginas de origem (ou porque o *blog* em questão não existe mais ou porque o autor do texto o retirou de suas postagens) não foram consideradas na amostra. Esta atitude é necessária para buscarmos informações coletadas acerca da expressão modal facultativa em seu contexto original de atuação e em razão de observar possíveis aspectos contextuais que possam interferir na Modalidade Facultativa. Em outras palavras, todas as 2 449 ocorrências estariam atualmente disponíveis na *internet*.

De posse desses casos, iniciamos a análise quali-quantitativa de cada uma, com base nas categorias de análise descritas na seção seguinte.

4.2 Procedimentos de Análise

A proposta de análise da GDF, escolhida como principal aparato teórico deste trabalho, ao lado de outros teóricos que analisam a tipologia modal, como Palmer (1986, 2001), Olbertz (1998), Hengeveld e Mackenzie (2008), Lima (2018) e Lima e Prata (2019, 2023), tomam como ponto de vista a perspectiva do Falante, ou seja, o Componente Gramatical elenca com seus níveis dispostos de maneira descendente a identificação linguística de como o enunciado linguístico é formado, passando pela interação pragmática, a designação semântica e a escolha de termos morfossintáticos e fonológicos para a expressão verbal da língua. Sendo

assim, nosso percurso metodológico descrito nas categorias de análise elencadas aqui também seguirá este percurso.

De posse das ocorrências indicadas para nossa amostra, nosso procedimento parte do seguinte percurso: i) identificação do quantitativo total de cada uma das expressões linguísticas analisadas nesta pesquisa; ii) identificação do total de uma subamostra de 2,5% de cada uma das expressões para análise correspondente iii) leitura e identificação dos casos de Modalidade Facultativa; iv) exclusão de ocorrências correspondentes a outras categorias modais dentro desta subamostra v) identificação e exclusão dos casos correspondentes a Ilocuções não declarativas (como casos de Ilocução Interrogativa e Admirativa); e vi) identificação e exclusão de casos em que a expressão não é modal.

4.2.1 Categorias de análise

Avançando em nosso percurso a fim de analisar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo nas expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’, iniciamos a análise das categorias referentes ao Componente Gramatical da GDF, feita por Hengeveld e Mackenzie (2008), estabelecidos para esta pesquisa, a saber:

- a) Categoria de análise do Nível Interpessoal: a1. Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado (+ inclusivo, - inclusivo ou \pm inclusivo);
- b) Categorias de análise do Nível Representacional: b1. Alvo da Modalidade Facultativa (orientado-para-o-evento ou orientado-para-o-participante); b2. subtipo de Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento (condição física ou circunstancial); b3. subtipo de Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante (habilidade/capacidades intrínseca ou adquirida); b4. condições de realidade (*realis* ou *irrealis*); b5. Polaridade da Modalidade Facultativa (positiva ou negativa); b6. Categoria semântica do Argumento 1 da expressão modal Facultativa (Propriedade; Indivíduo; Estado-de-coisas; Conteúdo Proposicional; Lugar; Tempo. Episódio; Maneira; Razão; Quantidade; Vazio); b7. Traço do indivíduo (+ animado; -animado); b8. Tipo de predicado que a expressão modal facultativa escopa (Estado; Posição; Processo; Ação);

Categorias de análise do Nível Morfossintático: c1. Tipo de expressão linguística na manifestação da Modalidade Facultativa; c2. tipo de Codificação do Argumento 1 na

expressão da Modalidade Facultativa (Substantivo próprio; Substantivo comum; Pronome pessoal; Outros pronomes; Elíptico⁶³; Vazio⁶⁴); c3. Tempo verbal (Presente, Pretérito perfeito, Pretérito imperfeito, Pretérito mais-que-perfeito, Futuro do presente ou Futuro do pretérito); c4. Modo verbal Indicativo ou Subjuntivo). Com fins de uma descrição e análise adequadas, segue o Quadro 5 com a síntese das categorias de análise escolhidas para esta pesquisa:

Quadro 5 - Categorias de análise do *corpus* referentes ao Componente Gramatical (continua)

Categorias referentes ao Nível Interpessoal	
Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado	+ inclusivo ± inclusivo - inclusivo
Categorias de análise referentes ao Nível Representacional	
Alvo	Orientação-para-o-evento Orientação-para-o-participante
Subtipo de Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento	Condição física Condição circunstancial
Subtipo de Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante	Habilidade/ capacidade intrínseca Habilidade/capacidade adquirida
Condições de realidade	<i>Realis</i> <i>Irrealis</i>
Polaridade	Positiva Negativa
Categorias semânticas do A1 quanto ao tipo de Modalidade Facultativa	Propriedade Indivíduo Estado-de-Coisas Lugar Tempo Episódio Maneira Razão Quantidade
Traço de animacidade do Indivíduo	[+animado] [-animado]
Tipo de predicado que a expressão modal facultativa escopa	Estado Posição Processo Ação

⁶³ Ou seja, expresso no contexto linguístico anteriormente, mas distante da expressão modal facultativa.

⁶⁴ Ou seja, inexistente no contexto linguístico.

Quadro 5 - Categorias de análise do *corpus* referentes ao Componente Gramatical (conclusão)

Categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático	
Tipo de expressão linguística facultativa	Ser capaz de Dar para Ter como
Tipo de Codificação do A1 (SN)	Substantivo próprio Substantivo comum Pronome pessoal reto Outros pronomes Elíptico (recuperável pelo contexto)
Tempo verbal da expressão modal facultativa	Presente Pretérito perfeito Pretérito imperfeito Pretérito mais-que-perfeito Futuro do presente Futuro do pretérito
Modo verbal do modal facultativo	Indicativo Subjuntivo

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 5 sintetiza as informações dos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático que utilizaremos para descrever o comportamento das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ ao manifestar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo por meio da análise qualitativa de cada ocorrência, além da interação estatística que podem determinar a manifestação da categoria.

Na seção seguinte detalharemos como a descrição da análise dos dados foi feita.

4.2.1.1 Descrição da análise dos dados

Nosso intuito é trabalhar com textos produzidos em ambiente público e de pouca formalidade e que possuem como uma de suas características a possibilidade da comunicação assíncrona entre os haja vista que os textos escolhidos estão disponíveis na rede e ainda podem ser lidos e comentados. Por este motivo, escolhemos trabalhar com o gênero textual *blog*.

Em nossa pesquisa sobre as expressões modais facultativas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ no português brasileiro contemporâneo, por exemplo, a maior parte dos temas encontrados em nossa amostra confirmam os dados encontrados em Nagamura (2011), Bastos e Brunelli (2012) e Guiraldelli (2013), pois giravam em torno de a) fé e espiritualidade; b)

autoajuda e misticismo, em especial a astrologia; c) relacionamentos interpessoais e amorosos; Além desses temas, encontramos também assuntos relacionados a d) política local, nacional e internacional; e) dúvidas e descrição do funcionamento de aparelhos e veículos diversos, evidenciando o caráter habilitativo da categoria, semelhante ao que Lanchares (2021) considera ‘capacidade física’.

Nossa metodologia seguiu o percurso metodológico proposto pela GDF, visando analisar, respectivamente, aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos de como a Modalidade Facultativa é expressa no português brasileiro contemporâneo pelas expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’. Além de ter a GDF como principal aparato teórico, faremos uso também de outros autores que analisaram a tipologia das modalidades, como Palmer (2001), Castroviejo e Oltra-Massuet (2006); Grández Ávila (2010), Lima (2018), Ziélinki e Elorza (2018), Lima e Prata (2019, 2023), Lanchares (2021), entre outros já verificados nos capítulos anteriores.

Após a identificação dos modalizadores facultativos e a análise das categorias, partimos para a análise qualiquantitativa das ocorrências a fim de identificarmos aspectos relevantes por meio da leitura de cada uma das ocorrências e verificação de quais termos podem reforçar ou atenuar a força modal de cada uma das expressões em análise, além de identificar qual expressão é a mais recorrente. Também observamos casos em que há mais de uma interpretação modal e quais são os termos utilizados que podem aproximar a Modalidade Facultativa de outras categorias modais. Em seguida, fizemos a análise quantitativa dos dados encontrados, por meio de percentuais numéricos de frequências e cruzamentos de dados estatísticos com o *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences* – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais – versão 29).

Nossa intenção com esta metodologia de análise e descrição das expressões modais facultativas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ do português brasileiro contemporâneo é dialogar com os resultados quantitativos e elaborar perspectivas ainda não percebidas da categoria, mostrando seu uso e funcionamento, especificamente em relação às expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’.

A partir do momento em que descrevemos as categorias que permitem uma ocorrência ser parte de nossa análise qualiquantitativa, também é preciso definir claramente os limites metodológicos desta pesquisa por meio da explicitação de quais casos foram excluídos.

4.3 Casos excluídos

Nesta seção nos dedicaremos a identificar alguns aspectos peculiares encontrados em nossa pesquisa e detalhar nosso afunilamento dos critérios de escolha das ocorrências que passaram pelo crivo analítico qualitativo, descrito neste capítulo.

Ao avançarmos em nossa pesquisa, vimos alguns pontos de discussão acerca das expressões modais facultativas no português brasileiro contemporâneo. O primeiro destes pontos a serem discutidos diz respeito ao tipo de Ilocução em que a Modalidade Facultativa se instaura.

A maioria extrema dos enunciados modais facultativos encontrados foram com ilocução do tipo ‘declarativa’⁶⁵. Como não foram observadas distinções entre os tipos de ilocução nas amostras e também levando em consideração que a principal Ilocução encontrada na análise da Modalidade Facultativa no português cearense por Lima (2018) também foi a do tipo ‘declarativa’, acabamos por não considerar em nossa análise as ilocuições do tipo ‘interrogativa’ e ‘admirativa’. O excerto apresentado a seguir representa esses casos excluídos da análise neste trabalho:

1. 29784 Será que Dilma se olha em o espelho? O criador de Dilma dá mostras de ser um psicopata. E a criatura, o que pode ser? Por Sérgio Vaz Quem será Dilma? Fico me perguntando isso -- talvez por muita ingenuidade. Seria Dilma um ser humano, assim como eu e você? Teria Dilma sentimentos, sensações? Teria Dilma um espelho em casa? **Seria Dilma capaz de se olhar em o espelho?** Se Dilma se olhasse em o espelho, não se perguntaria o que estaria fazendo em a vida? Dilma fala uma mentira atrás de a outra, com a maior cara de pau. Será que Dilma acredita que todo o resto de o mundo é débil mental? Será que Dilma acredita em as mentiras que fala sem parar, uma após a outra? Seria Dilma débil mental? Dizem que Dilma faz o que lhe mandam fazer. O chefe diz pra ela fazer cara feia, ela faz cara feia.⁶⁶ (Disponível em: <https://50anosdetextos.com.br/2010/sera-que-dilma-se-olha-no-espelho/>. Acesso em 26 out. 2024).

O exemplo (1) mostra uma das formas em que podemos encontrar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, por meio da expressão modal ‘(ser) capaz de’. O Falante, ao questionar-se retoricamente sobre quem realmente é a ex-presidente Dilma Rousseff e pergunta a si mesmo se ela teria a capacidade de se olhar no espelho e, adquirindo esta capacidade, ela própria não se questionaria sobre sua vida. Embora seja um caso de MFOP *adquirida*, acabamos por excluir dados como este de nossa análise quantitativa a fim de especificar melhor nosso foco nas Ilocuições do tipo ‘declarativa’.

⁶⁵ Dentre o total de casos analisados, menos de dez casos correspondiam a outros tipos de Ilocução.

⁶⁶ Este exemplo foi excluído de nossa análise liquantitativa.

Em relação ao Nível Representacional, um de nossos maiores pontos de discussão é a relação à dificuldade de distinção entre a Modalidade Facultativa e outras categorias modais, principalmente as fronteiras com as modalidades epistêmica e deôntica, fazendo com que, por vezes, haja ambiguidade ou atenuação do sentido modal facultativo nas expressões linguísticas em destaque. Por isso, tais casos atípicos não foram contabilizados na análise quantitativa, como o excerto a seguir:

2. Eu trabalho em uma empresa às margens da PR-444 e na rodovia o cuidado tem que ser muito extremo, principalmente ao cruzar alguma via. Os motoristas correm muito e se tiver algum obstáculo e precisar desviar é capaz de não dar tempo. (Disponível em <https://acesse.one/eBnT7> Acesso em 26 Out. 2024)

Neste excerto, vemos um possível caso tradicionalmente considerado limítrofe entre as modalidades facultativa e epistêmica, em que o uso da expressão ‘é capaz de’ pode estar tanto associado à incapacidade da Falante e continuar viva quanto ao raciocínio inferencial da probabilidade de não dar tempo de a Falante ver o fim do mundo, ou seja, nessa expressão ‘é capaz de’ sem um Argumento 1 preenchido por nenhuma categoria linguística que possibilitaria a execução da ação descrita no predicado, há uma linha tênue que separa a Modalidade Facultativa da epistêmica, haja vista que os termos utilizados em ambas são os mesmos mas, conforme podemos perceber, os termos que rodeiam a expressão modal são distintos entre si. Neste caso, não há como se perceber a existência de qualquer categoria semântica que indique quem seja o participante do enunciado ou a designação de alguma categoria que possa assumir o papel de Argumento 1 para desempenhar a habilidade descrita no predicado, assim como também não há a indicação de qualquer condição física ou circunstancial de ocorrência do evento “dar tempo de ver” designado no predicado. Neste caso, podemos observar que o termo em ênfase, quando utilizado de forma impessoal com o espaço destinado ao Argumento 1 vazio, acaba caracterizando uma probabilidade/possibilidade, relacionando o excerto (2) à modalidade epistêmica, não fazendo parte de nossa análise.

De acordo com o exposto na seção anterior, nossa análise qualiquantitativa teve início com 2449 verificados individualmente e, além da análise das categorias descritas no Quadro 5 e nesta seção, foram verificados os seguintes critérios e retiramos da análise:

- a) Ocorrências repetidas – alguns *blogs* possuem como recurso de resposta dos comentários dos leitores a cópia, muitas vezes na íntegra, da postagem anterior.

Por acarretar um aumento desnecessário do quantitativo numérico de ocorrências, esses dados foram excluídos. Outro caso bastante comum de ocorrências repetidas eram *blogs* diferentes contendo a mesma postagem. Em ambos os casos, ficamos somente com a primeira ocorrência selecionada pelo *Corpus do Português*, excluindo as outras repetidas;

- b) Ausência de um predicado verbal escapado após a expressão modal facultativa – como nossa análise das expressões modais correspondem a identificação do tipo de Argumento 1 e também ao tipo de predicado verbal que a expressão escapa, optamos por excluir de nossa análise casos em que não havia um verbo posterior à expressão, como por exemplo em

3. Antes de mais nada, acho que qualquer um deve amar- se para poder amar alguém! Eu não consigo entender, sinceramente, me parece tão doente. Eu só acho que todos devemos ficar atentos, pois uma pessoa de esse tipo acha que não tem mais nada a perder *e é capaz de qualquer coisa*. Isso não é privilégio de as mulheres, existem homens assim também. (Disponível em <https://3xtrinta.blogspot.com/2009/04/mulheres-que-se-humilham-demais.html>. Acesso em 26 out. 2024).

No excerto acima, embora observemos a presença da Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante em que o Falante expressa que pessoas sem amor próprio adquirem a capacidade de ‘fazer’ qualquer coisa. Embora tenhamos a possibilidade de inferir um verbo no contexto linguístico (como foi o caso deste, que supomos o verbo ‘fazer’ implícito no contexto), acreditamos ser necessária a retirada de ocorrências deste tipo a fim de evitar possíveis erros de interpretação.

Tendo em vista a necessidade de padronização das ocorrências, excluímos todos estes casos não condizentes com nosso objeto de estudos da amostra geral de 2.449 ocorrências, mantendo apenas as correspondentes ao modelo específico da presença de um Argumento 1 anteposto à expressão modal e um verbo no infinitivo posposto à expressão modal, como podemos observar na Figura 7:

Figura 7 - Modelo de expressão modal facultativa

A₁ + MF + INF

Fonte: Elaboração própria.

Após a análise qualitativa para a distinção das ocorrências que não atendiam às nossas exigências metodológicas e sua exclusão, obtivemos um quantitativo geral de 1 595 casos que foram efetivamente analisados em nossa pesquisa, descritos de acordo com a Tabela 3:

Tabela 3 - Quantitativo de ocorrências obtidas após análise qualitativa

Expressão linguística	Quantitativo total de ocorrências
Ser capaz de	899
Dar para	410
Ter como	286
TOTAL	1 595

Fonte: elaboração própria.

Após a definição dos procedimentos de escolha da amostra escolhida para nossa pesquisa, chegamos a um total de 1 595 ocorrências, sendo distribuídas da seguinte forma: 899 ocorrências relacionadas à expressão ‘ser capaz de’, 410 ocorrências relacionadas à expressão ‘dar para’ e 286 ocorrências relacionadas à expressão ‘ter como’. Os resultados encontrados estão dispostos no Capítulo 5 desta pesquisa.

Comparando as Tabelas 2 e 3, ao serem analisadas individualmente todos os excertos para identificar quais destas expressões seriam modais facultativas, todas sofreram redução em seu quantitativo geral devido aos casos elucidados nesta seção. ‘Ser capaz de’, por exemplo, teve uma redução de 138 casos (redução de 13,3% em relação ao quantitativo anterior), constando que, em geral, seria o mais utilizado como um modal facultativo. Em seguida a ‘dar para’ teve uma redução de 165 casos (redução de 27,5% em relação ao quantitativo anterior) embora ainda tenha uma quantidade significativa. Por fim, a expressão que obteve o maior número de exclusões devido aos nossos parâmetros de análise foi ‘ter como, que teve 550 (redução de 65,7% em relação ao quantitativo anterior) ocorrências excluídas.

De posse desses dados, a partir do próximo capítulo detalharemos como de cada uma destas expressões expressam a modalidade facultativa no português brasileiro contemporâneo.

4.4 Síntese Conclusiva

Apresentamos neste capítulo quais os procedimentos metodológicos utilizados para analisar as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ do português brasileiro contemporâneo. Nossa perspectiva metodológica é a hipotético-dedutiva e, a partir do próximo capítulo, faremos a testagem de nossas hipóteses por meio das categorias de análise aqui descritas para identificar o comportamento das expressões linguísticas referidas.

O banco de dados linguístico escolhido para esta análise foi o *Corpus do Português*, dada a sua representatividade, atualidade e tamanho. Nele há algumas subdivisões e, dentre

estas, inicialmente nossa escolha recairá sobre a subseção Web/Dialetos, do qual delimitamos uma amostra de 1 595 ocorrências no total. Nessa amostra escolhida, pesquisamos dentre os diversos textos disponíveis as expressões linguísticas de teor modal facultativo a fim de analisar e descrever como se dá a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação às expressões modais ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’. Tomamos como percurso metodológico a estrutura descendente da GDF (2008), que toma como ponto de partida aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, nessa ordem, assim como o estudo de Lima (2019) sobre a Modalidade Facultativa no português falado no Ceará.

Por fim, após a identificação dos dados e testagem das hipóteses, passaremos tanto para a análise quantitativa quanto para a interpretação qualitativa dos resultados encontrados para mapear a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

5 A EXPRESSÃO DA MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO

A partir deste momento nos dedicaremos à descrição e análise de como as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ manifestam a categoria linguística Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, tendo em vista os pressupostos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), cujas categorias de análise foram descritas no Capítulo 4 deste escrito.

Estas categorias de análise foram baseadas em Lima (2018), com sua análise preliminar da Modalidade Facultativa, e em Teixeira (2014) que verificou em sua pesquisa casos de indeterminação pragmática e semântica do Sujeito, tendo por base teórica a GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Passemos, então, ao detalhamento de como as expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ expressam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, levando em conta os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos.

5.1. A expressão linguística “ser capaz de”

Uma das expressões modais mais características do sentido facultativo é o adjetivo ‘capaz’, que, ao ser rodeado pelo verbo ‘ser’ e pela preposição ‘de’ torna-se uma das principais marcas enunciativas de habilidades/capacidades e de condições físicas/circunstanciais. Conforme os dados expostos no Tabela 3, esta expressão obteve um total de 899 casos de Modalidade Facultativa, perfazendo um total de 56,4% do total dos 1595 de casos analisados nesta pesquisa. Esta análise de ‘ser capaz de’ foi dividida em dois momentos: primeiramente faremos a análise quali-quantitativa à luz das categorias de análise descritas em nossa Metodologia e, em seguida, fizemos a análise dos cruzamentos de dados entre as categorias de análise com fins de observar quais inter-relações são relevantes estatisticamente para a manifestação da categoria no português brasileiro contemporâneo. A mesma sequência será seguida para as demais expressões linguísticas analisadas neste trabalho, ‘dar para’ e ‘ter como’.

Hengeveld e Mackenzie (2008), mostram a distinção da categoria em adquirida por meio do termo *know how to* (saber como) *be able to* (ser capaz de) (p. 212), para distinguir as modalidades adquirida e intrínseca, respectivamente. No entanto, conforme veremos, há diversos contextos linguísticos em que o termo ‘ser capaz de’ pode ser usado não somente no subtipo *adquirida*, como também em subtipo *intrínseca* e em OE.

Lanchares (2012), ao analisar os usos de ‘capaz’ em espanhol, identifica o adjetivo em questão como um enunciador da modalidade radical⁶⁷, sobretudo quando seguido da preposição ‘de’. A autora faz também algumas considerações acerca da expressão ‘capaz de’ e suas especificidades acerca da distinção entre o termo utilizado quando adjetivo e quando indicador de modalidade radical:

Quando *capaz* adota um valor modal radical, podemos atribui-lhe um carácter qualificativo. Da mesma forma que o adjetivo *capaz* faz quando atribui a propriedade a uma entidade (uma pessoa *capaz*, uma sala *capaz*), quando adota um valor modal radical também atribui propriedades a uma entidade. Em particular, ele atribui a propriedades que o capacitam a realizar uma ação⁶⁸ (LANCHARES, 2021, p. 41).

De acordo com sua posição, o ‘capaz’ sozinho possuiria somente o sentido denotativo de adjetivo qualificador. Entretanto, as propriedades que o termo evoca habilitam determinada entidade⁶⁹ a realizar determinada ação.

Analizamos em nossa pesquisa somente as expressões linguísticas com a estrutura ‘ser capaz de’, pois, de acordo com Lanchares (2021, p. 41-42) quando utilizada no tempo passado, não permite admissão de advérbios de grau. Já quando utilizado com o verbo no presente, admite modificadores como ‘muito’ e ‘pouco’. Levando em consideração que sua pesquisa é em língua espanhola, faz-se necessário verificar como ‘ser capaz de’ se comporta em relação aos tempos verbais especificamente no português brasileiro contemporâneo.

Nossa opção por utilizar ‘ser capaz de’ e verificar possíveis casos de Modalidade Facultativa em todas as suas flexões verbais nos permite ter uma descrição mais completa de sua utilização no português brasileiro contemporâneo.

Outro fator que nos propicia a análise da expressão é a sua própria definição. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011), o adjetivo ‘capaz’ significa “1. Que é dotado de capacidade, competente, hábil. 2. Que pode fazer (algo). 3. Apto diante da lei” (p. 379), ao passo que o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (Aulete, 2011) traz uma concepção mais detalhada do termo em estudo:

⁶⁷ Termo discutido no capítulo 2: *A Modalidade Facultativa*.

⁶⁸ Texto original: “Cuando *capaz* adopta un valor modal radical, podemos atribuirle un carácter calificativo. De la misma manera que hace el adjetivo *capaz* cuando asigna la propiedad “tener capacidad” a una entidad (una persona capaz, una sala capaz), cuando adopta un valor modal radical también asigna propiedades a una entidad. En particular, asigna las propiedades que potencian que lleve a cabo una acción” (LANCHARES, 2021, p. 41)

⁶⁹ Neste caso, estas ‘entidades’ precisariam ser do tipo ‘Indivíduos’, pois somente eles teriam os requisitos para desempenhar esta ação, haja vista que um indivíduo é caracterizado como “entidades concretas e tangíveis[...] ocupando uma porção de espaço, de modo que dois indivíduos não possam ocupar o mesmo lugar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 236).

1. Que tem as qualidades (físicas, mentais ou outras) necessárias ou adequadas para determinado fim, tarefa ou atividade, etc. 2. Que tem determinada capacidade; que tem dimensões ou espaço interno suficientes (para conter, para abrigar, etc.): *estádio capaz de conter cem mil pessoas*. 3. Que faz bem o seu trabalho, ou tem as habilidades, conhecimento ou outras características necessárias para tanto; que tem competência (profissional capaz); COMPETENTE; 4. Cujos atributos, características ou condições podem provocar ou suscitar (certo ato, comportamento, reação, etc.); que tem possibilidade de: *tão triste que é capaz de chorar; ela não é capaz de cometer tal perfídia*. 5. Restr. Que tem habilidade, aptidão. *O menino já é capaz de entender inglês, embora não fale*. 6. Que tem as qualidades e especificações técnicas para determinado uso; ADEQUADO; CONVENIENTE: *corda capaz de aguentar um alpinista pesado*. 7. Jur. Apto perante a lei; que tem condições legais ou atende às exigências formais em algo[...] Ser~(de) [...] Ser apto para, ter potencial para: *ele é capaz de levantar 100kg com um só braço*. 2 Pop. Ter a petulância de, ou a má ideia de (fazer algo errado, malicioso, prejudicial, etc.): *como é que você foi capaz de fazer uma coisa dessas?* Ter bom-senso, ou boa índole, ou aptidões, habilidades para: *na hora do aperto, ela sempre é capaz de dar uma boa ideia*. 4. Dispor-se a; poder querer (fazer algo difícil, enfrentar um desafio, ou fazer um favor, uma gentileza a quem solicita) [Mais us. Em frases interrogativas, não raro formular uma questão ou tarefa difícil, ou (lusitanismo) para pedir ou requisitar educadamente]⁷⁰. (AULETE, 2011, p. 280).

Embora tenha muitos significados específicos, a descrição de ‘capaz’ é voltada para a Modalidade Facultativa é bastante visível, de modo que sempre recai nas noções de capacidades e habilidades. Vemos que ‘capaz’ é rodeado por ‘ser’ e ‘de’ em diversos contextos modais, conforme os exemplos utilizados para: a) possibilidade (“tão triste que é capaz de chorar”; “ela não é capaz de⁷¹ cometer tal perfídia”); b) habilidade, aptidão em geral (“o menino já é capaz de entender inglês, embora não fale”); c) aptidão (“ele é capaz de levantar 100kg com um só braço”); d) fazer algo malicioso (“como você foi capaz de uma coisa dessas?”); e) bom senso determinado habilidades/aptidões (“na hora do aperto, ela sempre é capaz de dar uma boa ideia”). (AULETE, 2011, 280).

Em nossa análise de ‘ser capaz de’, chamou-nos a atenção o fato de que algumas ocorrências não aparentavam estar inseridas nem na orientação-para-o-participante, nem na orientação-para-o-evento. Estes casos foram considerados na categoria ‘orientado-para-o-episódio’, mostrando, assim, a tendência de subjetivação da expressão ‘ser capaz de’.

De acordo com o exposto até o presente momento, nossa descrição seguirá o percurso descendente de produção do enunciado linguístico. Assim, iniciaremos nossa análise com os resultados obtidos no Nível Interpessoal, no Nível Representacional e no Nível Morfosintático, respectivamente. Passemos à descrição dos casos válidos para esta pesquisa.

⁷⁰ Grifos do autor.

⁷¹ Grifos nossos.

5.1.1 Análise do Nível Interpessoal

Conforme verificamos em nossa Metodologia, a categoria de análise do Nível Interpessoal diz respeito ao tipo de Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado. Este parâmetro foi verificado por Lima e Prata (2023), que observaram três valores principais: o valor [+inclusivo], em que há o uso explícito da primeira pessoa do singular e da primeira pessoa do plural especificada pelo contexto; o valor [- inclusivo] em que há a exclusão semântica e morfológica, sendo retratado pelo uso da segunda e terceira pessoas, onde o Falante se exclui de qualquer implicação de seu enunciado; por fim, o valor [± inclusivo], em que há apenas a inclusão semântica, observada por meio do contexto: quando há o uso de pronomes indefinidos como ‘ninguém’, ‘alguém’ ou coletivos referentes a pessoas, como ‘todo mundo’, ‘as pessoas’, ‘o povo’ e seus correlatos. Neste valor, a inclusão do Falante no valor facultativamente instaurado estaria implícita.

Em nossa análise, temos os seguintes dados em relação a ‘ser capaz de’:

Tabela 4 - Posição do Falante em ‘ser capaz de’

Posição	Nº	%
[- inclusivo]	733	82,1%
[+ inclusivo]	85	9,5%
[± inclusivo]	75	8,4%
Total	893⁷²	100,0%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises descritas no SPSS.

A maioria dos casos encontrados obtiveram como parâmetro principal o valor [- inclusivo], com 82,1% do total de casos. Em seguida, o valor [+ inclusivo] obteve 9,5% do total e, por fim, o valor [± inclusivo] foi o menos recorrente, com um total de 8,4% do total de casos. De acordo com o exposto, podemos observar que o Falante do português brasileiro contemporâneo tende a não se incluir no valor facultativamente modalizado ao utilizar ‘ser capaz de’. Levando em consideração que o *blog* é um gênero textual inicialmente considerado um ‘diário pessoal’, esperava-se que o Falante enunciasse em posição [+inclusiva] no blog. Entretanto, boa parte dos temas encontrados em nossas ocorrências giravam em torno de assuntos não-pessoais, como questões religiosas, notícias, entrevistas e outros temas identificados em nossa *Introdução* e em nossa *Metodologia* e que não diziam respeito diretamente ao Falante.

⁷² Seis casos foram retirados da análise quantitativa por se tratarem de casos que indicam não estarem presentes nem na MFOE, tampouco na MFOP. Eles são comentados qualitativamente nas seções seguintes.

Vejam os exemplos de cada uma das Posições enuncia a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação ‘ser capaz de’.

a) *O valor facultativo [- inclusivo]*

Segundo Lima e Prata (2023), o valor [-inclusivo] é codificado

por meio de expressões e termos que indicam a total exclusão do Falante no enunciado facultativamente modalizado, como na utilização da 3ª pessoa, em que há claramente a verificação de outro participante no discurso, ou também em artifícios linguísticos para indicar o apagamento do participante. (LIMA; PRATA, 2023, p. 360).

Alguns destes artifícios linguísticos utilizados para o apagamento do Falante são o uso do pronome reflexivo, que tiraria o foco de qualquer participante, ou mesmo a tendência em não haver explicitamente nenhum participante a executar a ação modal facultativa. Além disso, pode haver também a tendência [-inclusiva] no valor facultativamente modalizado quando o Falante enuncia algo sobre o Ouvinte (2ª pessoa) ou uma terceira pessoa, deixando claro que não está falando sobre si mesmo.

Tendo em vista esses preceitos, podemos verificar o seguinte exemplo retirado de nossa amostra do *Corpus do Português*:

1. O editor executivo de a Revista Militar Independente Viktor Litovkin também diz que **a defesa aérea de a Síria é capaz de causar** danos bastante significativos a a aviação inimiga: "« A Síria tem um potencial bastante forte de defesa aérea. Ele é baseado em sistemas de produção russa e soviética. (SCD 55⁷³). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Neste exemplo, verificamos claramente um caso em que há um referente explícito, *a defesa aérea da Síria*, que possui os requisitos necessários para *causar danos bastante significativos* aos inimigos. Aqui, embora possamos identificar claramente que o Falante está indicando em terceira pessoa a instituição das forças armadas da Síria, nosso foco recai sobre o termo ‘defesa’, um EC nominalizado. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), os EC são “entidades que podem ser localizadas no tempo e podem ser avaliadas em termos do seu estado de realidade, [...] podem ser avaliados em termos de ‘(não)’ ocorrer, ‘(não) acontecer’ ou ‘(não) ser o caso’”. Quando encapsulados em núcleos lexicais, como por exemplo em “casamento”, “reunião” ou “guerra” (HENGEVELD; MACKENZIE, p. 167), exemplos como esses vão ao

⁷³ Nossa codificação possui o seguinte padrão: tipo de expressão (SCD referente a ‘ser capaz de’, DP referente a ‘dar para’ e TC referente a ‘ter como) e o número sequencial desta ocorrência na amostra.

encontro de ‘defesa’, pois todos são nominalizações de eventos específicos. Temos, então, um caso de [-inclusão] do Falante mediante o valor facultativo instaurado em que o referente é claramente identificado, mas não se trata de um Indivíduo, e sim de um EC, caracterizado a MFOE, pois não descreve a habilidade de um participante em executar a ação descrita no predicado, mas sim a instituição “defesa aérea” possuir as *condições* necessárias para “causar danos” a seus inimigos.

Vejamos outro exemplo:

2. Muitas vezes não é possível proteger- se de todos os acontecimentos externos, mas *você* pode proteger os seus sentimentos em relação a eles, confiando que *será capaz de ultrapassar- los* . Se você quer ter sucesso em seus empreendimentos, alimente a sua autoestima o que fará aumentar a sua autoconfiança e assim poderá realizar o que deseja. Não deixe que as preocupações possam estagnar o seu entusiasmo. As suas possibilidades estão diretamente relacionadas a os seus padrões de pensamento. Imagine o que faria se todos os obstáculos e medos fossem removidos. *Você é capaz de criar a realidade que você imagina* apesar de as influências externas. Busque inspiração em a sintonia com a natureza, caminhe por a praia, por os campos, por os jardins etc. (SCD 216). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (2) vemos dois casos em que podemos encontrar a MF em posição [-inclusiva]. Num primeiro momento há a elipse do pronome de tratamento ‘você’, indicando a presença de um Ouvinte que irá *adquirir* futuramente a capacidade de ‘ultrapassar seus sentimentos’ por meio da confiança. Um pouco mais à frente, esse Ouvinte é retomado quando o Falante indica que ele (‘você’) possui a capacidade de criar a realidade que imagina. Em ambos os casos vemos a presença explícita de um interlocutor, fazendo com que o Falante se exclua do valor facultativamente modalizado. Por isso, seu posicionamento é [-inclusivo].

Com base em Lima (2018) e Lima e Prata (2023), o parâmetro [- inclusivo] do Falante no valor facultativo instaurado tende a enunciar a Modalidade Facultativa:

- i) Na 2ª pessoa, quando o Falante está indicando alguma habilidade/capacidade do Ouvinte, onde claramente haveria a exclusão do Falante mediante este valor, como em (2);
- ii) Na 3ª pessoa, quando o Falante está enunciado claramente alguma habilidade/capacidade de outro indivíduo/entidade que não está presente na situação comunicativa, como em (1);
- iii) No apagamento do participante, em que o foco da modalidade não recairia sobre um indivíduo e suas possíveis capacidades, mas sim sobre as condições de realização de um determinado evento, como em (4).

Outro contexto linguístico em que podemos verificar o parâmetro [-inclusivo] está no excerto a seguir:

3. Eu sei que é difícil acreditar que algo que tanto esperamos ode não acontecer, mas por acaso você pode prever o futuro? Não! Mas Deus já preparou tudinho perfeito para você, então o negocio é realmente confiar e deixar Deus dirigir a tua vida. Confiem em si mesmo, **porque você é capaz de conquistar** grandes coisas, e se algo não ocorrer de o jeito que espera lembre: Ainda Não Chegou o Tempo da Sua Vitória!!! Obs: Conclusão de Allana Oliveira 1 comentários: Muito bom:D Peça a Deus sabedoria, as vezes te a faltando só uma curva pra chegar em o final e você desiste e volta! (SCD 80). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (3) traz a forte presença da coloquialidade e necessidade do Falante estar envolvido em uma situação comunicativa com um ouvinte determinado. Percebemos isso por meio de pontuações específicas, como os pontos de interrogação e exclamação, indicando perguntas retóricas que ele mesmo responde, além da presença do pronome de tratamento *você*, que claramente nos indicaria um ouvinte presente neste diálogo. Esta percepção, entretanto, acaba sendo atenuada ao observar o início da frase, em que o verbo ‘confiem’ flexionado na terceira pessoa do plural mostra que este *você*, dotado da capacidade de *conquistar grandes coisas* é, na verdade, qualquer ouvinte que ele possua⁷⁴.

Vejam os outros exemplos a fim de ilustrar o parâmetro:

4. Pois de isso também, Deus, quer a existência, e de isso mesmo sobretudo é que é a causa. Verdadeiramente, todo o resto existe só para isso: pois a marca própria de o Bem, é que o Bem seja conhecido, ó Tat. -- Tornaste- nos repletos, ó pai, de a boa e completamente bela visão, e pouco é preciso para que o olho de meu intelecto renda homenagem sob a influência de uma tal visão. -- Sem dúvida, pois não é de a visão de o Bem como de o raio soltar, que por a sua natureza ígnea deslumbra os olhos por a sua luz, e os força a se fechar; contrariamente esta visão ilumina, e **isso tanto mais quanto mais se é capaz de receber** o influxo de o esplendor inteligível. Mais agudo que o raio solar para nos penetrar, é por outro lado, inofensiva e repleta de toda imortalidade, tão bem que aqueles que aí podem se abeberar de esta visão freqüentemente caindo em o sonho e se destacando de o corpo, chegam a a visão mais bela tal como ocorreu a Uranus e Cronos, nossos ancestrais. -- Possa- nos também assim suceder, ó meu pai! (SCD117). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (4), o Falante está advertindo todos os ouvintes para que tomem conhecimento do Bem e da Verdade, de modo que a visão e o conhecimento de ambos sejam como um raio de luz quanto mais iluminar, mais *se é capaz de receber os efeitos* desta luz, grandiosa e

⁷⁴ Embora o operador de genericidade seja incluído somente no Nível Representacional, ele é citado no Nível Interpessoal para explicar o funcionamento dos Subatos Referenciais, especificamente quanto à identificação e especificação do Referente dentro deste Subato.

compreensível. Aqui temos a presença do índice de indeterminação do sujeito ‘se’, marcando a ausência de um participante mediante o valor facultativamente instaurado no predicado, mantendo-o na posição [- inclusiva]. Assim, esse exemplo mostra que a *circunstância* de “receber o influxo do esplendor inteligível” ocorre por meio da ação anterior de observar como “esta visão ilumina”. Assim, veremos mais adiante, que esta é uma das características da Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento.

Agora, passemos para a análise da posição [+ inclusiva] do Falante mediante o valor facultativo instaurado.

b) O valor facultativo [+inclusivo]

De acordo com Lima e Pata (2023, p. 360), os principais fatores para a inclusão explícita do Falante no valor facultativo instaurado no discurso são primordialmente a escolha linguística pela inclusão semântica do Falante no valor facultativamente modalizado, de modo que comumente percebemos esse aspecto pelo uso da primeira pessoa do singular e do plural (‘eu’ e ‘nós’), obtendo uma inclusão semântica observada pela codificação morfológica em 1ª pessoa.

A presença desta categoria de análise indica que o Falante está ou enunciando suas capacidades/habilidades pessoais ou se incluindo num grupo especificado por ele e enumerando também determinadas capacidades/habilidades.

Vejamos um exemplo em que podemos encontrar a posição [+inclusiva]:

5. [...] era o modelo de casamento que eu tinha sonhado pra mim, e apesar de talvez ele ser o homem em o início, precisei encarar de forma dura que às vezes a gente se engana. Porque não casamos com um homem, casamos 2 famílias, por mais distintas que sejam. Sim, é preciso tolerar, mas há um limite. E a vida é muito mais do que isso! Além de ser feita de escolhas. A felicidade de a gente é muito mais importante. O casamento foi bom enquanto durou, amadureci, hoje sou muito mais feliz e conto com minha família e amigos, pessoas com quem eu posso contar de olhos fechados. Eu escolhi viver meus dias sem o coração apertado. Ou eu aceitava aquela família engolindo o que não me fazia bem ou eu partia pra minha paz. **Não fui capaz de viver** a primeira opção, fui capaz de ir em busca de uma felicidade que envolvia a mim e meu filho. Em o final deu tudo certo. O pai de o meu filho é maravilhoso, o meu filho ama a família paterna. E eu vivo em a santa paz de Deus, muito feliz e surpresa por as relações terem se consolidado sem brigas e com muito amadurecimento. Afinal, como diz meu analista, as crianças de hoje são muito mais adaptáveis e preparadas para a vida se são de pais separados. (SCD 583). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (5), encontramos algumas considerações da Falante sobre o seu casamento. Dentre os fatos relatados por ela, dois específicos são relevantes para nós: a sua (in)capacidade de *aceitar a família* engolindo o que não lhe fazia bem, que a habilitou a adquirir a capacidade

de ir em busca da felicidade com seu filho. Aqui, observamos dois exemplos claros do valor [+inclusivo], em que há a marcação semântica e morfológica da Falante no discurso facultativamente modalizado, mostrando que uma capacidade que ela considerava não possuir foi fundamental para que ela adquirisse outra capacidade posterior (“buscar uma felicidade[...]”). Embora não haja explicitamente a marcação do Falante por meio do pronome pessoal em primeira pessoa (eu) próximo à expressão modal, sabemos que ele está Falante sobre si mesmo por meio da flexão verbal em primeira pessoa do singular (“fui”).

c) O Valor facultativo [\pm inclusivo]

O terceiro e último valor desta categoria do Nível Interpessoal corresponde ao valor [\pm inclusivo], que seria um caminho intermediário entre a completa exclusão do Falante do valor facultativo instaurado e a sua inclusão explícita. De acordo com Lima e Prata (2023, p. 365), esse valor traria em si marcas referentes a pronomes indefinidos, como ‘alguém’, ‘ninguém’ e coletivos referentes a pessoas, como ‘povo’, ‘gente’ e ‘todo mundo’. Segundo as autoras (LIMA; PRATA, 2023, p. 364-365), o uso de pronomes indefinidos como os citados poderia levar à inclusão indireta do Falante neste conjunto de ‘alguma pessoa’ (alguém) ou de ‘nenhuma pessoa’ (ninguém). Não há qualquer certeza se o Falante está se incluindo/excluindo do enunciado. Assim, para esta categoria elencamos os casos em que a marcação da possível inclusão/exclusão foi apenas morfológica, como o uso de ‘ninguém’ no exemplo a seguir:

6. Oi, Helô! Pois é dizem que quanto mais a mulher estuda mais exigente ela fica e sim menores são as chances de casar, mas não dá pra entrar em pânico e em a boa casamento não é táboa de salvação em a vida de ninguém porque a o fim e ao **cabo ninguém é capaz de acabar** com toda a nossa solidão o que precisamos em a verdade é aprender a lidar com ela de a melhor forma possível. E outra casamento não é sinônimo de felicidade é um desafio e tanto, claro que é bom ter uma família, ter um porto seguro, mas não é só um mar de rosas. Mas eu te entendo, às vezes eu me cobro também por o fato de estar sozinha, mas também não vou ficar com qualquer um só pra mostrar para os outros que não estou sozinha. BeijossssMuit me identifiquei com esse post. quando eu terminei e até hoje tenho umas recaídas por medo de ficar sozinha. Eu tenho 24 anos, sei que ainda sou nova, mas não sei o que acontece, conheço um monte de amigas que estão grávidas, estão casando e eu vou ficando. Oh my god! mas também, não quero ficar com (SCD 287). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Verificamos no exemplo (6) que a Falante interage com uma outra interlocutora, chamada Helô e a responde com seu ponto de vista sobre o casamento, chegando à conclusão de que *ninguém é capaz de lidar com toda a nossa solidão*. Neste caso, não há como identificar claramente este ‘ninguém’, haja vista que o próprio termo indica o conjunto de ‘nenhuma

‘nenhuma pessoa com a habilidade de lidar com a solidão’. Neste conjunto de ‘nenhuma pessoa com a habilidade de acabar com a solidão’ estariam incluídos também Falante e Ouvinte. Assim, o parâmetro deste caso possui o valor \pm inclusivo, que, neste caso, será designado semanticamente como um caso de Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante, em que o espaço vazio referente ao A1 será codificado morfossintaticamente com o pronome indefinido ‘ninguém’.

De acordo com o que vimos nesta categoria definida para o Nível Interpessoal, podemos encontrar tanto a inclusão completa do Falante mediante o valor facultativamente instaurado obtida por meio do parâmetro [+inclusivo] quanto sua exclusão completa obtida por meio do parâmetro [-inclusivo]. Entre ambas, verificamos a presença de um valor intermediário, composto por uma inclusão ou exclusão indireta, sendo considerado o valor [\pm inclusivo]. Esses três parâmetros referentes à Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado pode interferir semanticamente na designação do alvo da Modalidade Facultativa, conforme veremos nas seções a seguir.

5.1.2 As categorias de análise do Nível Representacional

Nossa análise do Nível Representacional corresponde à descrição das particularidades semânticas de expressões linguísticas com valor modal facultativo no português brasileiro contemporâneo, de acordo com os pressupostos da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Para este nível, as categorias de análise foram:

- a) O Alvo da Modalidade Facultativa;
- b) O subtipo de Modalidade Facultativa (orientada-para-o-evento e orientada-para-o-participante);
- c) As Condições de realidade;
- d) A Polaridade da Modalidade Facultativa;
- e) O tipo de Argumento 1 que designa a Modalidade Facultativa;
- f) O tipo de predicado que a Modalidade Facultativa escopa.

De acordo com o que discorreremos em nossa Metodologia, seguimos um percurso analítico semelhante à descrição das categorias descritas na GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Assim, a ordenação de nossas categorias de análise corresponde a sua

descrição na GDF. Tendo tais aspectos em mente, passemos à identificação de cada um deles em relação a ‘ser capaz de’.

5.1.2.1 O Alvo da Modalidade Facultativa

Com base na GDF (. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008)., podemos fazer duas subdivisões com base no alvo modal da Modalidade Facultativa: a) orientado-para-o-evento e b) orientado-para-o-participante. Além destas, encontramos também alguns casos que indicam uma possível orientação para-o-episódio. Tendo isso em mente, ‘ser capaz de’ obteve o quantitativo de ocorrências descrito de acordo com a Tabela 5:

Tabela 5 - Alvo da MF em ‘ser capaz de’

Alvo	Nº	%
Participante	744	83,3%
Evento	149	16,7%
Total	893	100,0%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises do SPSS

Com base no exposto, a maior parte dos casos de Modalidade Facultativa encontrados em ‘ser capaz de’ correspondem à OP, com 83,3% do total desta categoria. Este resultado condiz com a própria definição do adjetivo ‘capaz’, de qualificar habilidades e aptidões de alguém. A OE obteve um menor quantitativo de casos: com 16,7% das ocorrências, mostrando que ‘ser capaz de’ pode ser utilizado em ambos os alvos.

A seguir, detalharemos cada um dos resultados encontrados para esta categoria de análise.

a) ‘Ser capaz de’ expressando a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante

A expressão ‘ser capaz de’ é bastante complexa quando utilizado em contextos modais devido à polissemia inerente à categoria. A orientação-para-o-participante ocorre na camada das Propriedades Configuracionais (PC) e afeta a parte relacional do enunciado como expresso pelo predicado e seus argumentos correspondendo à relação entre um participante e a potencial realização deste estado-de-coisas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212). Sendo assim, quando a modalidade orientada-para-o-participante é utilizada em sua faceta *facultativa* irá descrever a relação da habilidade de um participante em se envolver em um

estado-de-coisas designado pelo predicado. Línguas como o espanhol (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e o português (LIMA, 2018; LIMA; PRATA, 2019) possuem a distinção entre a Modalidade Facultativa *intrínseca*, correspondente a habilidades e capacidades inatas, inerentes ou naturais ao participante, e a *adquirida*, correspondente a habilidades e capacidades aprendidas pelo participante.

Em nossa amostra, a MFOP obteve o resultado demonstrado na Tabela 6:

Tabela 6 - A MFOP em 'ser capaz de'

Subtipo de habilidade	Nº	%
Adquirida	729	98,0%
Intrínseca	15	2,0%
Total	744	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises do SPSS

Os dados encontrados em relação a esta categoria de análise mostram-nos que o principal comportamento da Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante é correspondente ao subtipo *adquirida*, obtendo 98,0% do total de casos, sendo seguida pelo subtipo *intrínseca*, com 2,0% do total de casos. Esses dados não somente mostram a tendência do Falante do português brasileiro contemporâneo em expressar MFOP *adquirida*, mas também confirma o resultado obtido por Lima (2018), que também verificou ser esse o subtipo modal mais enunciado pelo Falante do português cearense.

Um típico exemplo de MFOP *adquirida* está no excerto (7), a seguir:

7. Há pessoas que me olham com os olhinhos de espanto, afinal, nem contaram com a possibilidade de dar certo e conseguir aprender. A partir de aí é importante REPROGRAMAR A MENTE através de a linguagem e de a fisiologia, resignificando suas crenças limitantes e potencializando CRENÇAS POSITIVAS para que a pessoa possa ouvir em seu diálogo interno, uma frase totalmente diferente para a mesma "« coisa "», em o nosso exemplo: aprender. Ela poderá dizer assim: "« ***Eu sou capaz de aprender***, afinal, tudo o que um homem pode, o outro também pode, é só me esforçar e me dedicar que eu consigo "» Só de falar isso internamente, os sentimentos e a fisiologia mudam. VOCÊ É O CRIADOR DE SUA PRÓPRIA REALIDADE! SEMPRE! (SCD 35). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (7) há a orientação do Falante sobre como o ouvinte pode reprogramar a sua mente por meio de crenças positivas. Ao enunciar *eu sou capaz de aprender*, inclui-se diretamente no valor facultativo instaurado no discurso e busca reforçar ainda mais a noção de habilidades/capacidades que podem ser adquiridas ao enunciar que *é só me esforçar e me dedicar que eu consigo*, deixando claro que, em sua concepção, reprogramar a mente é uma

capacidade que pode ser alcançada por meio do treino consistente. O Falante, em seguida, conclui seu enunciado confirmando que *tudo o que um homem pode fazer, outro também pode*, ou seja, todos os seres humanos (inclusive o Falante) possuem a capacidade de aprender, *saber como fazer coisas novas e adquirir novos conhecimentos*.

Um fator relevante a ser mencionado sobre a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante é a de que este participante que age sobre o estado-de-coisas, podendo indicar uma possível tendência da MFOP em enunciar a voz ativa, independente desse Participante ter ou não algum nível de animacidade⁷⁵, ou seja, pode (ou não) ser vivo e pode (ou não) ser humano. Sendo assim, podemos encontrar a MFOP tanto em Indivíduos dotados de animacidade, como seres vivos em geral, como em indivíduos [- animados], como é o caso do exemplo (8):

8. Robô ensina caligrafia para crianças em sala de aula de o Japão Um robô desenvolvido por a Universidade Keio, em o Japão, virou o professor de caligrafia de alunos de o ensino básico. Programado para imitar as pinceladas de os mestres de a arte milenar de a escrita de kanjis, ***o robô é capaz de mostrar*** a os estudantes exatamente como os calígrafos mais experientes conseguem desenhar os símbolos com perfeição. (SCD 68). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (8), há a descrição de como um robô foi transformado em professor de caligrafia para alunos da educação básica do Japão. Embora ele tenha determinadas ações e que o faça se assemelhar a um ser humano, o robô, mesmo repetindo ações tipicamente humanas, não tem o traço de animacidade inerente aos seres vivos. Entretanto, suas habilidades e características de ser uma entidade que ocupa um espaço determinado e não poder ocupar mais de um espaço ao mesmo tempo (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 236) tornam-no um indivíduo. Neste caso, sua capacidade de ensinar por meio da programação prévia é uma habilidade *adquirida* à sua origem de imitar os kanjis de mestres humanos. Sendo assim, temos um caso de MFOP *adquirida*, pois por meio de mãos humanas o robô aprendeu esses kanjis para ensinar aos alunos; sua capacidade de aprender está limitada à programação, pois ele é usado como um ‘instrumento’ de ensino.

Vejam os outros casos em que a presença de um Indivíduo não dotado de animacidade retrata a MFOP:

9. [...] Mas, agora, permita-me fazer duas perguntas: a faca é um utensílio tão necessário em nosso dia-a-dia; utilizada para picar, descascar e cortar. Mas ***ela também é capaz de tirar*** uma vida. Você a deixaria de usar definitivamente por causa

⁷⁵ Nas seções seguintes deste capítulo detalharemos o traço de animacidade do Indivíduo.

de isso? Você deixaria de dirigir o seu carro, mesmo sabendo que ele, um dia, pode atropelar e matar alguém, ou, em um acidente, matar a você mesmo? " Obviamente que a resposta foi "« Não "». (SCD 89). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (9), o Falante questiona o modo de utilização de alguns instrumentos pelo homem que, mesmo potencialmente perigosos e danosos para a vida, continuam em nosso cotidiano, como por exemplo, uma faca. Inicia descrevendo alguns usos comuns do instrumento, como ‘picar’, ‘descascar’ e ‘cortar’. Ao mesmo tempo, ela pode se tornar um perigo para o ser humano, pois também, segundo a interpretação do Falante, tem a capacidade de tirar uma vida. Assim como o robô, a faca também pode ser considerada uma entidade do tipo Indivíduo por ocupar um lugar no espaço, poder ser contável, possuir massa determinada e não ocupar dois lugares ao mesmo tempo (Cf. Rijkhoff, 2002). Entretanto, sendo ela um Indivíduo não animado, sua única função é a de ser um utensílio de corte que pode tanto ser útil ao ser humano quanto destrutiva.

Do ponto de vista das funções semânticas, ‘faca’ não teria *a priori* o papel temático de agente. Entretanto, precisamos levar em consideração que a ‘capacidade física’⁷⁶ da faca seria a de ‘cortar’ e, no exemplo (9), vimos que o interlocutor não a trata apenas como um mero instrumento a ser utilizado por algum indivíduo (“a faca é um utensílio tão necessário em nosso dia-a-dia: utilizada para picar, descascar e cortar), mas, em seu discurso, ao enunciar que “ela também é capaz de tirar uma vida”, vemos um caso de gradação das habilidades desse Indivíduo (a faca), desde a capacidade física, inerente ao seu uso como um instrumento (‘picar’, ‘descascar’, ‘cortar’) até uma habilidade *intrínseca* (sua capacidade física de ‘cortar’ indica a habilidade *intrínseca* de “tirar uma vida”).

Diferentemente do exemplo anterior, em que há a descrição de um robô que ensina kanjis para as crianças japonesas por meio da reprodução de ideogramas distintos, a faca possui somente uma função *intrínseca* à sua natureza, que é a de cortar. E essa sua característica *inata* é justamente a que o Falante interpreta como sendo uma ação letal.

b) ‘Ser capaz de’ expressando a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento

Conforme observado na Tabela 5, obtivemos um total de 149 ocorrências de Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento (MFOE) em ‘ser capaz de’ no português brasileiro contemporâneo, todos esses casos correspondiam ao subtipo *condição circunstancial*.

⁷⁶ A ‘capacidade física’, segundo Lanchares (2021), não está inserida no âmbito da modalidade.

O subtipo *condição física*, correspondente a condições físicas de ocorrência de um determinado evento⁷⁷, não foi encontrado nesta amostra.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 176), a modalidade orientada-para-o-evento (MOE) descreve possibilidades e obrigações gerais, sem que o Falante tenha qualquer responsabilidade por estes julgamentos. Quando enunciada facultativamente, caracteriza o EC em termos de *condições físicas* ou *circunstanciais* que possibilitam sua ocorrência. Conforme Hengeveld (2004), a categoria pode ser mais facilmente encontrada em construções impessoais, o que nos leva à identificação da categoria em estruturas linguísticas que mostrem uma maior tendência a não haver um participante, mas também um possível apagamento do Argumento 1, comum em construções impessoais.

Vejamos alguns contextos em que podemos identificar melhor estes resultados:

10. Depois que aprendi a ler, lá em a minha humilde escola, de o meu bairro, nunca mais me separei um dia que fosse de alguma leitura. Jornais, revistas, livros de bolso, de os livros de romance, fui sentindo necessidade de leituras mais complexas, minha fome de saber, sempre foi insaciável heheh.... Hoje em dia, leio menos em os livros, eu confesso, porque a internet me absorve demais da conta... E a leitura por aqui, é mais superficial por a rapidez, que não proporciona maiores reflexões, que somente o **folhear de um livro é capaz de fazer**... Adorei o teu texto, minha doce Luciana. Teu nome de Luz, está lá em o quadro de "« Blogando Entre Amigos »", de a blogagem coletiva em que estou participando. (SCD 202). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

Em (10) temos um contexto em que o Falante relata sobre a importância da leitura em sua vida. Não há no excerto qualquer indicação de um participante que possa se envolver no valor facultativo instaurado. “Folhear” neste exemplo corresponde à nominalização de um EC, reforçado pelo artigo definido anteposto a ele. Assim, verificamos que a ação “folhear um livro” é a *condição circunstancial* necessária para fazer com que haja uma reflexão mais adequada sobre o que se está lendo. Por isso, nesse caso há uma MFOE, em que a *circunstância* de ler um livro está diretamente atrelada à possibilidade de ocorrência do evento de reflexão.

O exemplo (11) também retrata como ‘ser capaz de’ manifesta a MFOE *circunstancial*:

11. Demora um pouco a se assimilar que os 20 centavos nada mais foram do que a "« gota d' água"», o estopim, o limite de a paciência. Por isso tudo, a chegada de a primavera brasileira pegou a TODOS, governo e não-governo, completamente de assalto. Logo depois de atender a essa simples reivindicação nacional, o governo e a mídia se deram conta de o que todos em as ruas já sabiam, não existe uma causa simples ou uma reivindicação unânime, existe uma indignação e insatisfação geral sobre tudo. Não importa o que o **governo fez, faz ou faça, nada é capaz de aplacar**

⁷⁷ Cf. Obertz (1998), discutido nas págs. 37-38 desta pesquisa.

a insatisfação de o povo, já que não existe uma causa definida ou única para tal. Não é passível de manipulação midiática. Todas as tentativas e técnicas já foram aplicadas e muitas já estão se repetindo, apenas para provar que não funcionam. Se você desmoraliza, criminaliza ou aplaca parte de a insatisfação, acaba inevitavelmente exaltando, estimulando e indignando a outra parte (SCD 172). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (11) nos mostra um contexto em que o Falante descreve as ações do governo, infrutíferas para reduzir a insatisfação da população. Neste caso, vemos a presença de diversas ações anteriores sintetizadas pelo pronome indefinido *nada*, como o atendimento às reivindicações sobre a insatisfação geral acerca do governo nacional, a chegada do movimento político global primavera brasileira e a explanação de que não existia apenas uma causa para estes problemas, mas sim um problema muito maior e mais generalizado. Após a explicação de todos esses eventos, o Falante conclui sua afirmação dizendo que nenhuma ação, ou seja, *nada*, é capaz de aplacar a insatisfação do povo. O pronome indefinido ‘nada’ mostra que não há um participante envolvido no EC, mas sim uma sequência de ações anteriores ordenadas temporalmente identificadas pelos verbos ‘fez’ (passado), ‘faz’ (esteja fazendo no momento presente), e ‘faça’ (possa vir a fazer hipoteticamente). Temos, assim, um caso de MFOE, em que a *condição circunstancial* de nenhuma ação tomada pelo governo poderá reverter o evento de ‘aplacar a insatisfação do povo’.

Esse caso demonstrado em (11) é interessante por nos mostrar que há a possibilidade de que um pronome distinto dos pronomes pessoais e que não se refira às pessoas do discurso pode caracterizar a MF, neste caso especificamente a MFOE. Tomamos a decisão de considerar esta ocorrência como pertencente a esta categoria em razão não somente do contexto, o qual indica que o pronome ‘nada’ retoma não somente o trecho “não importa o que o governo fez, faz ou faça”, mas também pela própria semântica do pronome indefinido ‘nada’ que, de acordo com Fernandes et al (1996). possui a seguinte correspondência: “Nada. S.m. A não existência; o não existente; coisa nula; insignificância; bagatela; inutilidade; pron. Indef. Nenhuma coisa; adv. De modo nenhum; não; *nada de*: não é conveniente, não se deve: *nada de bulir com quem está quieto.*” (FERNANDES et al. 1996, p. 423).

Tendo como um de seus significados concernente a ‘coisa nenhuma’, o pronome indefinido ‘nada’ possui a capacidade de enunciar a MFOE quando retoma e condensa ações e atitudes anteriores descritas pelo Falante do Ato Discursivo.

Vimos como o Falante do português brasileiro contemporâneo tende a enunciar a MF em relação ao seu alvo. No entanto, como falamos no início desta seção, observamos alguns

casos em que poderíamos encontrar indícios de uma possível subjetivação da categoria. Esses casos foram separados de nossa análise quantitativa e serão discutidos na próxima seção.

c) *'Ser capaz de' expressando a Modalidade Facultativa orientada-para-o-episódio*

Conforme o exposto na Seção 5.1, há 6 (seis) casos de 'ser capaz de' que não correspondiam nem à orientação-para-o-evento, nem à orientação-para-o-participante e, portanto, não seriam previstos inicialmente pela teoria em relação à Modalidade Facultativa. Além disso, esses casos também não entravam na categoria de possíveis casos ambíguos (limítrofes entre a MF e outras categorias modais, como a modalidade epistêmica por exemplo), mas que ainda trazem em si noções facultativas, como podemos observar no exemplo (12):

12. Chorar é humano. É sinal de estima. De amor. De solidariedade. Chorar alivia. Por isso, não faz mal que você chore. Quando as lágrimas lavam o coração -- porque ele ama -- elas são uma bênção. Contudo, lembre-se, amigo, de que você precisa retornar a a lide cotidiana. "« fortifique seu coração em Deus e erga os joelhos vacilantes "», e retome sua vida. Há sempre alguém precisando de você. **Só a fé em Jesus Cristo é capaz de lhe dar o consolo que você procura.** Diante de a morte, todos os argumentos terminam. Somos limitados demais para encontrar a resposta exata que o nosso coração almeja. Para quem tem fé, a morte deixa de ser um fantasma e se torna a condição indispensável para o encontro de o homem com Deus. Para quem crê em Jesus Cristo, a morte é o começo de a felicidade eterna, libertação de todas as amarras que prendem nosso corpo à terra. É começo de tudo, e não "« fim de tudo "», como infelizmente ousam afirmar incrédulos e materialistas. (SCD 76). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (12) o Falante discorre sobre o consolo que a fé pode trazer ao ser humano, permitindo-lhe ter alívio por meio de emoções como o choro. Em seguida, enumera fatores necessários para o retorno ao cotidiano em episódios, como “fortificar o coração”, “erguer os joelhos vacilantes”, “retomar a vida” e “observar que sempre há alguém precisando de você”. Assim, a composição destes episódios é condensada num requisito principal, “a fé em Jesus Cristo”, que traria a capacidade de ‘dar o consolo que você procura’, daria a capacidade de a morte deixar de ser “um fantasma” e se tornar “a *condição* indispensável para o encontro do homem com Deus”, elencando não somente a capacidade que todas essas ações anteriores concebidas pelo Falante sob a ‘fé’, mas identificando também uma série de ações que podem vir a ocorrer com o ser humano após sua obtenção.

Acreditamos que para haver uma possível resolução de ambiguidades entre as categorias modais é necessário não somente olhar para o escopo da expressão modal mas também para os seus termos antecedentes, como o Argumento 1 desta expressão modal

facultativa que possui como núcleo “fé”. Ao unir todos os episódios anteriores enumerado, seria caracterizado um “constructo mental que não existe o espaço ou tempo, mas em vez disso existe nas mentes daqueles que os consideram” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 144). Embora a palavra ‘fé’ possa pertencer originalmente à categoria semântica do Conteúdo Proposicional, neste caso, ela funciona como um elemento condensador de todas as ações anteriores a ela (‘fortificar o coração em Deus’, ‘erguer os joelhos’, ‘retomar’ a vida’) e o requisito necessário para todas as ações posteriores (‘deixar de ver a morte como um fantasma’, ‘condição para o encontro com Deus’, ‘começo da felicidade eterna’, ‘libertação’, etc.), o que nos faz interpretar a ‘fé’, neste caso, como um Episódio.

‘Fé’ é considerado um constructo mental ou, conforme a GDF, um Conteúdo Proposicional, como ‘ideia’ (HENGEVELD, MACKENZIE, 2008, p. 136), é a sintetização dada pelo falante de uma série de ações anteriores tipicamente encontradas em quem a possui: ‘fortificar o coração em Deus’, ‘erguer os joelhos vacilantes’ e ‘retomar a vida’. O interlocutor ainda conclui seu enunciado proferindo que somente “a fé” é o que proporciona a execução da sequência de ações “procurar o consolo” e “receber o consolo procurado”.

É importante salientar que, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144), distintamente dos EC, que costumam ser nominalizações de ações específicas (como por exemplo, ‘reunião’⁷⁸), os conteúdos proposicionais podem ser qualificados enquanto atitudes proposicionais, (relacionadas à certeza, dúvida ou descrença) e em termos de sua fonte ou origem (relacionadas ao conhecimento comum partilhado, evidência sensorial ou inferência). “Fé”, em tese, poderia ser avaliada em termos de sua certeza, mas a partir do momento em que o Falante indica que essa fé pode ser obtida por meio de uma série de eventos, podemos observar uma nuance da Modalidade Facultativa que até então não havia sido encontrada, correspondente a todos os episódios inerentes à natureza de situações que necessitem de consolo, dentre eles a falta de argumentos diante da morte, a limitação humana e a libertação das amarras que prendem o corpo humano à terra.

Assim, acreditamos que a expressão modal facultativa ‘ser capaz de’, nesta ocorrência, estaria se encaminhando para a caracterização de uma camada distinta das já descritas na GDF, a saber, MFOP e MFOE.

Vejamos outro caso:

13. O que importa para nós bruxas, bruxos, sacerdotisas, guardião. É lembrar que a Deusa e o Deus é uma única energia divina, mediadora entre o céu e a Terra, que detém e compartilha o conhecimento universal de o Logos e de a sabedoria ancestral.

⁷⁸Cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 136.

Ela existe em todos nós e agora chegou a hora de prestar atenção a a sua voz e agir de acordo com as leis de a natureza, onde é sua morada, buscando inspiração, conhecimento intelectual e sintonia espiritual. Quanto mais conscientes agirmos em a nossa vida, mais poderoso e recompensador será o conhecimento que encontraremos, em a Velha Religião de a sabedoria e verdade. Eu busquei me encontrar em a minha religião antiga que tem raiz profunda. Eu compreendi que a **minha religião é capaz de nutrir minha vida e me fazer florescer, frutificar e passar adiante o legado que me foi confiado**. Que a Grande Mãe os acompanhe em sua jornada. Em breve o Véu se rasgará e juntos caminharemos. (SCD 58). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

Em (13) vemos um contexto semelhante ao que foi visto no excerto anterior, onde o tema central também gira em torno da religião. Verificamos da mesma forma que há uma sequência de episódios anteriores à expressão modal facultativa, que possuem o intuito de confirmar o conteúdo proposicional núcleo do Argumento 1, ‘religião’ em “a Deusa e o Deus é a única energia divina”, “ela existe em todos nós”, “a ação consciente da vida”, além das relações de causa e consequência entre a “ação consciente” e o “conhecimento recompensador”. Após tudo isso, chegamos à expressão modal facultativa propriamente dita, em que a religião *é capaz de* “nutrir a vida” e “fazer florescer, frutificar e passar adiante o legado”. Assim, vemos também uma sequência de episódios tanto anteriores quanto posteriores à expressão modal facultativa, de modo que estes eventos anteriores à expressão modal são sintetizados pelo Falante no termo ‘religião’, ressaltado pelo pronome possessivo ‘minha’, indicando o seu comprometimento do o que está sendo enunciado. Neste caso, ‘religião’ não é considerada apenas como uma ‘ideia’, mas também como um conjunto de ações/rituais/princípios/modo de pensar que dão a cabo a sequência temporal nutrir>florescer>frutificar>passar adiante o legado.

Levando em consideração que o Argumento 1 encontrado neste exemplo, ‘religião’, é um termo da categoria semântica Conteúdo Proposicional, pode ser avaliado em termos de sua certeza. O pronome possessivo ‘minha’, neste caso, reforça a certeza do Falante e age como um especificador de ‘religião’, que é quem traz em si a capacidade de nutrir a vida do Falante. Após a expressão modal facultativa, também há uma sequência de EC dispostos sequencialmente caracterizando um Episódio, como “nutrir minha vida”, “me fazer florescer, frutificar e passar adiante o que me for confiado”.

O caso (13), assim como o anterior, pode impulsionar a visão da modalidade relacionada às habilidades e capacidades expressa por ‘ser capaz de’ em percurso de subjetivação. Sendo o escopo um caso de Episódio, em que “um ou mais estados-de-coisas que são tematicamente coerentes no sentido de que mostram uma unidade ou continuidade de tempo, lugar e indivíduos” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 157) e pode ter modificadores temporais e locais, propomos que uma das ascensões do termo ‘ser capaz de’

facultativo até se tornar um item com valor epistêmico (Cf. RODRIGUES; LUNGUINHO, 2019, 2021; BASSI, GÖRSKI 2014, entre outros) é a sua possível designação semântica de expressar a Modalidade Facultativa em direção ao Episódio, por exemplo.

Diversos autores analisaram anteriormente somente o adjetivo ‘capaz’, como por exemplo Bassi e Görski (2014), que partiram do pressuposto de que ele apresenta comportamento multifuncional pode representar categorias gramaticais distintas, desde o adjetivo (sua função denotativa) até marcador discursivo (comum na fala do Sul brasileiro). Para as autoras (p. 600), a transição de significados modais passaria por um processo de generalização gradativa, a saber: habilidade mental > habilidade física > qualquer habilidade > possibilidade raiz. Esta mudança envolveria tanto a mudança de escopo (o agente passaria de parte do conteúdo proposicional da oração a externo ao conteúdo proposicional da oração, tendo escopo sobre a oração inteira e não apenas sobre o predicado) quanto a convencionalização de implicaturas (inferências que podem ser feitas no significado de um modal específico tornando-se parte do significado geral desse modal). Este caminho é observado com nossa expressão em análise, que diacronicamente já possuiu diversos sentidos e vai perdendo seu sentido puramente semântico e ganha aspectos gramaticais conforme agrega-se a outros termos, conforme a sequência adjetivo > habilidade mental > habilidade física > habilidade geral > possibilidade > probabilidade > marcador discursivo (LANCHARES, 2021).

Este parâmetro de identificação da modalidade é visto em Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 176), que definem a noção modal de habilidade como a existência de condições internas de habilitação no agente em relação à ação predicada. Levando em conta a fluidez das fronteiras entre a habilidade e a possibilidade, pode-se usar os mesmos termos para habilidades físicas e mentais, pois,

em muitos casos uma habilidade física acompanha necessariamente uma habilidade mental, como em ‘saber atirar com uma besta’. Assim, um verbo originalmente restrito à capacidade mental é estendido para se aplicar também à capacidade física e, assim, torna-se um sinal geral de capacidade (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 190).

Ora, levando isso em consideração e conhecendo o percurso que um termo percorre em direção ao processo de gramaticalização, em que um item vai gradativamente perdendo seu status semântico e adquirindo posições gramaticais em uma determinada língua, concluímos que ‘ser capaz de’, dados os seus usos concomitantes de a) habilitar um participante a desempenhar uma ação descrita no estado-de-coisas; b) elencar as condições físicas ou circunstanciais de um evento específico; c) identificar as condições de ocorrência de mais de

um EC encadeado, ou seja de um episódio; d) considerar a probabilidade/possibilidade de ocorrência de uma proposição (quando passa a ter valores epistêmicos), está ainda em pleno processo de gramaticalização.

Conforme não apenas nosso Argumento 1 torna-se mais complexo, mas o escopo da expressão modal facultativa ‘ser capaz de’ no português brasileiro contemporâneo vai também ganhando amplitude, esse fato nos sugere uma possível interpretação subjetiva da categoria modal facultativa. De acordo com Nagamura (2016),

Mesmo os modais objetivos podem ser considerados inerentemente objetivos, se velarmos em consideração a presença de uma avaliação interna do Falante, havendo, portanto, uma sobreposição entre a objetividade gramatical, de um lado, e a Subjetividade Inerente, de outro, uma sobreposição não apenas válida, mas esperada, tendo em vista como essas definições são concebidas: a Subjetividade Inerente pode ser encontrada em todos os usos da língua, e em alguns casos há uma sistematização da avaliação subjetiva realizada; essa sistematização foi chamada de Subjetividade Gramatical. (NAGAMURA, 2016, p. 70-71).

Em outras palavras, não podemos simplesmente levar em consideração apenas uma possível avaliação interna do Falante, haja vista que, se o fizermos desta maneira, cairíamos no equívoco de considerar todas as expressões modais como subjetivas. Sendo assim, é necessário identificar quais são as marcas linguísticas de subjetividade identificadas como passíveis de subjetividade para que possamos identificar a Modalidade Facultativa como gramaticalmente subjetiva. Um dos primeiros parâmetros, segundo a GDF (2008), seria a própria indicação da camada em que a modalidade atuaria, em que as camadas do Conteúdo Proposicional (p) e do Episódio (ep) indicariam a modalidade subjetiva e as demais camadas abaixo indicariam a modalidade objetiva. Como até o presente momento a Modalidade Facultativa fora encontrada somente nas camadas dos Estados-de-Coisas (e) e das Propriedades Configuracionais, entendia-se que a categoria faria parte das modalidades consideradas objetivas. Os exemplos descritos acima, entretanto, aparentam um contexto distinto do encontrado anteriormente sobre a categoria em análise.

Ainda com base em Nagamura (2016), outros parâmetros podem ser indicadores da modalidade subjetiva, como: a presença de locuções adverbiais indicando certeza ou dúvida⁷⁹. Partindo desse pressuposto e observando que o termo ‘ser capaz de’ pode indicar tanto a Modalidade Facultativa nas camadas dos EC e das Propriedades Configuracionais quanto a modalidade epistêmica na camada do Conteúdo Proposicional, vimos indícios de que a

⁷⁹ Conforme Nagamura (2016, p. 71), alguns exemplos de locuções desta camada podem ser “com certeza e sem dúvida”.

expressão modal facultativa pode ainda estar em processo de ascensão nas camadas de produção do enunciado linguístico.

Outros fatores relevantes para a identificação da subjetividade gramatical são: a) a presença de adjetivos modificadores de Subato de referência, pois eles indicariam a atitude subjetiva do Falante; b) o “teste e negação” (NAGAMURA, 2016, p. 81); e c) a interrogação.

Quanto ao teste de negação, Nagamura (2016, p. 81) o liga à adjetivação, indicando que “a possibilidade de negação de um adjetivo indica um caráter não-performativo da avaliação, portanto, não ligada ao Falante no momento da enunciação”. Dito de outra forma, a possibilidade de negação indicaria que a expressão modal seria objetiva, já que não haveria o comprometimento do Falante com o que ele estaria enunciando. Se pegarmos as expressões modais dos exemplos acima e colocarmos em uma negação teremos dois cenários distintos: em (13), a Falante enumera todo o contexto pelo qual a sua fé seria importante, não haveria coerência se ela dissesse que sua religião “não é capaz de nutrir” sua vida. Neste ponto, a impossibilidade de negação dentro do contexto linguístico desenhado pela Falante indica o seu comprometimento com a expressão facultativamente modalizada e com o seu enunciado.

Outro parâmetro indicador de subjetividade seria a interrogação. Neste caso, “também cria um distanciamento do Falante em relação à avaliação. Por meio da interrogação, o Falante exprime seu desconhecimento a respeito das informações contidas no enunciado” (NAGAMURA, 2016, p. 82). O desconhecimento, portanto, mostra a ausência de comprometimento do Falante com o seu enunciado. Portanto, a impossibilidade de se interrogar o enunciado também indicaria o comprometimento subjetivo do Falante com o seu enunciado. Se observamos os exemplos (12) e (13), respectivamente, veremos que questionamentos como “a minha religião é capaz de nutrir a minha vida?” e “nada seria capaz de interferir em nossos planos?” seriam totalmente incoerentes com o comprometimento demonstrado nos enunciados.

Nosso posicionamento torna-se ainda mais coerente ao analisar as palavras se Nagamura (2016) acerca da Subjetividade Gramatical:

Contudo, ser uma avaliação pessoal não significa necessariamente tratar-se de uma expressão de subjetividade Gramatical. Para isso, é necessário que o Falante se comprometa com relação a essa avaliação, de modo que esse comprometimento se reflita no comportamento sintático, não podendo estar sob o escopo da negação e da interrogação. (NAGAMURA, 2016, p. 86).

Em outras palavras, há uma tendência à subjetivação dos casos mencionados, pois os questionamentos hipotéticos feitos acima (‘a minha religião é capaz de nutrir a minha vida?’ e ‘nada seria capaz de interferir em nossos planos’) não poderiam ser o escopo dos exemplos

(12) e (13). Com base em nossa análise acerca destes dois exemplos, vimos que a possibilidade de negação e de interrogação deles são completamente inviáveis, pois além de não haver espaço no contexto linguístico dos exemplos para possíveis questionamentos (e trazendo um possível descomprometimento do Falante com o seu enunciado), a possibilidade de negação também é inviável, pois todas as justificativas anteriores à expressão modal facultativa e todas o eu escopo posterior indicam o seu comprometimento, sendo incoerente a afirmação e, ao mesmo tempo, a negação das circunstâncias enumeradas. De acordo com o exposto até o presente momento nessa seção, portanto, podemos dizer que os exemplos (12) e (13) podem ser considerados casos de Modalidade Facultativa orientada-para-o-episódio.

5.1.2.2 As Condições de Realidade

Após termos analisado como a expressão modal facultativa ‘ser capaz de’ se comporta em relação ao seu alvo no português brasileiro contemporâneo, é preciso verificar também como a categoria se comporta quanto às demais categorias semânticas que a rodeiam. Uma das primeiras categorias a serem mencionadas, diz respeito às Condições de Realidade, relativo ao cenário de um determinado enunciado construído na situação de fala, no qual ele poderia ser considerado *realizado* ou *não realizado* (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 165). Como esta categoria presume a avaliação da realização de algo, esta pode ser uma categoria que tende a influenciar as demais categorias, conforme veremos a seguir.

Ao verificarmos esta categoria no português brasileiro contemporâneo em relação à expressão modal facultativa ‘ser capaz de’ verificamos que grande parte dos casos corresponde à condição *realis*, conforme a Tabela 7 apresenta:

Tabela 7 – As Condições de realidade em ‘ser capaz de’

Condição de realidade	Nº	%
<i>Realis</i>	674	75,5%
<i>Irrealis</i>	219	24,5%
Total	893	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS

Consoante ao que verificamos, a condição *realis* foi a mais recorrente, obtendo 75,5% do total de casos. A condição *irrealis*, por sua vez, obteve 24,5% dos casos válidos. Este resultado nos mostra que o Falante, ao utilizar a expressão ‘ser capaz de’ para expressar a Modalidade Facultativa, tem preferência em considerar que determinada habilidade/capacidade

ou condição de ocorrência do evento é tida prioritariamente como *realizada*. Em outras palavras, para Hengeveld e Mackenzie (2008), os tempos correspondentes à condição *realis* dizem respeito ao não-futuro (p. 165), ou seja, o tempo presente e todas as categorias totalmente inseridas no passado sem qualquer interferência no futuro, como o ‘pretérito perfeito’ e o ‘pretérito imperfeito’.

A categoria *irrealis*, por sua vez, corresponde basicamente aos tempos futuros (C.f. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 170), como o ‘futuro do presente’ e o ‘futuro do pretérito’, em que as interferências do futuro identificam o EC como realizável ou não realizável no futuro.

Vejamos o exemplo (14) a seguir, que ilustra como a condição *realis* se comporta:

14. Quando nossos sistemas têm uma desorganização, muitas vezes só conseguimos esse impacto emocional através de comportamentos opostos e provocativos. Mesmo em esses casos, o cérebro ainda receberá uma recompensa emocional mais forte se a pessoa aprender estratégias para impactar positivamente os outros. É um processo de volta a o curso natural, que não é fácil e imediato, mas extremamente necessário para uma melhor qualidade de vida e que depende de o desenvolvimento de a correção emocional. Através de a habilidade de corrigir a emoção, também **somos capazes de influenciar** a nossa própria emoção, isso quer dizer, se eu estou feliz e eu faço você feliz, juntos, podemos fazer um ao outro mais feliz. Isso acontece através de os meus atos em relação a você. É por meio de o compartilhamento de o olhar, de o toque, de o tom de voz usado e de as experiências, que nós vivemos juntos. (SCD 390). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (14) traz um contexto em que o Falante discorre sobre os impactos emocionais de comportamentos opostos, em que a autorregulação emocional habilita o ser humano à *capacidade de influenciar nossa própria emoção*. A utilização da primeira pessoa do plural marcada pela desinência verbal no verbo ‘ser’ nos mostra a inclusão indireta do Falante em seu ato discursivo, ou, conforme a GDF, a primeira pessoa inclusiva, cujos parâmetros são [+F], [+O], indicando que o Falante está manifestando a MF para um Ouvinte hipotético e que pode corresponder a qualquer pessoa. O valor [\pm inclusivo] é identificado por meio da utilização do tempo verbal no presente do indicativo, dando uma noção de que o Falante, ao enunciar o tempo presente, nos traz uma ideia de que a ação de “influenciar a nossa própria emoção” pode acontecer no momento em que o enunciado está sendo lido. Assim, temos a condição *realis*.

O exemplo (15) traz como a expressão ‘ser capaz de’ apresenta a condição *irrealis*:

15. O governo de o Acre prometeu que todos os municípios teriam cobertura total a partir de setembro de 2010. -- O máximo que **a gente for capaz de imaginar** e sonhar será muito pouco diante de o que vai acontecer em o Acre a partir de o Floresta Digital. Nós estamos criando algo confiantes em a capacidade de a molecada espalhada em o Acre inteiro. Estamos consolidando o maior projeto de inclusão digital de o país (SCD

889). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (15) temos um comentário acerca da inclusão digital no estado do Acre. De acordo com o Falante, mesmo que a capacidade de imaginação da população seja bastante apurada, ainda assim tudo o que for pensado não será capaz de atingir a realidade após a conclusão do projeto.

Nessa situação, ao observamos a presença do tempo futuro do subjuntivo em “o máximo que a gente for capaz de imaginar”, vemos que há uma possibilidade totalmente incluída em um tempo posterior à realização do enunciado, de modo que a ‘capacidade de imaginar e sonhar’ é uma *condição circunstancial* de ocorrência futura, ou seja, posterior ao enunciado realizado. Temos a condição *irrealis*. Nossa interpretação é reforçada em razão de o Falante concluir seu enunciado afirmando que que todas essas habilidades sonhadas e imaginadas não chegarão nem perto do que será realizado.

Em relação ‘ser capaz de’ ao enunciar a MF no português brasileiro contemporâneo, vimos que, embora ela seja encontrada tanto em condição *realis* quanto em condição *irrealis*, há prevalência daquela sobre esta. A próxima categoria de análise indicará como a Modalidade Facultativa se encontra em referência ao alvo e subtipos da categoria.

5.1.2.3 A Polaridade

O parâmetro seguinte a ser analisado quanto a em ‘ser capaz de’ corresponde à Polaridade. Assim como a MFOE, a categoria semântica da Polaridade é descrita por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 178) como um operador na camada semântica do Estado-de-Coisas. A categoria da Polaridade aqui descrita concentra-se na negação simples de um estado-de-coisas, em que um valor negativo é marcado e um valor positivo é não-marcado.

Quanto à expressão linguística ‘ser capaz de’, os dados mostram predominância da Polaridade positiva, conforme observamos na Tabela 8:

Tabela 8 - A Polaridade da MF em ‘ser capaz de’

Polaridade	Nº	%
Positiva	753	84,3%
Negativa	140	15,7%
Total	893	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS.

Com base na Tabela 8, observamos que o Falante do português brasileiro contemporâneo tende a enunciar a MF com ‘ser capaz de’ preferencialmente na polaridade positiva, obtendo 84,3% do total de casos analisados. Já quanto à polaridade negativa obteve a minoria dos casos analisados, com 15,7% dos casos

A fim de uma melhor identificação de como a polaridade é apresentada em cada uma das categorias modais, vejamos a Tabela 9, que detalha como foi encontrada:

Tabela 9 - As categorias ‘Polaridade’ e ‘Alvo’ em ‘ser capaz de’

Alvo	Polaridade		Total	
	Positiva	Negativa		
	Nº	639	105	744
MFOP	% em ALVO MF	85,9%	14,1%	100,0%
	% em POLARIDADE	84,9%	75,0%	83,3%
	% do Total	71,6%	11,8%	83,3%
MFOE	Nº	114	35	149
	% em ALVO MF	76,5%	23,5%	100,0%
	% em POLARIDADE	15,1%	25,0%	16,7%
	% do Total	12,8%	3,9%	16,7%
Total	Nº	753	140	893
	% em ALVO MF	84,3%	15,7%	100,0%
	% em POLARIDADE	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	84,3%	15,7%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS.

Refutando nossa hipótese específica de que *o tipo de polaridade mais recorrente nas expressões linguísticas modais do português contemporâneo brasileiro ‘ser capaz de’, ‘ter como’ e ‘dar para’, quando orientadas-para-o-participante, é a positiva. Por outro lado, a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento tende a ocorrer em polaridade negativa, indicando a circunstância de não ocorrência deste evento*, observamos que, em ‘ser capaz de’, a principal polaridade utilizada pelo Falante do português brasileiro contemporâneo corresponde à polaridade positiva, independentemente do alvo a ser analisado e não somente na MFOP. Embora tenha ocorrido em menor quantidade, a polaridade negativa obteve um resultado relativamente significativo, pois ocorreu em todos os alvos de orientação modal quanto à nossa expressão em análise.

A Polaridade positiva, conforme dissemos, não é marcada morfossintaticamente, como podemos perceber no excerto abaixo:

16. Quanto essas músicas sem sentido, sem nada apenas verbos e palavras mal ditas, vem de pessoas que não tem nada a oferecer além disso, então não temos que perder nosso tempo ouvindo-as, não edificam e nem nos aproximam de Deus. Mas como

sofremos, amamos, sonhamos como seres terrestres, as boas músicas populares retratam nossos sentimentos e como bons apreciadores de a Arte, aplaudimos bons intérpretes; Sou casada e batizada em as águas, cometi o adultério estou muito arrependida e ***não sei como fui capaz de fazer algo tão horroroso*** faz três meses que isso aconteceu. estou mto doente e depressiva penso em falar com o presbítero de minha congregação, mais tenho medo pois desde que ele assumiu está igreja noto que não gosta de mim pois quase não me dava a paz quando me encontrava, fora que muitos irmãos gostam de falar e reparar os outros. não sei o que fazer é ajude-me irmãos. (SCD 587). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (16) é bastante rico e nos traz uma discussão interessante sobre a posição sintática da partícula ‘não’, que servirá para ilustrar como podemos identificar a presença da polaridade negativa influenciando a Modalidade Facultativa em relação a ‘ser capaz de’. Nesse caso, a Falante relata, entre outros assuntos, que mesmo após seu batismo nas águas cometeu o pecado do adultério e não compreende como adquiriu tal capacidade. Neste caso, a posição [+inclusiva] explicita a MFOP, onde a Falante é a própria participante do EC “fazer algo tão horroroso”. Neste caso, a marcação negativa está em sua incredulidade de ter adquirido a capacidade de ter traído seu marido, não sobre a expressão modal facultativa – ou seja, o que está sendo negado não é o fato de ela *ter sido capaz de* cometer o ato, mas sim a sua incredulidade (“não sei como fui capaz”) ao perceber que o fez. Sendo assim, casos como este foram considerados na categoria ‘polaridade positiva’.

No caso da Polaridade em relação à Modalidade Facultativa, identificamos a marcação da negativa por meio do advérbio ‘não’, ‘nenhum’ e seus correlatos, como ‘nem’, ‘nada’, ‘ninguém’ e ‘nunca’ por exemplo. De maneira diferente do que acontece em outras línguas como o turco, que possui um termo específico para inabilidade (Cf. HENGELEVD; MACKENZIE, 2008, p. 212), ao enunciar a MFOP em polaridade negativa não há no português brasileiro contemporâneo um termo específico equivalente, ficando somente a negativa por meio, sobretudo, do ‘não’ que escopa ‘ser capaz de’. Por vezes, a interpretação obtida da MF em polaridade negativa é a de uma circunstância que não teria a possibilidade de ocorrer (quando OE), ou mesmo uma capacidade perdida pelo participante ao longo de sua vida (quando OP):

17. Com a grande oferta de drogas, a torto e a direito, as pessoas mais fracas ou mais sensíveis, dando o azar de cruzarem com um grupo afeito a drogas, possivelmente cairão em o experimento. E, daí em diante, o estrago está feito. -- ***Nem pai, nem médico, nem igreja, nem espiritismo, nem reza é capaz de garantir*** a cura definitiva de o desafortunado. -- Só uma pessoa pode reverter o quadro: O PRÓPRIO DROGADO. (SCD 92). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (17) temos um caso de MFOE, em que a presença dos Indivíduos ‘pai’ e ‘médico’, do Local ‘igreja’, do Conteúdo Proposicional ‘espiritismo’ e da nominalização do EC ‘reza’, dão uma noção de ‘distanciamento’ do dependente químico: ‘pai’ representaria para o Falante a família, as pessoas mais próximas a ele e que poderiam ajudar, a princípio; ‘médico’, já traria o apoio de um Indivíduo não tão próximo como a família (representada em ‘pai’), mas também um Indivíduo que poderia usar seus conhecimentos para auxiliar na cura do vício. Em seguida, vemos um Local ‘igreja’, representando a possível fé da família quando o ‘médico’ não é capaz de ajudar; em seguida, vemos os EC ‘espiritismo’ e ‘reza’, indicando eventos que poderiam ocorrer e que pudessem ter as circunstâncias necessárias para o ‘drogado’ se livrar do vício. Embora haja uma gradação semântica, partindo do âmbito familiar e indo para religiões diversas, o Falante, não deixa claro se essas ações são sequenciais ou ocorrem ao mesmo tempo, o que torna implícita a leitura de ações independentes. A presença da negativa em ‘nem’ mostra que as opções dadas pelo Falante como não são capazes de garantir a cura de um viciado em drogas: “nem [o amor do] pai, nem [o conhecimento do] médico, nem [a fé presente na] igreja, nem [a sessão de] espiritismo, nem [o evento da] reza [...]”. A utilização do termo em cada uma das entidades designadas (“nem pai, nem médico, nem igreja, nem espiritismo, nem reza”), neste caso, reforça a presença da negação, mostrando que, mesmo com todas estas opções, ocorrendo sequencialmente ou ao mesmo tempo, não podem curar efetivamente o drogado.

Nossa interpretação de que (17) é um caso de MFOE é ressaltado não somente pela presença da conjunção ‘nem’, dando uma noção de que todas as entidades seriam excludentes entre si, a sequência indicada pelo interlocutor inicia por Indivíduos (‘pai’, ‘médico’), passa por Local (‘igreja’) e Estados-de-coisas (‘espiritismo’, ‘reza’). Sendo assim, se considerarmos como MFOP, estaríamos excluindo da interpretação os EC que também estão posicionados como A1 da expressão modal. Por outro lado, também não poderíamos considerar um caso de MF orientada para-o-episódio, pois os A1 estão se excluindo entre si e dão entre si uma noção de alternância e não sequencial, além do escopo da MF constar apenas um EC (‘a garantia de cura do drogado’). Assim, temos um caso de MFOE, em que as ações externas com a finalidade de tentar salvar o viciado são, na verdade, *condições circunstanciais* em que estes indivíduos estão inseridos e, estando em polaridade negativa, são circunstâncias infrutíferas para modificar este EC.

O excerto seguinte, por sua vez, nos traz um caso de polaridade negativa atuando de uma outra forma:

18. A garota chilena Yaritza Oliva de 20 anos está vivendo um pesadelo em sua vida por chorar lágrimas de sangue, e até agora ***ninguém foi capaz de explicar*** a sua condição misteriosa. Yaritza notou que lágrimas de sangue escorriam de seus olhos

cerca de duas semanas atrás, mas devido situação financeira de sua família ela não pode procurar qualquer ajuda profissional. O único oftalmologista que atende em o hospital local em Purranque alguns dias por semana, tem tantos pacientes agendados que não pode atende-la para uma consulta. (SCD 608). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (18) relata o caso de uma garota chamada Yaritza Oliva e sua luta para tratar uma doença que a faz chorar lágrimas de sangue. Vemos a Modalidade Facultativa marcada no trecho “ninguém foi capaz de explicar a sua condição misteriosa”, em que a indeterminação do sujeito exposto pelo pronome indefinido “ninguém” (Cf. Teixeira, 2014 e LIMA; PRATA, 2023) remete a um conjunto específico de pessoas que não tiveram a capacidade de solucionar seu problema.

Neste caso, observamos a negação do Argumento 1 acionado por meio do pronome indeterminado incidindo sobre a expressão modal mesmo sem a presença do advérbio de negação ‘não’, pois, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 178), embora a polaridade seja um resultado de uma oposição básica entre positivo e negativo, podem também ocorrer outros valores possíveis, como ‘ainda não’ (negativo antecipando um EC positivo), ‘já não’ (positivo após o EC negativo).

Segundo Perini (2016), a negação “indica que o evento expresso pelo verbo não é (não era, não será) verdadeiro [...] se posiciona logo antes do verbo, em com frequência é complementada por outra negação no final da frase” (p. 123). Ou seja, o pronome indefinido ‘ninguém’ está exatamente anteposto ao verbo ‘ser’, que indicaria a sua negação. O autor nos dá um panorama de como marcar a negação em língua portuguesa: além do advérbio ‘não’ anteposto ao verbo, “há outras marcas de negação, cada qual com sua semântica própria: *nada*, *ninguém*, *nunca*, *nenhum*; *nenhum* ocorre sempre como quantificador de um SN (*nenhuma razão*); e os outros ocorrem sozinhos (*ninguém* e *nada* são SNs)” (PERINI, 2016, p. 169).

Em outras palavras e partindo desses pressupostos, todos os casos em que encontramos o EC sendo negado por meio de todos esses operadores foram considerados casos de polaridade negativa, pois a marcação de negação estava presente e incidia de alguma forma na interpretação da Modalidade Facultativa.

Identificamos como ‘ser capaz de’ manifesta a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Nossa análise partiu da identificação de como as informações sobre a Posição do Falante determinam o alvo da categoria e como a Polaridade se Nas seções seguintes detalharemos quais categorias linguísticas lhe antevém e quais categorias são escopo de ‘ser capaz de’, ou seja, o tipo de A1 mais recorrente e o tipo de predicado que ela escopa.

5.1.2.4 As Categorias semânticas do Argumento 1

Esta seção se dedica ao tipo de categoria semântica que está anteposta a ‘ser capaz de’. Conforme observamos em Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 212) e discutimos nas seções anteriores, quando ocorre a MFOP, o participante que irá designar a habilidade descrita o predicado tende a ser da categoria semântica do Indivíduo. Por outro lado, quando ocorre a MFOE a tendência é o A1 ocorra com outro tipo de categoria semântica, ou mesmo tendendo a não ter o seu espaço preenchido (p.176). Partindo dessa análise, a OE teria como seu A1 categorias semânticas distintas do indivíduo e poderia até mesmo ter uma possível perda de valência verbal⁸⁰.

Quanto a ‘ser capaz de’ encontramos os resultados descritos⁸¹:

Tabela 10 - As categorias semânticas do A1 em ‘ser capaz de’

Designação do A1	Nº	%
Indivíduo	744	83,3%
Estado-de-coisas	93	10,4%
Lugar	35	3,9%
Episódio	8	0,9%
Vazio	7	0,8%
Conteúdo Proposicional	4	0,4%
Quantidade	2	0,2%
Total	893	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS.

Conforme o que vimos na Tabela 10, a maior parte dos dados encontrados referentes à designação do A1 foram direcionadas às entidades do tipo ‘Indivíduo’, com 83,3% do total de casos. Em seguida, a categoria do Estado-de-coisas, com 10,4% do total de casos. As demais categorias semânticas estão direcionadas, respectivamente: a ‘Lugar’, com 3,9% do total; Episódio, com 0,9% do total; ‘Conteúdo Proposicional’, com 0,4% do total; ‘Quantidade’, com 0,2% do total. Além destas, observamos que 0,8% das ocorrências de ‘ser capaz de’ enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo tendem a não possuir qualquer categoria semântica no espaço destinado ao A1, mantendo seu espaço Vazio (\emptyset). Esse resultado mostra que o Falante, ao enunciar a categoria Modalidade Facultativa com ‘ser capaz

⁸⁰ Cf. Ignácio (2005, p. 92), “Por valência se entende a relação entre o verbo e os constituintes obrigatórios na organização da oração. Dessa forma, além dos complementos tradicionais (Objetos), incluem-se os chamados complementos circunstanciais (de tempo, lugar, etc.) e o próprio Sujeito”.

⁸¹ Como não foram casos de Modalidade Facultativa em que o Argumento 1 designasse as categorias ‘maneira’ e ‘razão’, não nos detivemos a elas nesta pesquisa.

de' no português brasileiro contemporâneo, tende a enunciá-la indicando semanticamente alguma categoria linguística para ocupar o espaço destinado ao A1.

Diante desses dados, faz-se necessário identificar que todos os casos encontrados que se referem ao Argumento 1 do tipo 'Indivíduo' foram classificados como MFOP. Todas as demais categorias semânticas, como não se tratavam de Indivíduos e estavam equiparadas na mesma camada, foram consideradas parte da categoria Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento.

Isto posto, passemos à análise de cada uma das categorias de Argumento 1 encontradas nesta análise.

a) Indivíduos

Segundo a GDF, a categoria semântica do Indivíduo “designa entidades concretas, tangíveis [...] definidos como ocupando uma porção do espaço, de modo que dois Indivíduos não podem ocupar o mesmo espaço” (HENGELEVD; MACKENZIE, 2008, p. 236). Tendo isso em mente, a categoria do indivíduo pode abrigar não somente seres humanos e animais, mas também qualquer entidade que possa vir a ter tais características.

Em nossa pesquisa buscamos aprofundar o tipo de Indivíduo que estaria presente no enunciado modal facultativo. Tomando por aparato teórico para a definição de como poderíamos categorizar qual o tipo de Indivíduo o Falante estaria designando, tomamos como base os pressupostos de animacidade de Lanchares (2021).

Embora Teixeira (2014) também tenha discorrido sobre o assunto ao detalhar sobre a indeterminação pragmática e semântica do sujeito, sua divisão de traços tendo como parâmetro [+humano] não seria suficiente para nossa distinção, haja vista que podemos ter Indivíduos que não possuíssem esse traço que poderiam ter as habilidades para desempenhar as ações descritas no predicado. Por isso, dividimos a categoria semântica em dois subtipos de Indivíduo: o primeiro grupo seria o das entidades dotadas de animacidade, ou seja, os Indivíduos caracterizados como vivos e que, por instinto ou raciocínio, pudessem ter habilidades inatas ou adquiridas ao longo da vida, como por exemplo animais, seres humanos, plantas, objetos autônomos e afins. Estes indivíduos foram caracterizados em nossa pesquisa como tendo o traço [+animado]; o segundo grupo, por outro lado, corresponde aos indivíduos que não possuem traço de animacidade, ou seja, não possuem nenhum tipo de vida ou raciocínio, como por exemplo objetos inanimados, instrumentos diversos. Estes indivíduos foram caracterizados em nossa pesquisa como pertencentes ao traço [-animado].

A distinção entre o traço de indivíduo [+animado] e [-animado] é bastante complexa e suas primeiras discussões remontam à Antiguidade Clássica. Ullmann (2009, p. 206) considera que um dos primeiros a ter utilizado o termo ‘indivíduo’ foi Cícero, ao traduzir *atomon* do grego. Aristóteles conjecturou que um indivíduo seria um ente singular dotado de matéria que poderia lhe conferir aspectos contingentes diversos. Como estes requisitos vão ao encontro de nossa proposta, tomamos estes como alguns de nossos aspectos para a distinção entre os traços que distinguem nossa categoria de análise ‘indivíduo’.

De acordo com Ullmann (2009), “indivíduo são-no também as pedras, as plantas e os animais, donde se vê que toda pessoa é ‘indivíduo’, mas nem todo indivíduo é pessoa, Por ser racional ultrapassa o homem o rumo dos indivíduos, das coisas” (ULLMANN, 2009, p. 206-208). Tal ponto de vista não apenas corrobora com nossa visão de verificar o termo para além do ser humano, mas não completa a nossa visão de identificar os meandros que esse indivíduo possa ter e como a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo pode se comportar em relação a um ou outro tipo de indivíduo. Por isso, nossa distinção entre seres biologicamente vivos [+animado] e objetos/ seres não vivos [-animado]⁸² faz-se necessária.

Tendo por base a distinção dos Indivíduos entre [+animado] e [-animado] obtivemos o resultado descrito na Tabela 11:

Tabela 11 - Traço do indivíduo em ‘ser capaz de’

Traço	Nº	%
[+animado]	598	80,4%
[-animado]	146	19,6%
Total	744	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS.

Os dados expostos na Tabela 11 evidenciam uma realidade bastante coesa com o que percebemos até o presente momento: ‘ser capaz de’ tende a enunciar a categoria Indivíduos possuidores do traço [+animado], com 80,4% do total de casos encontrados na amostra. Em seguida, temos os Indivíduos com o traço [-animado], que obtiveram 19,6% do total de casos.

Vejam os exemplos que possamos elucidar um pouco mais essa distinção:

⁸²Um exemplo que desde já podemos tomar para nossa discussão refere-se ao excerto (8), em que um robô é programado para ser professor no Japão. Ele foi plenamente programado para reproduzir comportamentos e escrita de grandes mestres, mas, mesmo com toda a sua complexidade de circuitos e capacidade de ensinar, não possui raciocínio e não é um ser vivo biologicamente. Por esse motivo, o ‘robô’ seria considerado um ‘indivíduo’ por possuir massa, ocupar um lugar específico no espaço, ser contável, ter determinada porção de matéria, mas não poderia ser considerado como dotado de animacidade. Por isso, seu traço seria correspondente ao [-animado].

19. Retornei de Santiago um pouco menos tolo e apreciando ainda mais o Casillero del Diablo. Acho que me rendi a a lenda. Pelo menos agora eu sei que, por se tratar de um vinho forte, ele sugere pratos igualmente fortes, como carnes vermelhas ou qualquer coisa bem condimentada. Li em algum lugar que a safra de 2007 é especialmente admirada por os mais entendidos. Se é que posso dar algum crédito a os mais entendidos, **por mais que eu me esforce ainda não sou capaz de sentir a textura** amadeirada e levemente aveludada em um maldito gole de vinho. (SCD 02). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (19) nos traz um caso típico em que podemos encontrar um Argumento em que o Indivíduo traz em si o traço [+ animado]. Aqui temos um caso de inclusão direta do Falante em seu Ato Discursivo, de modo que o Falante se inclui como o próprio participante do estado-de-coisas. A inclusão direta do participante é marcada pragmaticamente e codificada pelo pronome pessoal ‘eu’ e pela concordância verbal em primeira pessoa do singular; a MFOP e, dada a negação simples de *não ser capaz de sentir a textura* do vinho, percebemos que é uma capacidade mental e sensorial que o Falante ainda não atingiu. Seu subtipo, portanto, é *adquirda* em polaridade negativa.

Por outro lado, vemos o traço [-animado] em exemplos como o (20), a seguir:

20. (!). Em matéria de tecnologia há alguns equipamentos opcionais interessantes. Quem imaginaria um carro de entrada com sistema de parada de emergência? Pois o Up! tem, a exemplo de o Passat e de o Touareg... **Sensores são capazes de identificar** situações de perigo e pode frear o carro sozinho a menos de 30 km/h, algo útil para o uso urbano a o qual o modelo se propõe. Há ainda o sistema Park Pilot, que ajuda a estacionar, que se aproveita de a tela de o sistema de entretenimento -- que você conhecerá daqui a pouco. A economia vem de o inédito motor 1.0 de três cilindros (SCD 495). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (20) vemos um caso em que há a descrição do funcionamento dos sensores de alguns veículos automotores podem ser úteis. Aqui, embora a posição do Falante seja [-inclusivo], identificamos claramente que o participante do ato discursivo são os sensores dos carros de modelo Passat e Touareg. Os sensores, no caso, são instrumentos, parte do sistema de freios dos modelos referidos e possuem *a capacidade de identificar situações de perigo*. Os sensores sozinhos, entretanto, não possuem traço de animacidade, pois não possuem autonomia para identificar quais seriam as possíveis “situações de perigo”. Assim, eles precisariam ser acionados por alguém que pudesse identificar tais situações, ou seja, utilizados como um instrumento por alguém para que sua capacidade se manifestasse. Portanto, como eles ocupam um lugar específico, podem ser contáveis, massa e podem ser identificados como entidades concretas, são considerados indivíduos. No entanto, como não possuem raciocínio individual e precisam ser “programados” ou “acionados”, são dotados do traço [-animado].

Vejamos outro caso em que podemos encontrar um indivíduo com o traço [-animado]:

21. De entre os card games mais famosos, está Yu-Gi-Oh que surgiu como um mangá de jogos diversos, mas que acabou ganhando mais popularidade quando se focou em os card games e de aí então diversos jogos, mangás e animes baseados em essa obra surgiram, o que popularizou ainda mais o gênero e abriu espaço para diversos outros jogos de sucesso, mas poucos foram capazes de fazer frente a Yu-Gi-Oh. Em 2011 uma nova franquia surgiu e ganhou uma grande popularidade devido a animação de sucesso que apresentou o jogo e desde então a mesma só se tornou cada vez mais popular, tanto que o anime atualmente está em sua terceira saga sem qualquer interrupção, ou seja, a série já está a 3 anos em o ar e conta com mais de 100 episódios acumulados. (SCD 670). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (21) temos um caso em que o Falante discorre sobre o jogo de cartas Yu-Gi-Oh e o compara com outros jogos semelhantes, que por mais que tentassem, não eram capazes de lhe superar. As informações referentes ao nome do jogo são dadas pragmaticamente, de modo que, ao chegar na designação semântica, o termo ‘jogos’ está elíptico, sendo retomado apenas pelo operador de quantidade ‘poucos’, indicando que não há a identificação de outros jogos que tenham obtido *a capacidade de* se equipararem ao sucesso de Yu-Gi-Oh, sem, entretanto, citá-los. ‘Jogos’, termo não retomado linguisticamente em razão de o Falante supor que já é uma informação dada em seu contexto linguístico, também se trata de um indivíduo e, por não conter características próprias de autonomia e também ser usado como um instrumento, é identificado com o traço [-animado].

b) Estados-de-Coisas

Dentre os dados encontrados em nossa amostra em ‘ser capaz de’, os casos em que o Argumento 1 pertencia à categoria dos EC obteve um quantitativo de 10,4% do total, o segundo maior quantitativo das subcategorias analisadas nesta seção. Isso se deve à Modalidade Facultativa ser prioritariamente tanto OP quanto OE.

Estados-de-coisas, segundo Hengeveld e Mackenzie (2007), “são entidades que podem ser localizadas no tempo relativo e podem ser avaliadas em termos de sua realidade. Estados-de-coisas podem assim ser ditos ‘(não) ocorrer’, ‘(não) acontecer’ ou ‘(não) ser o caso’ em algum ponto de intervalo no tempo.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2007, p. 166). Em outras palavras, são eventos específicos determinados que podem (ou não) estar em um episódio.

Vejamos o exemplo (22) para elucidar melhor como encontramos esses casos em nossa amostra:

22. A sequência de treinos não tinha uma lógica. Ele pedia, eu executava. Até que um dia, ele nadou. E tudo ficou claro. Ele não nadava bem. Pedia séries sem noção porque não sabia quanto elas doíam. Logo depois, veio um sujeito que parece o Biff de o "« De Volta para o Futuro "». Está sempre prestes a executar um bullying. Ele grita, provoca, tira onda. Não, não é um ditador. É um tipo engraçado que nada muito. **Ele só pede o que é capaz de ser executado**. Todos que nadam com ele baixaram os tempos. Ao seu jeito, ele sabe tirar o melhor de a equipe. O ambiente fica divertido mesmo com tanto sofrimento. Já fiz séries de quase vomitar. E saí tranquilo de a piscina. (SCD 164). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Embora o falante discorra sobre si, em (22) vemos um caso de MFOE, pois não podemos identificar claramente a presença de um participante engajado no estado-de-coisas. O destaque é dado à ausência de um Argumento 1 na expressão modal facultativa “ele só pede *o que é capaz de ser feito*” indica tanto a posição não inclusiva do Falante quanto a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, pois, com a voz passiva em “o que é capaz de ser executado”, vemos que “o que” equivaleria a “aquilo que” seria executado, ou seja, os movimentos que poderiam ser executados. O foco, neste caso, não está no falante, nem no participante ‘professor’, tampouco nos alunos, e sim nos movimentos que estariam sendo executados naquele momento. Em outras palavras, o interlocutor busca enfatizar a *circunstância* de execução do movimento, na possível manutenção do esforço pelo qual os nadadores passariam constantemente, executando somente o que anteriormente fora aprendido.

Vejamos outro caso em que observamos a presença do Argumento 1 enquanto pertencente à categoria EC:

23. Dentro de estes parâmetros, a NHTSA admite, como valores de referência, que impactos contra barreiras indeformáveis dentro de automóveis padrão a velocidades acima de 60 mph (96,5 km/h) são quase que totalmente mortais, enquanto a velocidades acima de 40 a 45 mph (64 a 72 km/h; essa margem é imprecisa) tem as maiores chances de maximizar ferimentos graves e oferecer crescimento significativo de o risco de morte, mesmo que o veículo possua uma estrutura de deformação programada sintonizada em essas velocidades. Em estas velocidades, a **simples desaceleração do corpo atado ao cinto de segurança já é capaz de ferir seriamente ou matar**, mesmo sem o concurso de outros tipos de traumas. Em o outro extremo, abaixo de a faixa entre 25 a 30 mph (40 a 48 km/h), a estrutura de deformação programada é menos eficiente, já que a energia de impacto é menor e o organismo humano tolera melhor o impacto, desde que devidamente protegido por o cinto de segurança. (SCD 319). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (23) temos um contexto linguístico em que o Falante relata as possíveis consequências de um acidente automobilístico e como preveni-lo. Há uma nominalização do EC ‘desaceleração’, em que esta ação substantivada assume o papel de A1 da expressão modal

facultativa. Há, portanto, a MFOE, em que ‘aceleração’ assume o papel de Argumento 1 do tipo ‘estado-de-coisas’ que permite a realização do predicado “ser capaz de ferir”.

c) *Lugar*

Outra categoria semântica referente ao Argumento 1 corresponde ao ‘lugar’. Sendo considerado por Hengeveld e Mackenzie (2008), a categoria é correspondente a “entidades concretas e tangíveis” (p. 248). Os autores advertem que a conceituação semântica de alguns locais pode ser construída tanto como um Indivíduo quanto como um Local, a depender dos objetivos do Falante. (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 248). Uma palavra como ‘casa’, por exemplo, pode ser considerada como um mero local, um simples local para viver, ou como um indivíduo, um objeto a ser vendido⁸³. Os autores citam, ainda, a distinção entre as palavras da língua inglesa *house* (casa) e *home* (lar), que corresponderiam, respectivamente, a um Local e a um Indivíduo.

Em língua portuguesa essa distinção acaba sendo um pouco diferente do exemplificado: as categorias semânticas Indivíduo e Local no português gramaticalmente assumem a categoria morfosintática de substantivos e, conseqüentemente, podem assumir o espaço dedicado ao Argumento 1; ambas podem designar seres tangíveis e tanto dois indivíduos quanto dos locais não podem ocupar um mesmo espaço; Além disso, sendo ambos pertencentes à categoria substantivo, podem ser marcados graficamente com a letra inicial maiúscula para indicar nomes de pessoas e locais não comuns, como cidades, estados, países, etc.

Retornando ao exemplo citado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 248), só poderíamos obter alguma distinção entre Indivíduo e Local em uma palavra como, por exemplo *casa*, se tomarmos como parâmetro a sua posição no enunciado linguístico. Se tomarmos um enunciado como “Consumidores *ficam em casa* bebendo água e vendo televisão, com saudades de o governo de FHC”⁸⁴. A proximidade do termo ‘casa’ com a preposição ‘em’ posposta ao verbo, indicam que a expressão corresponderia em português à categoria adjunto adverbial de lugar. Se mudássemos o vocábulo ‘casa’ por ‘lar’, por exemplo, teríamos o mesmo contexto sintático (“consumidores *ficam no lar* bebendo água”), mas a semântica pertinente a ambas as palavras teria correspondência exata: ao passo que ‘casa’ aparenta ter um tom de maior

⁸³ Consider the example of a house: to a prospective buyer, that house may be conceptualized above all as a location, as a place to live; to the real estate agent, in contrast, the house will be conceptualized above all as an Individual, as a commodity to be sold (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 248).

⁸⁴ Trecho retirado da ocorrência SCD 745.

neutralidade e, *a priori*, distinguir o tipo de construção diferente, por exemplo, de um ‘apartamento’ ou de uma ‘mansão’, pode designar genericamente todas as construções físicas que as pessoas habitam. ‘Lar’, por outro lado, embora possa corresponder também a um local em que as pessoas habitam, traz uma carga semântica maior de afetuosidade, correspondendo a qualquer local em que as pessoas podem se sentir à vontade. Embora ambos os termos possuam distinções semânticas, podem ser usados tanto como substantivos assumindo a posição gramatical de sujeito quanto a posição de adjunto adverbial de local. Por esses motivos, levamos em consideração para a distinção entre as categorias semânticas de Indivíduo e Local somente a sua designação semântica, pois estamos analisando como o Argumento 1 pertencente a ambas as categorias se comportam em relação à expressão modal facultativa ‘ser capaz de’ no português brasileiro contemporâneo.

Em nossa análise, verificamos que, das 893 ocorrências em ‘ser capaz de’, 35 obtiveram como Argumento 1 a categoria semântica Local, perfazendo um total de 3,9% do total de casos válidos para esta análise.

Vejamos alguns exemplos:

24. a energia era considerada farta em o século passado, os arquitetos puderam se dar a o luxo de deixar de lado alguns preceitos básicos de a Arquitetura e projetar prédios com foco em forma, em simbolismo e as questões de conforto eram resolvidas com máquinas. Os tempos mudaram e com eles a preocupação em criar edificações que não apenas interajam com o meio ambiente sem desperdício, mas que também sejam capazes de gerar a sua própria energia. (SCD 854). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

Neste excerto, o Falante discorre sobre a distinção entre a arquitetura do século passado e a deste século. Um de seus argumentos reside no fato de determinadas condições que as edificações deveriam ter, em seu ponto de vista. Dentre estas especificações, um dos requisitos que as edificações atuais precisariam ter seria a *capacidade de gerar a sua própria energia*. Aqui vemos a citação inicial do local ‘edificações’, correspondendo a um termo que pode corresponder a edifícios residenciais e empresariais em geral. Dentre as capacidades citadas que estas edificações precisariam ter, características como a interação com o meio são citadas. Embora esta característica de ‘interação’ possa, à primeira vista, parecer algo inerente ao ser humano (ou nesse caso, ao Indivíduo), uma edificação não teria controle sobre suas ações e, neste caso, ela precisaria ser construída com esta intenção específica pelos arquitetos modernos. A elipse existente no segundo enunciado, Ø “mas que sejam capazes de criar sua própria energia”, indica que este requisito para as edificações da atualidade são *condições circunstanciais* de sua criação na arquitetura atual. Deste modo, temos um contexto em que o

A1 se apresenta como elíptico, já que não aparece explicitamente, mas pode ser recuperado por meio do contexto linguístico, e esse A1 é do tipo Local, o que caracterizaria este caso como pertencente à categoria MFOE *circunstancial*.

O excerto (25) também mostra como a designação do Local, quando presente ao Argumento 1, traz também características que o assemelham a um Indivíduo, sendo necessária a observação da semântica referente a cada termo da categoria para distinguir uma da outra:

25. Se você quer viver só de música aí é fogo. Por exemplo, estou levando quase seis meses para produzir um show porque não tenho como pagar os músicos para os ensaios. Entretanto, não me angustio mais com isso. A idade já me alivia de essas dores. E também o que garante que você terá algum retorno financeiro se fizer um disco por ano? É o preço a ser pago, sabe? Essa história é um pouco complicada. Vejo que talvez algumas portas tenham se fechado por não ter mais todo aquele aparato, todo aquele suporte, que uma gravadora é capaz de te proporcionar. Realmente gerava um conforto. Mas, de modo geral, não tenho de o que reclamar, a grande maioria de as portas está aberta e as pessoas vêm se mostrando bem receptivas em relação a o "« Fábula "». (SCD 299). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Aqui vemos um trecho de uma entrevista com um músico, que fala sobre os problemas de compor músicas independentes. Neste caso, o Falante identifica claramente o Argumento 1 “gravadora” ao lado de seu modificador, “uma”, que neste caso atuaria como um modificador de indeterminação (Cf. Teixeira, 2014), mostrando que esta possível condição de dar um suporte maior ao músico seria inerente a todas as gravadoras. Neste contexto, embora o Falante não cite nenhum exemplo de gravadora, ele indica por meio de seu contexto linguístico que elas seriam não apenas um local físico onde o músico tanto poderia ensaiar e gravar suas músicas, mas também obter todo o suporte técnico e empresarial de sua obra, ocupando assim um espaço determinado e sendo uma entidade concreta e tangível, mas que não se refere especificamente a uma pessoa/objeto/animal/ entidade física individual. Por este motivo, consideramos este caso também correspondente à MFOE, em que a condição de ‘ser capaz de dar um suporte’ é referente a uma condição circunstancial inerente à gravadora. O fato de ter o artigo indefinido ‘uma’ anteposto ao núcleo do Argumento 1 ‘gravadora’ mostra que ele age como um termo que intenciona generalizar as gravadoras, ou seja, que esta condição de proporcionar este suporte ao músico seria correspondente a qualquer gravadora.

Com isso, verificamos que a distinção entre o Argumento 1 do tipo Indivíduo e do tipo Local distinguem-se apenas semanticamente, haja vista que os mesmos termos podem ser utilizados em ambos.

d) Episódio

O Episódio é uma categoria semântica correspondente a um ou mais EC que possuem algumas características: a) unidade ou continuidade de Tempo (t), Local (l) e Indivíduos (x); b) pode consistir em um estado-de-coisas nuclear, que pode conter um ou mais estados-de-coisas adicionais, fornecidos com uma função semântica; c) pode conter modificadores e operadores; d) podem ser formados por longas cadeias de orações que, juntas constituem Episódios de uma narrativa mais ampla (Cf. Hengeveld; Mackenzie; 2008, p. 157⁸⁵). Em outras palavras, a junção de dois ou mais estados-de-coisas tematicamente coerentes e compostos por modificadores e operadores podem ser considerados um Episódio.

Em relação ao preenchimento semântico do A1 em relação à expressão modal facultativa ‘ser capaz de’ no português brasileiro contemporâneo, observamos nesta categorias semântica especificamente aquelas em que o Argumento 1 estaria inserido na categoria Episódio encontrada nesta pesquisa, sendo portanto distinta da categoria Modalidade Facultativa orientada-para-o-episódio, pois esta possui não somente a tendência à maior amplitude de Argumento 1, mas também a um maior escopo, ao passo que aquela possui apenas o termo antecedente à expressão modal na categoria ‘episódio’, possuindo um escopo menos complexo que a MFOEP.

Hengeveld (1989, 2011) identifica o desenvolvimento diacrônico em relação a expressões de TMA percorrendo o caminho da camada mais baixa para a mais alta, e não o contrário⁸⁶. Assim, itens linguísticos acabam passando por abstratização semântica gradativa, de modo a não somente a ir perdendo seu sentido lexical inicial, mas também a ir ganhando uma ampliação de seu escopo no enunciado. Aliado a essa perda lexical, o termo também ganharia status gramatical, ou seja, passaria a funcionar como uma “palavra gramatical”. Percebemos isso com o termo “capaz”, cujos registros antigos o identificam como um adjetivo e, com o passar do tempo, foi se tornando: a) expressão modal habilitativa; b) expressão modal epistêmica; c) marcador discursivo (Cf. Grández Avila, 2010; Bassi; Görski, 2014; Castroviejo; Oltra-Massuet, 2018, Rodrigues; Lunguinho, 2018; 2021).

⁸⁵ By na Episode we mean one or more States-of-Affairs that are thematically coherent, in theses that they show Unity or continuity of Time (t), Location (l), and Individuals (x). The general frame for Episodes with a configurational head [...] This structure should be read as follows: na Episode consists minimally of one nuclear State-of-Affairs (e1), but may contain more than one additional State-of- Affairs (e1+N), which may be provided with a semantic function (φ). An Episode may furthermore contain modifiers [...] and operators [...] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 157, tradução nossa).

⁸⁶ Diachronic developments in the field of TMA expressions will go from lower to higher scope, and not the Other way round (HENGEVELD, 2011, p. 583, tradução nossa).

Alguns destes usos, embora mais comuns que outros, não deixaram de existir por completo, haja vista que podemos ainda na atualidade identificar o termo como pertencente a todas estas categorias. Tendo isso em mente, observamos que ‘ser capaz de’ no português brasileiro contemporâneo é um termo que pode, além das características mencionadas, encontrar-se também na camada do Episódio. Ao se ligar a longas cadeias de orações tematicamente coerentes indicando as circunstâncias de sua ocorrência, a MF pode se manifestar dentro de um episódio, caracterizando essa cadeia de eventos enquanto suas condições de ocorrência e mostrando que o termo linguístico está ainda em processo de ascensão nas camadas linguísticas.

Tendo isso em mente, vimos em nossa análise que a tendência da Modalidade Facultativa em possibilidade de ascensão das camadas é assemelhada ao subtipo condição circunstancial, dada a possibilidade de identificação das circunstâncias de ocorrência de um determinado Episódio.

Quanto a ‘ser capaz de’ no português brasileiro contemporâneo, encontramos um total de 9 casos encontrados que poderiam ser inseridos nesta categoria, com um total de 1,0% do total de casos válidos da construção em análise.

Um destes casos é o que mostramos no exemplo (26):

26.Com a Lua em Touro estaremos apreciando uma convivência mais calma, confortável, com demonstração constante de afeto e carinho. Devido a a exaltação de os sentidos, favorece cozinhar, organizar um jantar para os amigos em casa, preparar receitas e apreciar sabores e vinhos. Em a ceia de natal as pessoas estarão mais gulosas. Touro rege a beleza sendo bom momento para cuidar de o corpo e de a estética. Por reger as amígdalas, as cordas vocais, a garganta e o pescoço, desfavorece qualquer cirurgia envolvendo essas partes de os corpos enquanto a Lua estiver em o signo. Controle o desejo de exagerar. Lua / Marte: Próximo a a meia-noite estaremos super animados com a Lua e Marte em boa sintonia. Estaremos mais aptos a enfrentar qualquer dificuldade mantendo controle de as situações. **Nada será capaz de interferir** em nossos planos por estarmos mais firmes e decididos. As pessoas estarão mais colaborativas e teremos maior capacidade de convencer os outros ou despertar seu entusiasmo. (SCD 716). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (26) observamos uma sequência de dois episódios relacionados à Lua, apresentados de maneira semelhante à do excerto anterior: o primeiro episódio concerne ao contexto astrológico da Lua no signo de Touro que permite uma tenência à convivência calma e demonstrações de afeto e carinho, a exaltação de sentidos, cuidar da estética e uma possível cirurgias relacionadas ao trato vocal; em seguida. O segundo inicia-se ligado temporalmente ao seguinte e indicando a mudança de posição da Lua, com um encontro harmonioso entre Lua e Marte. Decorrente dessa conjunção, uma série de ações também ocorreriam, dentre eles a maior

aptidão a enfrentar dificuldades e o controle das situações. Observamos a Modalidade Facultativa no momento em que o Falante indica que “nada *será capaz de* interferir em nossos planos” por uma série de motivos descritos pelo Falante. Ao condensar todas ações por meio do pronome indefinido ‘nada’ vemos que ele está negando todas as possíveis ações que atrapalhariam esta conjunção astral e, ao enumerar uma série de motivos pelos quais nenhum desses possíveis eventos seriam capazes de atrapalhá-la, vemos que ele reforça a magnitude desta união entre os dois planetas, pois há diversas justificativas para que *nenhuma coisa tenha a capacidade de interferir em nossos planos*: dentre essas possíveis ações que poderiam ser interferidas, o Falante cita a firmeza e decisão maior das pessoas, a colaboração interpessoal e a maior capacidade de convencimento ou de entusiasmo.

Vemos, então, uma possível intenção do Falante em marcar linguisticamente tanto uma série de ações anteriores à expressão modal facultativa, haja vista temos a presença de dois possíveis episódios antepostos à expressão modal facultativa, assim como uma ampliação do escopo verbal da expressão modal facultativa em que o Falante enumera uma série de ações que as pessoas irão adquirir a capacidade, dado o caminhar da Lua e seu encontro com o planeta Marte.

e) Conteúdo proposicional

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144), a categoria Conteúdo Proposicional corresponde a constructos mentais que não existem no espaço ou tempo, mas por outro lado existem nas mentes daqueles que os consideram. Os conteúdos proposicionais podem ser ‘factuais’, como partes de conhecimento ou crença razoável sobre o mundo real, ou ‘não factuais’, como esperanças ou desejos em relação a um mundo imaginário. Dada a sua natureza, são caracterizados pelo facto de serem qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos da sua fonte ou origem (conhecimento comum partilhado, evidência sensorial, inferência).

Em nossa pesquisa, encontramos 0,4% do total de casos de ‘ser capaz de’ em que o A1 estaria designado pela categoria ‘Conteúdo Proposicional’ no português brasileiro contemporâneo. Alguns casos encontrados serão exemplificados a seguir, com o exemplo (27).

27. Em o século XIX, dezenas de os milhares de cidadãos chineses foram enviados a o nosso país como semi-'cravos, enganados por os comerciantes ingleses. Muitos de eles se juntaram a o Exército Libertador e lutaram por a nossa independência. Os nossos vínculos com a China partem, no entanto, de as *idéias* marxistas que inspiraram a a Revolução Cubana e **foram capazes de atravessar** as difíceis provas de a divisão

entre os dois grandes Estados socialistas, que tanto dano causou a o movimento revolucionário mundial. em os difíceis dias de o desaparecimento de a URSS, tanto a China, quanto o Viet Vietnã, Laos e a Coréia mantiveram suas relações fraternais e de solidariedade com Cuba. Foram os únicos quatro países que junto a Cuba mantiveram em alto as bandeiras de o socialismo em os dias escuros em que os Estados Unidos, a NATO, o Fundo Monetário e o Banco Mundial, impunham o neoliberalismo e o saqueio de o mundo. A história não pode ser ignorada. (SCD 674). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

No exemplo (27) vemos comentários acerca de como os chineses influenciaram com suas ideias marxistas a Revolução Cubana. Neste caso, quem assume a posição núcleo do Argumento 1 da expressão modal facultativa “foram capazes de atravessar”, é o vocábulo “ideias”. Este item é considerado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 136) um Conteúdo Proposicional. Embora em uma leitura inicial tenhamos a tendência de considerar metonimicamente ‘ideias’ como um conjunto de ações de um grupo, não foram exatamente esse grupo de Indivíduos que executaram estas ações. Na realidade, estas ‘ideias marxistas’(CP) que executaram o EC “inspirar a revolução cubana” e foram capazes de executar a *circunstância* “atravessar as difíceis provas da divisão entre os grandes estados socialistas”. Essas ‘ideias’ foram o *mote* gerador de tais circunstâncias, por isso consideramos (27) um caso de *condição circunstancial*, por se tratar de um A1 do tipo ‘Conteúdo Proposicional’ e não haver um escopo além de “atravessar as difíceis provas”.

f) Quantidade

‘Quantidade’ é a categoria semântica que concebe “quantidades de um fenômeno incontável ou números de fenômenos contáveis” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 268). Embora seja mais comum em linguagem matemática, a categoria semântica da Quantidade pode ser utilizada ao se designar uma quantidade (in)determinada de entidades como, por exemplo, “litro” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 136), ou mesmo alguns advérbios, como em “altamente inteligente (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 270).

Dentre os casos encontrados em nossa amostra de ‘ser capaz de’ no português brasileiro contemporâneo, dois possuíam o Argumento 1 como correspondentes a essa categoria. Vejamos um excerto:

28.A cesariana traz efeitos muito piores para a mãe e para a criança ao longo de a vida, estando relacionada a problemas respiratórios, obesidade, alergias e doenças autoimunes. **A grande maioria de as mulheres é capaz de parir naturalmente** (via vaginal) se forem acompanhadas de a forma correta, respeitando o tempo e a fisiologia de o nascimento. Claro que sempre haverá exceções, mas elas são só isso: exceções e

não a regra. De a mesma forma, o parto cirúrgico, comprovadamente mais invasivo e perigoso, não pode virar regra como acontece atualmente. (SCD 145). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Nesse caso temos um contexto linguístico em que a Falante não se inclui no enunciado linguístico, o que lhe dá o caráter do parâmetro não inclusivo. Conforme observamos, a tendência à não inclusão indica o descomprometimento do Falante com o seu enunciado modal, indicando que estamos diante de uma modalidade objetiva e, portanto, presente nas camadas mais baixas do Nível Representacional. O Falante busca explicar como a cesariana pode trazer malefícios à mãe e ao bebê. Ao dizer que “a grande maioria das mulheres *é capaz de* parir naturalmente”, há a presença do Argumento 1 ‘maioria’ ao lado de seu modificador ‘das mulheres’, indicando que o seu núcleo é pertencente à categoria semântica Quantidade, já que indica um número não contável de entidades, neste caso, de mulheres. Aqui, como o contexto se refere à capacidade dessas mulheres em “parir naturalmente”, estamos diante de um caso de MFOE, haja vista que a categoria semântica em análise se refere à quantificação de uma entidade.

O exemplo seguinte segue a mesma linha do anterior, em que o núcleo do A1 também ocorre codificado por meio do termo ‘maioria’:

29. Podemos afirmar corretamente que Seres de Luz, que estão muito além de o seu grupo de Anjos, fornecem uma luz que é inimaginável para vocês. Acrescentamos que toda luz de todas as fontes tem uma matriz filtradora natural e distribuição espectral dimensional. **A maioria de os seres humanos é capaz de perceber apenas "» fisicamente "»** a quantidade de luz que ocorre em a "« faixa visível "» de o espectro de luz (SCD 259). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (29) o A1 expresso em “a maioria dos seres humanos” designa uma quantidade incontável de entidades, neste caso, seres humanos. O Indivíduo animado codificado pelo plural e por sua espécie atua como modificador desta quantidade, codificada como ‘maioria’. Aqui, como o Falante está se referindo a uma Quantidade incontável de seres, temos um caso de MFOE *circunstancial*, em que o EC descrito no predicado é passível de ocorrência por meio da circunstância de percepção física da quantidade de luz visível.

Tanto em (28) quanto em (29), temos um contexto linguístico no qual há a quantificação de Indivíduos por meio do designador ‘maioria’. Embora possamos reconhecer que em ambos há um participante (‘mulheres’ e ‘seres humanos’, respectivamente), o foco do interlocutor ao proferir esses enunciados está na quantidade, ou seja, na “maioria”, indicando uma noção genérica de um quantitativo indeterminado que poderia proporcionar a realização

do EC “parir naturalmente” e “perceber fisicamente a luz”. Em outras palavras, embora haja indivíduos, o enunciado intenciona propositalmente apagá-los enfatizando a quantidade inespecífica ‘maioria, considerando-a como a *circunstância* necessária para a ocorrência dos EC descritos no predicado de cada um dos exemplos.

g) *Vazio*

Conforme um vocábulo tende a ascender em camadas, observa-se que o termo perde gradativamente o seu sentido lexical e sua possível liberdade de posicionamento e vai, gradativamente, adquirindo status gramatical, ou seja, adquire funções específicas no enunciado linguístico (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2014). Com isso, pode se ligar a outros termos e, conseqüentemente, todos conterem um significado específico.

Assim como no caso da MF orientada-para-o-episódio, também encontramos dentre as categorias do A1 a total ausência de qualquer designação semântica que pudesse recuperá-lo. Neste caso, observamos que ‘ser capaz de’ ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo pode ter uma série de argumentos como Indivíduos, Episódios, EC, entre outros. Entretanto, uma característica peculiar de seu funcionamento ao ascender da camada das Propriedades Configuracionais para a camada dos EC é a possibilidade de o espaço destinado ao A1 estar completamente. Esse é o caso de construções impessoais, em que a desinência verbal em terceira pessoa aliada à ausência do A1 não permite a identificação de qualquer categoria semântica que possa ocupar seu espaço. Em nossa amostra, encontramos 0,8% de casos em que ‘ser capaz de’ não expressa o A1 ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

Vejamos um exemplo que reflete esta situação:

30. Tornaste- nos repletos, ó pai, de a boa e completamente bela visão, e pouco é preciso para que o olho de meu intelecto renda homenagem sob a influência de uma tal visão. -- Sem dúvida, pois não é de a visão de o Bem como de o raio soltar, que por a sua natureza ígnea deslumbra os olhos por a sua luz, e os força a se fechar; contrariamente esta visão ilumina, e isso tanto mais quanto **mais se é capaz de receber** o influxo de o esplendor inteligível. (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em todos os exemplos vistos até o presente momento era possível identificar a quem a Modalidade Facultativa estava se referindo e, além disso, era-nos possível perceber o impacto das categorias semânticas referentes ao Argumento 1 na indicação do alvo da Modalidade Facultativa. Em (30), diferentemente dos demais, não há com identificar a quem a

expressão modal facultativa ‘é capaz de’ se refere, reforçado pela presença da partícula ‘se’ anteposta a expressão modal, atuando no contexto linguístico em análise como um índice de indeterminação do sujeito. Embora esteja marcado morfossintaticamente pela partícula ‘se’, semanticamente ela está atuando como um índice de indeterminação, fazendo com que a construção como um todo seja considerada impessoal. O foco do enunciado está no evento ‘visão do Bem’, considerado a *condição circunstancial necessária* para a ‘recepção do influxo inteligível’, indicando que estamos diante de um caso de MFOE. Vejamos outro caso, (31) “Os meios são os próprios fins. *A força de o simbólico está em a força de enunciar **que é capaz de fazer** aquilo que propõe: “« dizer é fazer / agir ”».* (SCD 292). (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

No exemplo acima, vemos que não há a presença do índice de indeterminação do sujeito ‘se’, mas, ainda assim, percebe-se a dificuldade do contexto linguístico em ser encontrado um A1 para fundamentar a *capacidade de* fazer aquilo que se propõe. ‘Força’, nesse caso, atua como um modificador de ‘enunciar’. Assim, não há como identificar claramente quem ou o que “é capaz de fazer aquilo que propõe”. Sendo assim, estamos novamente diante de um caso em que há a MFOE, em que o subtipo *condição circunstancial* está presente ao haver o foco nas ações de ‘enunciar’ e de ‘fazer’, sem que haja no contexto nenhuma categoria semântica designada para ocupar o espaço referente ao Argumento 1 deste enunciado, deixando este espaço vazio.

Vimos no decorrer desta seção a complexidade em que ‘ser capaz de’ pode ser encontrada ao expressar a Modalidade Facultativa pois, pode ser antecedida por um A1 de diversas categorias semânticas e, como analisamos, não somente o alvo da Modalidade Facultativa pode ser distinto, mas também vimos a possibilidade de ascensão da expressão ‘ser capaz de’ ir em direção a camadas superiores ao enunciar a Modalidade Facultativa. Por esse motivo vemos a necessidade não somente da análise dos termos antepostos à expressão modal facultativa ‘ser capaz de’, mas também é necessário verificar qual seu escopo. Por isso, a seção a seguir busca identificar qual o tipo de predicado mais recorrente na Modalidade Facultativa por meio de ‘ser capaz de’.

5.1.2.5 O tipo de predicado escopado

Na GDF, Hengeveld e Mackenzie (2008), vemos que os estados-de-coisas são considerados:

entidades que podem ser localizadas em tempo relativo e podem ser avaliadas em termos de seu status de realidade. Estados-de-coisas podem, portanto, ser ditos como ‘(não) ocorrem’, ‘(não) acontecem’ ou ‘(não) são o caso’ em algum ponto ou intervalo de tempo. Estados-de-coisas são distinguíveis por esta característica temporal de Indivíduos, por um lado, e Conteúdos Proposicionais, por outro. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 166).

Observando que a categoria modalidade pode trazer em si um escopo de um EC sobre o predicado, vemos que não somente a identificação dos elementos que antecedem a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘ser capaz de’ faz-se necessária, mas também a análise de que tipo de EC a expressão escopa (ou seja, o EC que está presente no predicado), estando este escopo tanto no contexto externo ao Falante quanto em sua mente.

A GF, predecessora de nosso principal aparato teórico, utiliza um conceito bastante amplo de EC, mas ao mesmo tempo relevante para compreendermos o que é essa categoria:

O termo ‘estado-de-coisas’ é aqui utilizado no sentido amplo de “concepção de algo que pode ser o caso em algum mundo”. Esta definição implica que um EC é uma entidade conceitual, não algo que possa ser localizado na realidade extramental, ou que possa ser considerado existente no mundo real⁸⁷. (DIK, 1997, p. 105).

Mesmo que o EC possa ser localizado no tempo e no espaço, antes de ser enunciado ele passa pelo crivo mental do Falante, que o identifica e o enuncia de acordo com suas concepções. Por isso a categoria é considerada uma entidade conceitual, ou seja, que existe na mente do Falante.

A distinção básica entre os tipos de estado-de-coisas é decorrente da combinação entre os parâmetros de dinamicidade e controle, identificados como situações e eventos. As situações são EC não dinâmicos, distinguindo-se por meio do parâmetro do controle. Os eventos, por sua vez, são EC dinâmicos, também distintos entre si pelo parâmetro do controle.

Nesta descrição sobre qual o tipo de predicado que a expressão modal escopa nos baseamos em Dik (1997) para identificarmos as possíveis variações entre os parâmetros [+dinâmico] e [±controle], possibilitando detalhar quatro tipos de EC com base no descrito abaixo:

- a) Estado: [-dinâmico], [-controle];
- b) Posição: [-dinâmico], [+controle];
- c) Processo: [+dinâmico], [-controle];

⁸⁷ The term "State-of-Affairs" is here used in the wide sense of "conception of something which can be the case in some world". This definition implies that na SoA is a conceptual entity, not something that can be located in extramental reality, or be said to exist in the real world. (DIK, 1997a, p. 105, tradução nossa. Grifos do autor)

d) Ação: [+dinâmico]; [+controle].

Nossa busca pela teoria antecessora da GDF (2008) se deu por verificarmos que em Dik (1997) podemos como a expressão modal e seus argumentos antecedentes podem interferir semanticamente na construção do predicado de maneira mais detalhada. Concentramo-nos somente nos quatro principais tipos de predicado, ‘estado’, ‘posição’, ‘processo’ e ‘ação’, pois todas as outras combinações possíveis são derivadas destes 4 tipos básicos.

Nossa pesquisa obteve como resultado o panorama descrito na Tabela 12:

Tabela 12 - Tipo de predicado escopado em ‘ser capaz de’

Tipo de Predicado	Nº	%
Ação	885	99,1%
Estado	4	0,4%
Posição	4	0,4%
Total	893	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS,

Do total de 893 casos que expressam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo quanto a ‘ser capaz de’, vimos que a maioria dos casos (99,1% do total) ocorreu com o EC do tipo ‘ação’; os tipos ‘estado’ e ‘posição’ ocorreram cada com 0,4% do total de casos e o EC do tipo ‘processo’ não ocorreu em nossa amostra. Esse fato é condizente com a própria definição da Modalidade Facultativa: tanto a condição física ou circunstancial de ocorrência de um determinado evento quanto a habilidade do participante desempenhar o EC descrito no predicado levam à leitura de que a tendência principal seria a de que os predicados dotados dos traços [+controle] e [+dinâmico] seriam preponderantes na categoria: quando OE, o evento pode ou não ocorrer, ocasionando uma mudança de estado determinada pelas circunstâncias que o envolvem, o que também traria em si o predicado do tipo [+dinâmico], mas não necessariamente o controle da situação; quando OP, o participante pode executar a ação descrita no predicado, o que lhe dá os parâmetros de [+controle] e de [+dinâmico].

A seguir detalharemos como cada um desses tipos pode expressar a MF quando posposto à expressão ‘ser capaz de’.

a) Predicados dinâmicos: ‘ação’

O predicado do tipo ‘ação’ apresenta-se em ‘ser capaz de’ como o mais passível de ser escopo d MF. Esse fato se deve primordialmente ao próprio conceito da categoria,

correspondente a enumerar capacidades/habilidades, além de poder indicar condições de ocorrência de determinados eventos. Devido a esta noção, há uma tendência do predicado em se apresentar como ‘eventos’, ou seja, estados-de-coisas dinâmicos.

Em relação a ‘ser capaz de’ enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, vimos que, do total de 893 casos, 885 corresponderam ao predicado escopado do tipo ‘ação’. Vejamos, um caso, a seguir:

32. Pra que é que eu pago escola? " "« Se o diâmetro de a minha barriga se torna tão grande que eu entalo em a roleta a o andar de ônibus, eu vou reclamar de "« gordofobia "» em o meu blog e exigir que façam ônibus maiores, com assentos exclusivos para obesos, mas não vou fazer o que preciso -- corra, gordo, corra! -- pra cuidar de a minha saúde e resolver o problema. Óbvio. Não tenho direito a a cidadania só porque sou gordo? " "« Se eu não sei redigir um texto minimamente coerente para conseguir explicar uma idéia simples em vinte linhas sem assassinar a ortografia e a concordância umas três vezes por linha, **nem sou capaz de calcular** quantos crimes contra a última flor do lácio resulta de essa taxa de incompetência, eu vou reclamar que preciso de cotas especiais para oprimidos históricos porque o avô de o avô de o meu avô foi escravo, mas não vou reservar uma hora por noite para ler e estudar por conta própria e assim corrigir minhas deficiências educacionais. Óbvio. Afinal, meu povo sofreu muito para ajudar a construir a riqueza de este país, agora é hora de termos uma compensação. " (SCD 11). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (32) vemos um caso em que o Participante está falando sobre si mesmo e relatando que tipo de possíveis reclamações pode colocar em se próprio blog, citando inicialmente pessoas que estão acima do peso e são alvo de gordofobia, assim com pessoas que não possuem o nível de instrução adequado e acabam escrevendo de forma inadequada. Segundo o Falante, ele se sente *incapaz de calcular* a quantidade de erros deste tipo de pessoa. Neste caso, percebe-se que a ironia presente em sua pretensa incapacidade está correspondendo a quantidades de erros gramaticais que, segundo a ótica do Falante, seriam o requisito para estas pessoas buscarem as cotas. A partir do momento em que há a presença do predicado escopado ‘calcular’, há o direcionamento do Falante para uma habilidade específica que pode ser adquirida e tendo os traços de [+dinâmico] e de [+controle]. Sendo assim, estamos diante de um predicado escopado do tipo ‘ação’.

b) Predicados não dinâmicos: ‘estado’ e ‘posição’

De acordo com DIK, (1997a, p. 114), o que distingue os estados-de-coisas do tipo ‘situação’ são caracterizados por terem o traço [-dinâmico], ou seja, são predicados em que não há o controle e que não há nenhuma mudança de estado, ou seja, são situações em que não há qualquer tipo de transformação expressa pelo predicado. O que distingue o predicado do tipo

‘estado’ para o tipo ‘posição’, é o fato deste trazer em si o parâmetro [+controle], ou seja, embora não haja nenhuma mudança do EC descrito no predicado, há o controle da situação pela entidade envolvida.

Nossa pesquisa encontrou 4 casos do predicado do tipo ‘estado’ e 4 do tipo ‘posição’ expressando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em ‘ser capaz de’.

O predicado do tipo ‘estado’ foi encontrado como no exemplo (33):

33. Espera-se que seja briosa e bonita como tu, sem que isso se torne vaidade. Espera-se que continue, mesmo quando os momentos nem sempre são "« de maré "». Espera-se que fique, quando uma ponte como esta que estamos a tentar construir aqui tenha que ter em o seu "« aparelho "» de edificação sensibilidades e posicionamentos diferentes. Desculpa, é o que espero de ti, porque sei que és capaz de ser tudo isso se o quiseres e tanto gosto de ti. Obrigada por estares com nós desde o primeiro dia. (SCD49). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (33) temos um caso de MFOP, em que a posição não inclusiva do Falante está marcada pela segunda pessoa do singular, em que há a identificação da entidade do tipo ‘indivíduo’ como sendo o Ouvinte. Aqui, a modalidade se manifesta por meio da dedução do Falante de que a ouvinte possui todas as capacidades mencionadas anteriormente por ele, sintetizadas em “sei que *és capaz de ser tudo isso*”. Em outras palavras, o Falante está comprometido com seu julgamento de valor sobre as capacidades da ouvinte de ser bela, lutadora e firme em determinados momentos. Ao sintetizar sua crença sobre as capacidades dela, vemos um predicado escopado do tipo ‘estado’, pois o Falante não mostra as capacidades da ouvinte como um tipo de modificação, ou seja, todas as capacidades enumeradas por ele são características inerentes a ela.

Em (34) vemos um exemplo de como ‘ser capaz de’ pode ocorrer com o predicado do tipo ‘posição’:

34. Se você lembrar quem você é, podemos voltar a ter uma parceria. Eu vejo o seu desejo, eu sinto a sua doença. Eu vejo você chegar para o alegre e despreocupado estado de a unidade, uma vez que era tão familiar para você, por um lado, e agora ainda tão longe e distante, de o outro lado. Agora é o momento para voltar a o que você é. É hora de subir essa escada e abraçar seu corpo emocional com seu coração. Cerque sua dor, sua sensação de peso, sua tristeza com a consciência anjo de a suavidade e compaixão que é natural para você. Você pode curar-se. Você agora está se tornando um anjo que é capaz de manter a sua luz em o reino denso de a realidade. Você está se tornando um criador consciente, que aprendeu a manifestar-se em reinos de luz e escuridão, sem perder-se em eles. Você está carregando uma semente de consciência que é transformadora para o seu ambiente. (SCD 169). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (34) apresenta um contexto linguístico em que o Falante está aconselhando o Ouvinte a tomar as rédeas de sua dor e melhorar o seu estado de espírito, tornando-se um anjo. E, ao obter esta transformação anterior angelical, o ouvinte caracterizado pelo pronome de tratamento ‘você’, estaria adquirindo a capacidade de manter sua própria “luz no reino denso da realidade”. A MFOP é indicativa de que, com o requisito anterior de cura interior, poderá ser *adquirida* a capacidade da pessoa se tornar um anjo que mantenha a luz interior. Neste caso, o predicado escopado é caracterizado como sendo do tipo ‘posição’, em que há o domínio por parte do ouvinte desta habilidade de manutenção da luz.

Até o presente momento analisamos as características principais de como ‘ser capaz de’ formula a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Vimos os principais tipos e subtipos de modalidade, como a polaridade age em relação à Modalidade Facultativa, além das principais categorias semânticas que rodeiam a expressão modal. A seguir, veremos de que maneira ‘ser capaz de’ codifica a categoria Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

5.1.3 As categorias de análise do Nível Morfossintático

Nas seções anteriores, analisamos os principais aspectos que determinam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo relativos à pragmática e, sobretudo, à semântica.

A partir daqui trabalharemos com o primeiro dos níveis da Codificação destas informações em termos específicos da morfossintaxe da língua portuguesa e veremos como os padrões anteriores podem determinar a enunciação da expressão modal facultativa ‘ser capaz de’ no português brasileiro contemporâneo.

Para esta expressão, verificamos que um de seus principais alvos é o orientado-para-o-participante, em condição *realis*, polaridade positiva, com o A1 ocorrendo principalmente com o tipo ‘Indivíduo’, dotado do traço [+animado] e o principal tipo de predicado que ‘ser capaz de’ escopa no português brasileiro contemporâneo é do tipo ‘ação’. Nesta seção, descreveremos como estas informações e as demais encontradas em menor escala repercutem no Nível Morfossintático.

Para este nível estabelecemos, com base na GDF, as seguintes categorias de análise:

- a) Tipo de Codificação do Argumento 1: Substantivo próprio, Substantivo comum, Pronome pessoal reto, Outros pronomes, Elíptico e Vazio;
- b) Tempo verbal: Presente, Pretérito perfeito; Pretérito imperfeito, Pretérito mais-que-perfeito, Futuro do presente e Futuro do pretérito;
- c) Modo verbal: Indicativo e Subjuntivo.

Passemos ao detalhamento dos resultados encontrados neste nível.

5.1.3.1 A Codificação do Argumento 1

As informações oriundas dos Níveis Interpessoal e Representacional permitem a codificação morfossintática do Argumento1, que é manifesta na posição de sujeito gramatical da expressão modal facultativa ‘ser capaz de’ e seu comportamento ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

Para esta categoria, definimos com base na GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) seis tópicos a fim de identificar como são codificadas as informações vindas da Formulação pragmática e semântica:

- a) Substantivo próprio: pode ocorrer quando o Falante faz referência a um Indivíduo, Local ou Tempo específico. Não possuem conteúdo semântico e são atribuídos ao Nível Interpessoal⁸⁸. São codificadas morfossintaticamente em língua portuguesa como substantivos próprios, especificando nomes de pessoas e lugares;
- b) Substantivos comuns: ao contrário dos substantivos próprios, podem ter conteúdo semântico e podem caracterizar um ou vários Indivíduos e Locais;
- c) Pronome pessoal reto: quando se referem aos Participantes do ato de fala (primeira e segunda pessoas – eu; tu), não possuem conteúdo semântico e agem como os substantivos próprios; quando correspondentes à terceira pessoa podem se referir anaforicamente, cataforicamente ou deiticamente a não

⁸⁸ Cf. “Proper names, however, also occur in Referential Subacts, when the Speaker wishes to make a unique reference to an Individual, Location, or Time. Although many proper names are historically derived from semantic material (e.g. *Baker*, *Dances with Wolves*, *Le Havre*), they have no semantic content and as such they will be assigned to the Interpersonal rather than the Representational Level” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 117, tradução nossa).

- participantes do ato-de-fala⁸⁹. São codificados morfossintaticamente pelos pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas);
- d) Outros pronomes: todas as outras categorias às quais se incluiriam outros pronomes além dos retos. São inseridos na Formulação Interpessoal por meio de informações pragmáticas/contextuais e são codificados morfossintaticamente por pronomes oblíquos, demonstrativos, indeterminados, de tratamento, e outras possíveis categorias pronominais⁹⁰;
- e) Elíptico: quando o espaço destinado ao A1 não está preenchido, mas depreende-se pelo contexto por ele ter sido mencionado anteriormente;
- f) Vazio⁹¹: quando o espaço destinado ao A1 está totalmente vazio e não pode ser depreendido pelo contexto linguístico.

De posse destas informações, os resultados obtidos em relação à Codificação do A1 da expressão linguística ‘ser capaz de’

Tabela 13 - Codificação do A1 em ‘ser capaz de’

Codificação do A1	Nº	%
Substantivo comum	337	37,7 %
Elíptico	296	33,1%
Outros pronomes	118	13,2%
Pronome pessoal	90	10,1%
Substantivo próprio	45	5,0%
Vazio	7	0,8%
Total	893	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

De acordo com o observado, a maior parte dos casos analisados de ‘ser capaz de’ ocorreram com sujeito gramatical codificado por meio de substantivos comuns, com 37,7% do

⁸⁹ Cf. “Personal pronouns and affixes fall in to two classes: (i) those that refer to, or include reference to, the speech-act participants (first and second person); (ii) those that refer, anaphorically, cataphorically, logophorically or deictically, to non-speech-act participants (third person and logophoric). Those in class (i) are essentially similar to proper names, and may be regarded as grammatical substitutes for naming oneself and naming one’s Addressee.” (HENGEVELD; MCKENZIE, 2008, p. 118, tradução nossa.).

⁹⁰ Optamos por inserir o pronome ‘você’ como pronome de tratamento, distinguindo-o dos pronomes pessoais retos em razão de termos encontrado em nossa pesquisa tanto ocorrências com os pronomes de segunda pessoa ‘tu’ e ‘vós’. Acreditamos que essa distinção poderá ser benéfica para a descrição de como o Argumento 1 é codificado durante a manifestação da Modalidade Facultativa no Português brasileiro contemporâneo.

⁹¹ Teixeira (2014), ao analisar a indeterminação pragmática e semântica do sujeito indicam como uma de suas categorias de análise o termo ‘vazio’ para indicar que a categoria gramatical em questão estaria com o seu espaço totalmente vazio (Ø). Em nossa pesquisa, demos preferência ao termo ‘ausente’ em razão de mantermos consonância com o aparato teórico da GDF.

total. Em seguida, o Argumento 1 mais codificado é o ‘elíptico’ com 33,1 % do total de casos. Em terceiro lugar, as categorias pronominais descritas em ‘outros pronomes, com 13,2% do total de casos. Em seguida, o ‘pronome pessoal reto’ obteve 10,1% do total de casos e, por fim, os menos enunciados residiram na categoria ‘substantivo próprio’, com 5% do total. Por fim, embora não fosse previsto inicialmente, vimos que no NR ocorreu a Designação vazia em relação ao Argumento 1. Neste caso, acabamos encontrando também a Codificação do tipo ‘vazio’, com 0,8% do total de casos.

O resultado obtido nesta categoria corresponde aos resultados obtidos no Nível Representacional: como o principal tipo de MF encontrado foi o OP, o Indivíduo também foi o tipo de Argumento 1 mais recorrente. Ao descer para o NM, ele naturalmente seria codificado por nomes comuns, próprios ou outros pronomes que fizessem referência de alguma forma a este Indivíduo. No entanto, faz-se necessário observar que esta codificação não se restringe a Indivíduos, pois podemos encontrar também EC assumindo o papel do A1 codificados como ‘substantivos comuns’, conforme veremos a seguir.

A importância de se verificar a codificação da função sintática sujeito reside tanto no fato de que podemos analisar como as categorias pragmáticas e semânticas são representadas no Nível Morfossintático, mas, além disso,

A relevância da função sintática Sujeito não decorre apenas dos fatos de neutralização como tais, mais também pode ser manifestado por operações especiais levando à atribuição diferencial da função Sujeito para argumentos com diferentes funções semânticas. É o caso, por exemplo, das passivização em línguas nominativo-acusativas, quando um argumento não agente é feito no Sujeito⁹². (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 325)

Em outras palavras, como nas seções anteriores verificamos as categorias principais do Argumento 1 naturalmente vemos a relevância de se descrever como a categoria semântica é codificada no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘ser capaz de’, tendo em vista a possibilidade de uma análise futura sobre possíveis alinhamentos interpessoais, representacionais ou mesmo morfossintáticos em sua manifestação.

⁹² Texto original: “The relevance of the syntactic function Subject does not only follow from the neutralization facts as such, but may also be manifested by special operations leading to differential assignment of the Subject function to arguments with different semantic functions. This is, for instance, the case with passivization in Nominative-Accusative languages, when a non-Actor argument is made in to the Subject” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 325).

i) *Substantivo comum*

A categoria mais recorrente de codificação do Argumento 1 em ‘ser capaz de’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo é correspondente aos substantivos comuns, obtendo 337 casos. Diferentemente do nome próprio, que pode corresponder a nomes pessoais e não possuem conteúdo semântico no Nível Representacional, os substantivos comuns, nomeadamente ‘palavras’, são compostos apenas por unidades internas, em que podem ter séries de morfemas (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 292). Algumas línguas podem ter configurações distintas com outras palavras, sintagmas e cláusulas, o que não é o caso da língua portuguesa. As palavras aqui descritas estão inseridas na subcategoria ‘nomes’, ou seja, substantivos que designam seres e entidades diversos, como indivíduos, locais, nominalização de EC, codificados morfossintaticamente como palavras:

35. Mesmo com a intransigência de o governo que se negava a negociar, ameaçando a retirada de conquistas garantidas por acordos anteriores e ainda discriminar trabalhadores recém ingressos de os antigos, o movimento, após 2 semanas de impasse, acatou solicitação de o ministro de o TST para que houvesse a suspensão de o movimento e, assim, se retomassem as mesas de negociação. **A boa intenção de os trabalhadores não foi capaz de sensibilizar a estatal** e o governo, que chegaram a o ponto de se retirarem de a mesa de negociação (SCD 648). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Aqui vemos um contexto linguístico em que o item ‘intenção’, sendo o núcleo do A1, é codificado como o EC nominalizado de ‘intencionar’, um propósito que intenciona ser executado. Neste caso, foi codificado no excerto por meio de um substantivo comum. ‘Intenção’ possui como modificador anteposto o adjetivo ‘boa’ e como especificador, posposto, ‘dos trabalhadores’, concentrando o foco no EC. Assim, a ‘intenção’ é o plano, a *circunstância*, o propósito de sensibilizar ‘a estatal e o governo’. A MFOE neste caso é marcada por meio desta nominalização, codificada morfossintaticamente como uma palavra do tipo ‘substantivo comum’.

A seguir, vemos um outro contexto em que o substantivo comum, ao estar marcado com o plural, refere-se a um grupo específico mencionado no contexto linguístico:

36. Em a sociedade em que vivemos, existe uma quantidade muito grande de pessoas cuja capacidade de competir é muito limitada. Mesmo que tenha educação, por características pessoais, geralmente de equilíbrio emocional, às vezes de inteligência, **essas pessoas não são capazes de se defender de a competição como devem**. E aí que entra a fraternidade. O Bolsa Família é um mecanismo altamente fraterno. O Lula sabe de a necessidade de a fraternidade, de a solidariedade -- a vida de ele deve ter lhe ensinado. Ele é perfeitamente capaz de competir por conta de ele, isso é evidente. Mas

sabe a importância de a solidariedade. (SCD 434). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (36), vemos a identificação pelo Falante de um grupo específico de Indivíduos, codificados por meio do substantivo comum ‘pessoas’. A MFOP está caracterizando a (in)capacidade de determinado grupo de pessoas em realizar o EC descrito no enunciado em ‘se defender da competição como devem’. Teixeira (2014) ao analisar como a indeterminação do sujeito age em língua portuguesa com base na GDF, mostrou alguns substantivos comuns que podem ser designados para identificar a indeterminação do sujeito, dentre eles o vocábulo “pessoas”, do qual estamos tratando. Segundo a autora “o Emissor pressupõe o desconhecimento do referente da forma *pessoas* para ele e para o Destinatário” (TEIXEIRA, 2014, p. 103). Mesmo com uma possível indeterminação semântica de quem seriam essas ‘pessoas’, a codificação desse núcleo do A1 é obtida por meio de um substantivo comum indicando indivíduos e, portanto, sendo caracterizada como um caso de MFOP. Neste caso, especificamente, o conjunto de pessoas está restrito, pois são as “pessoas cuja capacidade de competir é muito limitada”. Em uma possível leitura mais generalizante, ‘pessoas’ enquanto um índice indeterminador, poderia estar indo em direção ao evento.

ii) *Eclipse*

Outra característica peculiar a ‘ser capaz de’ ao enunciar Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo correspondeu ao seu apagamento parcial, ou seja, à ausência de um Argumento 1 codificado próximo à expressão modal, mas, ainda assim, sendo possível a sua recuperação pelo contexto linguístico. Neste caso, consideramos a categoria elíptica, tradicionalmente identificada quando o Argumento 1 não está expresso, mas pode ser deduzido pelo contexto linguístico (Cf. CEGALLA, 2008, p. 325). É o caso, por exemplo, da omissão de pronomes pessoais, recuperados por meio das desinências verbais:

37. Não temos a noção de quem era Jesus, de o facto de o próprio Deus ter pisado esta terra, em carne e osso. Nasceu, viveu, morreu, deu-se, cuidou de as pessoas, curou as pessoas, salvou as pessoas, LEVOU SOBRE SI AS NOSSAS DORES, O NOSSO PECADO, AS NOSSAS DOENÇAS, POR AS SUAS FERIDAS FOMOS SARADOS. E nós desprezamos isso tudo quando não vivemos como Ele viveu, quando não temos a noção de o Deus que temos e de a Sua grandeza e poder, quando não temos a noção de o nosso privilégio como filhos mas também da nossa responsabilidade. **Somos capazes de dizer religiosamente** que Jesus veio a o mundo para salvar a nossa alma, morrer por os nossos pecados, mas não temos noção de que Ele veio para muito mais coisas. MUITO MAIS COISAS. Desprezamos isso quando continuamos a nos lamentar. (SCD391). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo nos traz um contexto em que o Falante ressalta a relevância do motivo pelo qual Jesus veio ao mundo e o que os seres humanos fazem por não termos noção da grandeza de Suas ações. Ao enunciar em primeira pessoa do plural ‘somos’, ele inclui-se diretamente no valor ‘capazes de dizer’. Conforme Lima e Prata (2023), a primeira pessoa tende a ser identificada como exclusiva, quando há a inclusão do Falante [+F] e a exclusão do Ouvinte [-O] em contexto onde há a primeira pessoa do singular, ou inclusiva, caracterizadas por inserir Falante [+F] e Ouvinte [+O] no enunciado facultativamente modalizado. Esse parâmetro pode ser observado, por exemplo, “Da mesma forma que há a inclusão implícita por meio de um pertencimento a um conjunto, pode haver também uma exclusão do Falante acerca do que está sendo enunciado” (LIMA; PRATA, 2023, p. 365). Assim, podemos perceber que a formulação da posição [±inclusiva] no ato facultativamente modalizado ocorrida no Nível Interpessoal chega ao Nível Morfossintático lá é codificado na primeira pessoa do plural, neste caso, por meio das desinências verbais específicas para a inclusão indireta do Falante no valor facultativamente modalizado. Embora o alvo esteja um pouco menos explícito do que em outros contextos, ainda estará OP, em que, dados os fatos expostos anteriormente no contexto linguístico (conhecimento da história e finalidade de Jesus na Terra pelo homem), habilita todas as pessoas para *adquirir* a capacidade de ‘dizer religiosamente que Jesus veio ao mundo para salvar nossa alma’. O uso da primeira pessoa do plural indica que qualquer pessoa (ou seja, qualquer Indivíduo, incluindo o Falante, o Ouvinte e qualquer outro ser humano) poderia executar a habilidade descrita no predicado, fato reforçado pouco depois que o Falante enuncia, também em primeira pessoa do plural, que os Indivíduos não possuem a noção completa dos motivos pelos quais Jesus veio à Terra.

A posição parcialmente inclusiva está inserida no contexto linguístico a partir do momento em que o Falante busca fazer uma referência implícita, ou seja, “quando a indeterminação é parcial com referência implícita, pois ao usar estas formas, de modo geral, ele está se referindo a ele mesmo e a pessoas da comunidade” (SANTANA, 2011, p. 8). Assim, a referência a um certo grupo, mesmo que indiretamente, marcaria a presença indireta tanto do Falante quanto de outras entidades do tipo Indivíduo no valor facultativo, ausente da codificação, mas recuperado linguisticamente pela desinência verbal do verbo ser.

O exemplo a seguir nos mostra outro contexto em que o sujeito “várias mulheres”, expresso gramaticalmente, não especifica nenhuma mulher e é retomado no contexto por meio do pronome ‘ela’ e, em seguida, estando em elipse:

38. Não dá para confiar cegamente em o médico "« bonzinho "» de o convênio, que só faz cesárea, e depois colocar a culpa em o Todo Poderoso. E eu só estou dizendo isso porque conheço várias mulheres que não conseguiram seus partos porque não tiveram coragem nem apoio para sair de a zona de conforto, mas que acreditam que "« foi como Deus quis "» -- mas não foi, né? Foi como o médico quis (ou como ela mesma quis mas não foi capaz de assumir). Boa sorte e volte sempre aqui! Beijo (SCD 618). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

A MFOP está marcada em (38) por meio da *incapacidade* da mulher em assumir que ela decidiu fazer o parto como desejasse. Neste caso, o pronome ‘ela’ está situado na frase anterior, não sendo mencionado novamente pelo Falante ao enunciar a expressão modal ‘ser capaz de’. Assim, o A1 está elíptico, mas pode ser recuperado pelo contexto linguístico. ‘Ela’, neste caso, não se refere especificamente a uma terceira pessoa, mas sim a uma generalização feita pelo Falante ao resgatar semanticamente “várias mulheres”, referindo-se a um conjunto específico de mulheres que não tiveram seu parto como desejavam. O pronome em elipse, portanto, pode corresponder ao que Teixeira (2014) identificou como um caso de indeterminação parcial semântica do sujeito: a partir do momento que a Falante indica o operador de quantidade ‘várias’ para indeterminar o quantitativo de mulheres que não tiveram poder de escolha sobre o nascimento de seus filhos.

Ao retomar o termo ‘várias mulheres’, vemos que a tendência da Falante é indeterminar quem são essas mulheres, pois utiliza o pronome pessoal ‘ela’, indicando sua genericidade, podendo ser indicado como ‘qualquer mulher’ que estivesse passando por aquele contexto. Em seguida, deixa o espaço referente ao Argumento 1 vazio por já ter retomado anteriormente sobre quem estava falando. Aqui, portanto, temos um caso de MFOP *adquirida*, em que o espaço destinado ao A1 é omitido, mas pode ser recuperado pelo contexto e chegando ao Indivíduo ‘ela’ (mulher).

iii) *Outras pronomes*

Na categoria de análise “Outros pronomes” foram inseridos todos os outros casos que porventura pudessem ocorrer de Argumento 1 que fossem distintas do pronome pessoal reto, como por exemplo pronomes indefinidos, demonstrativos, etc. Nossa pesquisa sobre ‘ser capaz de’ encontrou um total de 118 casos (13,2% do total) em que o A1 estava codificado por este tipo de palavra, como o caso a seguir:

39. Era um absurdo total um motorista bêbado ser protegido por uma norma que diz que ninguém será obrigado a produzir provas contra si mesmo, criada por um tratado internacional denominado Pacto de São José da Costa Rica, de 1969 e aceito por o

Brasil em 1992. Não se trata de matéria constitucional, mas passou a valer e algum advogado esperto viu a brecha, usou esse princípio criado para defesa de os direitos humanos para o caso de o teste com etilômetro e "« colou "». Mas agora vem a pergunta que já fiz em outras ocasiões aqui em o AE e que **ninguém até agora foi capaz de responder:** por que todo o rigor de a fiscalização para motoristas embriagados nunca foi feito desde que o CTB entrou em vigor em 22 de janeiro de 1998, se havia em o novo instrumento legal limite de alcoolemia para dirigir? (SCD 644). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (39) o Falante argumenta sobre as questões que implicam o ato de dirigir alcoolizado e a impossibilidade de um motorista bêbado ser obrigado a fazer o teste do bafômetro. Vemos aqui a MFOP, cujo A1 é codificado pelo pronome indeterminado ‘ninguém’, correspondendo a ‘nenhuma pessoa’, ou seja, codificando morfossintaticamente o parâmetro pragmático da posição [± inclusivo] do Falante no valor facultativamente modalizado. Ao enunciar o pronome indeterminado, ele também acaba se excluindo do valor modal facultativo, de modo que seu posicionamento é não-inclusivo. Aqui temos um caso de MFOP *adquirida*, em que há a indicação clara de que *nenhuma pessoa* adquiriu a capacidade de responder a pergunta feita pelo Falante.

O exemplo (40) nos mostra outra situação em que podemos encontrar Outros pronomes, como por exemplo o pronome de tratamento ‘você’:

40. Encontrar o Criador quer dizer encontrar o Eu Verdadeiro. Se encontra a si mesmo em algum grau, você está em relativa harmonia, percebendo e compreendendo as leis de o Universo. **Você é capaz de relacionar- se,** de amar e de experimentar alegria. É realmente responsável por si mesmo. Você tem a integridade e a coragem para ser você mesmo, mesmo a o preço de abrir mão de a aprovação de os outros. (SCD 167). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Observamos a Modalidade Facultativa neste caso a partir do momento em que o Falante nos mostra por meio do pronome de tratamento ‘você’ que ele está numa posição [-inclusiva] perante o valor facultativo. A presença do pronome ‘você’, nesse contexto, não indica que o Falante estaria se dirigindo a um interlocutor, mas sim fazendo uso de uma “forma indeterminadora” (TEIXEIRA, 2014, p. 73), ou seja, um sujeito pragmaticamente inserido no NI como um interlocutor e designado semanticamente como um operador de genericidade, codificado morfossintaticamente pelo pronome de tratamento ‘você’. Esse ouvinte hipotético é *habilitado* a se relacionar, amar e experimentar a alegria por meio da compreensão das leis do Universo. Sendo assim, temos um caso de MFOP *adquirida*, em que a codificação do A1 pelo pronome ‘você’ indica a presença genérica de um interlocutor.

De acordo com Cantanhede (2023) o item ‘você’ pode ser utilizado de duas maneiras distintas: i) como pronome de tratamento ou ii) como um pronome indeterminador do sujeito ou, em outras palavras, ‘você’ vai gradativamente perdendo noções semânticas e sendo levado a uma possível leitura de OE, por meio da não identificação de um Indivíduo específico para executar a habilidade descrita no predicado. Embora “a escolha de *você* indica a intencionalidade: a aproximação dos participantes da oração” (CANTANHEDE, 2023, p. 164-165), o Falante também pode utilizá-lo como uma de suas estratégias para aproximar seu (s) ouvinte(s) ou, neste caso, futuros leitores do *blog* o termo ‘você’ intencionando uma maior proximidade com essas pessoas. De acordo com o autor, ‘você’ estaria em processo de gramaticalização pois,

[...] de acordo com a gramática normativa, não é um pronome indeterminador de sujeito. Todavia, é inegável [...] que o item é usado com sentido diferente de sua respectiva função. [...] O Falante utiliza, em seu discurso, instintivamente os dois sentidos de *você*, sem que isso prejudique a compreensão, uma vez que ambas as formas de *você* são convencionadas pelo Falante[...] (CANTANHEDE, 2023, p. 170).

Os termos indicadores em (39) e (40) mostram termos que podem ser descritos como “palavras gramaticais codificadoras de indeterminação” (TEIXEIRA, 2014, p. 95), dentre os quais destacam-se o pronome de tratamento ‘você’, pronomes indefinidos como ‘ninguém’. Os dados qualitativos nos levam a crer que há uma tendência de a expressão ‘ser capaz de’ ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo tende a utilizar pronomes de tratamento e pronomes indeterminados.

iv) *Pronome pessoal reto*

Além dos pronomes mencionados na subseção anterior, o Falante do português brasileiro contemporâneo também possui tendência (um pouco menor que as demais supracitadas) a enunciar a modalidade facultativa codificando-a por meio de pronomes pessoais do caso reto, que “designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3ª pessoa” (PERINI, 2015, p. 171) justamente por fazerem referência direta ao Falante (1ª pessoa) e ao Ouvinte (2ª pessoa).

Nossa pesquisa encontrou 90 casos (10,1% do total) em que o pronome pessoal reto ocorreu como entidade a qual a MF se referia.

41. Chega a ser estranho eu vim aqui falar sobre arrependimentos, já que quantas mil declarações eu fiz falando que aquele cara sim era a pessoa certa pra mim, aquele cara sim era o “« amor ”» de a minha vida, como pude ser tão inocente e imatura? O amor

de a minha vida sou eu, apenas eu, porque só **eu sou capaz de me amar de verdade**. Dai quando uma série de coisas passam por a tua cabeça, que você cai em a real e você se pergunta, porque? Porque que tive de passar por tudo isso pra agora sim enxergar as coisas de uma outra maneira? Pra dar valor a os sorrisos que antes não importava? (SCD 32). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (41), o Falante discorre sobre seus sentimentos e, por meio da posição [+inclusiva] no valor facultativo modalizado, temos um caso de MFOP *adquirida*, na qual o participante é habilitado a se amar por meio da consciência de reconhecer a si como o próprio amor de sua vida. A formulação interpessoal da posição [+inclusiva] tende a codificar a expressão modal facultativa toda em primeira pessoa do singular, de modo que o Falante deixa clara a sua posição codificando a informação sobre sua posição no valor facultativamente modalizado codificando-o morfossintaticamente pelo pronome pessoal ‘eu’, deixando claro que está falando sobre si mesmo, comprometendo-se totalmente com o enunciado. Vejamos outro exemplo:

42.O que separa o homem de o animal é a capacidade de ser auto-consciente. Através de esta capacidade de o ser humano **ele é capaz de transformar** o seu corpo emocional e espalhar a energia de o coração conscientemente em a Terra ou pelo menos assim deveria ser. (SCD 168). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O Falante busca identificar as diferenças entre animais e seres humanos, de modo que uma das capacidades que o ser humano possui é a habilidade de transformação das emoções. A MFOP é apresentada no momento em que o pronome pessoal ‘ele’ faz a retomada do termo ‘ser humano’. Assim, temos um caso de posição não inclusiva do Falante mediante o valor facultativo instaurado, no qual a entidade ‘ser humano’ é o participante que irá realizar o estado-de-coisas “transformar o seu corpo emocional”, ou seja, MFOP *adquirida*, em que a posição [-inclusiva] do Falante no valor facultativamente modalizado recai diretamente sobre uma terceira pessoa, codificando o A1 por meio do pronome pessoal ‘ele’.

v) *Substantivo próprio*

Com 45 casos (5,0% do total), ‘ser capaz de’ pode enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, o A1 codificado por meio de nomes próprios pôde ser encontrado em nossa amostra como o observado em (43), em que essa categoria é a entidade responsável por executar o EC do predicado:

43. Apesar de ser discreto, se engana quem pensa que Michelle é flor que se cheire. Maytê Piragibe trocou as vestes brancas de a egípcia Azenate, de José de o Egito, por o batom vermelho de Donana. A atriz participa de a primeira fase de a novela. Há quem defina a moça como uma verdadeira peste. Sem medo de o perigo, Donana é capaz de usar até métodos ilícitos para atingir seus objetivos. Com seu estilo hippie e aparente tranquilidade, Carlão é conhecido por os vizinhos como um cara bem humorado e boa praça. Não é radical em nada, não faz sermões nem defende ideologias. (SCD 143). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

No exemplo, observamos um caso de Modalidade Facultativa orientado-para-o-participante, em que a posição não inclusiva indica que o participante é uma terceira pessoa indicada no enunciado. A participante Donana é identificada e especificada no Subato Referencial (NI). Sendo o nome próprio uma categoria pragmática, ele é inserido no Nível Interpessoal e não possui conteúdo semântico. Embora indique um Indivíduo com o traço [+animado], sabemos que se trata de uma pessoa, seu núcleo será ‘ausente’ por não possui designação semântica. Essas informações oriundas das Formulação chegarão ao Nível Morfossintático e este sim será o responsável por codificá-la em um nome próprio, ‘Donana’. Por se tratar de uma pessoa que possui a habilidade de desempenhar a ação descrita no predicado, essa habilidade é *adquirida*, pois Donana tem as capacidades necessárias para executar a ação escopada no EC, ou seja, ‘usar métodos ilícitos para atingir seus objetivos’.

O A1 com nome próprio também pode corresponder a Indivíduos, Locais, etc. Vejamos o excerto a seguir em que o nome próprio ‘Coca-cola’ é utilizado:

44. Existem aquelas pessoas que se acalmam com café, outras com um copo de Cola já ficam mais mansinhos. Agora, se você também é de esse tipo, então dê uma olhada em o que a Coca-Cola é capaz de fazer: Dia do Resgate! Pessoas estão correndo para o caminho de a perdição, tendo suas vidas ceifadas sem salvação, para um abismo sem volta, entregando cegamente suas almas a serem condenadas a o inferno por toda vida. Vamos resgatar- las, tirar- las de as garras de o diabo. Não vamos pensar só em nós. Nunca deixe de anunciar o evangelho de Cristo. SEJA UM RESGATADOR!!!!, (SCD 148). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Neste caso, vemos novamente um contexto em que o Falante relata os possíveis males que o refrigerante, especificamente a Coca-cola possui a capacidade de fazer e, conseqüentemente, levando as pessoas à perdição. Ao utilizar ‘Coca-cola’, o Falante tanto está fazendo referência ao líquido quanto à empresa, buscando uma ambigüidade proposital por meio da relação prosopopeica entre empresa e produto homônimos, enumerando os malefícios do produto que a empresa produz, nomeado nesse contexto pelo mesmo nome da empresa. Aqui, temos um Indivíduo dotado do traço [-animado] que possui a habilidade *intrínseca* de fazer. Neste caso, o predicado escopado é complementado por enunciados posteriores, que

podem levar as pessoas à perdição e à condenação ‘do inferno por toda a vida’. Assim, temos um caso de MFOP *intrínseca*, em que o Indivíduo [-animado] Coca-cola é, segundo o Falante, inerentemente dotado de fazer: ‘ceifar vidas’, ‘condenar almas ao inferno’.

Os exemplos (43) e (44) mostram dois contextos em que vemos uma identificação direta do referente. Assim, os nomes próprios podem ser considerados unidades com operadores [+identificado] e [+específico] (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 36). Não obtendo conteúdo semântico, são inseridos pragmaticamente no Nível Interpessoal e codificados no Nível Morfossintático. Outra peculiaridade do nome próprio em língua portuguesa é a de que costumam vir ou como vocativos ou marcados pelo artigo definido (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 80). Outro fator pelo qual podemos identificar nomes pessoais e lugares enquanto pertencentes a uma mesma categoria são em virtude de ambos serem tratados da mesma forma no Nível Interpessoal. Sua diferença ocorre no Nível Representacional, pois ao passo que um é mapeado na categoria semântica de Indivíduo, outro segue na categoria de Local. Ambos, entretanto, seguem com seu núcleo ‘ausente’, pois não têm conteúdo referencial, haja vista que suas informações foram inseridas pragmaticamente e, ao chegarem no NM é que serão codificados em nomes próprios.

Mesmo dada a sua complexidade, sua configuração semântica será ausente no NR, embora possa conter informações semânticas recuperadas do Componente Contextual, como gênero por exemplo⁹³. (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 118). Assim, observamos as particularidades do modo como a codificação de nomes próprios podem ocorrer no português brasileiro contemporâneo, especificamente em ‘ser capaz de’.

vi) *Vazio*

Por fim, o espaço destinado ao Argumento 1 também pode encontrar-se ausente, ou seja, quando não houver nenhum tipo de entidade à qual possa se referir no contexto linguístico para enunciar a Modalidade Facultativa. Em nossa pesquisa sobre ‘ser capaz de’ enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, encontramos apenas 7 (sete) ocorrências deste tipo (0,8% do total).

Levando em consideração a inexistência de um Indivíduo designado para executar o EC descrito no predicado a tendência é a de que esses casos sejam de MFOE. Vejamos:

⁹³ Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 118: “Returning to the normal use of proper names, the position at the Representational Level corresponding to the proper name will remain lexically empty, but may contain semantic information retrieved from the Contextual Component, for example on gender. This will ensure that na adjective will show appropriate agrément with a male or female name[...].”

45. A mente só consegue acessar certos conhecimentos através de um fenômeno chamado ressonância. Imagine o rádio; só se pode sintonizar uma estação, se colocar o aparelho em a frequência de aquela estação. De a mesma maneira, só se consegue chegar em uma determinada frequência onde esses conhecimentos estão se adquirir um grau de sutileza tal que se é capaz de entrar em harmonia com esse conhecimento. E isso independe de a cultura que você tem. (SCD 262). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (45) discorre sobre como a mente humana pode adquirir determinado grau de conhecimento por meio de uma série de ações que precisam ser executadas. Dentre essas ações, encontramos a aquisição da sutileza, e por meio dela “se é capaz de entrar em harmonia com esse conhecimento”. A partícula ‘se’ atua como um índice indeterminador, ressaltando essa ausência na Formulação e na Codificação desse A1. Não há a indicação de nenhum participante do ato modal facultativo, além de haver uma série de ações anteriores. Além disso, temos também a presença do índice de indeterminação do sujeito ‘se’ antes da expressão modal facultativa ‘ser capaz de’. A função sujeito correspondente ao Argumento 1 neste caso está, portanto, vazia, indicando que a MFOE *circunstancial* de entrar em harmonia é a consequência de “se adquirir um grau de sutileza”.

Em (46) vemos um caso semelhante, também com o uso do índice de indeterminação do sujeito ‘se’:

46. O povo de o campo, tratando como caipira em o pior sentido que a palavra pode ter -- atrasado, pouco civilizado -- aos poucos deixa de lado até seu linguajar típico e rico de palavras e expressões definidoras, e o substitui por os jargões massificados, vendidos como sabão em pó por as novelas e programas patrocinados por essa indústria, a de o sabão. Viver em o interior e de o que se é capaz de produzir para consumo passou a ser símbolo de pouca `civilização' e de pouco acesso a o `bom' e até de sujeira. (SCD 351). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto acima discorre sobre as pessoas que moram em zonas rurais e como essas pessoas são vistas pela sociedade. Assim como na ocorrência anterior, vemos também a MFOE onde não há a possibilidade de se identificar quem seria o participante do valor modal. Assim, o EC escopado pelo predicado “produzir para consumo” é a *condição circunstancial* para “viver no interior”. O espaço destinado ao A1 está, portanto, vazio.

Após a verificação de como é codificado o núcleo do Argumento 1 da expressão ‘ser capaz de’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, veremos como o tempo e o modo verbal são codificados para a expressão da categoria.

5.1.3.2 O Tempo e o Modo verbal

Uma das categorias mais preponderantes para a expressão da modalidade é a do tempo verbal, pois as categorias ‘modalidade’ e ‘tempo’ relacionam-se entre si, de forma que o tempo verbal pode reforçar ou atenuar a força modal. Em relação a ‘ser capaz de’, veremos nesta seção como as informações referentes ao tempo e ao modo verbal interferem na MF.

Quanto aos principais tempos verbais encontrados, os principais resultados estão dispostos na Tabela 14:

Tabela 14 – As categorias ‘Tempo’ e ‘Modo’ em ‘ser capaz de’

Tempo	Modo Verbal		
	Indicativo	Subjuntivo	
Presente	Nº	517	54
	% em TEMPO	90,5%	9,5%
	% em MODO	64,9%	56,3%
	% do Total	57,9%	6,0%
Pretérito perfeito	Nº	102	0
	% em TEMPO	100,0%	0,0%
	% em MODO	12,8%	0,0%
	% do Total	11,4%	0,0%
Futuro do presente	Nº	68	22
	% em TEMPO	75,6%	24,4%
	% em MODO	8,5%	22,9%
	% do Total	7,6%	2,5%
Futuro do pretérito	Nº	55	0
	% em TEMPO	100,0%	0,0%
	% em MODO	6,9%	0,0%
	% do Total	6,2%	0,0%
Pretérito imperfeito	Nº	54	20
	% em TEMPO	73,0%	27,0%
	% em MODO	6,8%	20,8%
	% do Total	6,0%	2,2%
Pretérito mais-que-perfeito	Nº	1	0
	% em TEMPO	100,0%	0,0%
	% em MODO	0,1%	0,0%
	% do Total	0,1%	0,0%
Total	Nº	797	96
	% em TEMPO	89,2%	10,8%
	% em MODO	100,0%	100,0%
	% do Total	89,2%	10,8%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

Em relação ao modo indicativo, o tempo preferido para enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação à expressão ‘ser capaz de foi o

presente do indicativo, com 517 casos, sendo seguido pelos tempos ‘pretérito perfeito’, com 102 casos e o futuro do presente, como 70 casos dos casos de nossa amostra.

Em relação ao modo subjuntivo, a maior parte dos casos deste modo também corresponderam ao modo presente, com 56 casos. Embora o modo subjuntivo ocorra em um quantitativo bem menor que o indicativo, o resultado é relevante para nos mostrar como a expressão se comporta ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

O resultado observado nos leva à identificação de que o Falante do português brasileiro contemporâneo, ao utilizar ‘ser capaz de’ para enunciar a Modalidade Facultativa, dá preferência a utilizá-la não somente no tempo presente, mas também no indicativo. Essas observações confirmam os resultados anteriores referentes ao Nível Representacional, especificamente em relação às condições de realidade (em que a condição *realis* foi a predominante sobre a *irrealis*, mapeada no NR), deixando em evidência que o enunciado facultativo com ‘ser capaz de’ tende a enumerar habilidades e capacidades que podem acontecer no momento da interação verbal, assim como as *condições circunstanciais* de ocorrências dos eventos podem também estar ocorrendo no momento em que o enunciado está sendo executado.

Uma das ocorrências em que podemos verificar o tempo e o modo verbal mais recorrente na expressão analisada é o caso a seguir:

47.-- Amar significa cuidar, acompanhar, consolar. Só quem ama é capaz de compartilhar, de cuidar, de acompanhar. Por ser amor, Jesus prometeu estar com nós todos os dias até a consumação de os séculos. Por ser amor, Deus é o nosso socorro bem presente em a angústia. (SCD 73). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

O Falante enunciadador do exemplo (47) mostra sua definição do oque seria o amor e como age uma pessoa dotada da capacidade de amar. Ao considerar que o amor é o requisito para “compartilhar”, “cuidar” e “acompanhar”, ele instaura a MFOP, em que somente os indivíduos dotados de amor adquirem estas características. Embora ‘quem’ seja considerado um pronome interrogativo’, neste caso, pela GT, é um pronome relativo sem antecedente, podendo ser parafraseado por “aquele que”, referindo-se ao grupo de pessoas possuidoras de amor e, segundo o Falante, somente essas pessoas (“quem ama”) é que possuem a capacidade de desempenhar a ação descrita no predicado.

O verbo no presente do indicativo, por sua vez, mostra que a ação em condição *realis* é tida como realizável dentro do mundo descrito pelo Falante. O A1, neste caso, é marcado pelo pronome interrogativo ‘quem’, indicando a indeterminação semântica do sujeito.

A “capacidade de compartilhar, de cuidar, de acompanhar”, neste caso, são as ações que a expressão modal facultativa escopa, ou seja, as *habilidades adquiridas* pelas pessoas que amam. O tempo presente, neste caso, atualiza o momento da enunciação, como se esta habilidade estivesse acontecendo não somente no momento em que o Falante indicou a habilidade, mas também no momento em que a mensagem é recebida por seu interlocutor. A intenção do falante observada pelo uso do tempo presente é a de designar um conteúdo de “verdade eterna”, que sempre iria ocorrer e não se prende a um recorte temporal específico.

Dentre os tempos do modo subjuntivo, o que obteve o maior quantitativo foi também o presente, com 6,2% do total, o que nos leva à conclusão de que a tendência do Falante do português brasileiro contemporâneo ao enunciar a MF com ‘ser capaz de’ tende a identificar ações realizáveis determinado momento do enunciado por um Indivíduo, ou mesmo condições circunstanciais de ocorrência dos eventos no momento do próprio enunciado. O exemplo abaixo nos evidencia como isso é codificado no português brasileiro contemporâneo quando, por exemplo, o presente do subjuntivo é utilizado:

48. **Espaço-temporal de Van Stockum.** Esse grupo contém uma família de cenários para máquinas de o tempo que se relacionam por o seu uso de um cilindro denso e em rápida rotação ou, alternativamente, uma corda cósmica rotativa um longo feixe de matéria de alta densidade remanescente de os primórdios de o Universo. A rotação distorce o contínuo espaço-temporal de maneira que um viajante girando em torno de o cilindro ou corda seja capaz de seguir uma curva fechada de caráter temporal e voltar a o passado. A dimensão de o recuo dependeria de o número de giros. (SCD 815). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

O cenário relatado pelo Falante em (48) detalha a utilização de uma máquina do tempo e como ela age e como sua rotação distorce o espaço e o tempo. Neste ínterim, o viajante no tempo pode *adquirir* a capacidade de “seguir uma curva fechada de caráter temporal e voltar ao passado”. Temos, portanto, uma MFOP *adquirida*. O participante desta expressão modal facultativa é uma entidade do tipo Indivíduo, ou seja, “viajante”, dotado do traço [+animado], que é inespecificado por meio do artigo indefinido ‘um’, indicando que seria um viajante qualquer. Mesmo possuindo os operadores de especificação de local e do modo como ele poderia viajar no tempo, ele é quem possui a habilidade de realizar o EC designado no predicado e seguir viagem.

O segundo tempo mais utilizado pelo Falante do português brasileiro contemporâneo para enunciar a Modalidade Facultativa com ‘ser capaz de’ foi o tempo pretérito perfeito, que contou com 102 ocorrências:

49. Apesar de menos divulgada, a mais importante descoberta de Phoenix foi, provavelmente, a presença de percloratos em o solo marciano. Estes compostos químicos, ironicamente, haviam sido detectados por a adição de água trazida de a Terra. **Um de os instrumentos de Phoenix, MECA, foi capaz de olhar para** assinaturas químicas fundamentais em a sopa barrenta resultante, e a presença de perclorato ficou bastante clara. O problema com o perclorato em a Terra é que é muito solúvel em água. Encontrar-lo em abundância em a superfície de Marte sugeria fortemente que não havia muita água líquida por lá há algum tempo, ou ela teria "« lavado "» os percloratos. Dois microscópios de Phoenix contaram uma história similar. **Os cientistas foram capazes de aumentar** o zoom para uma resolução sem precedentes e ainda não conseguiram encontrar qualquer sinal de argila, a assinatura de água líquida. Alguns anos depois, os pesquisadores concluíram que Marte deveria ser seco (SCD 679). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Nesta ocorrência, vemos como ‘ser capaz de’ expressa a MF no tempo pretérito perfeito em dois momentos distintos: inicialmente, ao relatar a habilidade do instrumento MECA, utilizado para encontrar compostos químicos em Marte. Há uma entidade do tipo Indivíduo dotada do traço [-animado], que foi programado para encontrar indícios de vida em Marte; ou seja, esta entidade possui a habilidade *adquirida* de identificar a presença de Percolato no planeta. A seguir, a capacidade de “aumentar o zoom” é descrita como pertencente aos cientistas. Em ambos os casos vemos a MFOP *adquirida*, em entidades do tipo Indivíduo. O que difere ambas é o fato de que, ao passo que MECA não possui traço de animacidade e é marcado pragmaticamente por seu nome próprio e, por isso, possui apenas conteúdo pragmático, indo diretamente para a codificação morfossintática relacionada à categoria ‘nome próprio’. ‘Cientistas’ por outro lado possui conteúdo semântico referente à categoria Indivíduo, com o traço [+animado], sendo codificado morfossintaticamente pela classe de ‘substantivo comum’, sendo, portanto, os participantes da ação de “aumentar o zoom”.

Tanto o presente quanto o pretérito perfeito estão inseridos na condição *realis*, não somente por não fazerem parte dos tempos futuros, mas também por identificar a ação como realizada. No caso do presente, a ação seria passível de ser realizada até o momento da interação verbal. Em relação ao pretérito perfeito, a ação já ocorreu e está totalmente inserida no passado sendo, portanto, realizada. Quanto à condição *irrealis*, o tempo predominante foi o futuro do presente, indicando ações que ocorrerão em um tempo posterior ao enunciado. Vejamos um caso com este tempo verbal:

50. Existem muitos rituais para despertar a vidência e outros dons "« naturais "». Mas um de os mais eficazes, sem dúvida consiste em perceber a energia a o seu redor, de essa forma **qualquer um bem treinado será capaz de perceber quando um espírito estiver presente** e tocar- lo (o espírito). Mas aviso desde já que é um caminho sem volta e você deve usar essa habilidade com muita responsabilidade, pois se mais tarde, com outro ritual, você atrair um espírito malévolo, poderá se tornar vítima de ele e

sentir sua influência nefasta sob você. (SCD 696). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (50), o Falante discute sobre como adquirir as habilidades de ver espíritos e, de acordo com sua narrativa, “qualquer um bem treinado” poderia adquirir esta habilidade, caso treinasse para tal. A MF está marcada por meio do verbo ‘ser’ no futuro do presente (será), mostrando que esta possível habilidade ainda não foi adquirida no momento presente, mas sim uma possibilidade futura após este treinamento. O A1 deste enunciado, ‘qualquer um’, indica a indeterminação semântica (Cf. TEIXEIRA, 2014) do sujeito, a partir do momento em que não se tem a indicação de um indivíduo específico, mas sim a de ‘qualquer pessoa’. E esta pessoa é quem, futuramente, poderá *adquirir* a habilidade de percepção dos espíritos. Embora não haja traços de especificação de quem seria esse participante da expressão modal facultativa pelo Falante por meio do A1 “qualquer um”, ainda assim percebemos semanticamente que o Falante está se referindo a ‘qualquer pessoa’ e, assim, esse enunciado é caracterizado como um caso de MFOP.

Após esta análise quali quantitativa sobre ‘ser capaz de’, chegamos aos principais resultados encontrados desta expressão linguística ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo: a) quanto ao Nível Interpessoal, sua posição mais recorrente foi a [+inclusiva]; b) quanto ao Nível Representacional, seu alvo mais comum foi o OP; em condição *realis*, em polaridade positiva, com A1 designado na categoria de Indivíduo dotado do traço [+animado] e predicado escopado todo tipo ‘ação’; c) quanto ao Nível Morfossintático, o A1 da expressão modal facultativa mais recorrente foi do tipo ‘substantivo comum’ e o tempo e modo mais recorrentes foram o Presente do Indicativo.

Tendo esses dados acerca de como ‘ser capaz de’ se comporta ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, faz-se necessário verificar como estas categorias de análise interferem estatisticamente para a manifestação da categoria.

Assim, na seção seguinte, faremos o cruzamento de dados entre as categorias dos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático para a manifestação da categoria Modalidade Facultativa no Português brasileiro contemporâneo.

5.1.4 A inter-relação entre as categorias de análise em ‘ser capaz de’

Nossa pesquisa possui como objetivo identificar, analisar e descrever o comportamento das expressões ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa, no português brasileiro contemporâneo. Para tanto, utilizamos como principal

aparato teórico os pressupostos da GDF (Hengeveld e Mackenzie, 2008) acerca da categoria e do modo de produção descendente tendo como ponto de partida do enunciado o Falante.

Até o presente momento, vimos as categorias pragmáticas, semânticas e morfossintáticas da expressão ‘ser capaz de’. Partindo do pressuposto de que as categorias de análise descritas no Capítulo *Metodologia* podem ter relação entre si, consideramos relevante fazer os testes das categorias descritas neste capítulo por meio do teste *qui-quadrado* para cada uma das expressões em análise.

Com base em Anunciação (2021), o *qui-quadrado* é um teste estatístico que, dentre suas finalidades, é utilizado para verificar se duas variáveis categóricas são independentes, ou seja, se a incidência de uma interfere em outra. Assim, esse é o teste mais recomendado para nosso caso.

O percurso teórico desta seção consistirá da análise de possíveis relações de significância estatística de cada uma das categorias de análise entre si, partindo do mesmo ponto de vista *top down* (descendente) utilizado nesta pesquisa. Assim, cada uma das expressões em análise neste trabalho (‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’) seguirá este percurso. Por ora, concentraremos nossas ações especificamente em ‘ser capaz de’.

Os seguintes tópicos foram definidos para esta análise: a) Inter-relação entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias dos Níveis Representacional; b) Inter-relação entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias do Nível Morfossintático; c) Inter-relação entre as categorias do Nível Representacional e as categorias do Nível Morfossintático;

Dito isto, passemos à análise da relação entre as categorias.

a) A inter-relação entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias do Nível Representacional

Definimos para o Nível interpessoal apenas uma categoria de análise, correspondente à ‘Posição do Falante no valor facultativo instaurado’. Com o auxílio do *software* SPSS, fizemos o teste estatístico *qui-quadrado* cruzando a categoria do NI ‘Posição do Falante’ com todas as categorias do NR e NM respectivamente, a saber: a) Alvo da MF; b) Subtipo de MFOE; c) Subtipo de MFOP; d) Condições de Realidade; e) Polaridade; f) Tipo de Argumento 1; g) Traço do Indivíduo; h) Tipo de predicado escapado.

Após testagem de cada uma destes cruzamentos com as três expressões escolhidas para esta pesquisa, verificamos que ‘ser capaz de’ apresentou categorias estatisticamente relevantes para a manifestação da categoria no português brasileiro contemporâneo.

A ‘Posição do Falante’ foi uma categoria pragmática identificada por Lima e Prata (2023), tomando por base a identificação e a especificação do referente mediante o valor facultativamente modalizado, tomando por base noções correspondentes aos Participantes do enunciado (primeira e segunda pessoas) e a não-participantes do enunciado (terceira pessoa). Conforme as autoras, há três parâmetros possíveis: [+inclusivo], em que o Falante se inclui semântica e morfossintaticamente no valor facultativo; [-inclusivo], em que o Falante se exclui do valor facultativo; e [±inclusivo], valor intermediário entre os dois anteriores e que situa uma inclusão indireta do Falante, não sendo possível nem sua inclusão completa nem sua exclusão total. Levando isso em consideração, obtivemos resultados relevantes no cruzamento de dados desta categoria e as demais categorias do NR.

O primeiro resultado que possuiu relevância em relação à posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado correspondeu ao cruzamento de dados entre a categoria do NI e a categoria do NR ‘Alvo da Modalidade Facultativa obteve como resultado do teste *qui-quadrado* correlação total⁹⁴. Os dados⁹⁵ nos mostram que:

- i) Em relação ao valor [+inclusivo], quase todos os casos estão incluídos na MFOP (85 casos), haja vista que a tendência desse parâmetro é o Falante enunciar algo sobre suas próprias capacidades e habilidades.
- ii) Em relação ao valor [-inclusivo], a maior parte dos casos também corresponde à MFOP (584 casos), mostrando que o Falante também tende bastante a enumerar habilidades e capacidades de outras pessoas, sejam elas o ouvinte (segunda pessoa) ou outros indivíduos (terceira pessoa). Entretanto, há nessa posição uma quantidade relativamente considerável de casos em que a MFOE é manifestada (149 casos), que coincidem com os casos encontrados da categoria;
- iii) Em relação ao valor [±inclusivo], todos os 75 casos encontrados correspondiam à MFOP, o que corresponde aos dados encontrados em nossa análise sobre esta categoria, pois esse valor é caracterizado principalmente pelo uso de pronomes indeterminados.

⁹⁴Os dados referentes a todos os resultados relevantes para esta pesquisa dos testes *qui-quadrado* em relação à expressão linguística ‘ser capaz de’ estão descritos no Apêndice A desta pesquisa.

⁹⁵Os dados referentes aos cruzamentos de dados referentes à expressão ‘ser capaz de’ estão disponíveis em <https://l1nq.com/Fgn8R>. Acesso em 19 out. 2024.

Vejamos um exemplo de cada categoria para identificar melhor nossos resultados: (51.) “Basta seguir as etapas abaixo, e você também poderá otimizar as suas habilidades de comunicação. Com isso, **você será capaz de melhorar** a qualidade de a sua vida e de a vida de aqueles a a sua volta. (SCD 702). (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

No excerto (51), o Falante utiliza o pronome de tratamento ‘você’, buscando uma posição [-inclusiva] do valor facultativamente modalizado, indicando o caminho a ser *adquirido* para melhorar a qualidade *de vida* do seu interlocutor. A modalidade, embora seja orientada-para-o-participante, mostra um distanciamento do Falante em relação ao valor facultativo, visando indicar pragmaticamente um ouvinte genérico, mostrando que está se referindo a um Indivíduo.

Vejamos outro exemplo:

52. Cada um, em o momento adequado, revela o que tem dentro de si, de forma que é difícil a compreensão de o ser humano. As aparências costumam nos enganar. A metamorfose de os seres humanos, às vezes, surpreende- nos, ainda que saibamos **que ninguém é capaz de enganar a si próprio**, porque sabe exatamente a formação de o seu caráter, intrinsecamente ligado a os seus atos e atitudes inevitáveis em o convívio de o sodalício. (SCD 95). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (52) relata um contexto linguístico em que o Falante demonstra surpresa ao ser confrontado com as mudanças do ser humano. A MF é marcada no momento em que ele considera que ‘ninguém’ teria a habilidade de se enganar. O pronome indeterminado ‘ninguém’, correspondendo a ‘nenhuma pessoa’, é a marca da posição [\pm inclusiva], em que o Falante deixa claro a sua pressuposição de que, ao enunciar esta categoria, insere-se no conjunto de pessoas às quais o pronome se refere, deixando indiretamente sua inclusão no valor facultativamente modalizado.

O seguinte cruzamento que se mostrou estatisticamente relevante em relação à categoria do NI foi seu cruzamento com a categoria ‘Subtipo de MFOE’, o que seria esperado, já que o alvo também se mostrou relevante para a descrição da MF no português brasileiro contemporâneo, pois, como analisamos acima, todos os casos encontrados de MFOE não só correspondem à condição circunstancial, mas também estão inseridos na posição -inclusiva, ou seja, possuem total correlação entre si. Além disso, quanto à categoria MFOE, todos os dados encontrados corresponderam à posição [-inclusiva], dado que confirma a própria caracterização da categoria:

53. " O editor executivo de a Revista Militar Independente Viktor Litovkin também diz que a **defesa aérea da Síria é capaz de causar danos bastante significativos a a aviação inimiga:** "« A Síria tem um potencial bastante forte de defesa aérea. Ele é baseado em sistemas de produção russa e soviética [...]". (SCD 55). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>)⁹⁶.

O fragmento (53) traz um contexto em que o Falante faz uma interpretação de um comentário feito por outra pessoa. “Defesa”, neste caso, é a nominalização do EC que *possui as condições necessárias* para “causar danos”, mostrando não somente o posicionamento [-inclusivo] do Falante mediante o valor facultativamente instaurado, mas também a evidência da MFOE por ‘defesa’ não ser um indivíduo, mas sim um EC que possui as *condições circunstanciais* necessárias para executar a ação descrita no predicado.

Da mesma forma que o cruzamento de dados entre a Posição do Falante e o subtipo de MFOE mostrou-se relevante, resultado semelhante foi encontrado em relação ao seu cruzamento com a MFOP pois ele também é derivado do Alvo, haja vista que os subtipos da categoria correspondem a dois parâmetros do Alvo, obtendo, assim, relevância correlacional completa.

Em relação especificamente à MFOP, foi encontrada em nossa amostra seus dois subtipos, ‘intrínseca’ e ‘adquirida’. Dentre estes, o mais comum em nossa amostra foi o subtipo ‘adquirida’ em posicionamento [-inclusivo], perfazendo um total de 82,1% do total de ocorrências de ‘ser capaz de’:

54. Homens que tem Marte em Leão em seus mapas se consideram grandes amantes e são capazes de grandes proezas⁹⁷ e despesas para conquistar a mulher amada, até que ela se renda. **Ele é capaz de se exhibir e se vangloriar de seus feitos**, por isso, para conquistar- lo, basta alimentar sua vaidade com elogios. (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (54) mostra um contexto linguístico de MFOP no qual o Falante, ao descrever indivíduos do sexo masculino que, por possuírem a característica astrológica de Marte em Leão, *adquirem* a capacidade de ‘grandes proezas’ e possuem a *habilidade* para executar o predicado descrito em ‘se exhibir’. Neste caso, há a posição [-inclusiva], indicando que o participante do valor facultativamente modalizado não é nenhum dos dois participantes, mas sim uma terceira pessoa, ‘ele’ (“homens que têm Marte em Leão”).

⁹⁶ O Exemplo (53) é semelhante ao demonstrado no exemplo (1). Optamos por renumerá-lo nesta seção para uma melhor fluidez textual.

⁹⁷ A ocorrência “capazes de grandes proezas” não está contabilizada em nossa análise qualiquantitativa em razão de não haver um escopo verbal não finito após a expressão modal facultativa.

O seguinte cruzamento relevante para a descrição da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo corresponde ao cruzamento entre Posição do Falante e Polaridade. Os dados mostraram que ‘ser capaz de’ foi a única das três que trouxe em sua maior parte dos dados a polaridade positiva.

‘Ser capaz de’ apresenta um quantitativo relevante de casos em polaridade positiva. Dentre esse total de 753 casos encontrados na categoria, a maioria destes (83,9% dos casos em polaridade positiva) ocorreram em posição [-inclusiva]. De forma semelhante, dos 141 casos de MF em polaridade negativa, 102 casos (72,1% dos casos em polaridade negativa) ocorreram também com posição [-inclusiva]. Esse resultado nos leva a crer que, ao enunciar a MF com ‘ser capaz de’ o Falante tende não somente a manter-se distante do seu enunciado, ou seja, enunciar em segunda ou em terceira pessoa, tanto em polaridade positiva quanto em polaridade negativa.

55. Os sintomas de a Síndrome de Korsakov são a amnésia anterógrada, amnésia retrógrada e muito comumente a confabulação e uma desorientação temporoespacial. Acompanham esses sintomas uma severa apatia e desinteresse por parte de o *doente*, que muitas **vezes não é capaz de ter consciência** de sua condição. (SCD 97). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (55) mostra um caso de MFOP, em que a doença chamada Síndrome de Korsakov faz com que sua vítima *adquirira a incapacidade* de memória, o que o impossibilita a realizar o EC designado no predicado “ter consciência de sua condição”. A polaridade negativa, neste caso, traz uma leitura de incapacidade.

Uma das categorias mais detalhadas de nossa análise correspondeu à identificação do A1 das expressões modais ao enunciar a MF, contando ao todo com onze subcategorias. Destas, vimos certa diversidade de casos encontrados, especificamente em relação a ‘ser capaz de’.

‘Ser capaz de’, por exemplo, mostrou relevância estatística em relação ao cruzamento entre a Posição do Falante e a Designação do Argumento 1, trouxe os seguintes detalhamentos: a) a única categoria semântica a trazer em si o posicionamento [+inclusivo] foi a do Indivíduo; b) a posição [-inclusiva] já obteve maior diversidade de casos, tendo sido encontrada em todos os tipos de A1 encontrados em nossa amostra de ‘ser capaz de’; c) a posição [±inclusiva] foi encontrada somente com o A1 do tipo Indivíduo. Vejamos, (56.) Programado para imitar as pinceladas de os mestres de a arte milenar de a escrita de kanjis, **o robô é capaz de mostrar** a os estudantes exatamente como os calígrafos mais experientes

conseguem desenhar os símbolos com perfeição. (SCD 69). (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (56), mencionado anteriormente no exemplo (8), mostra um caso de Indivíduo como participante da MF que podemos perceber nele o traço [-animado], ou seja, o robô em questão é uma entidade tangível, contável, localizada no tempo e no espaço e ocupa apenas um lugar por vez (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 236) mas que, por não ser vivo, e por não possuir autonomia plena de suas capacidades físicas e mentais, afinal ele é programado para fazer o que é descrito no exemplo, acaba sendo dotado do traço [-animado]. Em outras palavras, o Indivíduo [-animado] robô *acquire* a capacidade de ensinar Kanjis a partir de sua programação prévia.

Dentre os demais cruzamentos, relacionados às Condições de Realidade e ao Tipo de predicado que a expressão ‘ser capaz de’ escopa, após o teste *qui-quadrado* observou-se que elas não possuem relação entre si.

Após a verificação da Posição do Falante quanto aos seus cruzamentos em relação ao NR, passemos para a análise de como a categoria Posição do Falante interfere nas categorias do NM.

b) A Inter-relação entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias do Nível Morfossintático

Considerando todas as informações vindas dos níveis responsáveis pela Formulação, elas chegam por meio de *frames* e esquemas abstratos ao NM e somente a partir daí tomam formas específicas da língua. Em outras palavras, as informações que chegam ao NM começam a ser *codificadas* para que possa ser construído o enunciado linguístico.

Vimos que a ‘Posição do Falante’ se mostrou relevante em boa parte das categorias do NR, naturalmente suas informações também determinariam a relevância estatística com a qual as expressões linguísticas poderiam codificar o seu Argumento 1. Tendo isso em mente, fizemos o cruzamento das categorias do NM com a categoria do NI.

Com fins de verificar a relevância estatística destas categorias em cruzamento com a categoria do NI, verificamos que, ao cruzá-la com a categoria morfossintática ‘Codificação do Argumento 1’, há correlação estatística, de modo que ambas as categorias podem possuir interdependência entre si.

Em relação a essa categoria, quanto à codificação feita por meio de substantivos próprios, todos os casos encontrados correspondiam à posição [-inclusiva]. Esse resultado se

deve em razão de, comumente, em língua portuguesa o Falante não costuma falar de si mesmo na terceira pessoa e, quando se enuncia um nome próprio, sabemos que o Falante está falando ou sobre um indivíduo específico ou sobre um local determinado. Então, quando o A1 está codificado por substantivos próprios, é uma tendência lógica o seu posicionamento tender à não inclusão do Falante no valor facultativamente modalizado.

Quanto aos substantivos comuns, observamos que a Posição [-inclusiva] tende a codificar substantivos comuns com maior frequência. Esses resultados mostram que o A1 está codificado por meio de substantivos comuns pode corresponder tanto a Indivíduos quanto a Locais e EC. Assim, seria esperado essa tendência à não inclusão.

Vemos também que a Posição [-inclusiva] tende a codificar ‘pronomes pessoais retos’. Observamos que 8 casos correspondem ao posicionamento intermediário, ou seja, ao [±inclusivo]. Isso se deve ao fato de o pronome ‘nós’ ser utilizado muitas vezes como uma forma de impessoalização ou de inclusão indireta do Falante no discurso facultativo. De maneira semelhante, a codificação por meio de ‘outros pronomes’ naturalmente obteve a maior parte da não inclusão do Falante, fato este que se mostrou confirmado, pois 94,1% das ocorrências registradas nesta categoria (“Outros pronomes”) estão em posição [-inclusiva]. O excerto (57) retrata a categoria em análise:

57. Não importa que seja de a índole de Barack Obama ter gestos simpáticos com a presidenta brasileira, ou que esta, pessoalmente, seja capaz de dialogar com o mandatário americano sobre qualquer assunto, em termos civilizados. Um encontro entre ambos, privado ou semiprivado, sem um reconhecimento de erro e o compromisso de evitá-lo, de agora por diante, representaria o conformismo brasileiro com a violação de fato e de direito de nossa soberania (SCD 820). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoptugues.org/>).

No exemplo vemos um comentário em que o Falante menciona a então presidenta Dilma Rousseff que não somente é diretamente mencionada em ‘presidenta brasileira’, mas também por meio do pronome demonstrativo ‘esta’. Temos, portanto, o resultado morfossintático da não inclusão do Falante no valor facultativamente modalizado no momento em que as informações formuladas de não inclusão do Falante e de inclusão de uma terceira pessoa identificada por ele não somente é mencionada diretamente em seu discurso, mas também retomada por meio do pronome demonstrativo ‘esta’, codificando assim o Argumento 1 da expressão modal facultativa ‘ser capaz de’.

Seguindo o mesmo percurso das demais categorias morfossintáticas, a Posição [-inclusiva] também mostrou maior predisposição quando o Falante do português brasileiro contemporâneo ao codificar a Modalidade Facultativa com ‘ser capaz de’ com A1 elíptico, com

61,5% do total de casos da categoria. A inclusão indireta do Falante, ou seja, o valor [+inclusivo], foi a única categoria que obteve maior quantitativo no valor facultativamente modalizado esteve registrado nessa categoria (61 casos, correspondentes a 20% do total de casos referentes a esse tipo de codificação).

Por fim, quanto à codificação do A1 sem qualquer indicação de um participante com seu espaço Vazio, observamos uma totalidade de casos relacionados ao posicionamento [-inclusivo]⁹⁸.

Com base nesses resultados, um dos exemplos que pode representar a codificação mais recorrente de ‘ser capaz de’ está a seguir: (58.) Os estados mentais alterados são provocados por processos neuroquímicos e pela produção de substâncias psicoativas ou alucinógenas. Sob certas condições, **o cérebro é capaz de produzir** o que poderíamos chamar substâncias ilegais. (SCD100). (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (58) vemos um caso de MFOP, em que o cérebro é o Indivíduo designado para *adquirir* a capacidade de ‘produzir substâncias ilegais’ a partir de determinadas condições. ‘cérebro’, neste caso, é a codificação de uma parte do corpo não somente humano, mas de quase todos os animais pluricelulares. Assim, não somente por cada indivíduo vivo possuir um cérebro, além de o Falante não especificar sobre o cérebro de uma pessoa/animal específico, podemos concluir que estamos diante de um A1 codificado por pela classe gramatical ‘substantivo comum’.

A última das categorias relevantes estatisticamente para a análise da categoria do NI é referente ao cruzamento de dados entre a Posição do Falante e o Tempo Verbal, em que ‘ser capaz de’ mostrou correlação estatística. Conforme os cálculos, observamos que, em relação à Posição [+ inclusiva], o tempo Presente obteve 55,3% das ocorrências nesta posição, sendo seguido pelos tempos Pretérito Imperfeito (20,0%), Pretérito Perfeito (16,5%), Futuro do Pretérito (4,7%) e Futuro do Presente (3,5%). O tempo Pretérito mais-que-perfeito não obteve nenhum caso na posição [+ inclusiva].

Em relação à Posição [-inclusiva] os demais tempos verbais que, proporcionalmente, figuraram nesta posição foram o Presente, com 64,4% do total de casos da categoria, sendo seguido pelo Pretérito Perfeito, com 11,1% do total de casos; o Futuro do Presente, com 9,8% do total de casos da categoria, o Pretérito Imperfeito, com 7,8% dos casos

⁹⁸ Vale ressaltar que os casos de A1 vazio encontrados em nossa amostra correspondem todos da posição [-inclusiva], mas não descartamos a possibilidade de haver contextos de impessoalização em que possam ocorrer os parâmetros [+ inclusivo] ou [±inclusivo].

encontrados da categoria, e o Futuro do Pretérito, com 6,8% do total. Por fim, a categoria temporal que houve menor índice da posição [-inclusiva] foi o tempo Pretérito mais-que-perfeito, com 0,1% do total de casos encontrados da categoria.

Em relação à Posição [\pm inclusiva], o tempo que proporcionalmente mais a enunciou foi o Presente, com 69,3% do total de casos desta categoria temporal; O tempo Futuro do Presente ficou em segundo lugar, enunciando a posição em foco em 20,0% dos casos dessa categoria; em seguida, o Pretérito Perfeito enunciou a posição [\pm inclusiva] com 9,3% do total de casos. Por fim, o tempo verbal menos codificado na categoria foi o Futuro do Pretérito, com 1,3% do total de casos. Os tempos Pretérito Imperfeito e Pretérito mais-que-perfeito não foram codificados na Posição [\pm inclusiva].

Os dados apresentados até o momento relacionados ao cruzamento de dados entre a categoria do NI e as categorias do NR e do NM mostraram um cenário bastante favorável para a expressão da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo; de todas as categorias analisadas, somente os cruzamentos e ‘Posição do Falante e Tipo de Predicado Escopado’ e ‘Posição do Falante e Modo Verbal’ não obtiveram relevância estatística. O cruzamento de dados entre ‘Posição do Falante e Tempo Verbal’ em relação à expressão ‘ter como’ não apresentou relevância estatística, assim como o cruzamento das categorias na expressão linguística ‘dar para’.

c) A Inter-relação entre as categorias do Nível Representacional e as categorias do Nível Morfossintático

Nesta seção detalharemos todos os cruzamentos de dados relevantes estatisticamente oriundos das análises entre as categorias do NR e sua inter-relação com as categorias do NM a fim de identificar quais delas pode ser determinante para a manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Destarte, discorreremos sobre todos os cruzamentos estatisticamente relevantes para a manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘ser capaz de’.

i. Alvo da MF

A primeira seção de cruzamentos de dados referentes ao NR corresponde ao Alvo da MF em relação a ‘ser capaz de’. Foram feitos os cruzamentos desta categoria com: a) Subtipo

MFOE; b) Subtipo MFOP; c) Condições de Realidade, d) Polaridade; e) Designação do A1; f) Traço do Indivíduo; g) Tipo de predicado que a expressão modal escopa.

Após a interpretação dos dados estatísticos foi percebida a correlação total nos cruzamentos entre ‘Alvo da MF’ e ‘subtipo de MFOE’ e ‘alvo da MF’ e ‘subtipo de MFOP’. Considerando que o alvo da orientação é o que determinaria o subtipo de MF, a correlação entre ambas as categorias seria relativamente esperada. O cruzamento entre ‘alvo da MF’ e ‘Polaridade’, por sua vez, não obteve qualquer tipo de correlação estatística entre si.

O cruzamento entre as categorias ‘alvo da MF’ e ‘designação do A1’, ao contrário do anterior, possui relevância estatística plena. Esse dado é relevante por mostrar a complexidade do alvo de avaliação da MF e as categorias de Argumento 1 que a expressão modal ‘ser capaz de’ se refere. Em relação à MFOE, por exemplo, há diversidade de categorias semânticas em que ela pode ocorrer, dentre as quais EC (93 casos), Conteúdo proposicional (4 casos), Lugar (35 casos), Episódio (8 casos), Quantidade (2 casos) e Vazio (7 casos). Quanto à MFOP, todos os casos corresponderam à categoria Indivíduo (744 casos).

Esse resultado corresponde aos dados encontrados em relação à Modalidade Facultativa: ao passo que a MFOP corresponde à habilidade de um participante em executar as ações descritas no predicado, seria esperado que seu Argumento 1 fosse do tipo Indivíduo. A MFOE, por sua vez, mostra uma maior diversidade de casos em que o Argumento 1 ocorre não somente com outras categorias semânticas, mas também com seu espaço não preenchido, ou seja, vazio.

Sendo a Designação do Argumento 1 totalmente correlacionada com o Alvo da MF, naturalmente nossa análise recairia também sobre a significância estatística de seu cruzamento com o Traço do Indivíduo, haja vista que esta é uma subcategoria do Indivíduo. Em relação a esta categoria, tanto o traço [+animado] quanto o traço[-animado] são todos em relação à MFOP, com preponderância daquele traço sobre esse.

Um caso típico em que podemos encontrar o traço [+animado] é o descrito em (59): Sarney disse, em seu discurso, que a paixão por a política e por o bem comum é maior que a paixão por a vida. Em outras palavras, ele seria capaz de morrer por o bem comum. (SCD 767). (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (59) podemos observar a designação do Argumento 1 da MF por meio do pronome pessoal do caso reto ‘ele’, que faz referência ao ex-presidente brasileiro José Sarney. Levando em consideração não somente que a capacidade de morrer seria uma característica inerente aos seres vivos e que o A1 da expressão modal é explicitado no início do enunciado e, posteriormente, retomado por meio do pronome pessoal e refere-se a uma pessoa que no

momento do enunciado estaria vivo, estamos diante de um Indivíduo ('Sarney') possuidor do traço [+animado].

A verificação entre a categoria do NR 'Alvo da MF' e a Codificação do Argumento 1 também apresentou relevância estatística, em que podemos observar os seguintes resultados: a) em relação ao alvo OE, há uma maior predisposição do Falante do português brasileiro contemporâneo em enunciar a MF com substantivos comuns (29,4% do total da categoria), embora também possa ocorrer a codificação do Argumento 1 por meio de substantivos próprios (17,8% do total da categoria) que, como vimos nas seções anteriores, fazem referência a empresas e locais, não a indivíduos, 'Outros pronomes' (10,2% do total da categoria), referindo-se a EC anteriormente mencionados no contexto linguístico, além de Vazio, em que todos os casos encontrados correspondem à MFOE, e pronome pessoal, com um único caso correspondendo à categoria modal.

A MFOP tende a ser codificada por Elipses (37,1% do total encontrado em relação à categoria), sendo seguida por Outros pronomes (14,2% do total encontrado em relação à categoria) e por substantivos comuns (31,7% do total encontrado em relação à categoria). Já a MFOE tende a ser enunciada preferencialmente por substantivos comuns (67,8% do total de casos encontrados em relação à categoria), Elipses (13,4% do total de casos encontrados em relação à categoria) e Outros pronomes (8,1% do total destinado à categoria).

Esses resultados nos mostram que a tendência geral do Falante do português brasileiro contemporâneo ao enunciar a MF com 'ser capaz de' é a de enunciar claramente qual o evento que irá se realizar em relação à condição circunstancial, ao passo que, ao enunciar capacidades e habilidades de um participante determinado, tende a manter o A1 em elipse.

ii. Subtipo de MFOE

Para os cruzamentos estatísticos desta categoria de análise, analisamos, respectivamente, possíveis relações entre o subtipo de MFOE e as categorias: a) subtipo MFOP; b) Condições de Realidade; c) Polaridade; d) Designação do A1; e) Traço do Indivíduo; f) Tipo de predicado escopado. Dentre estes, é esperado que o cruzamento entre os tipos de modalidade (MFOE e MFOP) tivesse correlação total, já que ambos são subdivisões do Alvo da MF e, conforme nossa análise anterior, mostrou-se correlacionada.

Além desta, outro cruzamento que também se mostrou relevante corresponde à designação do A1 em relação à MFOE, que obteve relevância estatística. Consequentemente, os resultados relativos ao traço do indivíduo também foram relevantes.

Assim como na subseção anterior, o cruzamento entre o Subtipo de MFOE e a Codificação do Argumento 1 também obteve relevância estatística, o que seria esperado, já que o subtipo de MF corresponde a uma subcategoria do Alvo.

iii. Subtipo de MFOP

O cruzamento de dados pertinente a esta seção consiste na verificação de relevâncias estatísticas entre os subtipos de MFOP e as demais categorias semânticas, a saber: c) Polaridade; b) Designação do Argumento 1; c) Traço do Indivíduo; d) Tipo de predicado escapado. Dentre esses cruzamentos, os que se mostraram relevantes corresponderam ao cruzamento entre a designação do Argumento 1 e ao Traço do Indivíduo. Essa correlação é esperada não somente em razão de os cruzamentos anteriores terem tido resultados semelhantes, mas também em razão do Alvo da modalidade indicar qual será a categoria do Argumento 1: se ele for MFOP, sua categoria semântica de Argumento 1 será o Indivíduo; já se ele for MFOE, estará inserido nas demais categorias semânticas e até mesmo a ter seu espaço ausente.

Ao ser analisada a relação estatística entre o subtipo de MFOP e a Codificação do Argumento 1, percebemos também interdependência entre ambas as categorias. Ao contrário da MFOE, em que todos os casos encontrados correspondiam ao subtipo ‘condição circunstancial’, neste caso obtivemos resultados em ‘ser capaz de’ tanto em MFOP *intrínseca* quanto MFOP *adquirida*. Assim, observamos que embora em todos os casos haja uma predominância do subtipo *adquirida*, o Falante do português brasileiro contemporâneo tende a utilizar a MF *intrínseca*, sobretudo, quando seu enunciado se refere diretamente a um indivíduo, de modo que codifica este Indivíduo por seu nome próprio

As demais categorias não se mostraram relevantes estatisticamente para a manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo em ‘ser capaz de’.

iv. Condições de realidade

Para esta categoria semântica, fizemos o seu cruzamento de dados com todas as demais categorias do NR, respectivamente: a) Alvo da MF; b) Subtipo MFOE; c) Subtipo MFOP; d) Polaridade; e) Designação do Argumento 1; f) Traço do Indivíduo; g) Tipo de predicado que a expressão modal escopa.

Após isso, verificamos cruzamentos de dados que se mostraram estatisticamente relevantes para a manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro

contemporâneo em ‘ser capaz de’ foram com a categoria semântica ‘Designação do A1’ e com as categorias morfosintáticas ‘Codificação do A1’, ‘Tempo verbal’ e ‘Modo verbal’. Esse resultado corresponde ao que podemos considerar que a distinção entre *realis* e *irrealis* pode manter relações com a codificação morfosintática da categoria no português brasileiro contemporâneo, conforme veremos nas seções seguintes.

Quanto à verificação entre as ‘Condições de Realidade’ e a ‘Designação do A1’, além de percebermos uma maior predominância da condição *realis* sobre a *irrealis*, vimos que cada uma possui suas particularidades: a) em relação à condição *irrealis*, a maior parte dos A1 foram designados como sendo do tipo ‘Indivíduo’, com 82,6% do total de casos encontrados da categoria, sendo seguidos por EC (7,3%), ‘Lugar’ (6,4%) e Episódio (2,7%). A categoria de ‘Conteúdo Proposicional’ obteve apenas 1 caso (0,5%), assim como o A1 não preenchido, ou seja, ‘Vazio’; b) em relação à condição *realis*, a maior parte dos casos obtidos também correspondeu à designação do tipo ‘Indivíduo’, com 83,5% dos casos encontrados da categoria, sendo seguidos por EC (11,4%), ‘Lugar’ (3,1%), ‘Conteúdo Proposicional’ (0,4%), ‘Episódio’ e ‘Quantidade’, cada um com 0,3%. A designação ‘Vazia’ também ocorreu, com 0,9% do total de casos encontrados da categoria.

Esse resultado mostra que o Falante do português brasileiro contemporâneo, ao enunciar a Modalidade Facultativa com ‘ser capaz de’, tende a fazê-lo prioritariamente com o A1 designado do tipo ‘Indivíduo’, tanto em condição *realis* quanto em condição *irrealis*. Por outro lado, quando o espaço destinado ao A1 está ‘Vazio’, a tendência é de que a MF seja em condição *realis*.

Consequentemente, se o A1 é uma categoria relevante para a manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em ‘ser capaz de’, estas informações semânticas naturalmente seriam relevantes ao codificar a categoria. Assim, a MF possui maior predisposição em possuir seu A1 codificado das seguintes maneiras: a) em relação à condição *irrealis*, há uma maior predisposição do A1 em ser codificado com ‘Substantivos comuns’, com 40,2% dos casos encontrados da categoria, sendo seguido pela categoria ‘Outros pronomes’, com 20,1%, ‘Pronome pessoal’, com 8,2%. A categoria menos codificada na condição *irrealis* foi a de ‘Substantivos próprios’, com 3,2% do total de casos destinados à categoria; b) em relação à condição *realis*, vimos que a maior parte dos casos encontrados desta categoria correspondiam ao A1 do tipo ‘Substantivo comum’, com 36,9% do total de casos e do tipo ‘Elíptico’, com 3,9% do total de casos. As demais categorias foram menos recorrentes e se subdividiam em ‘Outros pronomes’ (11,0%), ‘Pronomes pessoais’ (10,7%) e ‘Substantivo

comum' (5,6%). O A1 não codificado, ou seja, 'Vazio', obteve 0,9% do total de casos destinados à categoria.

Ao analisar o cruzamento de dados entre a categoria 'condições de realidade' e 'tempo verbal, observamos a existência de correlação estatística entre as categorias, fato esperado, afinal a indicação de uma ou outra condição de realidade pode determinar a codificação do tempo verbal em relação à expressão modal. Assim, vimos que em relação à condição *realis*, há uma maior predisposição de a expressão modal facultativa 'ser capaz de' ser codificada pelos tempos 'Presente', com 76,7% do total de casos destinados à categoria, e 'Pretérito Perfeito', com 15,1% do total destinado à categoria. Já em relação à condição *irrealis*, há maior predisposição da categoria em ser codificada pelo 'Futuro do Presente', com 41,1% do total encontrado em relação à categoria, e pelo 'Futuro do Pretérito', com 25,1% do total encontrado em relação à categoria.

Assim como a categoria de tempo é relevante para a codificação da MF, naturalmente a categoria de modo verbal também seria, pois, em seu cruzamento de dados com a categoria semântica 'condições de realidade', obteve correlação total entre ambas. Com base neste resultado, observamos que, ao passo que o modo indicativo se divide entre ambas as condições, todos os casos de MF do modo subjuntivo situam-se na condição *irrealis*.

v. Polaridade

Assim como as demais categorias seu cruzamento correspondeu às análises com as categorias cuja interação ainda não havia sido verificada: a) designação do Argumento 1; b) Traço do Indivíduo; c) Tipo de predicado escopado. Destes resultados, chamou-nos a atenção de que o único resultado relevante estatisticamente correspondeu ao cruzamento entre a Polaridade e o Traço do Indivíduo.

Obtendo correlação total no teste *qui-quadrado*, o cruzamento entre as categorias linguísticas 'Polaridade' e 'Traço do Indivíduo' mostram que há uma predominância da Polaridade positiva e do traço do indivíduo [+animado], o que nos mostra que a categoria não marcada tende a identificar habilidades e capacidades de indivíduos dotados de animacidade.

Outro cruzamento que se mostrou relevante para a manifestação da categoria MF no português brasileiro contemporâneo correspondeu ao cruzamento de dados entre a 'Polaridade' e o 'Tempo verbal', que pudemos observar que, embora haja uma predisposição de 'ser capaz de' em enunciar a polaridade positiva, o único caso que ocorreu com o tempo 'Pretérito mais-que-perfeito' foi em polaridade negativa, o que pode indicar a

predisposição desse tempo em enunciar a categoria semântica. O único caso encontrado está descrito no exemplo (60):

60. Pell acha que conhece os motivos de a sua mãe, que julgava poder amar- las melhor se partisse. Mas agora, com o pai morto, Pell decide atravessar o oceano para encontrar a mãe de quem se recorda e as verdades escondidas que **Lyra nunca fora capaz de contar...** Sentimental e inesquecível, O Verão de as nossas Vidas revela como um romance improvável dá nova forma a o significado de o amor e uma família resiste a o reavivar de memórias para encontrar um novo caminho (SCD 687) (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Observamos um trecho de um *blog* em que há a resenha de um livro intitulado ‘O Verão das nossas Vidas’. Nesse breve resumo da obra, o Falante cita que a personagem Pell viaja para reencontrar a mãe após a morte de seu pai. Embora ela acredite saiba quais os motivos que levaram à distância da mãe, sua irmã Lyra é quem conhece os reais motivos e, neste caso, ela é a participante da MF que teria a habilidade de executar o EC descrito no predicado ‘contar’. A Polaridade negativa marcada neste caso por ‘nunca’ aliada ao tempo pretérito mais-que-perfeito, nos dá uma leitura de *incapacidade* da participante em desempenhar sua habilidade.

vi. Designação do AI

Esta categoria de análise será penúltima de nossa subseção, pois, levando em consideração que o Traço do Indivíduo é uma subcategoria da Designação do Argumento 1, pressupõe-se que ela possua total correlação estatística com sua categoria maior. Sendo assim, nosso cruzamento a ser analisado corresponde apenas à análise entre Designação do Argumento 1 e Tipo de Predicado escapado.

De acordo com os dados obtidos este cruzamento mostrou que, em relação ao predicado do tipo ‘estado’, há uma tendência em haver o Argumento 1 do tipo Indivíduo, haja vista que a maioria dos casos (75% do total de casos destinados a esse tipo de predicado, ou seja, 3 casos) tinham esse tipo de Argumento 1.

Em relação ao predicado do tipo ‘posição’, houve um equilíbrio entre os quatro casos encontrados: dois correspondiam à categoria Indivíduo e dois à categorias EC.

Por outro lado, em relação ao tipo de predicado escapado, o mais encontrado, ‘ação’ mostrou uma maior tendência em ser o escopo, respectivamente, de Indivíduos (739 casos), EC (91 casos) e Conteúdo Proposicional (3 casos). As demais categorias encontradas (Lugar,

Episódio, Quantidade e Ausente) foram encontradas somente com o predicado escopado do tipo ‘ação’.

Como a Designação do A1 indica qual conteúdo semântico irá desempenhar as ações descritas no predicado, conseqüentemente ao ser feito o seu cruzamento de dados com a Codificação do A1 teve como resultado uma correlação plena, pois um é consequência do outro.

Assim, vemos que: a) a classe de ‘Substantivos próprios’ tende a ser a codificação morfossintática de Indivíduos (37 casos) e Lugares (8 casos); b) a classe de ‘Substantivos comuns’ tende a ser a codificação de Indivíduos (236 casos), EC nominalizados, (75 casos), Lugares (18 casos), Conteúdo Proposicional (3 casos), Episódios (3 casos) e Quantidade (2 casos); c) a classe de ‘Pronome pessoal do caso reto’ tem predominância ao codificar Indivíduos (89 casos) embora também possa codificar Lugares (1 caso); d) a classe de ‘Outros pronomes’ tende a codificar Indivíduos (106 casos), embora também possam ocorrer em EC nominalizados (6 casos), Episódio (4 casos) e Lugar (1 caso); e) a codificação ‘Elíptica’ do A1, por sua vez, tende a se referir principalmente a Indivíduos (276 casos), embora também possa corresponder a EC (12 casos), Lugar (7 casos), Conteúdo proposicional (1 caso) e Episódio (1 caso); f) por fim, também podem haver casos em que não há nenhum tipo de Codificação do argumento 1 em razão de seu espaço estar ausente de conteúdo semântico ou pragmático. Neste caso, foram encontradas 7 ocorrências inseridas na categoria ‘Vazio’.

Esse resultado nos mostra que o Falante do português brasileiro contemporâneo, ao usar ‘ser capaz de’ para expressar a Modalidade Facultativa, tende a fazê-lo referindo-se a Indivíduos, tanto diretamente, como enunciando seu nome próprio, quanto indiretamente, por meio de substantivos comuns, pronomes pessoais d caso reto e Outros pronomes.

Sendo o Indivíduo uma categoria do Argumento 1, a definição de seu traço semântico de animacidade também seria relevante estatisticamente, o que nos mostrou o resultado de que, embora o traço [-animado] possa ocorrer, dentre os Indivíduos que enunciaram a MF com ‘ser capaz de’, todas as codificações em que o Argumento 1 está preenchido com a categoria Indivíduo, este tende a possuir o traço [+animado].

5.1.5 Síntese de ‘ser capaz de’

Nesta seção discutimos os principais aspectos relacionados a ‘ser capaz de’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Vimos suas características pragmáticas, semânticas e morfossintáticas que proporcionam a sua manifestação. Em seguida, mostramos como cada uma das categorias interfere entre si por meio

do teste *qui-quadrado* para que a categoria possa se manifestar no português brasileiro contemporâneo.

De posse dessas informações, podemos chegar às seguintes conclusões em relação a ‘ser capaz de’:

- a) A categoria Interpessoal ‘Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado’ é relevante sobre o Nível Representacional e sobre o Nível Morfossintático, pois i) a tendência [+inclusiva] determina o Alvo da MF, os subtipos de MFOE, MFOP e a designação do Argumento 1. Codificado por substantivos comuns e próprios; ii) a Posição [-inclusiva], por outro lado, tende a designar a MFOE com as demais categorias semânticas sendo codificadas por substantivos comuns, pronomes pessoais e Outros pronomes e Elipses, além de deixar o espaço destinado ao Argumento 1 ausente; iii) a tendência [\pm inclusiva] determina a OP, mas seu A1 é visto com maior frequência em Indivíduos, codificados em Outros pronomes, ou seja, distintos de pronomes pessoais retos.
- b) As categorias semânticas que tendem a exercer maior influência para a manifestação da MF são: i) o Alvo da MF, que determina semanticamente os subtipos de MFOE e MFOP, a designação do Argumento 1 e o traço do Indivíduo, além de determinar morfossintaticamente a codificação do Argumento 1; ii) os subtipos de MFOE e MFOP, que além de serem determinantes entre si também determinam semanticamente a designação do Argumento 1, o traço do Indivíduo e, conseqüentemente, determinam a codificação do A1; iii) Condições de Realidade, que determinam morfossintaticamente a codificação de tempo e de modo verbal; iv) a Polaridade é outra categoria que mostrou relevância estatística, especificamente para determinação do Traço do Indivíduo. Morfossintaticamente, ela determina o tempo verbal em que a MF está inserida; v) a Designação do Argumento 1 determina semanticamente o traço do Indivíduo e o tipo de predicado que a expressão modal ‘ser capaz de’ escopa. Morfossintaticamente, determina a codificação do Argumento 1;

Essa análise nos permite ter um panorama geral de como ‘ser capaz de’ se comporta ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Na seção

seguinte iremos tratar da expressão ‘dar para’, um pouco menos recorrente, mas igualmente relevante para a caracterização da Modalidade Facultativa em língua portuguesa.

5.2 A expressão linguística “dar para”

Outra expressão linguística indicadora de Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo é composta pelo verbo ‘dar’ ao lado da preposição ‘para’, que, juntos, trazem carga modal facultativa, indicando tanto habilidades e capacidades quanto condições físicas e/ou circunstanciais de realização de um determinado evento.

Souza (2016) já havia observado a possibilidade dos usos modais deste verbo, em que podemos ter tanto a orientação-para-o-participante quanto para-o-evento, de modo que seus usos modais “alocam-se nas camadas da Propriedades Configuracionais (f), dos Estados de Coisas (e) do NR, e se constituem como elementos do NI” (SOUZA, 2016, p. 96), revelando-se como um possível caso de gramaticalização. Nossa atenção reteve-se nessa expressão por haver sua identificação não somente como um possível caso modal predominantemente facultativo, sobretudo quando o verbo ‘dar’ perde o seu sentido original de “ceder gratuitamente; fazer esmola de; aplicar; entregar; consagrar [...]” (FERNANDES, 1996, p. 197) e, juntando-se à preposição ‘para’, indica aspectos de Modalidade Facultativa.

Tendo isto em mente, foram analisados os 576 casos escolhidos de ‘dar para e, após a exclusão de 166 casos, chegamos a um total de 410 casos e, assim como na expressão ‘ser capaz de’, a análise de ‘dar para’ seguiu o mesmo percurso descrito em nossa Metodologia.

5.2.1 A categoria de análise do Nível Interpessoal

A primeira das categorias de análise em relação à expressão ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa diz respeito à Posição do Falante, categoria que encontramos um panorama distinto da expressão anterior, conforme a Tabela 15 nos mostra:

Tabela 15 - Posição do Falante em ‘dar para’

Posição	Nº	%
[- inclusivo]	407	99,3%
[+ inclusivo]	0	0
[± inclusivo]	3	0,7%
Total	410	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises descritas no SPSS.

De maneira diferente do que vimos em Souza (2016) e em nossa expressão anterior, nossa pesquisa não encontrou nenhum caso em que ‘dar para’ expressasse o posicionamento inclusivo direto no valor facultativamente modalizado⁹⁹. Esse fato, portanto, nos leva a crer que uma de nossas hipóteses em relação ao Nível Interpessoal estaria confirmada: a tendência a utilizar o posicionamento não inclusivo tende à OE, em que vemos o A1 tendendo a se manter vazio.

Entretanto, observamos três casos em que a inclusão indireta do Falante mediante o valor facultativamente instaurado ocorreu em ordem inversa, em que o Argumento se posicionou após a expressão modal e, nos três, a construção modal foi ‘não dá para + a gente’, de modo que podemos observar uma tendência de ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo tende a possuir a seguinte estrutura:

Figura 8 - Estrutura geral da expressão ‘dar para’

((∅/ A1) + [dar para] + [A1_a gente/eu/nós] + [V_{inf} + Predicado])

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a Figura 8, podemos ver que o A1 pode ou não estar preenchido, sendo seguido pela expressão modal ‘dar para’. Em seguida, vemos que o A1 pode vir após a expressão modal, sobretudo em relação às posições [+inclusiva] e [±inclusiva], sendo seguido pelo Predicado, geralmente iniciado por um verbo no infinitivo.

Vejamos um desses casos em que podemos encontrar a Modalidade Facultativa sendo expressada por ‘dar para’ em posição [±inclusiva]:

61. Pois Clara Nunes -- mesmo sendo uma grande e boa cantora popular brasileira -- não conseguiu se libertar de a pecha de "« cantora de samba "». Infelizmente para todos os que sequer ouviram seus discos -- e não gostaram. A historinha por trás de o texto Clara Nunes morreu de uma de essas mortes imbecis, **que não dá para a gente entender**. Não tinha completado 40 anos; foi fazer uma operação de varizes em uma clínica de o Rio, houve problema em a anestesia -- morreu em o dia 2 de abril de 1983, em o auge de a carreira, com a vida inteira por a frente. Foi em um sábado. (DP 28). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

⁹⁹ O exemplo utilizado pela autora (SOUZA, 2016, p. 87) “Em festas da escola, havia sempre quem recitasse poesias desses poetas e também de outros. A mim nunca pilharam para declamar, **não dou para essas exhibições**”, é considerado por ela um caso de MFOP, mas ocorrências com essa estrutura, ou seja, que não escapem um verbo não finito, não foram contemplados em nossa pesquisa.

O exemplo (61) nos traz um comentário de um jornalista sobre o falecimento da cantora Clara Nunes. O contexto pelo qual a cantora faleceu, segundo o Falante, é um evento pelo qual não se consegue compreender. Encontramos o coletivo ‘a gente’ propositalmente colocado após a expressão modal indicando que o foco da MF estaria na impossibilidade da circunstância de sua ‘morte imbecil’, como se fosse algo inacreditável. Embora o foco dado pelo Falante busque seja em mortes como a da cantora Clara Nunes, há indício deixados por ele de que quem irá desempenhar esta habilidade descrita no predicado de ‘entender’ essas mortes é um grupo genérico de pessoas, caracterizado pelo coletivo ‘a gente’, usado popularmente como sinônimo de ‘nós’. Assim, há a inclusão indireta do Falante mediante o valor facultativamente modalizado, em que essa ocorrência dá a interpretação de que *a gente não tem a capacidade de entender* esse tipo de morte. Neste caso, portanto, a posição [\pm inclusiva], aliada à inversão do A1, colocado após a expressão modal, nos mostra que estamos diante de um caso de MFOP *adquirida*, em que esse participante irá desempenhar a habilidade de ‘não conseguir entender’, descrita no predicado.

Conforme observaremos no decorrer desta análise, a maioria extrema dos dados referentes à identificação do Participante em ‘dar para’ mostra a não inclusão do Falante no valor facultativamente modalizado, ou seja, não é possível determiná-lo pelo contexto, como no exemplo abaixo:

62. Seus pastores, se estivessem com o juízo em o lugar, saberiam que sua obrigação é enxotar de seus púlpitos o "« bebê "» de a Teologia de a Missão Integral. Eu recomendaria abortar esse "« bebê, " que ainda nem cresceu, mas já mostra seus frutos podres. Mas **dá para abortar esse "« bebê "»** em muitas igrejas em o Brasil. Estou fazendo a minha parte, defendendo com todas as minhas forças esse tipo de aborto. (DP 244). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

No excerto acima observamos uma situação em que o Falante está fazendo uma crítica ao modo como os pastores utilizam a Teologia da Missão Integral, de modo que compara esta ideia a um “bebê”, que, mesmo com o seu crescimento, *tem condições de ser abortado*. Aqui, observamos um caso de MFOE, em que há a condição circunstancial de ‘aborto’ dessa Teologia da Missão Integral. Percebemos a posição [-inclusiva] do Falante ao observar não somente o contexto linguístico sobre a ideia da Teologia da libertação, mas também no momento em que o Falante compara a ideia a um ‘bebê’. Vejamos outro caso:

63. A ideia aqui é fazer o bem por o bem, sem esperar reconhecimento algum. Muitas pessoas fazem doações ou ajudam alguém e são reconhecidas por isso de uma forma ou de outra. Isso é muito importante e válido, mas acho bacana a gente fazer boas ações sem que saibam que fomos nós executar- las, por o simples prazer de fazer o

bem e de forma completamente altruísta. Pode ser qualquer boa ação, desde resolver um problema para alguém, cuidar de alguma coisa de a casa sem que peçam, **fazer uma doação, ajudar uma pessoa em o trabalho, enfim, qualquer coisa que ajude alguém, mas que dê para ser feita de forma discreta**, reservada, sem que saibam quem foi. Bem, gente, essas são minhas sugestões. (DP407). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Acima vemos a opinião do Falante acerca de fazer o bem sem esperar reconhecimento por seus feitos. Este caso mostra um exemplo de como a posição [-inclusiva] pode determinar a MFOE, em que o foco está na ação de fazer *qualquer coisa que tenha condições de ser feita de forma discreta*. Embora haja a voz passiva em “qualquer coisa que dê para ser feita” e nos levaria a uma leitura de que um possível alguém estaria a fazer qualquer coisa, a intenção do interlocutor em deixar seu enunciado na voz passiva é a de enfatizar a ação, ou seja, “qualquer coisa”, “qualquer ação” que haja a *condição* necessária para ser executada.

O exemplo a seguir, por sua vez, traz um caso em quem há a identificação direta do referente, em que ele pode ser reconhecido nitidamente pelos Participantes da interação verbal (Falante e Ouvinte):

64. O cheirinho de comida fresca logo em a entrada quebra o gelo e é o verdadeiro "« esquentar »" de qualquer reuniãozinha caseira. -- Música não pode faltar. Som ambiente e em **volume que dê para todos conversarem em uma boa**, mas que ao mesmo tempo crie um clima de festa. Som alto demais só dá confusão e atrapalha. (DP 408). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

No excerto (64) podemos observar que esta ocorrência possui um referente direto, o ‘volume’ do som, de modo que a circunstância de todos os presentes conversarem nesta reunião caseira nos mostra que, embora haja um referente, ele não é animado e não tem nenhum controle sobre a ação; ele é, na verdade, um EC nominalizado, ou seja, uma circunstância específica para que ocorram *as condições necessárias para todos conversarem*. A posição [-inclusiva] do Falante é observada no momento em que a expressão modal é relacionada ao EC “som ambiente e em volume”, não ao Falante. ‘Todos’, nesse contexto, é parte do EC descrito no predicado, ‘conversar numa boa’.

À vista disso, passemos para as categorias de análise do Nível Representacional.

5.2.2 As categorias de análise do Nível Representacional

Como vimos até o presente momento, os casos de ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo tendem a não possuir um participante designado para a executar o EC descrito no predicado. Responsável pelas

características semânticas, o Nível Representacional é um dos mais relevantes para nosso estudo acerca de ‘dar para’ no português brasileiro contemporâneo, pois neste momento detalharemos como a expressão é formulada, além de identificarmos qual o comportamento dos termos que rodeiam ‘dar para’.

Nesta seção iremos analisar aspectos da expressão ‘dar para’ relacionados a: i) o Alvo da MF; ii) os tipos e subtipos de MF; iii) as Condições de realidade; iv) a Polaridade; v) as Categorias semânticas do A1; vi) o Tipo de predicado que a expressão modal escopa.

5.2.2.1 O Alvo da Modalidade Facultativa

Quanto ao alvo da Modalidade Facultativa em relação a ‘dar para’ no português brasileiro contemporâneo, sabemos que podemos encontrá-la na língua portuguesa tanto orientada-para-o-participante quanto orientada-para-o-evento (SOUZA, 2016). Em nossa amostra, observamos uma particularidade relevante: a maioria dos casos encontrados foram referentes à MFOE, mais especificamente referentes ao subtipo ‘condição circunstancial, conforme podemos comprovar na Tabela abaixo:

Tabela 16 - O Alvo da MF em ‘dar para’

Alvo	Nº	%
Participante	406	99,0%
Evento	4	2,0%
Total	410	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises do SPSS.

Este resultado vai ao encontro do que foi observado em Souza (2016), pois, de suas ocorrências analisadas, a maior parte também correspondeu à MFOE. Com base na autora, a forma mais comum em que pode ser encontrada esta expressão é em estruturas impessoais, atuando como um quase-auxiliar e, conseqüentemente, aumentando sua abstratização e subjetividade (SOUZA, 2016, p. 94). Logo, amostras como o caso seguinte são bastante característicos da categoria em relação à expressão em análise:

65. amém Irmã Rosana, que a paz de nosso Deus esteja em seu coração, pois não tenho dúvidas de que a misericórdia de Deus está sobre vc. Olha minha amada, ao ler seu testemunho, deu para sentir sua angústia, mas sáiba que vc já está totalmente perdoada, não tenha a mínima dúvida, alegra teu coração, dá glórias a Deus, pois ele está te contemplando, tem visto seu choro, seu desespero e te fala com amor (DP368). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O fragmento (65) nos traz um contexto em que o Falante relata as bênçãos de Deus para a Irmã Rosana, que fez um relato muito sofrido que, segundo o Falante, este evento de ‘ler o testemunho’ foi o que habilitou a circunstância de concretizar o sentimento de angústia relatado. Consequentemente, estamos novamente diante de um caso de MFOE, em que o evento de ler o testemunho habilita a Falante a fazer parte da circunstância de sentir a angústia da ouvinte. A presença do verbo no pretérito perfeito (‘deu’) conjugado na terceira pessoa do singular aliado à ausência de um A1 designado no contexto linguístico correspondem a uma construção impessoal, sendo mais um indicativo de que estamos diante de uma *condição circunstancial*.

O exemplo seguinte mostra um caso que poderíamos considerar MFOP:

66. Será que EM ACLIVE o palio mesmo tendo menos torque e potência não é melhor que o ponto por ser 150 kg mais leve? Sei que existem outras variáveis em jogo: Aerodinâmica, relação de marcha e diferencial, suspensão, até pneu. Mas **não dá para a gente calcular** com tanta exatidão todos esses. Test-drive não acho que seja a solução. O **percurso** de o test-drive é curto, não pega estrada de verdade com aclive e **não dá pra pisar fundo**, e mesmo que dê, não se tem sensores pra medir com exatidão, vai de a IMPRESSÃO de o piloto, e essa impressão pode ser distorcida. (DP 266). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (66) vemos um exemplo semelhante ao (61), em que há a Posição [±inclusiva] designada pelo coletivo ‘a gente’, referindo-se a um grupo de Indivíduos no qual o Falante também estaria inserido indiretamente, identificando esta primeira marcação como um caso de MFOP *aquirida*. Na marcação seguinte (“não dá pra pisar”), já vemos a ausência (∅) de um Indivíduo que possa desempenhar a ação descrita no predicado, caracterizando este alvo como MFOE. Neste caso, há a elipse do EC nominalizado “percurso”, indicando que estamos diante de um caso *condição circunstancial*.

a. O Subtipo de MFOE em relação a ‘dar para’

Levando em consideração as seções anteriores e a Tabela 16, vimos que nossa amostra de ‘dar para’ enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo foi predominantemente OE, contando com 406 ocorrências (99,0% do total de casos válidos). Destes casos, após análise minuciosa, chegamos à conclusão de que todas as ocorrências de ‘dar para’ enunciando a MFOE se referem ao subtipo ‘condição circunstancial’. Alguns destes casos serão discutidos a seguir:

67. O senhor pode descrever como eram esses indivíduos? T: O que chegou primeiro **não dá para descrever** muita coisa porque ele estava com máscara cirúrgica branca e boné enfiado em a cabeça, só **dava para notar** que era uma cara de um guri meio novo, uns 18 anos, mais para branco assim. O outro eu não vi porque eu tava deitado e com a cabeça em o chão. Depois por as *filmagens* que a câmeras captaram **deu para ver logo** depois que eram três indivíduos, eles foram em outras partes de o estabelecimento, em torno de 15 pessoas que trabalhavam lá foram rendidos. (DP 97). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (67), podemos perceber um trecho de um interrogatório sobre um roubo ocorrido que teve o Falante como testemunha. Temos a MFOE em três momentos: o primeiro, quando o Falante, ao ser questionado sobre a aparência dos indivíduos, informa que a *circunstância* não lhe permitiu esta visualização, pois o evento de o primeiro assaltante estar com máscara impossibilitou o Falante de descrever seu rosto. O segundo momento em que pudemos identificar a Modalidade Facultativa nesta ocorrência é a única coisa que o Falante conseguiu perceber (“só dava para notar que era uma cara de um guri”). Por fim, o terceiro momento em que observamos a MFOE é manifesta por meio da circunstância de captação das imagens pelas câmeras que, por sua vez, *deram condições para a ação de reconhecimento dos indivíduos* criminosos. Em todos os três casos analisados na ocorrência (61) vimos sua correspondência a momentos, circunstâncias que seriam requisitos para habilitar ações descritas no estado-de-coisas. Temos, portanto, três casos de MFOE *circunstancial* pois, no primeiro caso, o espaço destinado ao A1 não foi preenchido por qualquer categoria semântica, estando Vazio. O segundo caso é uma consequência do primeiro EC descrito na expressão modal, ou seja, a *circunstância* de não poder ser descrita a fisionomia do bandido é em razão do evento que atua como Argumento 1 da segunda expressão modal, ou seja, o evento de ele (o criminoso) estar “com máscara cirúrgica branca e boné”. A terceira ocorrência de (61) mostra que a nominalização do EC “filmagens” foi a *circunstância* que proporcionou a ocorrência do predicado “ver logo”.

b. O subtipo de MFOP em relação a ‘dar para’

Conforme os dados mostrados na Tabela 16, foram encontrados apenas quatro casos de MFOP, dentre os quais mostramos o exemplo (68), que fala sobre ‘salário’ não como uma restituição de um período de trabalho, mas sim como uma entidade autônoma:

68. O Corinthians tem total responsabilidade por o elenco, ou por a falta de ele, até onde sei foi com aval de ele que o JH saiu e o Chicão foi liberado. Ambos de graça.

Permitiu o empréstimo de o Ramires e de o Giovani para a Ponte-Preta. Foi com o aval de eles que o Ibson e o Maldonado foram contratados. Aposto que o salário do Ibson e do Maldonado dariam para pagar o empréstimo de o Elias, por exemplo. (4) O planejamento de a diretoria para o ano que vem é para procurar um reserva para o Fabio Santos ou para o Alessandro. Em todo time grande procura- se melhorar o elenco contratando- se jogador para ser titular (DP 404). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>)

No excerto acima o Falante está discutindo possíveis problemas acerca do time de futebol Corinthians, que passava por problemas financeiros e que poderiam ser resolvidos com os salários de dois integrantes do time. ‘Salário’, em (68) age como o participante envolvido no EC possuidor da habilidade de ‘pagar o empréstimo’ do qual o Falante está discorrendo. Mesmo rodeado dos especificadores que indicam de quem seria o salário relatado no contexto, ele é o Indivíduo dotado da capacidade de *adquirir* o pagamento do empréstimo do jogador Elias.

Vale ressaltar que, em (68), “salário” é visto como um Indivíduo por possuir todas as características inerentes à categoria: (i) ser uma entidade concreta, tangível, (ii) ocupar um lugar por vez no tempo e no espaço, além de poderem ser contáveis (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.236), de forma tal que os dois salários juntos poderiam *adquirir* as capacidades necessárias para executar o EC descrito no predicado “pagar o empréstimo do Elias.

Conforme os dados apresentados, há uma predisposição maior de ‘dar para’ expressar a MFOE. A partir das seções seguintes, veremos como a expressão designa as demais categorias linguísticas para a manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo.

5.2.2.2. As Condições de realidade

Nossa descrição acerca dos aspectos de Modalidade Facultativa encontrados em ‘dar para’ partiu dos dados encontrados sobre o verbo ‘dar’, de Souza (2016) e dos pressupostos acerca da MF, encontrados em Lima (2018) sobre ‘dar para’. Dentre os resultados encontrados, um dos principais diz respeito às condições de realidade em que podemos encontrar a modalidade, que, em nossa pesquisa, obteve os resultados descritos na Tabela 17:

Tabela 17 – As Condições de realidade em ‘dar para’

Condição de realidade	Nº	%
<i>Realis</i>	385	93,9%
<i>Irrealis</i>	25	6,1%
Total	410	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

Conforme constatado, a maior parte dos casos de Modalidade Facultativa encontrados nesta amostra corresponderam ao modo *realis*, contando com 385 casos, ao passo que o modo *irrealis* correspondeu a 25 casos. A distinção entre ambas as condições de realidade se deu principalmente em relação a distinção básica, em que os tempos passado e presente consistem em condição *realis* e o tempo futuro consiste na condição *irrealis* (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 175). Ressaltamos, entretanto, que para considerar uma ocorrência inserida em uma ou outra condição de realidade, é necessário observar todo o seu contexto linguístico, não somente a expressão modal. Tal fato irá repercutir na descrição do Nível Morfossintático, ao observarmos os tempos verbais mais utilizados para enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Vejamos um exemplo de condição *realis*, em que o Falante indica a ausência de condições para realizar determinado evento, no caso, “ficar sem informação durante 24 horas”:

69. “Que coragem, confesso que TV (pra mim) tiro de letra, pois já faz um tempinho que não paro em frente a uma TV. Contudo, sem internet, ou seja, **sem informação não dá para ficar durante 24 horas**... rs. Mas gostei de a iniciativa... Att., Luks (DP15). (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O enunciado acima mostra um caso em que o Falante evidencia a situação de ficar sem acesso à internet por 24 horas e sua dificuldade em se sentir desinformado. O centro das atenções, entretanto, não está no Falante se sentir incapaz por estar desinformado, mas sim na *condição circunstancial de não poder ficar sem informação por 24 horas*. O tempo presente do indicativo mostra o ato descrito como sendo realizado no momento do enunciado, colocando-o dentro da condição *realis*.

O enunciado seguinte podemos verificar a condição *irrealis*. Mesmo sendo a menos recorrente, ainda assim é relevante para a caracterização da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo:

70. Se você parar para analisar um dia em que você lê a Bíblia e busca a Deus logo de manhã, **esse dia vai render e dará para você fazer tudo que necessita**, mas aquele dia em que já se esquece de dar até o Bom dia para Deus logo a o acordar, será o dia mais exausto e rápido de todos. (DP384). (Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/> Acesso em 20/08/2024). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O fragmento (70) nos traz um contexto em que o Falante considera como essencial para se ter um bom dia a leitura da Bíblia logo no início da manhã, de modo que esta ação é a

que *dará as condições necessárias para que o dia seja bom*. Embora tenhamos a polaridade positiva e a afirmação possua um tom de certeza, vemos que esta circunstância somente irá ocorrer não apenas em um momento futuro, mas também após a sucessão de ações ocorrerem (ler a bíblia > buscar a Deus pela manhã > dia com bom rendimento). Toda a construção linguística desse Falante é indicada para o tempo totalmente inserido num momento posterior ao momento que o Falante está enunciado, ou seja, está inserindo sua fala na condição *irrealis*. A circunstância identificada pelo Falante que o ouvinte “fará tudo o que necessita” é apenas uma consequência de outra circunstância anterior, “esse dia vai render”. Essa circunstância do dia produtivo é o que permitirá a realização do EC “você fazer tudo o que necessita”.

5.2.2.3 A Polaridade

A Polaridade é um fator relevante em nossa pesquisa na medida em que ela pode indicar uma possível (in)capacidade de determinado participante em desempenhar a habilidade descrita no predicado ou das condições de execução de um evento. Vimos que ‘dar para’, ao enunciar a MF no Português brasileiro contemporâneo, possui como alvo predominante o evento. Nesta seção, verificamos o comportamento desta expressão em relação à categoria Polaridade, cujos resultados estão na Tabela 18:

Tabela 18 - A Polaridade da MF em ‘dar para’

Polaridade	Nº	%
Positiva	224	54,6%
Negativa	186	45,4%
Total	410	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

Vemos nesta situação a presença de um certo equilíbrio entre a polaridade positiva e a polaridade negativa, de forma que há uma pequena prevalência daquela sobre esta. Isso nos mostra que, ao enunciar esta expressão, o Falante do português brasileiro contemporâneo poderá usar tanto uma quanto outra polaridade para enunciar a Modalidade Facultativa em seu discurso.

Vejamos um caso em que podemos encontrar a polaridade positiva:

71. Da Vinci não falava... Orientação de as pessoas a a criação se enquadram em as personalidades opostas de os grandes inventores e gênios, Thomas Edison e Nikola Tesla. Qual é a sua? **Dá para dividir o mundo entre "« pessoas de cachorros "» e "« pessoas de gatos"»**, "« esquerda "» e "« direita "», "« Palmeirenses "» e "« Os=Que=Torcem=Para=Os=Outros=Times "» e infinitas outras dicotomias. Que se...

Esta postagem foi publicada originalmente em meu blog pessoal para narrar meus aprendizados criando uma startup. (DP02). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O trecho acima refere-se a visão do Falante acerca das dicotomias existentes no mundo, de forma que se pode dividir todas as pessoas em dois grandes grupos opostos um ao outro. Neste caso, a oposição anterior existente entre os gênios Thomas Edison e Nicola Tesla possibilita *ter condições para dividir o mundo* [...]. Assim, temos mais um caso de MFOE *circunstancial*, em que a polaridade positiva indica a condição, a possibilidade facultativa de se ocorrer esse evento. Nessa ocorrência, temo o viés positivo por meio da indicação de como a polaridade pode indicar a execução do EC descrito no predicado.

A polaridade negativa, por sua vez, estaria presente em momentos como o exposto a seguir:

72. Não tenho partido político nenhum, fico irritada quando vejo propagandas risíveis, chocada quando são aqueles que ficam nitidamente lendo e sem palavras quando começam com musiquinhas para gravarmos os números. Em tempo, algumas funcionam, se não para votarmos, para nos atormentar ligando determinado número a a determinado candidato. E a maioria absoluta não suporta ver horário eleitoral, mas se querem alguma mudança deveriam saber que são eles "« a voz de o povo »" e se mais pessoas se interessassem, talvez parasse esse circo que se implantou, **pois a maioria dos candidatos não dá para aguentar** e não podia ser assim. Eu seria a favor para cotas em a política, concurso público de provas e títulos, escolaridade mínima, sei lá, tinha que ter algo assim! Não foi uma tortura não. Achei que esse elemento de "« circo »" de o horário eleitoral diminuiu bastante, mas não sei se isso pode ser observado em todos os lugares ou se é uma característica de aqui, porque as pessoas são mais sérias e reservadas (DP 13). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O fragmento em questão mostra a opinião da Falante sobre os programas de horário político e o modo como alguns candidatos se apresentam, além de questionar o gosto musical dos *jingles* com o número dos candidatos às eleições. Segundo ela, o horário eleitoral é um circo que, com os candidatos caricatos, as músicas e todo o contexto de execução do programa eleitoral, segundo o Falante, *não se têm condições de aguentar*. Nessa ocorrência, ‘maioria’ atua na verdade como um objeto direto, pois ‘*não dá para aguentar a maioria dos candidatos*’. Como o interesse do grande público não ocorre naturalmente, o fato de que as pessoas não se interessam habilita a ação de haver candidatos de posturas questionáveis. Com isso, observamos mais um caso de MF, agora, em polaridade negativa. A negação, nesse excerto, não incide sobre o EC descrito no predicado, mas sim sobre a expressão modal. Ou seja, polaridade marcada indicando a negação ocorre negando a modalidade, não o predicado.

5.2.2.4 As categorias semânticas do Argumento 1

Nesta seção veremos como se comporta o Argumento 1 de ‘dar para’. Conforme vimos até o presente momento, a maioria extrema dos casos correspondiam à MFOE. Sendo assim, percebemos em nossa pesquisa a tendência a haver menos categorias semânticas do que as encontradas na expressão modal facultativa ‘ser capaz de’. Vejamos os resultados obtidos em relação a ‘dar para’ enunciando a MF em relação a expressão modal ‘dar para’ na Tabela 19:

Tabela 19 - As categorias semânticas do A1 em ‘dar para’

Designação do A1	Nº	%
Vazio	400	97,6%
Indivíduo	4	1,0%
Estados-de-coisas	4	1,0%
Tempo	1	0,2%
Maneira	1	0,2%
Total	410	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS.

Conforme visto na Tabela 19, a expressão modal ‘dar para’ possui o espaço destinado ao A1 enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo totalmente vazio, com 400 casos (97,6% do total), sendo seguido pelo A1 do tipo ‘Indivíduo’, com 4 casos (1,0% do total), EC (1,0% do total), ‘Tempo’, com 1 caso (0,2% do total) e ‘Maneira’, com 1 caso (0,2% do total). As demais categorias semânticas (‘Episódio’, Conteúdo Proposicional e ‘Quantidade’) não ocorreram em nossa amostra. Esse resultado mostra que o verbo ‘dar’, ao se unir à preposição ‘para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, tende a perder valência verbal.

Ao contrário da expressão analisada anteriormente, ‘dar para’ apresentou uma peculiaridade. A maior parte de seus casos (400 casos perfazendo um total de 97,6% da amostra analisada) está com o A1 totalmente vazio, ou seja, não preenchido por nenhuma categoria semântica. Assim, vemos uma das caracterizações da expressão em ter maior predisposição para expressar a MFOE pois, conforme Hengeveld (2004), uma das caracterizações mais recorrentes dessa categoria é a presença de construções impessoais.

Conforme o analisado pela Tabela 19, ‘dar para’ apresenta seu A1 preenchido com as categorias ‘Indivíduo’, EC, ‘Tempo’ e ‘Maneira’.

A primeira categoria, ‘Indivíduo’, foi observada em somente quatros casos, das quais três foram trazidas em exemplos anteriores. Estas ocorrências também foram analisadas

em relação ao tipo de traço que o Indivíduo possa ter, conforme os resultados obtidos na Tabela (20), a seguir:

Tabela 20 - Traço do Indivíduo em ‘dar para’

Traço	Nº	%
[+animado]	3	75,0%
[-animado]	1	25,0%
Total	4	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises do SPSS.

O Indivíduo dotado do traço [+animado] é caracterizado por possuir em si noções que podem identificá-lo como um Indivíduo autônomo, que pode executar as habilidades descritas no predicado. Conforme visto até o presente momento, há uma tendência de ‘dar para’ em inserir esse Indivíduo após a expressão modal, como pode ser caracterizado em casos como relatados no exemplo (61), já analisado em seções anteriores, em que o Falante utiliza o recurso de inversão dos elementos, posicionando o A1 após a expressão modal: (61) “A historinha por trás de o texto Clara Nunes morreu de uma de essas mortes imbecis, **que não dá para a gente entender**. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O participante é citado em topicalização, mostrando que a ação de ‘não conseguir entender’ é executada por ‘a gente’. Quando o interlocutor utiliza a expressão ‘dar para’ em detrimento a outros (“Clara Nunes morreu de uma dessas mortes imbecis, que a gente *não é capaz/não consegue/não pode/não tem como* entender”), sua intenção seria a de ocultar o participante, mas neste caso, mesmo invertido e topicalizado, ele ocorreu e foi enunciado.

Esse fato é reforçado por ‘a gente’ ser representante da posição [\pm inclusiva] mediante o valor facultativo instaurado que, quando chega ao NR, é designado para a categoria de Indivíduo possuidor do traço [+animado].

Além do Indivíduo possuidor do traço [+animado], temos também o traço [-animado] que ocorreu duas vezes em nossa amostra, dos quais trazemos novamente o excerto (68) em que o Indivíduo apresentado era ‘salário’, dotado do traço [-animado], o qual colocamos somente o trecho em que ocorre a Modalidade Facultativa: (68) Aposto que o **salário** do Ibson e do Maldonado dariam para **pagar** o empréstimo de o Elias, por exemplo. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Conforme discutimos anteriormente, ‘salário’ é considerado o Indivíduo dotado do traço [-animado], que possui a habilidade de executar o EC descrito no predicado ‘pagar o empréstimo. Isso poderia indicar uma possível perda de valência semântica exigida pelo verbo

‘dar’, que originalmente seria OP (e necessitaria de um A1 preenchido) para a OE, fazendo com que o A1 fique totalmente Vazio, ocasionando não somente a perda de valência semântica, mas também sintática.

A categoria seguinte, EC, ocorreu quatro vezes em nossa amostra, conforme o exemplo (73):

73. Cada dia que passa a comunidade vai se desesperando, não encontram uma saída, por mais que se esforce nada de positivo acontecem Milhares de cidadãos vem sofrendo em a pele este descabro, principalmente, os aposentados que mais necessita de apoio são os mais vilipendiados em o seu viver, pois, seria o momento de alegria e prazer por a vida, é o momento mais cruciante, pois os **parcos benefícios que ganham após uma luta incessante de trabalho, não dão para sobreviver**. Mas não vamos nos desesperar. Dizia o meu querido pai Antonio Taveira Zuza, em a sua sabedoria de pouca instrução mais de uma vivência realista de matuto de o interior que, " a única coisa que não se dá jeito é a morte, os demais acontecimentos um dia serão solucionados mais cedo ou mais tarde "». Pois é, acredito muito em este ditado de o meu pai, pois para a "« morte "» é para todos, sem distinção de classe, ricos e pobres vão todos para o mesmo lugar "« o cemitério "». (DP 313). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto (73) traz à luz uma situação em que o Falante discorre sobre a situação em que os trabalhadores brasileiros se encontram. A economia nacional, segundo o Falante, estaria em um nível crítico a ponto de que “os parcos benefícios” recebidos por eles *são incapazes de dar uma vida adequada aos cidadãos*. O núcleo do A1 (benefícios), antecedido pelo especificador de quantidade ‘parcos e seguido pelo especificador temporal que age como um especificador, ‘que ganham após uma luta incessante de trabalho’, reforça a leitura de ‘benefício’ como um EC. ‘Benefícios’, portanto, é a nominalização do EC ‘beneficiar’, termo utilizado no português brasileiro para se referir a pensões, aposentadorias ou algum tipo de apoio financeiro entregue pelo governo aos seus cidadãos (Cf. FERNANDES et al. 1994). O Falante, no excerto ao comparar o salário do trabalhador brasileiro com um ‘benefício’, está indicando em seu enunciado que o valor recebido é tão pouco que é comparável a um mero benefício. Assim, a ação de receber um benefício incompatível com o trabalho destinado é a *condição circunstancial* é o que proporcionaria a sobrevivência dessas pessoas. Temos, então, uma MFOE, em que o subtipo condição circunstancial se mostra presente.

A categoria seguinte em nossa análise foi a de ‘tempo’, que ocorreu somente uma vez:

74. Este blog foi criado em o sentido de partilhar mensagens de Luz... bálsamo para a nossa Alma "« NamasteTranslate Acerca de mim Visitas Boas Festas!! Quem teve essa ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança, fazendo- a trabalhar em o limite de a exaustão. **Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar**. Aí entra o milagre de a renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que de aqui pra adiante vai ser diferente. (DP 312). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008),” Qualquer conversa sobre uma linha do tempo implica que o tempo é conceituado como envolvendo uma construção espacial imaginária (a linha) na qual qualquer número de pontos ou trechos pode ser colocado.” HENGEVELD E MACKENZIE (2008, p. 257).

A partir do momento em que há a conceitualização do tempo, seja por uma sequência ou por uma linha temporal, como por exemplo os dias da semana ou a nomeação de porções de tempo, podemos presenciar a categoria semântica ‘Tempo’. Percebemos exatamente a exemplificação deste conceito no exemplo (74): o Falante detalha os acontecimentos que o fizeram criar e manter o seu *blog*, culminando em uma reflexão sobre o tempo e seus ciclos. Ao fim, chega a uma reflexão sobre um ano completo e sua divisão em doze porções de tempo, de modo que o passar do tempo de “doze meses” é a circunstância que permite a “qualquer humano se cansar”. A intenção do Falante em ressaltar que o tempo transcorrido é longo acaba sendo ressaltado pelo fato de que, nesse caso, a flexão verbal da expressão facultativa está no plural (‘dão’). Assim como no anterior, temos a MFOE *circunstancial* necessária para que ocorra o evento de “qualquer ser humano se cansar”. Vemos como núcleo do A1 o vocábulo “meses” indicando a nominalização desta passagem do tempo, ao passo que “doze”, neste contexto, se comportaria como um especificador de quantidade. Ambos unidos, “doze meses”, seriam equivalentes a um ano, fazendo a indicação detalhada da passagem do tempo e relacionando-o com o cansaço comum às pessoas.

A última categoria encontrada em nossa amostra de ‘dar para’ corresponde a ‘Maneira’, tendo corrido também uma vez em nossa amostra:

75. Em entrevistas que deu entre a gravação (dezembro de 1980) e o lançamento (março de 1981) de *Outras Palavras*, seu 12º LP solo, Caetano Veloso fez algumas constatações sobre este seu mais recente trabalho. Constatações que mostram, em suma, que o autor não ficou completamente contente com a sua obra -- ou, pelo menos, que o autor não executou a sua obra de a maneira como gostaria de a ter executado. Ele afirmou, por exemplo: “« O disco é muito de o jeito que deu para fazer em a hora (...). E aí a gente tinha que fazer o disco de a gente porque tem o ritmo de lançamento de a gravadora, tudo, a vida normal, aí eu fiz meio sem um critério ”». (DP 360). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (75) traz um contexto em que o cantor Caetano Veloso, ao ser entrevistado sobre seu LP solo, explica que sua execução ocorreu *do modo que as condições permitiam naquele momento*. ‘Jeito’, nesse caso, é a forma, a *maneira* que o LP foi produzido, ou seja, com as *circunstâncias que o momento* permitia. Neste caso, temos também um exemplo

de MFOE *circunstancial*, em que a maneira de o LP ser feito é a ação que seria executada. Segundo a GDF (2008), ‘Maneira’ é uma categoria semântica, ao lado de Tempo, Lugar e Quantidade¹⁰⁰. Essa categoria seria específica para designar modos (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 263). Em português, podemos encontrar advérbios de modo e expressões correlatas, tal qual a enunciada em (75), “do jeito que deu para ser feito”, em que ‘jeito’, ‘modo’ e ‘maneira’ possam ser permutados sem grandes distinções em seu significado.

a) A ausência de categorias semânticas do Argumento 1 em ‘dar para’

Os dados da Tabela 20 nos mostram que, dos 410 casos de Modalidade Facultativa encontrados em ‘dar para’ no português brasileiro contemporâneo, 400 pertencem à ausência total de um participante ou agente que tenha o poder/capacidade de executar o estado-de-coisas designado no predicado, ocasionando uma possível perda de transitividade verbal, haja vista que não há a indicação de um participante para executar o EC descrito no predicado. Em enunciados, portanto, este espaço tende a ficar completamente ausente. Conforme o exemplo (68), analisado anteriormente, vemos que haveria um efeito de apagamento do agente na leitura de “o que chegou primeiro não dá para descrever muita coisa”. Se o Falante tivesse dito, por exemplo, que “não *consegui* descrever muita coisa”, o excerto teria uma interpretação bem distinta, embora em ambos saibamos que o Falante se sentiu incapaz de descrever como era o suposto bandido. No entanto, o espaço destinado ao Argumento 1 no enunciado facultativamente modalizado reflete a tendência de o Falante do português brasileiro contemporâneo utilizar ‘dar para’ com fins de não identificar quem possa ser o executor do EC descrito na expressão modal, deixando, portanto, seu espaço ausente e sem a possibilidade de recuperação pelo contexto linguístico.

Diferentemente do espaço vazio, que poderia ser recuperado pelo contexto por meio da elipse, este resultado nos mostra que ‘dar para’, ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, tende a mostrar uma ausência completa de qualquer categoria semântica representando o Argumento 1:

76. Oi Marina, Taí uma típica coisa que todo mundo sabe mas não faz. Comer alimentos saudáveis em horários corretos parece até sonho mas acho que aos poucos e com muita determinação **dá para mudar os velhos hábitos** e assumir novas escolhas e posturas. Um dia cheio de muita saúde para voce!! (DP 14). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

¹⁰⁰ “Alongside Locations and Times, another notion which is frequently designated by dedicated linguistic forms is the manner in which a State-of-Affairs is carried out. In other words, languages permit us to talk about not only ‘where’ and ‘when’, but also ‘how’”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 263).

O excerto (76) foi retirado de um comentário de um *blog* em que o Falante intenciona um diálogo com a autora da postagem por meio de identificadores como marcadores discursivos e vocativos (Oi, Marina). Em seguida, vemos a sua opinião acerca do tema tratado pela autora, em que após uma série de circunstâncias em que a “mudança de velhos hábitos” seja uma condição possível/necessária/desejável para o momento, vemos que não há nem um EC possível para essa mudança de postura, assim como não há nenhuma outra categoria semântica em que possamos nos apegar para realizar o estado-de-coisas “mudar velhos hábitos”. O foco nesse caso está no EC e não em quem realiza a ação. Isso faz com que haja o A1 perca seus traços de animacidade e passe a ser enunciado com outras categorias semânticas, como EC, tempo, maneira, etc., chegando a não haver nenhuma categoria semântica neste espaço, deixado Vazio. Sendo assim, vemos a MFOE, sem que haja um Argumento 1 definido claramente em seu contexto linguístico.

O exemplo a seguir mostra mais um caso em que podemos encontrar a ausência de um Argumento 1 de qualquer designação enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação à expressão ‘dar para’:

77. Adorei o depoimento. Eu também tenho o vírus e tive reincidiva... você teve? Vou a o ginecologista semana que vem, **não dá para ficar enrolando**. A minha imunidade anda um pouco baixa e eu sou uma pessoa muito estressada. Minha médica disse que isso agrava. (DP 164). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Mais uma vez percebemos uma intenção de simular o diálogo oral no exemplo (77), em que o Falante busca, por meio de questionamentos ao interlocutor, neste caso, o autor de uma postagem anterior no *blog*, na qual o tema era o papiloma vírus – HPV. A Falante mostra-se preocupada com sua saúde e busca mostrar que em seu cotidiano está inserida uma consulta ao médico ginecologista, em que ela enuncia sua *incapacidade de ludibriar* a si mesma sobre possíveis problemas que tenha. Sua construção linguística, entretanto, é organizada de modo a colocar como ponto focal na *ausência de condições para* “ficar enrolando” a ida ao ginecologista. A utilização da terceira pessoa do singular no verbo enunciador da modalidade traz uma estratégia de apagar quem seria esse participante que *não teria a capacidade de ‘enrolar’*. Assim, vemos novamente um caso em que a MF estaria ligada ao evento, neste caso específico, à ida da Falante ao médico ginecologista. O espaço destinado ao Argumento 1 estaria novamente, vazio, haja vista que o verbo está conjugado na 3ª pessoa do singular, sem indicar claramente a quem ele estaria se referindo.

Assim como os exemplos (76) e (77), a maior parte das ocorrências encontradas de Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘dar para’ foram em construções impessoais, de modo que isso nos indica que a expressão possui tendência a ser enunciada quando ocorrer a MFOE.

Essa tendência de não haver um A1 designado em ‘dar para’ é uma situação bastante instigadora, pois, embora saibamos que é possível encontrá-la também com OP, em que, quando as entidades do tipo Indivíduo são dotadas do traço [-animado], agem como um *instrumento* para executar a ação descrita no predicado (como por exemplo em ‘salário’). Isso se confirma ao vermos que categorias semânticas como ‘maneira’ e ‘tempo’ foram encontradas nessa expressão, diferentemente de ‘ser capaz de’.

Tais resultados nos levam a crer que ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo é uma expressão linguística que tende a ser utilizado prioritariamente em OE.

O verbo ‘dar’, originalmente, possui o sentido de ‘entregar algo a alguém’, ‘proporcionar algo’ (Cf. FERNANDES et al., 1994). Quando este verbo une-se à preposição ‘para’, tende a perder sua semântica original (alguém *dar* algo *para* alguém) e passa a enunciar a semântica correspondente à Modalidade Facultativa, passa a trazer para si sentidos relacionados a habilidades/capacidades, bem como sentidos relacionados às condições de realização de eventos (conforme o exemplo (76), “dá para mudar” / tem como mudar / tem condições de mudar / tem-se capacidade de mudar *velhos hábitos*, entre outras paráfrases que poderíamos utilizar para o momento), acreditamos estar diante de um item que está em um possível processo de manter sua funcionalidade em usos impessoais. Conforme Vale (1999),

a transparência ou a opacidade de uma determinada expressão não pode ser compreendidas apenas pela proximidade de seu significado total com os significados dos elementos que a compõem, mas também pelo percurso cognitivo do Falante/ouvinte. VALE (1999, p. 170).

Neste caso, percebemos esse “percurso cognitivo” entre Falante e Ouvinte a partir do momento em que há um apagamento do A1, especialmente do Indivíduo; o Falante pretende focar no evento a ser descrito e não propriamente em quem irá executar esta ação enunciada por ele.

A definição de ‘dar para’, portanto, torna-se incompleta se suas partes forem tomadas individualmente; na expressão, ‘dar’ atua como um ‘verbo-suporte’ indicador do modo, número, pessoa e tempo e a preposição ‘para’ indicaria a finalidade da ação. Vale (2001, p. 25-28) mostrou diversos contextos em que o verbo ‘dar’ poderia agir como ‘verbo pleno’,

‘verbo-suporte’ e considera a expressão “dar a cara para bater”¹⁰¹, em que há um objeto direto (‘a cara’) entre o verbo ‘dar’ e a preposição ‘para’, uma expressão cristalizada (VALE, 2001, p. 28). O fato chama nossa atenção em virtude de a expressão cristalizada vir justamente próxima à preposição ‘para’, o que nos faz crer que a possibilidade de cristalização de ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo é um caminho possível. Souza (2016), por outro lado, identifica vários contextos linguísticos em que o verbo ‘dar’ pode expressar diversas categorias modais, estando ou não aliada à preposição ‘para’. Assim, reiteramos nossa posição em analisar a expressão completa ‘dar para’ enuncia a MF.

Após analisarmos como os elementos anteriores a ‘dar para’ se comportam ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, veremos a seguir quais os tipos mais recorrentes de predicado que a expressão modal escopa.

5.2.2.5 O tipo de predicado escopado

De acordo com o observado em ‘ser capaz de’, a expressão modal ‘dar para’, ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, possui como característica principal escopar predicados do tipo ‘ação’, como observado na Tabela 21:

Tabela 21 - Tipo de predicado escopado quanto a ‘dar para’

Tipo de Predicado	Nº	%
Ação	406	99,0%
Estado	2	0,5%
Posição	2	0,5%
Total	410	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS.

Com base no exposto, a categoria principal que a expressão modal ‘dar para’ expressa a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo corresponde predominantemente a predicados do tipo ‘ação’, com 406 ocorrências (99,0% do total), obtendo resultados semelhantes ao que observamos em ‘ser capaz de’. Em seguida, os demais predicados não dinâmicos (‘estado’ e ‘posição’) obtiveram duas ocorrências cada (ou seja, 0,5% do total cada tipo de predicado).

¹⁰¹ O autor mostra a produção de diversas expressões linguísticas com o verbo ‘dar’, mas não intenciona trabalhar com este verbo, assim como ‘ser’, ‘estar’, ‘ficar’, ‘fazer’ e ‘ter’ devido, entre outras razões, à “grande produtividade das construções com esses verbos” (VALE, 2001, p. 29). Em sua pesquisa inicial sobre expressões cristalizadas, ele encontrou aproximadamente 350 somente com o verbo ‘dar’.

O predicado do tipo ‘ação’ foi o mais preponderante em nossa análise, contando com o excerto a seguir:

78. A vida flui, isso é certo, mas também é um tanto inseguro deixar este fluir fazer o que quiser com a pessoa, é mais seguro ter um plano e encaixar-lo dentro de este fluir. Isto equivale a ter controle sobre a vida como um todo, diferentemente de quem não possui um planejamento, estes recebem o que a vida lhes dá e nada mais que isso, sem o direito de reclamar. "« O recurso que vem para o município é irrisório, muito pouco que não tem condições de a gente fazer alta complexidade. Nós temos **um hospital que até dá para fazer isso**, mas não temos equipamentos e nem valor financeiro para pagar os profissionais "», revela o prefeito, durante uma entrevista a o qual o blog teve acesso com exclusividade (DP 144) (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (78) há a enunciação do verbo ‘dar’ na terceira pessoa do singular, em que não vemos claramente qual é o Argumento 1 da expressão modal ‘dar para’. Neste caso, vemos que ‘cirurgias de alta complexidade’ *teriam condições de* serem feitas em um Lugar, no único hospital do município. Em outras palavras, a *circunstância* de estar em um determinado local, a saber, o único hospital a proporcionar as condições necessárias para executar “cirurgias de alta complexidade”, sintetizadas pelo pronome dêitico “isso”, mostram um caso de MFOE, em que não temos a identificação precisa de um Argumento 1 que tenha a função de agente/participante do estado-de-coisas descrito no predicado “fazer isso”. ‘Isso’, neste caso, é o pronome responsável por retomar o contexto linguístico anterior de ‘fazer cirurgias de alta complexidade’. Assim, há dinamicidade e o controle dos eventos retomados pelo verbo ‘fazer’ e pelo dêitico ‘isso’.

Outro exemplo de como podemos encontrar a expressão modal facultativa ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo pode ser descrita no exemplo (79):

79. É um lugar pequeno e sem luxo algum, e, em uma primeira impressão, não parece ter comida gostosa. Deixe o seu pré-conceito de lado e vá experimentar. É possível dividir os pratos, assim, se você for com mais três pessoas, **dá para provar dois dos constantes em o cardápio**. O preço é bom e um prato é suficiente para duas pessoas. (DP 214). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (79) traz um contexto linguístico em que o Falante mostra um exemplo de MFOE em que o Falante, ao enunciar a ausência de *condições para* provar duas opções do cardápio, o lugar destinado ao Argumento 1 está Vazio. A ‘ida com mais três pessoas’, neste caso, seria a *condição circunstancial* que permitiria a ocorrência do EC ‘provar dois dos pratos constantes no cardápio’. Em ‘provar’, temos os parâmetros de [+controle] e [+dinâmico],

indicando que estamos diante de um predicado que há mudança de estado intencional. Portanto, este é um predicado do tipo ‘ação’.

Dentre os predicados não dinâmicos, o tipo ‘estado’ pode ser encontrado como no exemplo (80):

80. Um dia, será menos, em o outro melhor, em o outro um espetáculo. E é assim que a gente segue. Parado é que não se chega a lugar nenhum. **Não dá para ser assim**. Se definirmos um modelo quadrado e só nos empenharmos se pudermos nos enquadrar totalmente em esse modelo, qualquer coisinha será suficiente para não fazermos a nossa parte. (DP 55). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (80), vemos um exemplo de como a Modalidade Facultativa pode escopar predicados do tipo ‘estado’, em que a marcação da Polaridade negativa aproxima a leitura da modalidade deôntica, mas optamos por considerá-la um caso de MF em razão dos elementos que detalharemos a seguir: o Falante reflete sobre as possibilidades de como prosseguir com sua vida, de modo que chega à conclusão de que não pode ficar parado e chegar a nenhum objetivo, ou seja, esta ocorrência, de acordo com o que vimos até aqui é um caso de MFOE, pois seu predicado traz dois parâmetros distintos, [-controle] e [-dinâmico], ou seja, não há qualquer mudança na situação enunciada, ‘ser assim’. Por isso é considerado um predicado do tipo ‘estado’, pois o verbo ‘ser’ traz em si esta noção de estabilidade e inalteração de estados.

Ao trazer em si a presença do pronome *assim*, sintetiza tudo o que poderia ser descrito por meio deste predicado e chegaria ao mesmo fim. Portanto, temos em (78) um predicado do tipo ‘estado’, em que não há controle nem dinamicidade da situação enunciada no predicado. Desta forma, não há propriamente uma proibição, mas sim uma explanação de que o estado de ‘ficar parado’ é a *circunstância* que condiciona a ocorrência do EC.

O exemplo (81) traz à luz o modo pelo qual podemos ver o predicado do tipo ‘posição’ enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação à expressão modal ‘dar para’:

81. Não houve rejeição alguma por parte de ele. As vezes ele não aceitava e ainda não aceita por não estar a fim ou não ter gostado de a opção oferecida, isso é normal. O que acontecia é que as vezes ele abria todas as portas de os armários e ficava olhando desolado (risos). Muitas vezes não tinha nenhuma guloseima, nenhuma besteirinha para aquelas horas que batia uma vontade de comer algo diferente porque **estas comidinhas são caras e não dava para ter sempre**, além de as opções existentes em o mercado serem bem fraquinhas. Foi então que resolvi procurar e desenvolver receitas para ajudar- lo. Quatro anos atrás, quando tu introduzistes a dieta sem glúten e sem caseína em o seu filho Mauricio, qual era o entendimento de os médicos a respeito de isso e qual é o entendimento hoje? No geral o entendimento de a classe médica ainda é zero, impressionante! (risos) Ainda estão esperando comprovação científica com grupo controle e testes placebo para se posicionarem e isto talvez nunca aconteça por o simples fato de que não consumimos pílulas! (DP 331). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (81), há um Falante que nos descreve um contexto em que ‘ele’ *não tinha a capacidade* de comer todas as guloseimas quando quisesse. Quando o Falante enuncia o motivo pelo qual não *teria condições de* possuir constantemente as “comidinhas caras”, vemos que ele possui consciência, *controle* da situação que ele está enunciando, observado pela utilização do verbo ‘ter’ mostrando que não há mudança de estado, possui ao mesmo tempo o poder de controlar essa situação, cujo parâmetro semântico é [+controle]. Em outras palavras, o participante sabe em que *posição* está, ele possui o controle sobre como obter em todo momento as ‘comidinhas caras’. Esse fato é confirmado pela presença do verbo ‘ter’, que designa ‘posse’. Assim, algo que se ‘tem’ é algo que *há a capacidade de* se ter o controle sobre como se consumir, como é o caso das ‘comidinhas’. Nesse caso, a presença do verbo ‘ter’, portanto, mostra que estamos diante de um predicado do tipo ‘posição’.

Até o presente momento descrevemos como as categorias semânticas refletem na identificação da Modalidade Facultativa em relação à expressão ‘dar para’. Semanticamente, a maior parte dos casos encontrados não possuem um participante especificado para executar o estado-de-coisas determinado no predicado; grande parte das ocorrências de ‘dar para’ mostram que a expressão é caracterizada pela ausência de um participante que execute o EC descrito no predicado verbal. Na seção seguinte, veremos como estas informações são codificadas.

5.2.3 As categorias de análise do Nível Morfossintático

Nesta seção concentrar-nos-emos em identificar como as informações pragmáticas e semânticas vindas do NI e do NR condicionam a codificação da Modalidade Facultativa o português brasileiro contemporâneo, especificamente em ‘dar para’.

5.2.3.1 A Codificação do Argumento 1

O Nível Morfossintático é o responsável por receber as informações pragmáticas e semânticas acima descritas e codificá-las em termos morfossintáticos inteligíveis para o Falante de língua portuguesa, de modo que ‘dar para’ possa ser utilizada em sentido modal facultativo. Tendo em vista que a principal forma encontrada para enunciar a MF em relação ‘dar para’ é a OE com seu A1 Vazio, verificamos tais informações e encontramos seguintes resultados:

Tabela 22 – Codificação do A1 em ‘dar para’

Codificação do A1	Nº	%
Substantivo próprio	0	0
Substantivo comum	9	2,2%
Pronome pessoal reto	0	0
Outros pronomes	0	0
Elíptico	0	0
Vazio	401	97,8%
Total	410	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

A Tabela 22 evidencia que, dos possíveis tipos de Argumento 1 codificados por ‘dar para’ ao evidenciar a MF no português brasileiro contemporâneo, a maioria dos dados confirmam o que foi apresentado em nossa análise sobre o NR: grande parte dos dados que analisamos até aqui em relação a ‘dar para’ ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo mostram que a ausência de um indicativo recorrente ao Argumento 1 mostra-se presente em 401 casos do total (97,8% do total). Quanto ao Argumento 1 codificado, somente nove foram encontrados, correspondentes à classe ‘substantivo comum’ (2,2% do total).

Esse resultado confirma o que hipotetizamos no início dessa tese, de que a tendência a não haver um A1 explícito que tenha a capacidade de executar a ação descrita no EC do predicado indica que o apagamento desta categoria tende a enunciar a MFOE.

O A1 expresso por meio do núcleo ‘ausente’ pode ser evidenciado como o expresso no exemplo (82), “Como o mercado reage de acordo com as expectativas, não é fácil prever, uma vez que não há sinais claros para os próximos meses, diz Matias. "« Não se sabe qual será o PIB de os Estados Unidos, qual será o PIB de a Alemanha. **Não dá para saber muito** em este momento. " (DP 14). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Nesta ocorrência há a reprodução de uma fala de outra pessoa (Matias), que fala sobre o PIB de alguns países de primeiro mundo. Após uma breve explicação sobre não se saber qual seria naquele momento o PIB de países como Estados Unidos e Alemanha, o Falante conclui que *não há condições de saber muito* naquele determinado momento. Aqui temos um caso de sujeito indeterminado, pois não é possível recuperar pelo contexto linguístico quem seria este sujeito. Temos, portanto, um caso de Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, em que a impossibilidade de se identificar quem é o A1 deste exemplo nos mostra que esse espaço está Vazio.

Dentre as ocorrências em que o A1 foi codificado por meio de ‘substantivos comuns’, temos novamente um caso em que ‘a gente’ está inserido após a expressão modal, como no excerto (83):

83. Aqui em casa as tampas, as pilhas, as tampas de canetas e chaves que não sabemos de onde são se multiplicam. É o caos! *falta inventar um pote de plástico que dê para a gente abrir* mas que a tampa continue grudada em ele!!! o pior é que eu acho que conseguiria. (DP405). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Esta ocorrência traz algumas particularidades, pois, embora tenhamos SN anteposto à expressão modal explícito, “um pote de plástico”, ele não será o participante que irá desempenhar a ação modal facultativa descrita no predicado. Na verdade, essa ocorrência segue a mesma estrutura observada no traço do Indivíduo [+animado], em que o participante ‘a gente’ é introduzido a nível pragmático para que seja designado semanticamente como um Indivíduo [+animado]. Levando em consideração esses dados, a codificação desse enunciado insere este participante após a expressão modal facultativa. Em outras palavras, ‘a gente’ seria o participante que executaria a habilidade de ‘abrir o pote de plástico e manter a tampa grudada nele’. Embora ‘a gente’ seja o A1 de ‘abrir’, ele também acaba sendo o participante da MF por ser o Indivíduo dotado da capacidade de ‘abrir’. O ‘pote de plástico’, na realidade, seria o complemento nominal de ‘inventar’ e, portanto, o instrumento que seria ‘inventado’

Em outras palavras, podemos concluir que a expressão modal ‘dar para’, ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo recebe todas as informações semânticas referentes ao Argumento 1 e as codifica prioritariamente por meio de substantivos comuns.

Após a verificação da Codificação do A1 em ‘dar para’, passaremos para a compreensão de como o tempo e o modo verbais podem interferir na manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo.

5.2.3.2 O Tempo e o Modo verbal

A necessidade de verificarmos que ‘dar para’ em seus aspectos morfossintáticos nos impele a verificar também como o verbo-suporte ‘dar’ se comporta no momento em que faz parte de um enunciado facultativamente modalizado. Esta categoria tende a receber as informações pragmáticas e as informações semânticas correspondentes às Condições de realidade e ao alvo para que possa codificá-las em categorias morfossintáticas referentes à

pessoa (1ª, 2ª ou 3ª), ao número (singular ou plural) e ao tempo (presente, passado ou futuro) do enunciado modal. Em nossa amostra, identificamos uma predileção para os tempos do modo indicativo, especificamente o Presente, de acordo com o exposto na Tabela 23:

Tabela 23- As categorias de Tempo e Modo em ‘dar para’

Tempo Verbal	Modo Verbal		Total
	Indicativo	Subjuntivo	
Presente	311	0	75,9%
Pretérito Perfeito	37	0	9,0%
Pretérito Imperfeito	31	0	7,6%
Futuro Do Pretérito	20	0	4,9%
Futuro Do Presente	1	0	0,2%
Presente Subj	0	5	1,2%
Futuro Subj	0	4	1,0%
Pretérito Subj	0	1	0,2%
Total	400	10	410

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

Corroborando com pesquisas anteriores acerca de aspectos modais e, sobretudo, em relação à Modalidade Facultativa (LIMA, 2018; LIMA; PRATA, 2019) e demais teóricos que trataram da tipologia modal (GRANDÉZ ÁVILA, 2010; LANCHARES, 2021) e em conformidade com o que foi observado que ‘ser capaz de’, o presente é o tempo verbal mais utilizado pelo Falante do português contemporâneo para enunciar a Modalidade Facultativa em relação à expressão modal ‘dar para’, sendo seguido pelo pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do pretérito, respectivamente. O futuro do presente obteve apenas uma ocorrência.

O modo subjuntivo, embora bem menos recorrente, também marcou a Modalidade Facultativa, aparecendo nos três tempos verbais e, assim como no modo indicativo, o tempo com maior preponderância também foi o Presente.

Esse resultado é relevante para a descrição de como a categoria se comporta no português brasileiro contemporâneo, pois ela também demonstra uma predileção do Falante em enunciar a MF com ‘dar para’ indicando que as *condições circunstanciais* de ocorrência dos eventos correspondem primordialmente ao momento em que o enunciado está sendo executado. Por outro lado, quando o participante irá executar sua habilidade descrita no predicado, a tendência do Falante ao utilizar ‘dar para’ ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo é a de colocar o participante após a expressão modal, em ordem inversa ao comum em língua portuguesa. Dos 410 casos, a maioria deles está em condição

realis, haja vista que a maior parte dos casos corresponde aos tempos Presente e Pretérito Perfeito, em que a ação enunciada tende a ser real/realizável ou realizada.

Vejam os um exemplo em que encontramos o modo indicativo:

84. O que está ficando claro é que o meu relógio biológico e o relógio "« social "» não se dão muito bem. Isso quer dizer que trabalhar de 8:00 a as 17:00 não é necessariamente o arranjo mais natural para mim. De o jeito que a minha vida é hoje, **não daria para eu viver** de uma forma muito diferente e definir o horário de minhas atividades para que elas estivessem em maior sintonia com o meu relógio biológico. Logo, vou levando as coisas assim e enfrentando a ira de as pessoas matutinas! (DP386). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O Falante está indicando a dificuldade de acordar cedo e os problemas que enfrenta com o seu relógio biológico. Ele cita, inclusive, que a circunstância de vida que ele está passando atualmente está o habilitando para que esse desequilíbrio continue, afinal, *não há condições de ele viver de forma muito diferente*. Assim, tem-se mais um caso de MFOE, em que a condição circunstancial do Falante em ver o modo como sua vida está no momento o impossibilita *ter condições de viver* de um modo melhor. A expressão ‘dar para’, com o verbo conjugado no tempo Futuro do Pretérito indica uma série de processos anteriores e possíveis projeções posteriores a uma ação passada, mostrando que esta possível condição seria um constructo mental do Falante. Em outras palavras, se ocorresse a ação anterior de o Falante poder modificar seu estilo de vida, a consequência disso seria sua mudança de vida.

Nesta subseção descrevemos como se dá a manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo por meio de ‘dar para’. Vimos que ela pode ser intercambiável com o sintagma ‘ter condições de’, analisado por Lima (2018) como uma das marcas de Modalidade Facultativa no português cearense e, em determinados contextos, também com ‘ter como’. Após verificarmos as frequências com que cada uma de nossas categorias de análise ocorre em ‘dar para’, veremos como cada uma delas pode interferir estatisticamente para a manifestação da categoria.

5.2.4 A inter-relação entre as categorias de análise em ‘dar para’

Assim como fizemos com ‘ser capaz de’, esta seção dedicar-se-á a verificar como cada uma das categorias de análise interferem entre si para a manifestação da categoria Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação à expressão linguística ‘dar para’. Analisaremos por meio do teste *qui-quadrado* as relações possíveis

existentes entre cada uma das categorias de análise desde a categoria do Nível Interpessoal até as categorias do Nível Morfosintático.

O teste *qui-quadrado* possui a finalidade de identificar possíveis relações de dependência entre as categorias de análise. Com base em Siegel (1975), pode-se aplicar esse teste para “determinar a significância de diferenças entre grupos independentes” (p. 117). Nesse contexto, visamos identificar se alguma das categorias de análise podem determinar a manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘dar para’.

Dito isto, passemos à análise quantitativa de ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo¹⁰².

a) A Inter-relação entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias do Nível Representacional;

Sendo a única categoria do Nível Interpessoal, a ‘Posição do Falante’ mediante o valor facultativamente instaurado corresponde a identificação de como o Falante formula seu enunciado e como podemos encontrar indícios linguísticos de sua inclusão/exclusão por meio dos parâmetros [+inclusivo], [- inclusivo] e [± inclusivo]. Esses valores pragmáticos podem determinar a MF semanticamente o Alvo e a designação do A1.

Ao verificar os dados desta categoria de análise com as demais descritas em nossa Metodologia em relação a ‘dar para’, observamos relevância estatística nos cruzamentos de dados com as categorias a) ‘Alvo da MF’; b) Subtipos de MFOE; c) Subtipos de MFOP; d) Designação do A1; e) Traço do Indivíduo.

Esse resultado mostrou que, quando ‘dar para’ enuncia a MF em posição [-inclusiva], há predisposição em enunciar-la tendo como alvo o evento; A posição [±inclusiva], embora tenha ocorrido em menor escala, tende a ser enunciada quando ocorre a MFOP. Vejamos um exemplo:

85. 2012 **É não dá para esquecer mesmo os personagens e as telenovelas**. Por isso, concordo com o Eduardo Nassife, quando recordamos algum personagem este não vem só, o que só agrava a minha inquietude! E eu acho que vamos voltar a ter Aguinaldo Silva em o ar ainda em 2013 em o horário de as 21 horas, substituindo a substituta de Salve Jorge (DP 208). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

¹⁰² Todos os cruzamentos de dados referentes à expressão linguística ‘dar para’ estão disponíveis em: <https://l1nq.com/iisWb>. Acesso em 19 out. 2024.

Em (85) o comentário do Falante evidencia o seu ponto de vista acerca de alguns personagens de novelas, mostrando a *incapacidade* de esquecê-los. A polaridade negativa traz a interpretação de não ocorrência do evento descrito no estado-de-coisas ‘esquecer os personagens das telenovelas’. No entanto, não há a indicação de quem poderia executar essa ação, haja vista que não há nenhum participante descrito no texto que possa executá-la, assim como também não há a indicação clara de que nenhuma outra categoria semântica esteja presente. Em outras palavras, ‘não dá para esquecer’ pode ser transcrito como *não há condições de esquecer*, ou mesmo *não tem como esquecer*. A ausência de um Argumento 1 indica, portanto, a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, em que a *condição circunstancial* de esquecer os personagens novelísticos tende a não ser realizada em razão da polaridade negativa.

Sendo o alvo relevante estatisticamente em nossa amostra, seria esperado que as categorias seguintes (subtipo MFOE e subtipo MFOP) também fossem correlacionadas com a Posição do Falante. Quanto ao cruzamento de dados entre a categoria do NI e o Subtipo MFOE, percebemos que em todos os casos de tendência [-inclusiva] há o subtipo *Condição Circunstancial*. De forma semelhante, o cruzamento entre Posição e Subtipo MFOP também evidenciou que todos os casos encontrados deste subtipo modal correspondiam à modalidade *adquirida*.

A verificação de dados entre a ‘Posição do Falante’ e a ‘Designação do A1’ também seria relevante, haja vista que a Posição determinando o principal tipo de Alvo, conseqüentemente também determinaria o preenchimento do A1. Esse cruzamento de dados obteve as seguintes particularidades: a) em relação à posição [-inclusiva], sua designação semântica correspondeu a EC (4 casos), Indivíduo (1 caso), Tempo (1 caso) e Maneira (1 caso), todos correspondentes à MFOE, assim como os casos em que o Argumento 1 se encontrou vazio (400 casos); b) em relação à posição [-inclusiva], todos os casos foram designados como sendo do tipo Indivíduo (3 casos), inseridos na MFOP.

Conseqüentemente, sendo o traço do Indivíduo uma subcategoria da designação do A1, seu resultado também seria relevante e mostraria significância estatística.

Em relação ao tipo de predicado escopado por ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, seu resultado não apresentou correlação estatística.

b) A inter-relação entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias do Nível Morfossintático

Quanto ao Nível Morfossintático, verificamos as relações entre a Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado e as categorias ‘Codificação do A1’, ‘Tempo verbal’ e ‘Modo verbal’ a fim de observar quais delas podem ser determinantes para a expressão da MF no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘dar para’.

Tendo em mente não somente que a Codificação do A1 seria uma das principais responsáveis por receber as informações pragmáticas em relação à Posição do Falante e à Designação do A1 para que se possa ser codificado em língua portuguesa o sujeito gramatical, seu cruzamento com a ‘Posição do Falante’ teria resultado estatisticamente relevante. Por meio desse resultado podemos observar que o parâmetro [- inclusivo], por exemplo, codificou a MF em ‘dar para’ com substantivos comuns em 6 casos e deixou o espaço vazio em 401 casos; o parâmetro [\pm inclusivo], por sua vez, foi totalmente codificado em substantivos comuns.

Assim como a Codificação do A1, a codificação de ‘Tempo’ e ‘Modo’ verbais também mostraria correlação total, trazendo à luz os seguintes resultados em ‘dar para’: a) os tempos verbais predominantes em relação à posição [-inclusiva] no modo Indicativo são o Presente e o Pretérito imperfeito; b) em relação à posição [\pm inclusiva], todos os casos do modo Indicativo estão inseridos no tempo Presente; c) quanto ao Modo subjuntivo, quase todos os casos estão inseridos na posição [-inclusiva]. Somente 1 caso de posição [\pm inclusiva] corresponde ao presente do subjuntivo.

Com isso, verificaremos na próxima subseção como as categorias do Nível Representacional correlacionam-se entre si e com as categorias do Nível Morfossintático para a manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘dar para’.

c) Inter-relação entre as categorias do Nível Representacional e as categorias do Nível Morfossintático

Nesta seção iremos verificar como as categorias do Nível Representacional interferem entre si e no Nível Morfossintático para a manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em ‘dar para’. Seguiremos o mesmo percurso analítico de apresentação das categorias em relação a nossa Metodologia.

i) Alvo da MF

Tendo em consideração que os alvos da MF encontrados em ‘dar para’ foram o OE e OP, o cruzamento de correlação total entre cada uma destas categorias mostrou-se relevante estatisticamente, evidenciando os seguintes resultados: a) quanto à MFOE, todos os 406 casos correspondentes se encontram-se relacionados ao subtipo *condição circunstancial*; b) quanto à MFOP, todos os casos encontrados também corresponderam ao subtipo *adquirida*.

A seguinte categoria de análise que obteve correlação estatística por meio do teste *qui-quadrado* foi entre o Alvo da MF e a Designação do A1, com relevância plena entre si. Da mesma forma que a expressão anterior, esse cruzamento de dados tem se mostrado relevante em relação ao modo como o alvo da MF pode determinar qual categoria semântica irá corresponder ao Argumento 1 da MF ao ser enunciada com ‘dar para’.

Esse cruzamento de dados nos trouxe os seguintes resultados: a) conforme esperado, todos os casos de MFOP estão inseridos na categoria semântica ‘Indivíduo’; b) em relação à MFOE, quando marcada linguisticamente, ela tende a manter seu A1 com a designação de EC, embora o mais comum seja a ausência de qualquer designação semântica correspondente ao Argumento 1 dessa expressão; c) assim como nas seções anteriores, o traço do Indivíduo também se mostrou relevante para a manifestação da MF o português brasileiro contemporâneo em relação a ‘ter como’, de modo que há uma tendência do Indivíduo a conter em si o traço [+animado].

Quanto às categorias linguísticas escolhidas para esta pesquisa em relação ao NM, verificamos que o cruzamento entre o Alvo da MF e a Codificação do A1 também se mostrou relevante, de modo que em ambos os alvos (OE e OP), a codificação principal foi a de substantivo comum. Por fim, o cruzamento de dados entre o Alvo da MF e as categorias de Tempo e modo verbal mostraram uma predisposição do Falante do português brasileiro contemporâneo, ao enunciar a MF com ‘dar para’, possui tendência a enunciar a MFOE prioritariamente no Presente, tanto do indicativo quanto do subjuntivo. A MFOP, por sua vez, tende a ser enunciada somente no modo Indicativo, por meio principalmente do tempo Presente.

Passemos à verificação da categorização estatística dos subtipos de MF.

ii) Subtipos de MF

Nesta subseção nos deteremos a identificar quais os cruzamentos foram considerados relevantes estatisticamente para a manifestação da MF no português brasileiro

contemporâneo em relação a ‘dar para’. Conforme verificamos na seção anterior, em relação ao alvo da MF, foram encontrados em ambos os subtipos modais apenas uma categoria, ou seja, na MFOE todos os casos encontrados correspondiam à *condição circunstancial* e em relação à MFOP todos os casos correspondiam à habilidade *adquirida*. Tendo isso em mente, nossa verificação estatística não se estenderá muito sobre estas categorias analíticas, por entendermos que elas já foram discutidas na Subseção anterior (Alvo MF)..

iii) Condições de Realidade

As condições de realidade permitem a distinção entre o que pode ou não ser real/ realizável. Suas principais categorias são *realis/irrealis*, categorias que podem atuar na camada dos EC. Em seu cruzamento com as demais categorias de análise em relação ao NR, foi percebida correlação estatística entre as Condições de Realidade e a Polaridade, de onde pudemos retirar a conclusão de que dos dois tipos de condições de realidade, tanto em polaridade positiva quando em polaridade negativa a condição *realis* é predominante sobre a *irrealis*, embora ambas possam ocorrer em ‘dar para’

Outra categoria relevante estatisticamente foi o subtipo de Designação do A1, referente ao traço do Indivíduo. Essa correlação entre as categorias de análise mostrou tendência em haver Indivíduos com traços [+animado] ao enunciar a MF no português brasileiro contemporâneo com ‘dar para’ predominantemente em condição *realis*. Esse resultado é relevante por mostrar que nossa observação de que em todos os momentos que os participantes designados como Indivíduos [+animados] e codificados como ‘a gente’ foi predominante em ‘dar para’ na amostra.

Quanto ao Nível Morfossintático, assim como na expressão anterior, a categoria das Condições de realidade também se mostrou relevantes para manifestar a MF em seu cruzamento com as categorias de Tempo e Modo, trazendo à luz os seguintes resultados: a) Há predominância de enunciação da condição *realis*, sobretudo em relação ao tempo Presente e Pretérito imperfeito, ambos no modo indicativo; b) em relação à condição *irrealis*, o tempo predominante foi o Futuro do Pretérito, sendo seguido pelo Presente do subjuntivo.

iv. Polaridade

A Polaridade é uma categoria que até o presente momento mostrou-se um pouco menos determinante que as demais para a manifestação da Modalidade Facultativa no português

brasileiro contemporâneo, tanto em ‘ser capaz de’ quanto em relação a ‘dar para’. Após seu cruzamento de dados com as demais categorias semânticas e morfossintáticas a fim de verificar possíveis correlações estatísticas entre a Polaridade e as demais categorias, verificamos que ela só obteve correlação com a categoria morfossintática de ‘Tempo verbal’, de onde podemos tirar as seguintes conclusões: a) em relação ao tempo Presente do Indicativo, a predominância é da Polaridade negativa, embora a Polaridade positiva também possa ocorrer; b) nos tempos Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e Futuro do Pretérito há uma predisposição maior de ocorrer a Polaridade positiva; c) no tempo Futuro do Subjuntivo, há equilíbrio entre ambas as polaridades; d) os tempos Futuro do Presente, Presente do Subjuntivo e Pretérito do Subjuntivo tendem a enunciar somente a Polaridade Positiva.

v. Designação do Argumento 1

A categoria semântica definida em nossa Metodologia correspondente à designação do Argumento 1 tende a manter relações prioritariamente com as categorias morfossintáticas, conforme vimos até o presente momento nas análises anteriores feitas nesta pesquisa. Destarte, com ‘dar para’ não seria diferente: em seu cruzamento de dados com a categorias do NR ‘Traço do Indivíduo’ e com a categoria do NM ‘Codificação do A1’, vimos total correlação entre ambas, afinal enquanto a primeira é uma subcategoria da anterior, a segunda é a sua correlação morfossintática.

As demais categorias de análise não apresentaram dados relevantes estatisticamente ao serem cruzadas com a categoria ‘Designação do Argumento 1’.

vi. Tipo de predicado escopado

A última das categorias que dizem respeito ao NR corresponde à identificação do tipo de predicado que a expressão modal facultativa escopa. Conforme vimos em nossa análise qualiquantitativa, ‘dar para’ tende a enunciar primordialmente predicados do tipo ‘ação’ e, de maneira menos frequente, predicados não dinâmicos, especificamente dos tipos ‘estado’ e ‘posição’. No entanto, após a verificação do teste com as categorias ‘Codificação do Argumento 1’, ‘Tempo Verbal’ e ‘Modo Verbal’, verificamos que a categoria semântica ‘Tipo de predicado escopado’ não interfere para a manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘dar para’.

5.2.5 Síntese de ‘dar para’

Na seção anterior verificamos o comportamento de ‘dar para’ ao enunciar a categoria linguística Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Fizemos uma análise qualiquantitativa de suas características mais frequentes e menos frequentes tendo por base os procedimentos explanados em nossa Metodologia. Analisamos individualmente cada categoria referente aos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático e, em seguida, fizemos o teste *qui-quadrado* com cada uma destas categorias a fim de trazer ao lume quais destas categorias de análise seriam determinantes para a manifestação da categoria, chegando às seguintes conclusões:

- a) Em relação à categoria do NI, vimos que a ‘Posição do Falante’ determina semanticamente o ‘Alvo da MF’, os ‘Subtipos de MFOE’, os ‘Subtipos de MFOP’, a ‘Designação do A1’ e o ‘Traço do Indivíduo’; morfossintaticamente, a categoria determina a ‘Codificação do A1’ e o ‘Tempo verbal’. Esse fator é relevante para observarmos como a categoria Modalidade facultativa, embora esteja na camada representacional, é determinada por razões pragmáticas;
- b) Em relação às categorias do Nível Representacional, percebemos que, quanto mais altas as camadas, maior a interferência da categoria na manifestação da MF: i) o ‘Alvo da MF’ determina semanticamente os ‘Subtipos de MFOE’, os ‘Subtipos de MFOP’, a ‘Designação do A1’ e o ‘Traço do Indivíduo’; morfossintaticamente, determina a ‘Codificação do A1’ e o ‘Tempo verbal’; iii) Os ‘Subtipos de MFOE’ e os ‘Subtipos de MFOP’, por sua vez, determinam as camadas semânticas ‘Designação do A1’ e ‘Traço do Indivíduo’; morfossintaticamente, determinam a ‘Codificação do A1’, o ‘Tempo’ e o ‘Modo verbal’; iv) as ‘Condições de realidade’ exercem influência sobre as categorias semânticas ‘Polaridade’ e ‘Traço do Indivíduo’ e, morfossintaticamente, a categoria determina o ‘Tempo’ e o ‘Modo verbal’; v) a ‘Polaridade’ determina apenas o ‘Tempo verbal’; vi) a ‘Designação do A1’ determina a ‘Codificação do A1’, o ‘Tempo’ e o ‘Modo verbal’.

Com isso, concluímos nossa descrição e análise de ‘dar para’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo chegando à conclusão de que

ela se apresenta tão complexa quanto a ‘ser capaz de’, embora possua em nossa amostra elementos relativamente menos determinantes que outros para a manifestação da categoria.

A seção seguinte dedicar-se-á a identificar quais as principais marcas Interpessoais, Representacionais e Sintáticas ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo por meio de nossa terceira expressão linguística em análise nesta pesquisa, ‘ter como’.

5.3 A expressão linguística ‘ter como’

A terceira expressão escolhida para esta análise sobre a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo corresponde a ‘ter como’. Uma particularidade desta expressão é que ‘ter como’ foi um dos casos em que mais foram excluídos casos em razão de, destes 836 casos, 550 foram excluídos em razão de: a) não serem modais; b) serem parte de Ilocuções admirativas e interrogativas; c) serem parte de outras categorias modais (epistêmica ou deôntica). Sendo assim, foram encontrados 286 casos de Modalidade Facultativa, que serão analisados nesta seção.

Para ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo foram verificadas as mesmas categorias de análise de ‘ser capaz de’ e ‘dar para’.

Passemos aos resultados obtidos acerca desta expressão linguística, ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

5.3.1 A Categoria do Nível Interpessoal

A categoria do Nível Interpessoal ‘Posição do Falante’ mediante o valor facultativamente instaurado é relevante na medida em que eles determinam o tipo de alvo da Modalidade Facultativa. Com isso, podemos observar que ‘ter como’ traz tanto uma feição em que pode ser encontrada uma diversidade bem maior do posicionamento do Falante em relação ao valor modalizado facultativamente, como podemos ver na Tabela 24:

Tabela 24 - Posição do Falante em ‘ter como’

Posição	Nº	%
[- inclusiva]	221	77,3%
[+ inclusiva]	63	22,0%
[± inclusiva]	2	0,7%
Total	286	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises descritas no SPSS.

Conforme observamos, a maior parte dos casos de Modalidade Facultativa em relação à expressão ‘ter como’ encontram-se em situação na qual o Falante mostra a Posição [-inclusiva], com 221 casos (77,3% do total). A Posição [+inclusiva] obteve 63 casos (22,0% do total) e a inclusão indireta, ou seja, a Posição [±inclusiva] obteve apenas dois casos (0,7% do total). Esses dados nos mostram que ‘ter como’ pode ter uma predisposição maior a determinar a manifestação da MFOE, assim como observamos em relação a ‘dar para’. Entretanto, ao contrário desta, ‘ter como’ apresenta mais casos de inclusão do Falante, o que pode indicar que ela pode enunciar tanto a MFOE quanto a MFOP, embora aquela prevaleça sobre esta.

Esse fato reforça os dados encontrados até o presente momento: quanto maior a diversidade de Posições do Falante em relação ao valor facultativamente instaurado, maior será a sua probabilidade de enunciar a MFOE e a MFOP. Da mesma forma, se uma expressão tende a manter a predominância de uma ou outra Posição, a tendência é haver o enunciado prioritariamente em um dos alvos (OE ou OP).

Vejamos um exemplo de que forma ‘ter como’ apresenta a posição [-inclusiva]:

86. O próprio Emerson Fittipaldi falou que precisava treinar de o amanhecer a o por de o sol durante 1 semana para então se habituar e virar tempo. Vai pra Interlagos que é bem mais curto, em 1 FIM DE SEMANA a sério dá para começar a virar temporal, isso com um mínimo de talento. Aí volta para a arrancada, posiciona em a célula e lembra que você tem mais ou menos 10 segundos para percorrer os 402 metros. **Não tem como você melhorar técnica** a reação em um final de semana, nem em uma semana inteira, essa técnica só é dominada após alguns ANOS, aprendendo a acertar chassi, transmissão, pneus, motor e outras variáveis. (TC 205). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

Em (86) o Falante reflete sobre um comentário feito pelo ex-piloto de Fórmula 1 Emerson Fittipaldi sobre como se habituar aos treinos de corrida para ser um piloto acima da média. Aqui não há como saber claramente onde se conclui o pensamento do piloto, haja vista que não há uma definição clara do que e como ele falara sobre o assunto. Entretanto, o Falante utiliza o nome de outra pessoa, provavelmente com a intenção de dar crédito ao que ele estaria enunciando, mostrando que um piloto altamente habilidoso confirma suas palavras e pensamentos. Esse caso mostra a posição [-inclusiva] por dois motivos principais: o primeiro em razão de ser uma citação que o Falante faz, lembrando a fala o piloto; segundo, porque na própria fala do piloto ele utilizaria o pronome de tratamento ‘você’, fazendo menção a um suposto Ouvinte (em outras palavras, um Ouvinte genérico). Outro detalhe que chama atenção nessa ocorrência é o fato de sua estrutura ser semelhante às que encontramos em ‘dar para’, de modo que o participante ‘você’ é colocado após a expressão modal facultativa.

Outro caso em que vemos a posição [-inclusiva] do Falante mediante o valor facultativamente instaurado no português brasileiro contemporâneo em relação à expressão modal ‘ter como’ é o exposto no excerto (87):

87. Eu mesmo nunca assisti o filme, tentei assistir uma vez com meu filho e em os primeiros minutos dormi e só fui acordar quando já estava acabando. Não era para assistir mesmo. Não tem nada de real ali, é tudo fictício. Você acredita em vida em outros planetas? **Não tem como não acreditar.** Não sou ufologista e não fico por aí procurando naves em o céu. Mas tenho certeza que existe vida e muita vida dentro de a nossa galáxia. (TC 60). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Neste caso, mesmo tendo o conhecimento de que ‘acreditar’ seria uma habilidade humana, não temos como identificar claramente a quem o Falante está se referindo. Em (85), o Falante não indica em sua expressão modal que ele é quem irá executar o EC ‘não acreditar’. Assim, temos um caso em que há a posição [-inclusiva] em razão de o Falante não se incluir de nenhuma forma no valor modal facultativo. O foco da modalidade está no evento de ter vida em outros planetas.

O excerto a seguir nos mostra uma visão da Modalidade Facultativa com posicionamento [+inclusivo], em que podemos ver claramente a presença do Falante marcada pela codificação do pronome pessoal reto ‘eu’, indicando o seu comprometimento com o enunciado proferido:

88. Deus é um ser tão incrivelmente sábio e justo e amoroso que ele não cobra de uma borboleta fazer a tarefa de um passarinho, agora ele cobra que a borboleta faça a sua tarefa e não pense: não, eu sou muito fraquinha, **eu não tenho como sair trocando o pólen de as flores**, não cada um seja útil aqui em a vida, seja digno, por que que eu estou falando isso? Porque desde a criança que muitas vezes fica pensando ah, minha mãe arruma minha cama, mas ele tem duas mãos, dois braços, gente, isso aí depois que a gente desencarna, isso tem um peso incomensurável, a pessoa meu Deus, mas eu abusei de tanta gente, a consciência pesa e aí olha o tanto de fio cármico, desde o simples exemplo de o adolescente que está em casa materialmente só em as costas de os pais e ele já podia estar fazendo alguma coisa para ter alguma renda ou se esforçar ao máximo para se preparar para produzir algo de bom em o futuro (TC8). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Esta ocorrência nos mostra um caso em que há diretamente a identificação do Falante por meio de uma metáfora em que ele se compara a uma borboleta que acredita ser *incapaz* de “sair trocando o pólen das flores”. A presença do verbo na primeira pessoa do singular e a explicitação do pronome pessoal reto ‘eu’ reforça a inclusão do Falante no valor facultativo mostrando não apenas sua inclusão semântica como também morfológica (Cf. Lima e Prata, 2023). Neste caso, o parâmetro [+inclusivo] possibilita a determinação pragmática para que, no NR, possa ocorrer a MFOP.

O excerto (89), por sua vez, nos traz um caso de Modalidade Facultativa em que se observa a identificação parcial do participante do enunciado modal:

89. Desde então, nada foi feito. Ezequiel é a prova viva que as nossas casas de menores infratores são incapazes de ressocializar os seus detentos, que assim que de lá saem, voltam a o crime. Ezequiel não fugiu a regra e mostrou que quem é capaz de massacrar um garoto inocente de 6 anos não tem como ser ressocializado. Todos os criminosos que mataram João Helio deveriam passar o resto de suas vidas atrás de as grades pensando em o erro que cometeram, de preferência trabalhando em a cadeia e destinando parte de a renda a família de suas vítimas. (TC36). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Este caso nos mostra uma Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante descrito por meio de um núcleo configuracional (“quem é capaz de massacrar um garoto inocente de 6 anos”) que em uma análise preliminar poderia corresponder a Ezequiel”, o assassino que o Falante está descrevendo. Entretanto, a partir do momento em que o Falante nos traz o estado-de-coisas ‘não ter como ser ressocializado’, liga-o a uma habilidade anterior adquirida, ou seja, *peçoas que teriam a capacidade de cometer esse tipo de crime adquirem a incapacidade* de ressocialização, em que Ezequiel, na verdade, seria um exemplo dessas pessoas indeterminadas, sintetizadas pelo Falante no pronome interrogativo ‘quem’. Uma das características para se identificar o parâmetro pragmático da posição [± inclusiva] corresponde ao uso de outros pronomes, como pronomes indeterminados e interrogativos. Neste caso, ‘quem’ cumpre esse papel, de modo que o Falante não está falando apenas de Ezequiel, mas sim de um conjunto específico de Indivíduos relacionado a ‘todas as pessoas’ que cometem esse ato.

Assim como verificamos em relação às expressões linguísticas anteriores, ‘ter como também segue o mesmo padrão organizacional de análise. Desta forma, detalhamos na seção seguinte de que forma a expressão em análise se comporta em relação a seus aspectos semânticos.

5.3.2 As Categorias do Nível Representacional

Na seção anterior verificamos a complexidade ‘ter como’ ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, de modo que ela ocorre quanto aos três tipos de posicionamento do Falante mediante o valor facultativo instaurado. A partir de agora analisaremos o comportamento semântico da expressão ‘ter como’ e suas particularidades ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

5.3.2.1 O alvo da Modalidade Facultativa

Um dos principais fatores para determinar o comportamento da Modalidade Facultativa é o correspondente ao alvo e, por conseguinte, ao subtipo de cada alvo da Modalidade Facultativa. Levando em consideração a pesquisa de Souza (2020), hipotetizamos que uma das principais orientações de ‘ter como’ é a OE, caracterizando um EC em termos de condições físicas ou circunstanciais de sua ocorrência (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 176). Dito isto, após a análise quali-quantitativa dos dados, encontramos os resultados de acordo com o que se observa na Tabela 25:

Tabela 25 – O Alvo da MF em ‘ter como’

Alvo	Nº	%
Evento	150	52,4%
Participante	136	47,6%
Total	286	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

Ao contrário dos itens anteriormente analisados, vimos que ‘ter como’ apresenta um cenário relativamente equilibrado em relação ao seu Alvo: a MFOE ocorreu em 150 casos (52,4% do total), ao passo que a MFOP ocorreu em 136 casos (47,6% do total). Esse resultado nos mostra que, embora a Modalidade Facultativa possua uma tendência a ser enunciada com OE, a descrição de habilidades e capacidades de um participante em realizar o EC descrito no predicado ainda é relevante para a categoria. Observemos um exemplo de como a expressão ‘ter como’ se comporta ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo:

90. Caladinho, meu pai foi embora já sabendo que em a hora de o almoço acertaria as contas com mim. Não deu outra: ele chega em casa e, súbito, me arrasta pelos cabelos e "« tome- lhe cacete "», "« tome- lhe porrada "». Minha mãe tentava interceder, mas, coitada, não tinha como enfrentar o homem de a casa, o provedor, o machão de as tapiocas... Não bastava apenas o cacete. Chorar também eu não podia, pois, na medida em que ele batia também mandava "« engolir o choro "»... Enquanto eu ficava em o misto de chorar e engolir o choro ele pegou uma faca e cortou minha sandália em mil pedacinhos (TC 284). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Neste caso observamos um contexto em que há a presença da MFOP, em que o Falante relata que a sua mãe, naquele momento passado e visto pelo Falante, participante que irá desempenhar a habilidade descrita no predicado. Neste caso, ela não possuía *as capacidades*

necessárias para enfrentar o ‘homem da casa’, pois sua compleição física era menor que a dele e, conseqüentemente, não tinha a força para defender o seu filho (o Falante, neste caso). O fato de o Falante identificar quem seja o participante do estado-de-coisas a ser executado por ele como uma terceira pessoa (sua mãe) nos mostra um caso de MFOP *adquirida*, em que a posição [-inclusiva] está presente. Da mesma forma, a marcação negativa da expressão modal induz a uma interpretação de *incapacidade*.

Assim como analisamos um caso de MFOP, vamos também verificar como a MFOE se comporta ao ser enunciada com ‘ter como’:

91. Não confunda empresa com família. Uma vez dei consultoria financeira para o diretor de uma empresa e ele queria saber por que as mesmas coisas que ele fazia em a empresa para estimular seus funcionários não funcionavam com o filho. Ele prometia a o filho de três ou quatro anos um bônus por bom comportamento. E não era só isso. Ele também produzia relatórios diários sobre como o filho estava agindo. É lógico que o cérebro de uma criança não funciona como o de um empregado. **Não tinha como dar certo**. O conselho que dou é que o pai dedique a o filho um tratamento condizente com o contexto de a família (TC 290). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

O trecho (91) traz um contexto linguístico em que o pai tratava o seu filho de 4 anos de idade com os mesmos benefícios e estímulos que dava aos seus empregados e, mesmo fazendo tudo do modo que ele acreditava ser o correto, ele não compreendia o motivo de não ter os mesmos resultados. Este evento descrito no estado de coisas e não marcado por meio de uma elipse do pronome demonstrativo ‘isso’, retomando todo o episódio linguístico anterior. ‘Não tinha como dar certo’ é a *condição circunstancial* que permite a ocorrência do estado-de-coisas ‘dar certo’ ocorrer. No entanto, como novamente temos a marcação negativa da expressão modal, estamos diante de um caso em que ‘dar certo’ é um evento que *não tem condições* de ocorrer, dado todo o contexto anterior descrito pelo Falante.

a) ‘Ter como’ expressando a MFOE

Consoante ao que analisamos na seção destinada ao alvo da Modalidade Facultativa em relação a ‘ter como’, vimos que, embora haja um certo equilíbrio, a orientação-para-o-evento ainda é preponderante nesta expressão. Por isso, iniciaremos a análise dos subtipos modais com os resultados acerca da MFOE.

É fato sabido que podemos encontrar a categoria em questão sob duas perspectivas: a) *condição circunstancial*, em que há a (im) possibilidade de ocorrência de determinado estado-de-coisas, ou b) *condição física*, em que não há necessariamente uma situação

envolvendo eventos, mas sim a ocorrência de algo envolvendo somente questões materiais e que seriam naturalmente decorrentes de ações comuns. Os resultados de ‘ter como’ enunciando a MFOE, assim como as demais expressões em análise nesta pesquisa, mostram que todas as 150 ocorrências da categoria corresponderam ao subtipo *condição circunstancial*.

Vejamos um caso em que podemos encontrar a MFOE:

92. Geralmente não gosto de a nota de coco, mas aqui ela aparece leitosa, nada tropical ou alcoólica, e além de o mais é sutil e delicada. Mesmo a tuberosa, que geralmente se sobressai aparece branda e macia, bem como o jasmim. Eu diria, em a verdade, que as grandes estrelas de o HypnoticPoison são as notas de fundo, "« enfeitadas "» por as demais que compõe a saída e o coração. Elas temperam, amaciam, dão uma certa leveza, **mas não tem como fugir de a doçura penetrante de a baunilha e de a amêndoa**. Se você já sentiu o cheiro de o cominho, se já teve a oportunidade e curiosidade de esmagar tais sementinhas entre os dedos, vai reconhecer o aroma de ele também. Ele dá uma boa dose de exotismo e profundidade em o perfume. As notas amadeiradas de o sândalo e de o jacarandá (o chamado Brazilian Rosewood) aparecem quentes, como madeira recém cortada aquecida por o sol. (TC 122). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O excerto acima nos mostra um caso típico em que presenciamos a MFOE. A ausência de um Indivíduo no A1 juntamente com o verbo ‘ter’ na terceira pessoa do singular aliado à ausência de um participante que execute o EC descrito no predicado traz uma noção de impessoalidade para o contexto, de modo que não como identificar claramente quem iria “fugir da doçura penetrante da baunilha e da amêndoa”. Dadas as circunstâncias anteriores que detalham a característica do perfume Hypnotic Poison, suas ‘notas de fundo’ possuem a capacidade de ‘temperar’ e ‘dar leveza’. Esse ‘evento’ que caracteriza o perfume, por trazer a polaridade negativa para a expressão modal, proporciona uma leitura de *condição não realizável* da ação de ‘fugir’. O foco não está propriamente em alguém cheirar o perfume em questão e sim na condição circunstancial de *não se ter condições de fugir* das notas adocicadas do perfume. Vejamos este outro caso:

93. Deus sabe o que faz. É para perdoar quem te traiu, enganou, abusou sexualmente, roubou, agrediu, mentiu, irritou, fraudou, prejudicou, caluniou, expôs seus segredos, humilhou, defraudou, decepcionou? Deus sabe o que faz. Você é uma peça fundamental em uma grande engrenagem. Aprenda como ela funciona e aja -- em tudo e em os mínimos detalhes -- de acordo com o manual. **Não tem como dar errado, acredite**. Pois Deus sabe o que faz. Você falou com propriedade, usando de um mecanismo que realmente fascina a todos, por sua complexidade de funcionamento: o relógio. (TC 148). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

A MFOE vista no exemplo acima é resultante da *condição circunstancial* de um ser humano ser visto como uma parte fundamental dos planos divinos, uma “ferramenta” que precisa executar sua função de acordo com o manual entregue por Deus. Assim, se a ação seguir

de acordo com os preceitos de Deus traz como consequência o evento de *não tem condições de* acontecer algo errado. Mais uma vez, a ênfase está no evento, no caso, de ocorrer algum erro nesta engrenagem e a polaridade negativa marcada sobre a expressão modal indica que a ausência de condições desse possível erro acontecer. Vemos, portanto, uma MFOE em que se faz presente o subtipo *condição circunstancial*.

b) *'Ter como' expressando a MFOP*

Quanto à MFOP, sabemos que ela ocorre na camada das Propriedades Configuracionais e, portanto, situa-se abaixo da camada dos EC. Isso quer dizer que, ao contrário da modalidade que possui como foco o evento, a quanto o participante é o Alvo da modalidade, ela tende a ser menos abstrata, por isso a GDF considera que a modalidade teria uma leitura mais objetiva, pois o Falante necessita enunciar um participante que execute esta habilidade descrita no predicado. Diante disso, a MFOP é composta de dois principais subtipos: a) capacidade/habilidade *intrínseca*, em que constariam ações que um participante seria naturalmente capaz de fazer, ou seja, ações inerentes a ele, seja por habilidade inata ou predisposição natural para tal, e b) habilidade/capacidade *adquirida*, em que um participante aprende a executar determinada ação, ou seja, algo não natural a ele em determinado ponto do tempo mas que teve a possibilidade de *saber como* executá-la e, conseqüentemente, adquiriu determinada habilidade. A GDF nos diz que esta divisão entre habilidades intrínsecas e adquiridas somente pode ser encontrada em algumas línguas, como é o caso do espanhol (Cf. Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 212). A língua portuguesa também possui essa característica, pois análises sobre a categoria como Lima (2018), Lima e Prata (2019) e esta própria pesquisa evidenciam como algumas expressões linguísticas se comportam ao enunciá-la.

De posse de tais dados, podemos observar a tabela 26, referente a estes resultados:

Tabela 26 - A MFOP em 'ter como'

Subtipo de habilidade	Nº	%
Adquirida	115	84,6%
Intrínseca	21	15,4%
Total	136	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

Como podemos observar, a análise dos dados em relação à MFOP mostra uma predominância de 'ter como' em caracterizar o subtipo 'adquirida', com 115 ocorrências

(84,6% do total), ao passo que a modalidade de subtipo *intrínseca* ocorreu apenas em 21 momentos (15,4% do total). Isso nos coloca em direção de observar exemplos como o que vemos a seguir:

94. O que significa ser missionário para o Reino de Deus? Antes de qualquer coisa, é ter o coração cheio de amor a Deus e a os irmãos. **Aquele que não se enche de essa graça dada pelo amor de Deus não tem como pregar o Reino para os seus irmãos e irmãs.** Ser missionário significa dar- se totalmente por o Reino de Deus. Ser missionário significa também desprender- se de tudo e de todos, de todas as seguranças e viver somente para o Reino e para o seu anúncio. (TC49). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O subtipo *adquirida* foi o mais recorrente em nossa amostra de ‘ter como’, mostrando que a presença de determinada capacidade ou habilidade está diretamente atrelada ou a um evento anterior, ou a uma habilidade aprendida durante o transcorrer de vida do participante. No excerto (96), o Falante nos relata a importância de saber pregar adequadamente para seus irmãos e irmãs em Cristo e seu primeiro requisito é ‘ter o coração cheio de amor a Deus e aos irmãos’. Em seguida, vemos o que pode ocorrer com aquele que ousa pregar sem esse requisito inicial, ou seja, sua pregação não surtirá efeito. Aqui vemos o posicionamento [-inclusivo] do Falante por meio do pronome demonstrativo ‘aquele’, indicando uma terceira pessoa genérica que necessita ter a habilidade de amor. Ele continua seu discurso por meio de uma advertência, buscando evitar que pessoas não autorizadas preguem o reino dos céus. Por esse motivo, um ser que não *tenha adquirido a capacidade* de ser cheio da graça de Deus também não *terá condições de* executar a pregação do Reino. Temos, portanto, um caso de MFOP *adquirida*, em que há a advertência de não se executar a ação descrita no predicado sem antes obter as habilidades anteriores.

O subtipo *intrínseca*, por sua vez, é encontrado como o exemplo (95):

95. Deus realmente está em todo lugar e devemos ir a igreja para termos comunhão com os irmãos e com o verdadeiro foco de aprender de o amor de Deus, não como um simples evento de domingo. Hoje estava em o ônibus indo para o trabalho **e não tive como não ouvir um diálogo** de 2 rapazes em o banco atrás de o meu. Com tanto evangeliquês, detectei logo que os 2 eram crentes. Parte de a conversa era como que uma amostra de currículos eclesiais. "« Segunda tenho reunião de a liderança, terça tenho minha célula, quinta tenho grupo de casais, sexta tem evangelismo, sábado culto de jovens e domingo culto normal. É difícil, tem hora que fico muito cansado, mas é assim mesmo... " ouvi. E depois: "« Nós somos assim mesmo, sempre queremos algo em troca. Deus sabe de isso. É impossível fazermos algo ou dar o dízimo sem querer nada em troca. " (TC 296). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (95) acima nos mostra um contexto em que o Falante relatava uma situação em que ocorrera consigo em outro momento: ele estava no ônibus e, mesmo não se

preocupando em escutar a conversa entre dois desconhecidos que estavam próximos a ele, ainda assim o fez, e comenta, sua *incapacidade* de não escutar o que estava sendo dito. A identificação da posição [+ inclusiva] é bastante clara, pois o Falante coloca-se como o participante da ação a todo momento, observado por meio do verbo conjugado em primeira pessoa do singular. Além disso, a ação mostra-se totalmente inserida em um contexto anterior, de modo que o tempo verbal do verbo ‘ter’ está no pretérito perfeito. A negação sobre a expressão modal ‘não tive como’ traria uma leitura de incapacidade deste Falante, mas, a partir do momento em que percebemos também a presença de uma negação sobre o predicado escopado ‘não ouvir um diálogo’, traz um direcionamento de interpretação que reforça a habilidade *intrínseca* do Falante em ouvir a conversa. Em outras palavras, o participante do ato modal facultativo (neste caso, o próprio ouvinte) sentia-se *incapaz* de não ouvir tal conversa, dada a sua *habilidade intrínseca*, ou seja, a capacidade natural de seu corpo em ouvir. O fato de identificarmos esta habilidade como intrínseca corresponde exatamente ao verbo ‘ouvir’, caracterizado como “entender, perceber o mundo pelo sentido do ouvido” (FERNANDES et al. 1996, p. 446), diferente do verbo ‘escutar’, caracterizado como “dar atenção a; tornar-se atento para ouvir”. (FERNANDES et al, 1996, p. 260). A escolha do verbo ‘ouvir’, portanto, evidencia que o Falante estava se referindo a um momento em que sua *habilidade inerente* de audição lhe permitiu tomar o conhecimento desta conversa, haja vista que ele não se mostrava atento, ‘escutando’ especialmente esta conversa detalhada por ele.

5.3.2.2 As Condições de Realidade

A primeira das categorias semânticas analisadas diz respeito ao tipo de condições de realidade, em que podemos verificar a dicotomia *realis/irrealis* e, desta forma, considerar como a noção de fatos realizáveis/irrealizáveis pode influenciar a Modalidade Facultativa quando expressa por ‘ter como’. Os resultados obtidos estão sintetizados na Tabela 27:

Tabela 27 - Condições de realidade em ‘ter como’

Condição de realidade	Nº	%
<i>Realis</i>	255	89,2%
<i>Irrealis</i>	31	10,8%
Total	286	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

Conforme observado anteriormente e confirmando os dados obtidos em Lima (2018) e Lima e Prata (2019) acerca da categoria Modalidade Facultativa, percebemos que a maior

parte das ocorrências de Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘ter como’ se encontra em condição *realis* com 255 casos (89,2% do total), ou seja, a tendência do Falante do português brasileiro contemporâneo em enunciar a Modalidade Facultativa com a expressão ‘ter como’ é designá-la em condição *realis*, ou seja, realizada ou passível de ser realizada. Vejamos um caso:

96. Ah, eu adooooo cozinhar! Meu marido é gaúcho e eu fui criada em a cultura caipira de o interior paulista (apesar de não ter o sotaque!). Nossa realidade culinária é bem diferente, o Brasil é um mundo e em cada lugar se gosta de comidas diversas. **Claro que não tem como vocês provarem o que vão ver**, mas vale por o conhecimento. Fiz um pouquinho de o que comemos lá em a região de o Vale do Paraíba, mais especificamente em a minha cidade, São José dos Campos e também um prato que bem é típico de o São João baiano, o amendoim cozido. Enjoy it! Aqui em a Bahia se come amendoim cozido em o São João, isso mesmo amendoim cozido. Ele vem dentro de a casca e coloquei pra cozinhar em a água com sal. Achei "« estranho "» quando vi pela primeira vez, mas a-d-ore-r- i! Agora espero sempre chegar esta época pra comer. (TC47). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O trecho acima é um comentário de um *blog*, em que o Falante busca não se inserir no valor facultativamente modalizado pela expressão ‘ter como’. O evento de ‘provar o que ainda será visto’ por possíveis Ouvintes foi sintetizado pelo pronome de tratamento ‘vocês’, haja vista a marcação da polaridade negativa na expressão modal, devido à *condição circunstancial* de amplitude e diversidade culinária brasileira. A negação, neste caso, não está incidindo sobre o EC descrito no predicado, mas sim sobre a expressão modal, por isso o enunciado é considerado realizável. Em outras palavras, a condição circunstancial de não ter como provar o que vão ver, ou seja, não *há condições de* provar como as comidas são gostosas neste momento, e a presença do verbo ‘ter’ na terceira pessoa do singular evidencia a presença do modo *realis*. Vejamos outro exemplo:

97. reforçar a segurança de a população "». Outra dificuldade citada foi a falta de efetivo em a corporação. Segundo ele, há lugares públicos que estão sem o atendimento de os policiais militares. "« Em o domingo teve um assalto em o hospital Cosme e Silva e **não teve como a polícia ir fazer o atendimento**. Em a noite de ontem, uma pessoa quase bateu em uma enfermeira e, novamente, não teve como a PM ir fazer a segurança de o local "», concluiu o policial. Outro lado A Polícia Militar de Roraima informou em nota, que não há falta de combustível ou racionamento para o abastecimento de as viaturas. (TC 247). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Este outro exemplo nos traz outra situação em que podemos observar a condição *realis* sendo enunciada, de modo que a presença do verbo ‘ter’ no pretérito perfeito, indica que a ação não somente ocorreu como foi concluída no passado. Além disso, esse tempo verbal é um dos considerados representantes da condição *realis*, pois é um tempo que não possui

qualquer ligação com o futuro. MF ocorre a partir do momento em que o Indivíduo “Polícia Militar” deveria ter a *habilidade* de “fazer o atendimento” referente a um crime.

Durante nosso percurso analítico de ‘ter como’ até o presente momento, percebemos uma supremacia de enunciados em que a marca da polaridade pode mudar a leitura da modalidade. Desse modo, a caracterização de como a Polaridade pode interferir na expressão de ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo faz-se relevante, como veremos na seção logo abaixo.

5.3.2.3 A Polaridade

Uma das categorias de análise da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo que possui a capacidade de mudar o sentido da habilidade/capacidade ou mesmo de dizer se aquele evento possui ou não as condições necessárias e ocorrer diz respeito à Polaridade. Em nossa análise, a maior parte das ocorrências desta expressão foi encontrada em polaridade negativa, como nos mostra a Tabela 28:

Tabela 28 – A Polaridade em ‘ter como’

Polaridade	Nº	%
Positiva	28	9,8%
Negativa	258	90,2%
Total	286	100%

Fonte: Elaboração própria com base nas análises extraídas do SPSS.

Dentre os casos de ‘ter como’, a maioria extrema das ocorrências foi considerada polaridade negativa, contando com 258 dos 286 casos analisados (90,2% do total). A polaridade positiva obteve apenas 28 casos, constando pouco menos de 10% do total. Esse resultado nos leva a crer que o Falante do português brasileiro contemporâneo, ao escolher ‘ter como’ para expressão a Modalidade Facultativa, tende a fazê-lo em Polaridade negativa.

Um detalhe em relação à polaridade merece ser levado em consideração: A negação dupla que não teria a finalidade de reforçar a negação inicial, mas sim um efeito de ‘neutralização’ da afirmação negativa. A estrutura dessa negação seria:

Figura 9 – Estrutura da negação em ‘ter como’

[Neg + [ter como] + neg + predicado]

Fonte: Elaboração própria.

A primeira negação, por vezes codificada no advérbio ‘não’ é posta antes da expressão modal facultativa ‘ter como’, indicando que a modalidade estaria sendo negada e dando uma leitura de incapacidade. Entretanto, a segunda negativa viria após a expressão modal e negaria o EC descrito no predicado.

Segundo Cunha (2001, p. 7), a negativa dupla com a estrutura “não + SV + não” é uma das três variedades faladas no português brasileiro, que “funciona como uma dica dada pelo falante para que o ouvinte interprete corretamente o enunciado negativo, assegurando a sua processabilidade” (CUNHA, 2001, p. 18). Embora a autora discorra primordialmente sobre a negação final, acreditamos que a estrutura encontrada em nossa pesquisa também pode atender à função indicada, de que o falante deseja enfatizar com seu enunciado que sua negação impele a um caminho específico, mencionado no predicado. Assim, “*não + ter como + não + predicado*” levaria a uma interpretação facultativa impelindo o participante não a negar a ação, mas sim a executá-la. Este segundo ‘não’ estaria negando o primeiro e, portanto, embora a ação esteja marcada com a negativa, teria um certo “efeito positivo” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 178).

Essa particularidade ocorreu em 19 casos de Modalidade Facultativa enunciados com a expressão modal ‘ter como’. Todas elas foram inseridas na ‘polaridade negativa’, pois, embora dê a impressão subliminar de que uma possível intenção do Falante seria enunciar a polaridade positiva, o contexto linguístico foca duplamente na designação de negação tanto da expressão modal quanto do predicado.

Tal situação mostra uma sensível distinção entre os resultados encontrados por Souza (2020), que encontrou “material interveniente entre os itens que compõem a expressão”, mas que não interferiram diretamente na negação, a exemplo de ‘ter nem como’ e ‘tem jeito nenhum como’. Em nosso caso, não encontramos nenhum tipo de material entre os termos ‘ter’ e ‘como’, mas percebemos que a presença da dupla negativa traz um outro tipo de noção, ocasionando um efeito positivo. Vale ressaltar também que essa particularidade não foi observada em ‘ser capaz de’ e ‘dar para’.

Vejamos um exemplo para elucidar melhor nossa explicação:

98. Por mais que possa concordar com algumas posições políticas que o Malafaia defende (defesa de a vida, liberdade de imprensa e liberdade de expressão), **não tem como não discordar** de o comportamento ridículo que ele apresentou e já vem apresentando por o twitter. Quem o segue sabe que não são raras as vezes que ele fica até de madrugada discutindo com pessoas que ele nem deve conhecer. Chega a ser deprimente saber que ele é desocupado a tal ponto para se prestar a ficar discutindo por o twitter. (TC39). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (98) traz um caso de dupla negativa, em que o Falante nos diz que “não tem como não discordar” do comportamento de Silas Mafalaia, no Twitter. A negação tanto antes da expressão modal quanto antes do predicado escopado leva o ouvinte a identificar que as ações postadas na rede social Twitter (atual X) pelo pastor *possuem somente o direcionamento de discordância* de seu comportamento, ou seja, *não tem condições de negar a ação de discordar*, restando, somente, a ação de concordar que o comportamento apresentado pelo político em questão na rede social é bastante questionável. Vemos, portanto, uma situação em que a MFOE tende a se distanciar de uma leitura circunstancial e aproxima-se da interpretação de obrigatoriedade, embora ainda não seja considerada modalidade deontica devido ao fato de não haver necessariamente uma obrigação, mas sim a notoriedade de que as circunstâncias indicam que somente um acontecimento *teria condições de ocorrer*.

Outro exemplo em que podemos encontrar a dupla negativa está no exemplo a seguir:

99. Eu mesmo nunca assisti o filme, tentei assistir uma vez com meu filho e em os primeiros minutos dormi e só fui acordar quando já estava acabando. Não era para assistir mesmo. Não tem nada de real ali, é tudo fictício. Você acredita em vida em outros planetas? **Não tem como não acreditar**. Não sou ufologista e não fico por ai procurando naves em o céu. Mas tenho certeza que existe vida e muita vida dentro de a nossa galáxia. A ciência ainda não provou e ainda vai demorar para comprovar, até porque as coisas acontecem mesmo enquanto estamos dormindo e saímos de o corpo através de as forças de a consciência. (TC60). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

Este exemplo nos mostra uma situação em que o Falante está sendo questionado sobre a existência de vida em outros planetas e, como conclusão inicial, sua percepção é a de que ‘não tem como não acreditar’. Assim como no exemplo (98), em que a primeira negativa está incidindo sobre a expressão modal facultativa e a segunda sobre a o predicado escopado, negando fato de ‘não ter como’ e impelindo o ouvinte a crer que o único caminho que poderia ser escolhido é o de ‘acreditar’. ‘Não ter como não acreditar’ poderia ser equivalente a *não ter condições de negar* a crença em vida em outros planetas, ou seja, o Falante está afirmando que acredita que exista vida em outros planetas.

O caso (99) é um exemplo típico de como encontramos a polaridade marcada com a negativa simples em ‘ter como’:

99. Sem a educação doutrinária em os primeiros anos de vida de nossos filhos, **não teremos como moldar** o caráter de nossos descendentes em conformidade com a Palavra do Senhor, o que gerará um sem-número de transtornos e de problemas em nossa família, à medida que os filhos forem crescendo. (TC 306). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdportugues.org/>).

Acima observamos que a negação simples da expressão modal facultativa aliada ao fato do verbo ‘ter’ conjugado na primeira pessoa do plural (nós) traz o posicionamento [+inclusivo] no valor facultativamente modalizado, o que exerce sobre a expressão modal a sua orientação-para-o-participante. Caso não haja a ação anterior de doutrinar *nostros* filhos nos primeiros anos de vida, o participante, caracterizado pela elipse ‘nós’, *não terão a capacidade de moldar o seu caráter*.

No contexto temos um caso de MFOP *adquirida*, em que há a identificação do Falante como parte do referente por meio da identificação da primeira pessoa do plural, onde ele se inclui no grupo de pessoas que buscam doutrinar seus filhos e possuem a consciência de que se esse evento não iniciar enquanto eles ainda são muito jovens, poderá haver uma *incapacidade* dos criadores destas crianças em colocá-las num caminho ‘em conformidade com a palavra do Senhor’.

A polaridade positiva, por sua vez, foi encontrada em poucas ocorrências de ‘ter como’, mas ainda assim, é relevante para a nossa pesquisa, na medida em que ela mostra como podemos caracterizar esta expressão como modal facultativa no português brasileiro contemporâneo. Vejamos o exemplo a seguir, o qual ilustra um caso típico de MFOP, em que vemos a Polaridade positiva:

100. A liberdade absurda. Agora o principal está feito. Detenho algumas evidências de que não posso me separar. O que sei, o que está certo, o que não posso negar, o que não posso rejeitar, eis o que vale. Posso negar tudo em essa parte de mim que vive de nostalgias incertas, menos esse desejo de unidade, essa fome de resolver, essa exigência de clareza e coesão. Posso contrariar tudo em esse mundo que me envolve, me choca ou me transporta, menos esse caos, esse rei acaso e essa divina equivalência que nasce de a anarquia. Não sei se esse mundo tem um sentido que o ultrapasse. Mas sei que não conheço esse sentido e que, por ora, me é impossível conhecê-lo. Que significa, para mim, significado fora de a minha condição? **Só tenho como compreender** em termos humanos. O que toco, o que me resiste, eis o que compreendo. E essas duas certezas, meu apetite de absoluto e de unidade, e a irredutibilidade de esse mundo a um princípio racional e razoável, sei também que não posso conciliá-las. (TC23). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Aqui vemos um caso de habilidade *intrínseca*, em que o participante, ao deparar-se com o sobrenatural, sente-se *capaz* de lidar com estas questões, mas possui consciência de até onde poderia ir sua compreensão, ou seja, considera que *tem condições de* compreender tais questões, mas somente em termos humanos de busca pela unidade, que é oposta ao acaso, à anarquia, esta sim incompreensível para ele.

5.3.2.4 As categorias semânticas do Argumento 1

Dando prosseguimento com nossa análise acerca de como a expressão ‘ter como’ se comporta ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, podemos fazer um paralelo entre ela e a expressão modal ‘ser capaz de’. A partir do momento em que nos dispomos a analisar como ambas se comportam, é necessário também verificar quais os principais termos que a rodeiam. Assim, vimos nas seções anteriores que a expressão ‘ser capaz de’ apresenta uma diversidade bastante grande de categorias semânticas referentes ao Argumento 1, não obtendo somente as categorias ‘tempo’, ‘maneira’ e ‘razão’. A expressão ‘dar para’, embora esteja predominantemente enunciando a MFOE trazendo o espaço referente ao A1 Vazio, também trouxe categorias como ‘Tempo’, ‘Maneira’ e ‘Quantidade’. Em relação a ‘ter como’, haja vista que vimos sua predominância em enunciar a MFOE, tivemos como resultado os dados da Tabela 29:

Tabela 29 - As categorias semânticas do A 1 em ‘ter como’

Designação do A1	Nº	%
Vazio	143	50,0%
Indivíduo	136	47,6%
Estado-de-coisas	7	2,4%
Total	286	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS.

Assim como verificamos em ‘dar para’, ‘ter como’ tende a enunciar a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, portanto é natural haver uma predisposição a ter a ausência do espaço destinado ao Argumento 1. Nesta análise, pouco mais da metade dos casos pertencem a esse contexto (145 casos, ou seja, 50,7% do total). No tocante ao A1 preenchido, todos os 134 casos referentes a entidades do tipo Indivíduo correspondem à Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante, com 134 casos (46,9% do total). Das demais categorias ocorridas na análise obtiveram uma gama bem menor de casos, pois somente a categoria ‘estados-de-coisas’, esteve presente, com 7 ocorrências (2,4% do total de casos). As demais categorias não foram encontradas em nossa análise. Não descartamos a possibilidade de a expressão ‘ter como’ ter a possibilidade de possuir o espaço destinado ao seu Argumento 1 preenchido pelas outras categorias semânticas que não ocorreram nesta pesquisa, entretanto, dada a diversidade de nossa análise, detalharemos os dados encontrados em nossa amostra.

a) *Indivíduos*

Tendo em mente os dados analisados até o presente momento, vimos que a segunda maior recorrência de dados de ‘ter como’ correspondeu à categoria semântica do Indivíduo, com 47,6% do total de ocorrências. Como vimos em nossa análise de ‘ser capaz de’, os Indivíduos podem ser encontrados em duas subcategorias relacionadas ao seu traço de animacidade, [+animado], correspondentes a indivíduos vivos e dotados de certa autonomia, e [-animado], correspondentes a indivíduos não-vivos. Dentro dos 286 casos da expressão linguística ‘ter como’, foram encontrados 136 casos em que o A1 estava designado como pertencente à categoria ‘indivíduo’. Dentre estes, foram encontrados os seguintes resultados destinados à distinção do traço de animacidade desse Indivíduo, consolidada na Tabela 30:

Tabela 30 - Traço do Indivíduo em ‘ter como’

Traço	Nº	%
[+animado]	122	89,7%
[-animado]	14	10,3%
Total	136	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do SPSS.

Conforme o esperado em relação à designação do traço do Indivíduo, a expressão ‘ter como’ segue o mesmo parâmetro de ‘ser capaz de’, enunciando a Modalidade Facultativa predominantemente com Indivíduo dotados do traço [+animado]. Indivíduos dotados do traço [-animado], por sua vez, ocorreram em nossa amostra somente em 14 casos (10,3% do total).

Avaliemos a ocorrência (101) em relação ao traço do Indivíduo que ela apresenta:

101. Ninguém, consegue mais ficar calado, quando Dilma aparece em uma reunião com mais de 39 pessoas. Ela só não é vaiada em reunião de o ministério. Hoje, relendo os arquivos encontrei o texto abaixo, de o Everardo Maciel, que foi publicado em o Blog do Noblat em 04/07/2013, e que mostra a incapacidade de o Estado para entender as ruas e por isso o seu título: " O Estado ainda não entendeu as ruas. " Um de os pontos cruciais que ele fala é a volta de a inflação, o que ele culpa a má condução de uma política econômico que levou a o baixo crescimento, em a tentativa de usar um cobertor curto para eliminar o frio. E com a inflação, todos já sabemos, quem fica com frio é **o pobre, que não tem como se defender**. E esta classe ainda nem foi a as ruas pois está entorpecida por o Bolsa Família, até que a inflação comece a comer- la. Fiquem com o Everardo, que eu vou comprar pão, e ouvir a explicação de o dono de a padaria: A farinha está por a hora de a morte, seu Zezinho. (TC 53). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (101) manifesta a Modalidade Facultativa tendo por aspecto pragmático a marcação de um tipo genérico de cidadão, ‘o pobre’. Indivíduo dotado do traço [+animado], ‘pobre’ seria a representação linguística de uma classe social desprovida de recursos materiais

e, conforme o Falante, seria *incapaz* de se defender da inflação. Estamos diante de um caso de MFOP, em que sua designação é feita por meio de um Indivíduo dotado do traço de animacidade.

Indivíduos possuidores do traço [-animado] foram encontrados como o trecho abaixo:

102. Por isso estou dizendo que esses carros, embora apresentem ótima dinâmica e estabilidade em uso normal -- e alguns de eles sejam bem parecidos com carros de passeio em a tocada cotidiana (Amarok, Outlander e Freelander e um pouco menos a Tucson -- as demais são "« barcas "» mesmo), em algumas situações elas mostram as limitações de o porte, altura, centro de gravidade e suspensão. É questão de física, mesmo com controles de estabilidade e anti-rolagem em alguns momentos esses veículos simplesmente não tem como se comportar como carro de passeio. O problema que eu senti é que isso acontece de repente, e não precisa ser nada extremo. E outro problema é que o cara acostuma em o dia-a-dia com a tocada mansa, pega confiança e se surpreende de repente justamente quando mais precisa. (TC 201). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

A citação (102) traz à luz um contexto linguístico em que o Falante dá sua opinião acerca de veículos que aparentam ser feitos para transporte de cargas mais pesadas, mas acabam não sendo o que se esperava. Ao dar exemplos de modelos de carro, sintetiza tudo em “veículos”, o qual possui como especificador o pronome demonstrativo “esses”, localizando a qual tipo está se referindo. Os ‘veículos’, nessa situação, atuam como Indivíduos e, por não terem autonomia de suas ações e de seu funcionamento, são considerados entidades dotadas do traço [-animado]. Esse fato é reforçado pelo próprio EC designado pelo predicado, ‘se comportar’, atribuindo ao veículo uma habilidade tipicamente humana. Mesmo o Falante enumerando a característica ‘se comportar’, ele está na verdade metaforizando o funcionamento do objeto. A MFOP, em que ele é designado como uma entidade do tipo Indivíduo e dotado do traço [-animado], em que a marcação negativa anterior à expressão modal nos traz uma *capacidade não adquirida* do veículo em “se comportar como um carro de passeio”.

De posse desses resultados, podemos descrever o comportamento da Modalidade Facultativa ao ser enunciada por ‘ter como’ no português brasileiro contemporâneo quando o seu Argumento 1 possui outras designações representacionais.

b) Estados-de-Coisas

Segundo a Tabela 29, a expressão modal facultativa ‘ter como’ possui também como Argumento 1 ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo a

categoria EC, totalizando 7 ocorrências (10,3% do total). Os casos encontrados possuem comportamento típico como o excerto (103):

103. Mais do que um parceiro de a ditadura instaurada em 1964, o ministro de o governo de a ex-guerrilheira Dilma Rousseff foi muito próximo de o aparato repressivo mais sangrento. De direita ou não, a **manifestação não teria como barrar** bandeiras de caráter social, típicas de a tradição de a esquerda. (TC 319). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O trecho acima é parte de uma postagem de um blog contendo comentários políticos. O contexto linguístico desse caso corresponde a uma manifestação ocorrida durante o governo da então presidente Dilma Rousseff. ‘Manifestação’ aqui é um substantivo comum que traz em si a designação semântica da ação de manifestar, ou seja, é um EC nominalizado agindo como o A1 da expressão modal facultativa ‘ter como’. Assim, a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento em (103) expressa a *condição circunstancial* de ocorrência da ação ‘barrar bandeiras’.

c) *Vazio*

Por fim, uma das situações mais comuns encontradas em nossa amostra de ‘ter como’ refere-se a expressões enunciadoras da Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento em que o espaço destinado ao Argumento 1 encontra-se vazio, não havendo qualquer categoria semântica capaz de supri-lhe o sentido. Casos como esse são característicos do excerto (104), logo abaixo:

104. Falta de dinheiro gera guerra, o dinheiro está acabando, agora virá a guerra, invadirão países tomarão recursos, só que desta vez o golpe será fatal para uma nova ordem mundial e eles vão conseguir essa é a realidade, não tem mais como evitar. Tudo foi criado pra chegar em isso, **não tem como voltar atrás**, infelizmente.... (TC 31). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

A passagem acima é um comentário feito em um *blog* sobre a situação econômica ocorrida no início do século XXI e os rumores de crise mundial, ouvidos há certo tempo. A MFOE reside na indicação de que todos esses eventos ocorridos, sintetizados pelo pronome indeterminado ‘tudo’, condensa quaisquer outros eventos ditos anteriormente. ‘Tudo’, nesse caso, contribuiria para chegar nesse momento. A consciência desses fatos permite ao Falante enunciar que a *condição circunstancial* de “voltar atrás” é uma ação que, dada a marcação negativa, não poderá ocorrer.

Outro fragmento correspondente à ausência do A1 em relação à expressão modal facultativa é identificado a seguir:

105. Se você é carioca, visite a página de o Núcleo Carioca de Doulas em o Facebook para se conectar com profissionais de a área. 7. Não saia correndo para o hospital. Pensei se deveria mesmo incluir esta última dica -- obviamente, não quero ser culpada depois por uma leitora que teve seu filho em o táxi! --, mas como **não tem como negar que um de os fatores de cesárea é a impaciência de os médicos** (a famosa desculpa "« não teve dilatação ") optei por colocar- la. A não ser que esteja com uma equipe de parto humanizado, a melhor maneira de se proteger de a cesárea intraparto é chegar a o hospital em trabalho de parto ativo, com mais de 7 cm de dilatação e, de preferência, dilatação total. Eu sei que é difícil se imaginar fazendo isso -- "« correndo esse risco "» -- mas é mais comum chegar cedo demais e sofrer um parto cheio de intervenções desagradáveis ou até mesmo uma cesárea do que acabar parindo a caminho de a maternidade (apesar de esses casos saírem mais em a mídia!). (TC 125). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

A Falante da ocorrência (105) intenciona dar dicas para futuras mães não serem submetidas ao parto cesárea contra sua vontade. O trecho em questão mostra a sétima dica, em que ela sugere às mulheres demorar o máximo possível para serem atendidas no hospital. Ela justifica sua ação explicado que uma das *condições* mais vistas em hospitais é a “impaciência dos médicos”, de modo que *não se tem condições de negar* esse fato. O evento descrito no predicado ‘negar’ é uma condição circunstancial que não *tem a capacidade* de ser negada pela Falante, devido ao evento seguinte ‘impaciência’. Nesse exemplo não temos a identificação de quem estaria executando a ação de “não negar”, tenha-se em conta que o verbo ‘ter’ está na 3ª pessoa impessoal, não há nenhum participante indicado que poderá executar essa ação e após a expressão modal facultativa há a presença do que não poderia ser negado, que “um dos fatores da cesárea é a impaciência dos médicos”. Esse evento, entretanto, é o desdobramento do que não se pode negar. Estamos diante, portanto, de mais um caso de MFOE, em que o subtipo *condição circunstancial* tende a apagar o A1 da expressão modal.

Após analisar como se comporta semanticamente o A1 da expressão modal facultativa ‘ter como’, veremos a seguir qual o principal tipo de predicado que ‘ter como’ escopa ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

5.3.2.5 O tipo de predicado escopado

De acordo com o exposto em seções anteriores, a definição do tipo de predicado mais recorrente a ser escopado pela expressão modal pode indicar não somente o seu alvo, mas também a possibilidade de subjetivação do termo em direção a uma maior abstratização de seu

conteúdo, perdendo lexicalidade e obtendo, conseqüentemente, aspectos cada vez mais gramaticais (Cf. HENGEVELD, 2014).

Em nossa pesquisa verificamos somente os quatro predicados básicos vistos em DIK (1997), tomando por base os parâmetros de dinamicidade e de controle, chegando aos predicados não dinâmicos, ou Situações, como ‘estado’ e ‘posição’, aos predicados dinâmicos, ou Eventos. Destes, escolhemos os dois predicados dinâmicos básicos, ‘processo’ e ‘ação’.

Em conformidade com os resultados apresentados até o momento, a maioria dos predicados que ‘ser capaz de’ e ‘dar para’ escoparam foram caracterizados como sendo do tipo ‘ação’.

Seguindo o mesmo percurso das expressões anteriores, ‘ter como’ evidencia um panorama em que há a predominância extrema de predicados do tipo ‘ação’ ao enunciar a Modalidade Facultativa. No entanto, em nossa amostra verificamos que todas as 286 ocorrências de ‘ter como’ obtiveram o predicado do tipo ‘ação’.

Mesmo em contextos em que uma primeira leitura nos levaria a crer que estivéssemos diante de outro tipo de predicado escopado, a análise detalhada da voz passiva nos levou à conclusão de que estamos diante de um caso de um predicado do tipo ‘ação’:

106. Parabéns por mais esse post! Que Deus continue te usando e capacitando. E Ele vai continuar cumprindo os planos dEle para ti. Zágari -- **Não tem como não ser tocado por o Espírito Santo** -- a o ver em Espírito e Verdade, o que ELE tem para seus adoradores... Vc é um Wilkerson pra muita gente – (TC 147). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

No exemplo (106) vemos um comentário de um *blog* com temática religiosa. O Falante inicia seu discurso com saudações e, ao enunciar a MFOE na *circunstância* de ser tocado pelo Espírito Santo. A voz passiva, nesse caso, mostra que o predicado está evidenciando a falta de controle do Indivíduo que se sente tocado pelo Espírito Santo, uma vez que este é que possui o poder de ‘tocar’. Esse exemplo traz em si a marcação negativa tanto sobre a expressão modal ‘não tem como’, quanto sobre o predicado que ela escopa não somente o verbo ‘ser’, indicador de estado, mas também indica a voz passiva no predicado ‘não ser tocado pelo Espírito Santo’. O evento a seguir, vemos o motivo pelo qual o único caminho que se possa seguir seja o de ser tocado pelo Espírito, ou seja, ver ‘em Espírito e em Verdade’ seria o evento que condicionaria o toque do espírito. A negação dupla, neste caso, está sendo utilizada como um recurso linguístico para indicar que, após ocorrer o evento inicial de visão do Espírito, o único caminho possível seria o de ser tocado por Ele. Assim, enquanto o ‘ser humano’ está no

papel de paciente, “ser tocado”, “Espírito” atua como agente da passiva, sendo ele o participante que executa a ação de ‘tocar’. Por isso, temos em 106 um caso de predicado do tipo ‘ação’.

Outro contexto em que podemos encontrar esse tipo de predicado está em (107):

107. Como o evangélico pode saber, exceto por a informação de o homem, já que rejeita a Igreja, a definição de os livros inspirados? Como ele pode saber se não por o homem a definição de os livros que devem compor o novo e o antigo testamento? Não tem jeito. **Ele não tem como provar para si mesmo que Lutero foi inspirado por DEUS.** A Bíblia que é sua única regra de fé não fala em Lutero ou em o protestantismo. Mas Lutero por sua vez também não recebeu revelação alguma de Jesus, e, nem lhe caiu no colo a Bíblia pronta vinda de o céu. O evangélico precisa confiar cegamente em Lutero como alguém inspirado e levantado por DEUS e em as obras que este produziu. (TC 96). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O último exemplo desta seção busca evidenciar a MFOP, em que vemos claramente o posicionamento [-inclusivo] do Falante mediante o valor facultativamente modalizado. O pronome pessoal reto ‘ele’, participante que irá executar a ação designada pelo predicado, é correspondente a um tipo genérico de indivíduo ‘o evangélico’. Este participante, embora marcado semântica e morfossintaticamente, não está determinado e especificado a um indivíduo, sendo o termo uma estratégia linguística para se referir a todas as pessoas que professam a fé evangélica. Além disso, expressão ‘ter como’ está marcada negativamente por meio do advérbio de negação ‘não’, mostrando a *capacidade não adquirida* desse indivíduo em realizar o estado-de-coisas “provar para si mesmo que Lutero foi inspirado por DEUS”. ‘Provar’, neste caso, é um verbo que denota não somente uma grande transitividade, mas também o predicado do tipo ‘ação’ dotado tanto do parâmetro [+dinâmico], já que indica uma mudança de estado, quanto o parâmetro [+controle] haja vista que seria necessário um conhecimento prévio de habilidades anteriores para que algo possa ser provado a alguém. A marcação negativa, neste caso, incide sobre a expressão modal e não sobre o predicado escapado por ela, determina que esta *habilidade* de provar é uma capacidade que não foi adquirida pelo evangélico, retomado no contexto pelo pronome ‘ele’. Portanto, a ocorrência (107) é um caso de MFOP *adquirida*, em que a Polaridade negativa dá a interpretação de *incapacidade* do participante.

Após essa explanação sobre o comportamento da expressão ‘ter como’ em relação a sua formulação semântica ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, detalharemos de que maneira o Nível Morfossintático codifica essas informações para que ocorra a categoria.

5.3.3 As Categorias de análise do Nível Morfossintático

Até o presente momento tratamos dos aspectos referentes à pragmática e à semântica da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação à expressão modal ‘ter como’. Nesta seção iremos nos deter nos principais aspectos de sua codificação para sua sistematização em termos morfossintáticos compreensíveis para o Falante de língua portuguesa. Para este nível definimos como categorias de análise: a) tipo de codificação do Argumento 1; b) tempo verbal; c) modo verbal.

Passemos ao aprofundamento de cada uma destas categorias.

5.3.3.1 A Codificação do A1

Tendo em vista a noção de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 291), a camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística, sendo seguida pela camada dos Sintagmas, Palavras e Morfemas, respectivamente. Em nossa pesquisa, ao analisarmos individualmente as três expressões, vemos que ‘ter como’ pode ser considerado um sintagma composto por duas palavras, um verbo transitivo direto e uma preposição, a qual, quando utilizado em sentido modal facultativo, pode ser equivalente ao sintagma ‘ter condições de’, analisado por Lima (2018) e também possuidor do sentido modal facultativo.

De acordo com Souza (2020), ‘ter como’ é bastante usado no português contemporâneo, sendo considerado um padrão convencionalizado linguisticamente, em que pode haver significados especiais ou outras propriedades específicas que possam interferir em seu significado. Sua pesquisa identificou um esquema-base composto por um sujeito, a construção modal facultativa e uma oração não finita, em que se pode observar uma tendência a haver um sujeito definido como participante da ação modal facultativa. Em nossa pesquisa, como pudemos observar durante a análise do NR a maior incidência de casos foi OE, dentre os quais o Argumento foi designado por EC deixando seu espaço Vazio. Entretanto, uma quantidade considerável de casos corresponde também à MFOP. Levando isso em consideração, vemos a importância de identificar como as informações enviadas pelos níveis da Formulação funcionam ao codificar a expressão ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

Consoante as seções anteriores, seguiremos o mesmo padrão em relação a ‘ter como’. Os resultados obtidos após análise dos dados foram condensados na Tabela 31:

Tabela 31 - Codificação do A1 em ‘ter como’

Codificação do A1	Nº	%
Vazio	143	50,0%
Elíptico	83	29,0%
Pronome pessoal reto	22	7,7%
Substantivo comum	18	6,3%
Substantivo próprio	11	3,8%
Outros pronomes	9	3,1%
Total	286	100%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

De acordo com os resultados obtidos por meio da Tabela 31, a maior parte dos casos encontrados da expressão ‘ter como’ enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo tende a não codificar a o A1 por meio de nenhum sujeito gramatical, ou seja, mantém o espaço Vazio, com 143 casos (50,0% do total). Em seguida, o A1 codificado por meio de Elipses obteve o segundo maior quantitativo de casos (83 casos, perfazendo 29,0% do total). O terceiro tipo de codificação mais encontrado em nossa análise corresponde a ‘Pronomes pessoais do caso reto, com 22 casos (7,7% do total), ‘Substantivo comum’, com 18 casos (6,3% do total), ‘Substantivo próprio’, com 11 casos (3,8% do total) e, por fim, ‘Outros pronomes’, com 8 casos (3,1% do total). Esse resultado entra em conformidade com o que foi visto nos níveis anteriores, pois como mais da metade das ocorrências correspondem à MFOE, seria esperado que houvesse uma tendência maior a não haver codificação alguma no espaço destinado ao Argumento 1.

Nos casos em que não há codificação do A1, encontramos uma maior concentração de MFOE, pois, sendo ela considerada a possibilidade de ocorrência de condições físicas ou circunstanciais de um evento (Cf. Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 176), seria esperado que não houvesse um participante da ação modal, conforme exemplo a seguir:

108. Se ele se arrependeu, minha filha, sua obrigação como cristã é PERDOAR. E elas perdoam. E voltam para casa com seus algozes que agora tomarão cuidado redobrado para não serem pegos novamente. A união e estrutura familiar permanecem intactas. E os crimes continuam acontecendo. Por o jeito, até hoje. **Não tem como ler** um texto de esses e não se sentir impotente. **Não tem como não emputecer** (TC 174). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Neste contexto há o relato de como se dão os casos de abuso sexual por líderes religiosos e como a questão é desenrolada quando há a denúncia por parte das mulheres abusadas. Neste caso, observamos a ausência de um sujeito em dois casos: “não tem como ler um texto desse” e “não tem como não emputecer”. O verbo ‘ter’, em ambos os casos, encontra-

se conjugado na terceira pessoa do singular aliado à ausência de um participante que possa executar o EC descrito no predicado, trazem em si marcas de impessoalidade nesse enunciado. Embora saibamos que há a presença de uma pessoa genérica que teria a capacidade de executar as ações explicitadas, pelo contexto linguístico, o foco está na ação de “ler um texto desses e se sentir impotente” e na ação de “emputececer”, ou seja, ter raiva. A presença do verbo na terceira pessoa do singular (“tem”) sem a presença de um referente explícito agente desta ação específica também nos mostra que estamos diante de dois casos de oração sem sujeito, podendo ser identificada como *não há condições de não ler um relato desses e não se sentir impotente, e não há condições de não sentir ira*.

Os substantivos próprios também se fizeram presentes em onze ocorrências da amostra de ‘ter como’, tal qual o exemplo (109) revela:

109. Alguém imagina que Molina, o acusado, vivesse em condições menos confortáveis que as de Julian Assange em a embaixada equatoriana em Londres? Jornalistas brasileiros preguiçosos que tentam fazer de ele um mártir foram, em algum momento, descrever como era a vida de Molina em a embaixada? Assange **não tem como pegar sol**, por exemplo, em a acanhada embaixada equatoriana perto de a Harrods. Puseram um aparelho que compensa a falta de sol. Também **não tem como se exercitar**, e uma esteira foi colocada ali para que ele mantenha a forma. (TC 130). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O trecho retirado de um *blog* especializado em comentários sobre política discute a situação em que dois criminosos, Molina e Julio Assange, estariam após serem presos pela embaixada equatoriana em Londres. O Falante relata a *incapacidade* de Julian Assange em pegar sol enquanto está preso e de se exercitar. Na primeira ocorrência de MF, vemos que a informação referente ao seu nome foi inserida pelo Falante por meio do nome próprio; não há como se fazer nenhuma referência a ele a não ser pragmaticamente, pois nomes próprios não são dotados de informações semânticas e sim de informações pragmáticas. A segunda ocorrência modal facultativa deste caso, embora ainda esteja falando sobre a mesma pessoa, deixa o espaço destinado ao A1 Vazio. Dessa forma, embora ambos os casos sejam de MFOP e a identificação clara do participante Julian Assange identifica o Falante posicionado por meio do traço [-inclusivo], em um primeiro momento vemos a codificação do A1 em ‘Substantivo próprio’ e, no segundo momento, este mesmo A1 está Elíptico.

Vejam os outros casos:

110. O pediatra Rinaldo Delamare diz que algumas crianças se acalmam chupando o dedo de a mão. Ele dá a entender que as crianças que não conseguem chupar o dedo são menos espertas que as que conseguem... Sinceramente? Eu prefiro a chupeta... Depois eu consigo tirar a chupeta de o bebê, mas não dá pra tirar o dedão de a criança,

né? E como eu tenho que complementar a amamentação com leite artificial (uso Aptamil), **não tenho como dar em um copinho 150 ml de leite...** (TC 28). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (110) o contexto linguístico que se desenrola é o de uma mãe que se queixa de algumas orientações médicas para o seu bebê. Ela percebe como prejudicial as crianças ‘que se acalmam chupando o dedo da mão’ e confessa preferir a chupeta. Percorremos juntamente com ela o desenvolvimento de sua argumentação até chegar ao ponto em que vemos o seu posicionamento [+inclusivo] mediante o valor facultativamente instaurado, marcado pelo verbo ‘ter’ flexionado na primeira pessoa do singular. O espaço referente ao Argumento 1, entretanto, permanece vazio; temos pistas de que a Falante está enunciando acerca de sua *incapacidade* em dar leite artificial para o seu filho ‘em um copinho de 150 ml’. Assim, temos um caso em que o Argumento 1 da expressão modal é codificado gramaticalmente por meio de uma elipse; conseguimos recuperar somente pela flexão verbal que o participante da ação a ser executada no predicado é a própria Falante e que estamos diante de um caso de Modalidade Facultativa orientado-para-o-participante, em que a marcação negativa indicaria uma *capacidade não adquirida* por ela.

As ocorrências em que foram encontrados aspectos do Sujeito gramatical codificado explicitamente por meio de pronome pessoal do caso reto também foram relevantes para nossa pesquisa. Vejamos o exemplo (111) que, embora também esteja enunciado em primeira pessoa, difere do anterior por trazer explicitamente o pronome pessoal do caso reto ‘eu’ como o participante do valor facultativo:

111. Outra coisa que me preocupa é o estado de tensão de dois de os meus cachorros: a mais meiguinha está preocupadíssima com mim porque não estou falando e o mais arteiro e carinhoso (um cachorro enorme que acha que é um poodle e tenta subir em o meu colo) fica lambendo as minhas mãos tentando me "« curar "» de esse mutismo. Ele choora... Rsrrsrs... Enfim, é um desafio e, mesmo escrevendo ou gesticulando, reduzi a minha comunicação a algo como 10 %, no máximo. Acho que se eu não pudesse mais falar por algum motivo, aprenderia libras em tempo recorde! Por enquanto vou deixar o post assim, não-terminado. Resolvi postar agora e não em o fim de o dia porque ***eu não tenho como falar por o telefone*** e queria que os amigos e família soubessem de isso logo (eu acordei tarde, então agora é "« logo "» em a minha vida). Volto a a noite para contar como foi a experiência inteira. A a noite terei passado por muuuitas situações em que ficar em silêncio será mais marcante do que até agora quando estou em casa, de pijamas... Volto a a noite! (TC 03). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Aqui neste exemplo, vemos a presença do participante codificado no texto enunciado pela Falante, que, no caso, é a própria Falante, indicando que *não tem condições de falar ao telefone durante o dia*, mesmo sendo uma pessoa que gosta bastante de falar. A MFOP se instaura no momento em que ela, ao posicionar-se de modo [+inclusivo] enfatizando que está

enunciado acerca de sua *incapacidade* temporária de falar ao telefone devido aos seus afazeres naquele dia.

Os substantivos comuns também tiveram relativa quantidade de ocorrências em relação a ‘ter como’ enunciando a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo:

112. Crescer é imperativo que não se discute. Jesus também disse "« sede perfeito "», **outro imperativo que não tem como desaparecer** de a nossa vida. Agora, temos que ter em conta que nunca iremos chegar em aquele ponto de estarmos perfeitos ou de sermos perfeitos. Nunca. Não vamos. Porque por mais que possamos nos aperfeiçoar haverá sempre o "« sede "» em a frente. Deu para captar? Então, se algum dia você se propuser de fato a ser perfeito você já declarou nula a sua proposta, e fim de conversa. (TC 128). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (112), o Falante enumera uma série de mandamentos ‘imperativos’ que não podem desaparecer, como crescer e ser perfeito. Neste caso, “imperativo” está sendo usado como sinônimo de ‘ordem’, ‘mandamento’, conforme o contexto nos mostra. Esse “imperativo” acompanha a expressão modal facultativa ‘ter como’ por meio do pronome relativo ‘que’ e, por fim, a marcação simples da polaridade negativa traz a noção de *incapacidade* do desaparecimento destes ‘imperativos’. Neste caso, o evento de haver este mandamento, “sede perfeito” é a *circunstância* que *não terá condições de ocorrer*, ou seja, estamos diante de um caso em que a MFOE possui o A1 codificado por meio de um Substantivo comum.

Por fim, veremos como o Tempo e o Modo verbais se apresentam codificados em ‘ter como’ ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

5.3.3.2 O Tempo e o Modo verbal

Esta seção será dedicada aos principais aspectos da expressão modal facultativa ‘ter como’ no português brasileiro contemporâneo, sobretudo em relação ao verbo que a compõe. Nossa análise conjunta de tempo e modo verbal deve-se ao fato de que estudos anteriores mostrarem que o modo indicativo é o mais complexo testes, a análise de tempo e de modo prescindem uma da outra.

A maior parte dos dados encontrados da expressão ‘ter como’ se encontram no modo indicativo, como podemos observar na Tabela 32:

Tabela 32 - As categorias de ‘Tempo’ e ‘Modo’ em ‘ter como’

Tempo	Valores	Modo Verbal		Total
		Indicativo	Subjuntivo	
Presente	Nº	238	0	238
	%	100,0%	0,0%	100,0%
Pretérito perfeito	Nº	9	0	9
	%	100,0%	0,0%	100,0%
Pretérito imperfeito	Nº	20	0	20
	%	100,0%	0,0%	100,0%
Futuro do presente	Nº	3	0	3
	%	100,0%	0,0%	100,0%
Futuro do pretérito	Nº	15	0	15
	%	100,0%	0,0%	100,0%
Pretérito subjuntivo	Nº	0	1	1
	%	0,0%	100,0%	100,0%
Total	Nº	285	1	286
	%	99,7%	0,3%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, com base nas análises extraídas do SPSS.

De posse desses dados, vemos que a maioria extrema dos casos em que ‘ter como’ expressa a MF no português brasileiro contemporâneo é composta por tempos verbais do modo indicativo, cujo tempo que obteve o maior quantitativo de ocorrências foi o tempo Presente, com 239 casos (83,2% do total). Os demais tempos verbais enunciando Modalidade Facultativa por meio da expressão em estudo foram ‘pretérito imperfeito’, com 20 casos (7,0% do total), ‘futuro do pretérito’ com 15 casos (5,2% do total), ‘pretérito perfeito’ com 9 casos (3,1% do total) e ‘futuro do presente’, com 3 casos (1,0% do total).

Do modo subjuntivo o único tempo em que a Modalidade Facultativa foi encontrada em relação a ‘ter como’ foi o pretérito, em um único caso. Os demais tempos verbais encontrados que possuíam a expressão não eram dotados de características modais, sendo, portanto, excluídos desta análise.

Vejamus um caso em que pudemos encontrar a Modalidade Facultativa na expressão ‘ter como’ no ‘futuro do presente’:

113. Somente há alegria se estivermos em Cristo, ou seja, se O contemplarmos como nosso alvo, como nosso exemplo, como nosso princípio e fim. Se olharmos para os problemas e dificuldades, **não teremos como desfrutar** a alegria espiritual. (TC307). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Nesta ocorrência temos um caso de Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante, em que há a presença da primeira pessoa do plural (nós) evidenciado pela

desinência verbal, de modo que o Falante se inclui juntamente com os participantes que *não possuem condições de desfrutar a alegria espiritual*. Neste caso, temos uma MFOP *adquirida*, em que a ação anterior de “olhar para os problemas e dificuldades” fará com que o Falante adquira a (in)capacidade de desfrutar da alegria espiritual.

Quanto ao modo verbal, de todos os casos analisados, o único não pertencente ao modo indicativo é o exemplo a seguir, inserido no modo subjuntivo:

114. As faixas de pedestres e outras sinalizações de solo também ficam escorregadias em a chuva. Evite frear em cima de elas. Grelhas e tampas de bueiro também podem escorregar. E aquelas chapas lisas de metal, usadas para cobrir reformas e buracos em o asfalto, viram um sabão quando chove, muito cuidado! **Se não tiver como desviar** de algum de esses pontos de risco, mantenha a bicicleta “« imóvel ”» enquanto estiver passando por cima, seguindo em linha reta sem virar o guidão nem mudar o centro de gravidade. (TC 324). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

No contexto acima, observa-se a descrição de um possível contexto em que um ciclista poderia estar em apuros, como faixas de sinalização, grelhas e tampas de bueiro. O Falante informa o que pode ser feito, caso *não haja condições de desviar de algum desses pontos de risco*, evidenciando a MF por meio de uma condição codificada por meio da partícula ‘se’, indicando que o evento em questão não seria algo realizado, mas sim uma descrição de um evento hipotético em que ocorressem essa sequência de ações: a presença de um dos pontos de risco, a ausência de condições de desviar, a manutenção da bicicleta imóvel, etc. Sendo assim, há em (114) uma MFOE em que a *condição circunstancial* de se desviar dos pontos de risco para evitar que a bicicleta caia ou tenha algum acidente.

Os demais tempos verbais, todos no modo indicativo, apresentaram comportamento semelhante aos mesmos tempos apresentados em ‘ser capaz de’ e ‘dar para’.

Nesta seção discutimos o comportamento de ‘ter como’ ao enunciar a categoria Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Partimos desde os aspectos pragmáticos até a codificação morfossintática de sua produção. A seguir, faremos o cruzamento estatístico dos resultados obtidos com esta expressão linguística a fim de encontrarmos possíveis fatores determinantes para a manifestação da categoria Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo.

5.3.4 A inter-relação entre as categorias de análise em ‘ter como’

Na seção anterior discutimos o comportamento de ‘ter como’ ao expressar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo por meio da análise descritiva

qualiquantitativa a fim de identificar quais os principais parâmetros de ocorrência da expressão em relação aos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático. A partir desse momento, seguiremos o percurso semelhante a ‘ser capaz de’ e ‘dar para’, e identificamos como cada uma dessas categorias interage entre si para a manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo em ‘ter como’¹⁰³.

a) A inter-relação entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias do Nível Representacional e do Nível Morfossintático

Nesta seção se encontra a última rodada de testagens da categoria ‘Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado’ para determinar como esta categoria pragmática interfere na manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘ter como’. Após os cruzamentos de dados a fim de se verificar possíveis relações estatísticas, verificamos relação entre a Posição do Falante e o Alvo da MF, em que pudemos chegar à conclusão de que ‘ter como’, da mesma forma que ‘ser capaz de’ também possui como principal posicionamento o [-inclusivo], fazendo um total geral de 77,3% de suas ocorrências desta amostra, como no fragmento:

115. Em os últimos 18 anos, Stanley Thornton usa roupas de bebê, chupa bico e dorme em um berço gigante, segundo a emissora de TV "« ABC News "». Stanley, que mora em Redding, em o estado de a Califórnia (EUA), revelou que sua idade favorita é dois anos. " Eu ajo como um bebê todos os dias "», disse o rapaz, que tem 1,67 metro de altura e pesa mais de 130 quilos. Ele contou que sua obsessão em viver como um bebê começou quando ele tinha 13 anos e passou a fazer xixi em a cama enquanto estava dormindo. "« Eu usava fraldas para não ter que trocar os lençóis o tempo todo "», afirmou ele. Notícia de o G1 __ E você ai achando seu namorado um bebeção, pois bem, saiba que **tem como piorar**. Tudo isso por preguiça de ir a o banheiro durante a madrugada, veja você a que ponto chegamos... (TC 63). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo acima nos mostra um caso de MFOE, em que o Falante usa como estratégia discursiva um possível diálogo com um ouvinte buscando a sua comunicação (“e você”, “saiba”, “veja você”). Sua intenção é a de buscar a Posição [-inclusiva] em seu valor facultativo. Ao descrever como este rapaz adulto se comporta como um bebê, o Falante faz um comparativo entre a notícia mostrada e um possível namorado da ouvinte, relatando que *as*

¹⁰³ Todos os cruzamentos de dados referentes à expressão linguística ‘ter como’ estão disponíveis em: <http://surl.li/kznotc> . Acesso em 1 jan. 2025.

circunstâncias pelas quais ela reclamaria de seu namorado *têm condições de* ocorrer, ou seja, a ação descrita no predicado pode ocorrer.

Em relação aos subtipos de MF, os cruzamentos entre ‘Posição do Falante’ e Subtipos MFOE e ‘Posição do Falante’ e Subtipos MFOP, obviamente também seriam considerados relevantes estatisticamente, haja vista que ambas são subcategorias do Alvo da MF. A expressão ‘ter como’ obteve o mesmo resultado que ‘ser capaz de’ no tocante ao seu posicionamento diante do valor facultativamente modalizado, de forma tal que a maior parte dos casos encontrados pertencem à MFOE: (116) " Como fazer a vontade de Deus???" **Não tem como fazer** a vontade de Deus sem conhece-lo e só ocorre isso, através de a bíblia, de a oração e de o aprendizado (cultos, estudos bíblicos, ...) (TC 44). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (116) vemos um caso de MFOE em que o Falante faz uma pergunta retórica a si mesmo sobre como fazer a vontade divina. Ao responder, ele mostra a *incapacidade de ocorrência* do evento ‘fazer a vontade de Deus’ sem que antes haja a circunstância ‘conhecer a Deus’. Casos com esta estrutura foram bastante comuns em nossa amostra.

O cruzamento seguinte que se mostrou relevante para a manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo quanto a ‘ter como’ foi entre ‘Posição’ e Designação do A1.

Em relação à expressão ‘ter como’, vimos que o subtipo ‘intrínseca’ concentra a maior parte dos casos em posição [+inclusiva], ao passo que, em MF ‘adquirida’ a tendência é o enunciado linguístico possuir a posição [-inclusiva]:

117. filhos Os bebês recém nascidos precisam de a atenção e cuidados de a mãe. **Ele não tem como se comunicar** verbalmente e não tem capacidade de satisfazer suas necessidades. Podemos dizer que também não sabem o que necessitam eles sentem apenas desconforto e a mãe acaba interpretando o que eles estão precisando, seja porque já passou muito tempo depois de a última alimentação, ou porque excretou e esta ficando assado, ou porque esta com cólicas, etc. (TC 62). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

O exemplo (117) mostra um caso típico em que podemos encontrar a MFOP. Os bebês, de acordo com o Falante, ainda não *adquiriram* capacidades e habilidades comuns à espécie, como a comunicação, a fala, entre outras ações. Assim, ele não pode executar ainda a ação descrita no predicado e, portanto, é dependente da mãe para tudo.

Em concordância com o que foi analisado em nosso capítulo anterior, ‘ter como’ foi a que apresentou menor variação de marcação linguística de seu A1, de modo que a maior parte de seus dados se concentrou em manter a categoria vazia, característica que tende a definir

a MFOE. A segunda categoria linguística mais encontrada em relação ao A1 de ‘ter como’ correspondeu ao Indivíduo. Embora haja um certo equilíbrio entre a posição totalmente inclusiva e a não inclusiva, vemos resultado semelhante ao encontrado em ‘ser capaz de’, em que a posição [-inclusiva] prevalece sobre as demais.

Dado quantitativo de casos relacionados ao Indivíduo como A1 da expressão modal ‘ter como’, faz-se necessário a observância de seus traços e o cruzamento de dados entre esta subcategoria e a Posição do Falante. Os dados referentes a esse cruzamento apresentam que, dos 134 casos em que o Indivíduo agiu como núcleo do A1, a maioria extrema deles obtiveram o traço [+animado], sobretudo em posição [+inclusiva]. Esse resultado se deve ao fato de que, quando o Falante se inclui no valor facultativamente modalizado, ele costuma fazer referência a si mesmo:

118. Se você quer viver só de música aí é fogo. Por exemplo, estou levando quase seis meses para produzir um show porque **não tenho como pagar** os músicos para os ensaios. Entretanto, não me angustio mais com isso. A idade já me alivia de essas dores. (TC 27). (Retirado do Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>).

Em (118) vemos a utilização da posição [+inclusiva], em que o Falante se coloca na posição de participante do valor facultativamente modalizado. A OP, neste caso, possui o subtipo *adquirida*, em que a marcação negativa traz a leitura de que o participante se sente *incapaz* de executar o EC ‘pagar os músicos para os ensaios’. Foi observado que a Codificação do A1 possui relevância estatística para a manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘ter como’, cuja codificação de substantivos comuns tende a ocorrer primordialmente na posição [-inclusiva] e, de maneira menos comum, na posição [±inclusiva]; a codificação por nomes próprios tende a ocorrer somente em posição [-inclusiva], o que leva à interpretação de que o Falante do português brasileiro contemporâneo usa esta codificação para se referir a outras pessoas; a codificação por pronomes pessoais, embora tenha prevalência na posição [-inclusiva], tende a ocorrer também em posição [+inclusiva]; a codificação por Outros pronomes, por outro lado, ocorreu somente em posição [-inclusiva]; A codificação elíptica, por outro lado, ocorreu nas três posições com prevalência na posição [+inclusiva]. Por outro lado, a codificação vazia apresentou-se somente em posição [-inclusiva].

A seguir, nossa análise de ‘ter como’ detalhará a interação entre as categorias semânticas e morfossintáticas que determinam a sua manifestação

b) *A inter-relação entre as categorias do Nível Representacional e as categorias do Nível Morfossintático*

A partir desse momento detalharemos o comportamento da MF no português brasileiro contemporâneo em a ‘ter como’, de modo que descreveremos as categorias de análise que se mostraram relevantes estatisticamente para a manifestação da categoria.

i) *Alvo da MF*

O Alvo da MF é o responsável por distinguir entre a OE e a OP e seus respectivos subtipos. Até o presente momento, esta categoria foi, ao lado da Posição do Falante, uma das que mais obteve relevâncias estatísticas. As principais relevâncias são em suas categorias linguística mais próximas, os Subtipos de MFOE e os Subtipos de MFOP.

Outra categoria que também mostrou relevância foi resultante o cruzamento entre o Alvo da MF e a Designação do A1. Os resultados observados mostram que a) quando há a Designação de Indivíduo, a tendência é a de ocorrer a MFOP; b) quando a designação corresponde às demais categorias semânticas, a tendência é ocorrer a MFOE; c) da mesma forma, quando não ocorre a designação e o espaço fica Vazio, a tendência é de ocorrer a MFOE.

Quanto ao ‘Traço do Indivíduo’, sua relevância estatística é obtida por meio do seguinte resultado: A maior tendência é que o Falante do português brasileiro contemporâneo, ao enunciar a MFOP com a expressão ‘ter como’, tenha predisposição a designar o Indivíduo predominantemente com o traço [+animado]; o traço [-animado] também pode ocorrer, porém em menor proporção.

O seguinte resultado passível de determinação estatística para que a MF se manifeste no português brasileiro contemporâneo corresponde ao cruzamento entre o Alvo da MF e a categoria morfossintática de ‘Codificação do A1’, que obteve correlação total. Essa interligação nos mostra que em todos os tipos de codificação do A1, sobretudo em ‘Substantivos Próprios’ e ‘Pronomes Pessoais’, a tendência é que ocorra a MFOP. Por outro lado, a MFOE tende a não codificar o A1, deixando o seu espaço Vazio.

ii) *Subtipos de MF*

Dentre os dois subtipos de MF, percebemos que os resultados foram relativamente semelhantes aos da categoria anterior (Alvo da MF), de modo que eles apresentaram correlação entre: a) Subtipos MFOE e Subtipos MFOP; Designação do Argumento 1; Codificação do

Argumento 1. Por esse motivo, sua discussão será breve, pois já foi verificado qualitativamente e quantitativamente que os dados referentes a estas categorias são determinantes um para o outro, ou seja, quando há a MFOE a tendência é que o Argumento 1 seja designado para categorias distintas do Indivíduo, podendo também não ser designado. Essas informações chegam ao NM e são codificadas por meio de substantivos comuns e elipses, podendo também não haver qualquer codificação no Argumento 1, mantendo seu espaço vazio.

Por outro lado, quando ocorre a MFOP, a tendência é marcar a designação do Indivíduo e codificá-lo por meio de substantivos comuns, nomes próprios e pronomes pessoais retos.

iii) Condições de realidade

A categoria seguinte em que foi analisado cruzamento de dados correspondeu às ‘Condições de Realidade’, que mostrou relevância em algumas categorias de análise. Dentre eles, o primeiro cruzamento relevante foi entre Condições de Realidade e Alvo da MF, em que foi observada a predominância da condição *realis* tanto na MFOE quanto na MFOP, embora a condição *irrealis* também ocorra, porém em menor escala;

O cruzamento entre ‘Condições de Realidade’ e os ‘Subtipos de MF’ também mostraram relevância estatística, de modo que seu cruzamento com os Subtipos de MFOE identificou a prevalência da condição *realis*. Quanto aos subtipos de MFOP, a amostra de ‘ter como’ apresentou um comportamento com maior predisposição à condição *realis*, sobretudo em relação à MFOP *intrínseca*. Essa constatação pode ser em virtude de que habilidades e capacidades inerentes aos Indivíduos são características tidas como reais/realizadas pelo Falante. Por outro lado, o subtipo *adquirida*, embora tenha também predisposição à condição *realis*, tende a apresentar mais que o anterior na condição *irrealis*. Assim, chegamos à conclusão de que o Falante do português brasileiro contemporâneo, ao utilizar a MF *adquirida*, pode fazê-lo em ambas as condições. Por outro lado, ao utilizar a MF *intrínseca*, prefere utilizar a condição *realis*.

O cruzamento de dados entre as Condições de Realidade e a Designação do A1 também mostrou relevância estatística, mostrando que a maior predisposição do Falante do português brasileiro contemporâneo é a de designar o A1 com a categoria semântica de Indivíduos. Embora ocorra em menor quantidade, há também na amostra analisada a expressão ‘ter como’ com A1 da categoria EC. Em ambos os casos, a maior inclinação para a Condição *realis*.

Ao contrário da categoria anterior, o Traço do Indivíduo (e, em uma escala menor, a Polaridade) ‘ter como’ não obteve relevância estatística em relação às demais categorias linguísticas do NR.

Em relação às categorias do NM, a categoria Condições de Realidade obteve relevância estatística em relação à Codificação do Argumento 1, permitindo-nos chegar à conclusão de que o Falante do português brasileiro contemporâneo tende a enunciar a condição *realis* em todas as codificações do A1.

Quanto às demais categorias, não foram apresentados dados constantes em relevância estatística.

iv) Designação do Argumento 1

Assim como os Subtipos de MFOE e de MFOP, a Designação do Argumento 1 é uma categoria que segue o caminho de reiteração dos dados anteriormente encontrados. Sendo assim, sua correlação total com o Traço do Indivíduo se justifica em razão de esta ser uma categoria daquela e agirem em conjunto semanticamente.

Definidas suas opções semânticas, estas informações são formuladas e chegam no NM e são recebidas pela Codificação do Argumento 1, responsável por determinar quais são os elementos que poderão codificar o Argumento 1 da MF no português brasileiro contemporâneo em relação a ‘ter como’. As demais categorias de análise, entretanto, não tiveram relevância estatística entre si.

vi) A Inter-relação entre as categorias do NM

As categorias observadas no NM para a manifestação da MF no português brasileiro contemporâneo quanto a ‘ter como’ foram três, Codificação do Argumento 1, Tempo verbal e Modo verbal. Após o cruzamento de dados a fim de se observar relevância estatística, observamos que o único cruzamento considerado relevante corresponde justamente às categorias verbais de Tempo e Modo, as quais já não naturalmente correlacionadas. Em relação a esse cruzamento podemos concluir que a maior predisposição do Falante quando enuncia ‘ter como’ facultativamente é codificar o verbo no modo indicativo, especialmente o futuro do presente.

5.3.5 Síntese de ‘ter como’

Na seção anterior verificamos o comportamento de ‘ter como’ ao enunciar a categoria linguística Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Nossa análise qualiquantitativa com fins de verificar quais categorias são determinantes para a manifestação da categoria partiu dos preceitos de nossa Metodologia e seguiu o mesmo percurso das expressões ‘ser capaz de’ e ‘dar para’, anteriormente analisadas neste Capítulo. Fizemos o teste *qui-quadrado* com todas as categorias encontradas e acabamos chegando às seguintes conclusões em relação à expressão linguística ‘ter como’:

- a) Em relação à categoria do Nível Interpessoal, a Posição do Falante interfere nos Níveis Representacional e Morfossintático, determinando o Alvo da MF, seus subtipos, a Designação do A1, o Traço do Indivíduo, a Codificação do Argumento 1, o Tempo e o Modo verbal. Esse resultado reforça os encontrados anteriormente, em que a MF tem início com a escolha do Falante em se envolver ou não no valor facultativamente instaurado;
- b) Em relação às categorias do Nível Representacional, as camadas mais altas tendem a influenciar mais a manifestação da categoria : i) As condições de realidade, exercem influência sobre as categorias semânticas Polaridade e Traço do Indivíduo e, morfossintaticamente, a categoria determina o Tempo e o Modo verbal; ii) o Alvo da MF determina semanticamente os subtipos de MFOE e MFOP, a Designação do A1 e o Traço do indivíduo; morfossintaticamente, determina a Codificação do A1 iii) Os subtipos de MFOE e MFOP, por sua vez, determinam as camadas correspondentes a Designação do A1 e ao Traço do Indivíduo; morfossintaticamente, determina a Codificação do A1, o Tempo e o Modo verbal; iv) Designação do Argumento 1 determina a Codificação do A1, o Tempo e o Modo verbal; v) a Polaridade e o tipo de Predicado escopado, por sua vez, não determinam nenhuma categoria semântica ou morfossintática;
- c) Dentre as camadas do Nível Morfossintático, a única que possui correlação estatística corresponde ao Tempo e Modo verbais.

Assim concluímos nossa análise qualiquantitativa da última expressão linguística escolhida para esta pesquisa, ‘ter como’.

5.4 Síntese geral

No decorrer deste Capítulo tivemos a oportunidade de verificar detalhadamente como cada uma das categorias de análise descritas em nossa Metodologia podem contribuir entre si para a Formulação e para a Codificação de ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’, ao enunciar a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Para auxiliar-nos nesta empreita, fizemos uso do *software* SPSS a fim de dar maior fidedignidade aos resultados encontrados e possibilitar maior precisão quanto aos cálculos. Nosso teste estatístico escolhido para esse momento foi o *qui-quadrado*, ideal para variáveis não-numéricas, como é o nosso caso.

Após a leitura individual de todas as ocorrências e a identificação de cada uma das categorias de análise, fizemos diversos cruzamentos de todas as categorias analíticas entre si nas três expressões linguísticas escolhidas para esta pesquisa, ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’. Após isso, chegamos a algumas conclusões relevantes para a descrição e análise da Modalidade Facultativa, dentre elas, podemos citar que as categorias que mais interferem na elaboração do enunciado modal facultativo em relação às expressões em análise no decorrer deste trabalho são: a) quanto ao Nível Interpessoal, a Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado, por interferir em quase todas as camadas dos níveis abaixo b) Quanto às categorias do Nível Representacional, o Alvo e os Subtipos de MF são as predominantes, determinando a Polaridade, a Designação do A1 e o traço do Indivíduo e as Condições de Realidade interferem na Polaridade e nas categorias do Nível Morfossintático, especificamente Tempo e Modo verbais.

Dentre as categorias que menos interferiram em nossa análise, podemos citar a Polaridade, pouco relevante para a análise estatística, embora seus resultados qualitativos sejam necessários para a descrição da categoria no português brasileiro contemporâneo, Por fim, a categoria Tipo de Predicado que a expressão modal escopa se mostrou pouco relevante para a manifestação da categoria em termos estatísticos, mas, assim como em relação à Polaridade, ressaltamos sua importância no panorama descritivo da categoria Modalidade Facultativa.

Com base nos dados analisados no decorrer deste Capítulo, apresentamos o Quadro 6, abaixo, que mostra o resultado mais recorrente de cada categoria de análise das expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’:

Quadro 6 - Síntese analítica das expressões ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’

Nível	Categoria	Ser capaz de	Dar para	Ter como
NI	Posição do Falante	[-inclusiva]	[-inclusiva]	[-inclusiva]
NR	Cond. realidade	<i>realis</i>	<i>realis</i>	<i>realis</i>
	Alvo	Participante	Evento	Evento
	Subtipo MFOP	Adquirida	Adquirida	Adquirida
	Subtipo MFOE	Condição circunstancial	Condição Circunstancial	Condição Circunstancial
	Polaridade	Positiva	Positiva	Negativa
	Argumento 1	Indivíduo	Vazio	Vazio
	Traço do Indivíduo	[+animado]	[+animado]	[+animado]
NM	Tipo de Predicado	Ação	Ação	Ação
	Codificação A1	Subst. comum	Vazio	Vazio
	Tempo verbal	Presente	Presente	Presente
	Modo verbal	Indicativo	Indicativo	Indicativo

Fonte: Elaboração própria.

Esse panorama geral nos permite mapear como a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo se manifesta em relação às expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’: das três expressões, a mais recorrente é ‘ser capaz de’, utilizada primordialmente em ‘Posição’ [-inclusiva], tendo como ‘Alvo’ mais recorrente o ‘Participante’, em subtipo *adquirida*, em ‘Polaridade’ positiva e com A1 designado como ‘Indivíduos’ dotados do ‘Traço’ [+animado] e com predicado escopado do tipo ‘Ação’; morfossintaticamente, seu A1 é codificado como ‘Substantivo comum’ e a expressão modal facultativa possui como principal ‘Tempo’ o Presente do ‘Modo’ Indicativo.

‘Dar para’, é utilizada primordialmente em ‘Posição’ [-inclusiva], tendo como ‘Alvo’ mais recorrente o ‘Evento’, em subtipo *condição circunstancial*, em ‘Polaridade’ positiva, com A1 ‘Vazio’ com predicado escopado do tipo ‘Ação’; morfossintaticamente, seu A1 permanece ‘Vazio’ e a expressão modal encontra-se principalmente o Presente do Indicativo.

Por fim, a expressão menos recorrente em relação à Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, ‘ter como’, é utilizada primordialmente em ‘Posição’ [-inclusiva], com ‘Alvo’ para-o-evento, em subtipo *condição circunstancial*, em ‘Polaridade’ negativa, com A1 ‘Vazio’ e com predicado do tipo ‘Ação’; morfossintaticamente, seu A1 permanece ‘Vazio’ e a expressão modal encontra-se principalmente o Presente do Indicativo.

Com base nos resultados encontrados em nossa pesquisa, discutiremos em nossas Conclusões como esses resultados encontrados podem interferir na manifestação da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo em relação às expressões linguísticas ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’.

6 CONCLUSÕES

A finalidade desta pesquisa é descrever e analisar o comportamento das expressões linguísticas ‘ser capaz de’ ‘dar para’ e ‘ter como’ ao enunciarem a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo. Nossa motivação surgiu da verificação que originalmente elas possuíam significados distintos, mas, ao serem utilizadas com aspectos modais, adquirem teor facultativo, podendo ser relacionadas tanto a condições físicas e circunstâncias da ocorrência de um evento (quando OE) quanto capacidades e habilidades intrínsecas ou adquiridas de um participante (quando OP).

Utilizamos como principal aparato teórico a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e pesquisadores da tipologia das modalidades, como Carretero (1992), Olbertz (1998), Palmer (2001), além de pesquisadores que analisaram a Modalidade Facultativa, como Souza (2016, 2020), Lima (2018), Lima e Prata (2019, 2023), Oliveira (2020), Lanchares (2021), entre outros. Nossa metodologia parte de um aspecto teórico-prático, focada na análise da categoria tomando por base a descrição constante na GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), de modo que nossas categorias analíticas descritas na Metodologia seguissem o mesmo percurso do Componente Gramatical da GDF.

Assim, escolhemos como categorias principais de nossa pesquisa aspectos relacionados aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, respectivamente, a fim de observar qual deles determinava a manifestação da categoria no português brasileiro contemporâneo em relação às três expressões linguísticas em análise, ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’.

Testamos cada uma de nossas categorias de análise detalhadas em nossa Metodologia e chegamos a uma série de resultados descritos em nosso Capítulo ‘A expressão da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo’, que detalhou como se manifestam em relação aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático.

Em relação a ‘ser capaz de’, mais recorrente de nossa amostra, contando com 899 casos cujos principais resultados encontrados foram:

a) Nível Interpessoal:

- a. Em relação à Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado mais recorrente foi a [- inclusiva].

b) Nível Representacional:

- a. Em relação à expressão ‘ser capaz de’, o Alvo mais recorrente foi o MFOP. Quanto aos demais (‘dar para’ e ‘ter como’), o Alvo mais recorrente foi o MFOE. Quanto a ‘ser capaz de’, observou-se que alguns casos não se encaixavam em nenhuma das categorias modais e que aparentavam estar caminhando em direção a uma maior subjetivação da expressão; esses casos foram considerados Modalidade Facultativa orientada-para-o-episódio (MFOEP);
 - b. Todos os casos de MFOE encontrados foram encaixados no subtipo *Condição Circunstancial*; quanto à MFOP, a maior parte dos casos encontrados correspondiam à habilidade/capacidade *adquirida*. A habilidade/capacidade *intrínseca* também ocorreu, porém em menor escala;
 - c. A condição de realidade mais recorrente foi a *realis*;
 - d. A polaridade mais recorrente em relação a ‘ser capaz de’ e ‘dar para’ foi a Positiva; a Polaridade mais recorrente em relação a ‘ter como’ foi a Negativa;
 - e. A Designação do Argumento 1 mais recorrente foi, em relação a ‘ser capaz de’, do tipo Indivíduo, ao passo que em relação a ‘dar para’ e ‘ter como’ o não preenchimento do espaço destinado ao A1 foi o mais recorrente, ou seja, a categoria ficou Vazia;
 - f. Quando o A1 foi preenchido com a designação do tipo Indivíduo, o traço do Indivíduo mais recorrente foi o [+animado] em relação às três expressões linguísticas;
 - g. O Tipo de predicado que as três expressões linguísticas escopam é, primordialmente, do tipo ‘ação’, podendo ocorrer também com os tipos ‘estado’ e ‘posição’ em relação às expressões ‘ser capaz de’ e ‘dar para’. A expressão ‘ter como’ apresentou somente predicados do tipo ‘ação’.
- c) Nível Morfossintático:
- a. A principal Codificação do Argumento 1 em relação a ‘ser capaz de’ é feita por meio de Substantivos comuns, ao passo que as expressões linguísticas ‘dar para’ e ‘ter como’ essa codificação se manteve Vazia;

- b. Os tempos mais recorrentes em relação aos três itens analisados foram, respectivamente, o Presente e o Pretérito Perfeito, ambos do modo indicativo;
- c. O modo indicativo foi o mais recorrente.

Diante desse panorama geral dos principais dados encontrados em relação a cada uma de nossas expressões linguísticas, chegamos a algumas conclusões: quanto à primeira hipótese, *sendo o Nível Interpessoal responsável pelas escolhas pragmáticas do Falante, a escolha de sua posição/inclusão no valor facultativo instaurado determina o tipo de identificação e especificação do Argumento 1 nas expressões linguísticas modais do português contemporâneo brasileiro ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’*. Em todas, a tendência à inclusão determinará a indicação da Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado que, semanticamente, formulará a orientação-para-o-participante e tendendo ao Indivíduo explicitado com o valor [+ inclusivo], ao passo que a tendência à não inclusão semanticamente, formulará a orientação para-o-evento e tendendo ao valor [-inclusivo], ela se mostrou confirmada, levando em consideração que há a tendência da não inclusão do Falante mediante o valor facultativa modalizado tende a enunciar a orientação-para-o-evento, designa como Argumento 1 outras categorias gramaticais e até mesmo a deixar esse espaço vazio. O posicionamento [+inclusivo], por sua vez, tende a possuir como Argumento 1 entidades do tipo Indivíduo.

Quanto à segunda hipótese, *sendo o Nível Representacional responsável pela designação das categorias semânticas, em relação à Modalidade Facultativa, há uma tendência maior de manifestação da categoria por meio da orientação-para-o-participante, em polaridade positiva, indicando habilidades e (in)capacidades de um indivíduo. A orientação-para-o-evento possui uma tendência maior em ser formulada em polaridade negativa, indicando circunstâncias que não poderiam ocorrer e incapacidades*, vimos que a única expressão linguística a enunciar primordialmente a Modalidade Facultativa em polaridade positiva foi ‘ser capaz de’. Esta expressão teve não somente o maior número de ocorrências como também foi a que enunciou a modalidade não somente em orientação-para-o-participante e para-o-evento, mas também vimos possíveis casos de ascensão da expressão por meio da Modalidade Facultativa orientada-para-o-episódio. A expressão ‘dar para’, por sua vez, tende a ser enunciada predominantemente com a Modalidade Facultativa orientada para-o-evento e, por fim, ‘ter como’ apresentou-se como o principal meio enunciador da Modalidade Facultativa em polaridade negativa.

Quanto à terceira hipótese, *as escolhas pragmáticas em relação à Posição do Falante mediante o valor facultativo instaurado determinará a escolha semântica pela designação do Argumento 1 do tipo 'Indivíduo' e por predicados do tipo 'ação', quando ocorrer a Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante no português brasileiro contemporâneo. As demais categorias semânticas do Argumento 1 (lugar, tempo, maneira, razão, etc.) e até mesmo o Argumento 1 de núcleos 'ausente' e 'vazio' aliado a predicados do tipo 'estado', 'posição' e 'processo' tendem a ocorrer durante a manifestação da Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento no português brasileiro contemporâneo*, vimos que esta hipótese foi refutada, pois não houve relação direta entre o Argumento 1 e o predicado escopado pela expressão modal facultativa. Além disso, em todas as expressões, o principal tipo de predicado que ocorreu foi do tipo 'Ação'.

Quanto à quarta hipótese, *a marcação da polaridade é relevante por indicar ao ouvinte que determinada capacidade/ habilidade tenderá a não ocorrer ao ser enunciada a Modalidade Facultativa. Tendo isso em vista, o tipo de polaridade mais recorrente nas expressões linguísticas modais do português contemporâneo brasileiro 'ser capaz de', 'ter como' e 'dar para', quando orientadas-para-o-participante, será a positiva. Por outro lado, a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento tende a ocorrer em polaridade negativa, indicando a circunstância de não ocorrência deste evento*, ela se mostrou parcialmente confirmada, pois se compararmos os dados encontrados em cada uma das expressões, veremos que 'ser capaz de' tende a ser em sua maior parte orientada-para-o-participante e, coincidentemente, em Polaridade positiva. 'Dar para', embora tenha preponderância na orientação-para-o-evento, tende ainda a ser enunciada em polaridade positiva. Somente a expressão menos recorrente dos três, 'ter como', apresentou-se com preferência de orientação-para-o-evento e em polaridade negativa. Além disso, vale ressaltar que a categoria de análise Polaridade foi uma das que se mostrou com pouca relevância estatística para a manifestação da categoria linguística Modalidade Facultativa.

Por fim, quanto à quinta hipótese, *tendo em vista as informações formuladas nos níveis Interpessoal e Representacional, a expressão linguística modal facultativa mais recorrente em todos os tipos e subtipos da categoria no português brasileiro contemporâneo é 'ser capaz de', sendo seguida por 'dar para', mais recorrente com a Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento, e 'ter como', mais recorrente em polaridade negativa. O núcleo verbal de cada uma destas expressões é relacionado às categorias de tempo e modo, de forma que, quando orientada-para-o-participante, seu uso principal reside nos tempos do modo indicativo, em especial 'presente', pretérito perfeito', pretérito imperfeito' e 'futuro do*

presente, em primeira pessoa do singular, com seu Argumento 1 codificado por itens lexicais. Quando orientada-para-o-evento, o núcleo verbal tende a ser na terceira pessoa do singular, com seu Argumento 1 tendendo a ser vazio, ela se mostrou parcialmente confirmada, pois a expressão linguística mais recorrente no português brasileiro contemporâneo ao enunciar a categoria Modalidade Facultativa foi ‘ser capaz de’ orientada-para-o-participante e em polaridade positiva. ‘Dar para’ e ‘ter como’ foram, ambas, mais recorrentes em orientação-para-o-evento e, das três, somente ‘ter como’ apresentou a maior parte de sua amostra em polaridade negativa.

Percebemos em nossa análise de como ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’ expressam a Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo, há uma gradativa perda de valência verbal em relação ao Alvo modal: quando há a MFOP, a tendência é a de que haja um participante explícito no valor modal, designado explicitamente como um Indivíduo que irá desempenhar a habilidade/capacidade descrita no predicado; quando ocorre a MFOE, a tendência é a da gradativa ausência de um participante, com maior predisposição a manter esse espaço referente ao A1 Vazio, mantendo o foco modal nas condições de ocorrência de um determinado evento que, conforme nossa análise, foram prioritariamente *circunstanciais*.

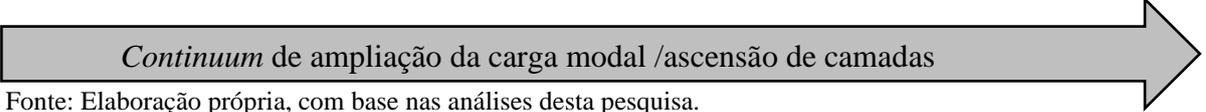
Após essa análise, podemos concluir que, mesmo dadas todas as distinções já observadas entre cada expressão no decorrer deste escrito, há alguns pontos recorrentes entre eles: i) a Posição do Falante determina o Alvo da MF nas três expressões o que indica que, independentemente da expressão, quando há a MFOE a tendência é da Posição [-inclusiva] com A1 Vazio; já a MFOP necessita do A1 preenchido, primordialmente na categoria de Indivíduo dotado do traço [+animado]. Em ambos os casos, há o predicado do tipo ‘ação’; ii) em relação à expressão ‘ser capaz de’, ela é a mais utilizada quando há o A1 codificado; as demais expressões (‘dar para’ e ‘ter como’) são mais recorrentes quando o A1 permanece Vazio; iii) em relação aos três, o Tempo e o Modo mais recorrentes são o Presente do Indicativo.

Um fator que precisa ser levado em consideração quando analisamos a Modalidade é o de que ela é uma categoria com definições bastante fluidas, com diversos pontos que em determinados momentos aproximam outras categorias modais. Por isso, é necessário deixar claro que nenhuma das categorias analisadas nesta pesquisa são estanques, ou seja, a categoria Modalidade Facultativa foi analisada nesta pesquisa tendo em vista um *continuum*, detalhado em nosso Capítulo 5 e sintetizado por meio da Figura 10:

Figura 10 - *Continuum* da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo

Não Modal	MFOP <i>intrínseca</i>	MFOP <i>adquirida</i>	MFOE <i>circunstancial</i>	MFOEP
Usos denotativos; Capacidade física; • <i>Ter como</i> ; • <i>Dar para</i> ; • <i>Ser capaz de</i> .	Capacidade <i>inerente</i> a um participante de realizar um EC designado no predicado; • <i>Ser capaz de</i> ; • <i>Ter como</i> .	Habilidade <i>aprendida (adquirida)</i> por um participante; Resultante de fatores externos; • <i>Ser capaz de</i> ; • <i>Dar para</i> ; • <i>Ter como</i> .	Circunstâncias de ocorrência de um determinado evento; Tende a não indicar participantes e a não possuir A1. • <i>Ser capaz de</i> ; • <i>Dar para</i> ; • <i>Ter como</i> .	Aumento de sintetização do A1 por meio de Conteúdos Proposicionais; Ampliação do escopo após o modal facultativo; • <i>Ser capaz de</i> .

Continuum de ampliação da carga modal /ascensão de camadas



Fonte: Elaboração própria, com base nas análises desta pesquisa.

A Figura 10 intenciona sintetizar alguns dos resultados qualitativos encontrados nesta pesquisa, indicando os principais usos de ‘ser capaz de’, ‘dar para’ e ‘ter como’: a) em usos não modais, ‘ter como’ foi o que obteve mais casos excluídos da análise, mostrando-se o mais utilizado em contextos não modais. ‘Dar para’ e ‘ser capaz de’ também tiveram usos não modais, porém em menor quantidade que o observado em ‘ter como’; b) observamos que, quando há a MFOP *intrínseca* existe uma tendência de se observar características inatas, *inerentes* ao participante, levando um possível interlocutor a ver esse subtipo com pouca carga modal e maior objetividade; c) quando há a MFOP *adquirida*, percebe-se uma maior complexidade de identificação da habilidade, muitas vezes observada por meio do próprio contexto linguístico como apreendida devido a elementos externos. Assim, embora ainda dotada de objetividade e operar na mesma camada¹⁰⁴ da MFOP *intrínseca*, costuma ser mais utilizada e é comum às três expressões linguísticas; d) a MFOE *circunstancial* é uma caracterização da modalidade relacionada à camada acima¹⁰⁵ da MFOP, indicando sua ascensão por meio de uma possível omissão/ausência de A1, a não indicação de um participante designado a realizar o EC descrito no predicado e uma tendência à impessoalização, mostrando que a ocorrência do predicado depende de circunstâncias específicas, não de um participante; e) a MFOEP, por fim, indica a caracterização de uma possível subjetivação (NAGAMURA, 2016) por meio da explicitação de um A1 sintetizando ações sequenciais anteriores, geralmente

¹⁰⁴ Ambas atuam na camada das Propriedades Configuracionais.

¹⁰⁵ A MFOE opera na camada dos Estados-de-Coisas.

designados por meio de Conteúdos Proposicionais, além de uma ampliação do escopo do modal facultativo, sendo encontrado apenas em relação à expressão ‘ser capaz de’.

Assim, chegamos à conclusão de que a Modalidade Facultativa é uma categoria linguística atuante no português contemporâneo brasileiro, autônoma e dotada de grande complexidade, com itens e expressões linguísticas atuando não somente em contextos não modais, mas também em contextos modais objetivos e subjetivos.

Como vimos no decorrer deste escrito, a Modalidade Facultativa é uma categoria linguística rica e bastante complexa, de modo que, mesmo com todos os dados e resultados aqui descritos, muitas outras conclusões podem ser verificadas. Por isso, acreditamos que pesquisas posteriores de outras expressões que apresentem teor modal facultativo como ‘nascer para’, ‘ter jeito para’, ‘estar em suas mãos’ e possíveis correlatos podem ser futuramente caracterizados como pertencentes à categoria. Além disso, observamos também a necessidade posterior de se analisar aspectos referentes a como o Subato de Referência pode interferir na Posição do Falante mediante o valor facultativamente instaurado pode determinar a categoria em língua portuguesa.

Durante nossa pesquisa percebemos também algumas peculiaridades em relação às três expressões linguísticas analisadas que mereciam um estudo posterior, como é o caso da verificação se a ordenação dos elementos linguísticos afeta a modalidade, como por exemplo a peculiaridade que encontramos na expressão ‘dar para’ que, quando OP, tende a colocar o A1 após a expressão modal, ou mesmo a identificação sobre como Outros pronomes distintas das que encontramos nesta pesquisa podem interferir na modalidade.

Além destas sugestões de pesquisas posteriores, pudemos identificar no decorrer desta pesquisa temas interessantes que podem ser detalhados posteriormente em relação à Modalidade Facultativa, como:

- a) A Inter-relação geral entre todas as expressões analisadas nesta pesquisa, tratando-as não individualmente, mas em pé de igualdade em relação à categoria Modalidade Facultativa;
- b) O detalhamento de como o Argumento 1 pode interferir na expressão da categoria no português brasileiro contemporâneo;
- c) Especificações de como a categoria de pronomes pode interferir na expressão da Modalidade Facultativa no português brasileiro contemporâneo;

- d) Como a Modalidade Facultativa orientada-para-o-episódio se comporta em outros verbos/expressões modais Facultativos, como por exemplo ‘poder’ e ‘conseguir’;
- e) Como a Modalidade Facultativa é expressa em outros contextos linguísticos, como por exemplo em contextos jurídicos, oralidade, ou mesmo em outras variedades de língua portuguesa, como o português europeu, o português dos PALOPs, etc.
- f) Análises diacrônicas sobre as expressões modais com valor facultativo em língua portuguesa;
- g) Identificação, descrição e análise dos subtipos modais orientados para-o-evento *condição física* e *condição circunstancial*, indicando suas distinções e particularidades.

Diante desses resultados, esperamos contribuir para a ampliação de horizontes acerca do tema e para a identificação das fronteiras entre a Modalidade Facultativa e outras categorias modais, sobretudo no português brasileiro contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João de. **A categoria modalidade**. Ponta Grossa: Uniletras, 1988.
- ALTURO, Nuria; KEIZER, Evelien; PAYTARÓ, Luis. **The interaction between context and Grammar in Functional Discourse Grammar: Introduction**. *Pragmatics*, nº 24, vol. 02, p. 185-201, 2004.
- ALVES, Rosângela Jovino. A modalização nos discursos de uma autoridade política e de uma autoridade religiosa. **Revista de Ciências Humanas**. Viçosa (MG), vol. 07, nº 01, p. 37-67, jan/jun. 2007.
- ANUNCIACÃO, Luís. **Conceitos e análises estatísticas com R e JASP**. Rio de Janeiro: Nila Press, 2021.
- AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BASSI, Alessandra; GÖRSKI, Edair Maria. A multifuncionalidade do item “capaz” na fala gaúcha: uma abordagem centrada no uso. **Revista Alfa**. São José do Rio Preto (SP), vol. 03, nº 58, p. 593-622, 2014. Disponível em <https://11nq.com/REVN4>. Acesso em 19 set. 2022.
- BASTOS, Sandra Denise Gasparini; BRUNELLI, Anna Flora. A manifestação das diferentes modalidades no emprego do verbo modal *poder* em português e espanhol: análise do discurso e autoajuda. **Signo & Seña**, nº 22, dez/2012.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara / Evanildo Bechara**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BRUNELLI, Anna Flora. A modalidade na literatura de auto-ajuda. **Revista Alfa**. São Paulo, v. 02, n.47, p. 117-137, 2003.
- BRUNELLI, Anna Flora. **“O sucesso está em suas mãos”**: análise do discurso de autoajuda. 2004, 149 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- BRUNELLI, Anna Flora; DALL’AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. A qualificação do dever: diálogo entre a análise do discurso e a abordagem funcional. **Revista do GEL**. São Paulo, v.06, n.01, p. 179-190, 2009. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/171>. Acesso em 20 out. 2024
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PALGLIUCA, William. **The Evolution of Grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CANTANHEDE, Caio. **O uso de você indeterminador de sujeito—uma ótica da gramaticalização e variação linguística**. São Paulo: Verbum, v. 12, n. 3, p.157-172, dez. 2023
- CARRETERO, Marta. Propuesta de Tipología de la modalidad: la eceptación como

categoria modal. **Cuadernos de Filología Hispánica**. Madrid: Editora Complutense, v. 10, 1991-1992.

CASTROVIEJO, Elena; OLTRA-MASSUET, Isabel. An emphatic abilitative modal. *Ser capaz vs. be able*. **Proceedings from the Chicago Linguistic Society**. Chicago: CLS, v. 49, 2015.

CASTROVIEJO, Elena; OLTRA-MASSUET, Isabel. On capacities and their epistemic extensions. In Christina Tortora; Marcel den Dikken, Ignacio L. Montoya & Amp; Teresa O'Neill (eds.), **Romance linguistics 2013**. Selected papers from the 43 rd Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), New York, 17–19 April 2013, (Romance Languages and Linguistic Theory). Amsterdam: John Benjamins, v. 9, p. 59–78, 2016.

CASTROVIEJO, Elena; OLTRA-MASSUET, Isabel. Generic and action-dependent abilities in Spanish ‘Be capable’. **Glossa: a journal of general linguistics** v. 3, n. 1, p. 1-32, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.495>. Acesso em 14 jul. 2024.

CAVALCANTE, Rerisson; SIMIONI, Leonor. Capaz como marcador negativo enfático no dialeto gaúcho. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 669-700, 2019.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CERVONI, Jean. **A Enunciação**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CONNOLLY, John. Context in Functional Discourse Grammar. **Alfa**. São Paulo, 51, v. 02, p. 11-33, 2007. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1435> Acesso em 28 jun. 2024

CONNOLLY, John The Contextual Component within a dynamic implementation of the FDG model: structure and interaction. **Pragmatics**. Reino Unido, 24, v. 02, p. 229-248, jun.2014. Disponível em: <https://benjamins.com/online/prag/articles/prag.24.2.03con>. Acesso em 28 jun. 2024

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b.

CROFT, William. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. New York: Oxford, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. O modelo das motivações competidoras de domínio funcional da negação. **D.E.L.T.A.** n.17, v. 1, p. 1-30, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Et. Alli. Pressupostos Teóricos. *In: Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

DALL’AGLIO - HATTNER, Marize Matos. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. **Gragoatá**. Niterói, n. 27, p. 155-168, 2º sem. 2009. Disponível em <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33111/0>. Acesso em 31 mai. 2024

DALL' AGLIO - HATTNER, Marize Matos. Campos semânticos modais: a modalidade dinâmica. *In*: Juliano Desiderato Antonio. (Org.). **Estudos descritivos do português: história, variação, uso**. São Carlos: Claraluz, 2008.

DALL' AGLIO - HATTNER, Marize Matos. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. *In*: MASSINI-CAGLIARI, Gladis. et al. (Org.). **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe**. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2007.

DAVIS, Mark. Creating useful historical corpora: a comparison of CORDE, the Corpus del Español, and the Corpus do Português. *In*: ARIAS, Andrés Enríques (ed.) **Diacronía de las lenguas iberorromances: nuevas perspectivas desde la lingüística de corpus** Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, p. 137-166, 2010.

DIK, Simon. **The Theory of Functional Grammar. Part II: Complex and Derived Constructions** (Functional Grammar Series 21). Berlin and New York, NY: Mouton de Gruyter, 1997

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.

FERNANDES, Francisco et al. **Dicionário Brasileiro**. São Paulo, Globo, 1996.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. *In*: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística II: Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2014.

GASPARINI - BASTOS, Sandra Denise. **Uma descrição do comportamento dos advérbios modalizadores epistêmicos no português falado**. 1997, 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1997. Disponível em <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1997.117251>. Acesso em 30 mai. 2024.

GASPARINI - BASTOS, Sandra Denise. Distinções entre modalidade deôntica objetiva e subjetiva no português falado: o caso do verbo *poder*. **Confluência**. Rio de Janeiro, n. 46, p. 273-287, 1º sem. 2014. Disponível em <https://encr.pw/vkvCV>. Acesso em 30 mai. 2024.

GEIGER, Paulo (org). **Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GRÁNDEZ ÁVILA, Magaly. **A functional approach to the subjectification of facultative meaning: The case of capaz in American Spanish**. MA thesis, University of Amsterdam, 2010.

GUIRADELLI, Lisângela Aparecida; NOGUEIRA, Livia Maria de Sousa Maciel; SILVA, Janaina Dantas Ferreira da; SILVA, Priscila Gomes da. A Modalidade epistêmica nos discursos políticos. **Núcleo**. Ituverava, v. 08, n. 02, p. 353-368, 2011. Disponível em <https://goo.gl/9Tmxwd>. Acesso em 21/03/2017.

GUIRADELLI, Lisângela Aparecida. **Assertividade no discurso da autoajuda: um olhar discursivo e funcional**. 2013, 132 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/items/7b606dcb-d742-4b98-b5af-f2c16aaad10c/full>. Acesso em 30 mai. 2024.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HENGEVELD, Kees. Illocution, Mood and Modality in a Functional Grammar of Spanish. **Journal of Semantics**. Amsterdam, v 03/04, nº 06, p. 227-269, 1988.

HENGEVELD, Kees. Layers and Operators in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**. Grã-Bretanha, n. 35, p. 127-157, 1989.

HENGEVELD, Kees. Illocution, Mood and Modality. In: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim (eds). **Morphology**. A handbook on Inflection and Word Formation, v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004 p. 1190-1201.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional Discourse Grammar: a typologically - based theory of language structure**. New York, Oxford, 2008.

HENGEVELD, Kees. The grammaticalization of tense and aspect. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (org.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, p. 580–594, 2011.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. Grammar and Context in Functional Discourse Grammar. **Pragmatics**. Reino Unido, v. 02, n. 24, p. 203-227, 2014. Disponível em <https://goo.gl/EhFMKS>. Acesso em 20/07/2017

HENGEVELD, Kees; DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**. Nº 03, 2015, p 479-524. Disponível em <http://www.degruyter.com/view/j/ling.2015.53.issue-3/ling-2015-0010/ling-2015-0010.xml>. Acesso em 06 nov. 2023.

HERSLUND, Michael. Subjective and objective modality. In: KLINGE, Alex; MÜLLER, Henrik. (ed.) **Modality: studies in form and function**. Londres: Equinox, p. 39-48, 2005.

HUGHES, G.E.; CRESSWELL, H.J. **A new introduction to modal logic**. Londres/Nova York: Routledge, 1996.

INGNÁCIO, S. E. Parâmetros para um dicionário de valência verbal. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 49, n. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1375>. Acesso em: 19 out. 2024.

JESPERSEN, Otto. **Title Philosophy of Grammar**. London: Allen & Amp; Unwin, 1924.

KAPP - BARBOZA, Aline Maria Miguel. **Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. 2017. 165f. Tese (Doutorado em Estudos

Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulist “Júlio de Mesquita Filho”, 2017.

KENNY, Anthony. Human abilities and dynamic modalities. In: MANNINEN, Juha; TUOMELA, Raimo (orgs.) **Essays on explanation and understandig**. Holand / Boston, D. Reidel Publishing Company, 1976.

KLINGE, Alex. Where there is a will, there is a modal. In: KLINGE, Alex; MÜLLER, Henrik. (ed.) **Modality: studies in form and function**. Londres: Equinox, p. 169-186, 2005.

KRATZER, Angelika. The notional category of modality. In: EIKMEYER, H. J.; RIESER, H. (orgs.). **Words, Worlds, and Contexts: New approaches in word semantics**. Berlin: de Gruyter, 1981. p. 38-74.

KRATZER, Angelika. The notional category of modality. In Kratzer, Angelika: **Modals and Conditionals**. Oxford University Press, p. 27-69.

KRATZER, A. Modality. In: VON STECHOW. A.; WUNDERLICH, D. (org.). **Semantics: An international handbook of contemporary research**. Berlin: de Gruyter, 1991. p. 639-650.

LANCHARES, Silvia Serret. **La modalización del adjetivo capaz en español: aspectos sintacticos y variación**. 2021, 325 f. Tese (Doutorado em Ciência Cognitiva e Linguagem) - Programa de Doutorado em Ciência Cognitiva e Linguagem, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2021.

LIMA, Liliane Viana. **A modalidade facultativa no português falado no Ceará: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional**. 2018, 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

LIMA, Liliane Viana; PRATA, Nadja Paulino Pessoa. A modalidade facultativa no português falado no Cariri: uma abordagem discursivo-funcional. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 38, p. 69-79, 2 dez. 2019 [2020]. Disponível em file:///C:/Users/HUGO%20CIDRACK/Downloads/2595-10424-2-PB.pdf. Acesso em 22 out. 2024.

LIMA, Liliane Viana; PRATA, Nadja Paulino Pessoa. A posição do falante em relação ao valor facultativo instaurado no português do Ceará. **Entrepalavras**. [S.l.], v. 13, n. 1, p. 346-368, abr. 2023. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2595/981>. Acesso em: 22 out. 2024.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 02, 1977.

MARI, Alda; MARTIN, Fabienne. Tense, abilities and actuality entailment. In ALONI, Maria ; DEKKER, Paul Dekker; ROELOFSEN, Floris (eds.). **Proceedings of the 16th Amsterdam Colloquium**, Amsterdam: Universidade de Amsterdam, 2007. P. 151–156.

MENEZES, Léia Cruz de. **Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa: um exercício de análise retórico-funcional**. 2011, 332 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em <https://goo.gl/vs76gS> Acesso em 14/3/03/2017.

MENEZES, Léia Cruz de. A função interpessoal no entendimento da modalidade deôntica. **Fórum Linguístico**. v.10, n.03, jul. / set. 2013. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51769>. Acesso em 30 mai. 2024.

NAGAMURA, George Henrique. **Análise funcional dos evidenciais e modificadores no discurso da autoajuda da saúde**. 2011, 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

NAGAMURA, George Henrique. O tratamento da subjetividade GDF. **Revista do SELL**. Uberaba, v. 04, n. 01, p.01-20, 2014. Disponível em 10.18554/rs.v4i1.431 . Acesso em 31 mai. 2024.

NAGAMURA, George Henrique. **O tratamento da subjetividade na Gramática Discursivo-Funcional**. 2016, 168f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão da Gramática Funcional. **Alfa**. São Paulo, n.36, p. 109-127, 1994. Disponível em <https://goo.gl/MW6TwL>. Acesso em 04/05/2017

NEVES, Maria Helena de Moura. A Modalidade. In: KOCH, Ingedore G. Vilaça. **Gramática do Português falado vol. 06: Desenvolvimentos**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, p. 163-200, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática**. São Paulo, Ed. Contexto, 2016.

OLBERTZ, Hella. **Verbal Periphrasis in a Functional Grammar Of Spanish**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

OLBERTZ, Hella. Periphrastic expressions of non-epistemic modal necessity in Spanish – a semantic description. In: GARADANA, M.; MONTSERRAT, S.; PUSCH, C. **From composite predicates to verbal preriphrases in romance languages**. Amsterdam: Benjamins, 2016.

OLIVEIRA, André Silva. A Modalidade Facultativa em artigos de opinião: construção discursiva e argumentativa. **Revista X**. Paraná, n. 7, v. 15, p. 208-213, 2020. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/74966>. Acesso em 20/08/2021.

PALMER, Frank Robert. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PALMER, Frank Robert. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PALMER, Frank Robert. **Modality and English Modals**. Nova York, Routledge, 2013. (2ª ed.).

PARRET, Herman. Pragmática. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 07, p. 39-51, 1984. Disponível em <https://goo.gl/k7nHVZ>. Acesso em 09/08/2017.

PERINI, Mario A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2016

PERKINS; Michael R. **Modal expressions in english**. London: Frances Pinter, 1983.

PRATA, Nadja Paulino Pessoa. **Modalidade deôntica e discurso midiático: uma análise baseada na gramática discursivo-funcional**. 2011, 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

PRATA, Nadja Paulino Pessoa. A expressão da subjetividade em língua espanhola: uma análise funcionalista em artigos de opinião. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, Abralin, 2011, p. 3382-3392. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19607>. Acesso em 07 mar.2023.

PRATA, Nadja Paulino Pessoa. A categoria modalidade e a (in) determinação de fronteiras. *In*: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2008. Disponível em https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26145?locale=pt_BR. Acesso em 14 jul. 2024

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em linguística. *In*: BENTES, Anna Christina; MUSSALIN, Fernanda. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: v. 03, Cortez, 2011.

PORTNER, Paul. **Modality**. Nova York: Oxford, 2009.

RIJKHOFF, Jan. **The Noun Phrase**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

RODRIGUES, Patrícia de Araújo; LUNGUINHO, Marcus Vinicius. A pragmaticalização de capaz em português brasileiro e a codificação da atitude do falante. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 2, p. 549-574, fev. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/14178>>. Acesso em 22 out. 2024.

RODRIGUES, Patrícia de Araújo; LUNGUINHO, Marcus Vinicius. A gramaticalização de capaz em português brasileiro e em espanhol. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021019, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8661586. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8661586>. Acesso em: 22 out. 2024.

ROSÁRIO, Pablo Jardel. **A modalidade em abordagens estratificadas da oração: usos de (ser) capaz de/que**. 2024, 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) -

Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2024.

SANTANA, Neila Maria de Oliveira. Indeterminação da referência do sujeito: uma análise da fala rural da Chapada Diamantina – Bahia. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 7., 2001, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. Abralín: Curitiba, 2011.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole: 2004.

BERBER SARDINHA, Tony. Tamanho de corpus. **The ESpecialist**. São Paulo, vol. 23, n. 02, p. 103-122. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/9381/6952>. Acesso em 10/09/2022.

SIEGEL, Sidney. **Estatística não-paramétrica para uma ciência do comportamento**. São Paulo: Editora McGraw-Mill, 1975.

SOUZA, Cibele Naidhig de. Análise de usos modais do verbo *dar* em entrevistas no português brasileiro. **Estudos linguísticos**. São Paulo, v.01, n. 45, p. 86-99, 2016. Disponível em <https://goo.gl/pWtFDG> Acesso em 19 dez. 2021.

SOUZA, Cibele Naidhig de. A construção modal facultativa [ter como]. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 1601–1619, 2019. DOI: 10.21165/v48i3.2359. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2359>. Acesso em: 18 jan. 2021.

TEIXEIRA, Maria Luiza de Sousa. **A indeterminação pragmática e semântica do sujeito** / Maria Luiza de Sousa Teixeira. 2014, 124 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth. Historical aspects of modality. *In: FRAWLEY, William (ed.) Modality: studies in form and function*. Londres: Equinox, p. 107-140, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Indivíduo**. Telecomunicação. Porto Alegre, v. 39 n. 2 p. 205-213, maio/ago. 2009

VALE, Oto Araujo. **Expressões cristalizadas: transparência e opacidade**. Signótica, Goiânia, v. 11, p. 163-172, 2009.

VALE, Oto Araujo. **Expressões cristalizadas no português do Brasil: uma proposta de tipologia**. 2001, 213 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2001

VAN VALIN, Robert. Principles of role and reference grammar. *In: BENTLEY, D; MAIRAL, R; NAKAMURA, W; VAN VALIN, R. (eds.) Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar*. Cambridge University Press, 2023, p. 17-180.

VAN VALIN, Robert. (ed.). **Advances in role and reference grammar**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993.

WRIGHT, Georg H. Von. **An Essay in modal logic**. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1951.

ZIEGELER, Debra. On the generic argument for the modality of *will*. **EnglishModality: core, periphery and evidentiality**. Boston, v. 081, p. 221-252, 2013.

ZIELÍŃSKI, Andrzej; ELORZA, Rosa María Espinosa. **La modalidad dinámica en la historia del Español**. Berlin: Peter Lang gmbH, 2018.

**APÊNDICE A - VALORES DO *QUI-QUADRADO* PARA OS CRUZAMENTOS
ESTATÍSTICOS REALIZADOS COM O SPSS EM ‘SER CAPAZ DE’**

Cruzamento da Categoria do NI com as Categorias do NR

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Posição do Falante x Condições de Realidade	0,112
Posição do Falante x Alvo da MF	<0,001
Posição do Falante x Subtipos MFOE	<0,001
Posição do Falante x Subtipos MFOP	<0,001
Posição do Falante x Polaridade	0,002
Posição do Falante x Designação do A1	<0,001
Posição do Falante x Traço do Indivíduo	<0,001
Posição do Falante x Tipo de predicado	0,335

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento da Categoria do NI com as Categorias do NM

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Posição do Falante x Codificação do A1	<0,001
Posição do Falante x Tempo verbal	<0,001
Posição do Falante x Modo verbal	0,582

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR e do NM – Condições de Realidade

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Condições de Realidade x Alvo da MF	0,761
Condições de Realidade x Subtipos MFOE	0,761
Condições de Realidade x Subtipos MFOP	0,941
Condições de Realidade x Polaridade	0,943
Condições de Realidade x Designação do A1	0,004
Condições de Realidade x Traço do Indivíduo	0,359
Condições de Realidade x Tipo de Predicado	0,521
Condições de Realidade x Codificação do A1	0,005
Condições de Realidade x Tempo verbal	<0,001
Condições de Realidade x Modo verbal	<0,001

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Alvo da MF (continua)

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Alvo da MF x Subtipos MFOE	<0,001
Alvo da MF x Subtipos MFOP	<0,001
Alvo da MF x Polaridade	0,004
Alvo da MF x Designação do A1	<0,001
Alvo da MF x Traço do Indivíduo	<0,001

Cruzamento das Categorias do NR – Alvo da MF (conclusão)

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Alvo da MF x Tipo de predicado	0,181
Alvo da MF x Codificação do A1	<0,001
Alvo da MF x Tempo verbal	0,954
Alvo da MF x Modo verbal	0,996

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Subtipos MFOE

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Subtipos MFOE x Subtipos MFOP	<0,001
Subtipos MFOE x Polaridade	0,004
Subtipos MFOE x Designação do A1	<0,001
Subtipos MFOE x Traço do Indivíduo	<0,001
Subtipos MFOE x Tipo de Predicado	0,181
Subtipos MFOE x Codificação do A1	<0,001
Subtipos MFOE x Tempo verbal	0,954
Subtipos MFOE x Modo verbal	0,996

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Subtipos MFOP

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Subtipos MFOP x Polaridade	0,005
Subtipos MFOP x Designação do A1	<0,001
Subtipos MFOP x Traço do Indivíduo	<0,001
Subtipos MFOP x Tipo de Predicado	0,478
Subtipo MFOP x Codificação do A1	<0,001
Subtipo MFOP x Tempo verbal	0,465
Subtipo MFOP x Modo verbal	0,398

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Polaridade

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Polaridade x Designação do A1	0,062
Polaridade x Traço do Indivíduo	<0,001
Polaridade x Tipo de Predicado	0,116
Polaridade x Codificação do A1	0,071
Polaridade x Tempo verbal	<0,001
Polaridade x Modo verbal	0,133

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Designação do A1

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Designação do A1 x Traço do Indivíduo	<0,001
Designação do A1 x Tipo de Predicado	<0,001
Designação do A1 x Codificação do A1	<0,001
Designação do A1 x Tempo verbal	0,061
Designação do A1 x Modo verbal	0,784

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR e NM – Tipo de Predicado

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Tipo de predicado x Codificação do A1	0,628
Tipo de predicado x Tempo verbal	0,824
Tipo de predicado x Modo verbal	0,617

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NM – Codificação do A1

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Codificação do A1 x Tempo verbal	<0,001
Codificação do A1 – Modo verbal	0,036

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NM – Tempo verbal

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Tempo verbal x Modo verbal	<0,001

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

**APÊNDICE B - VALORES DO *QUI-QUADRADO* PARA OS CRUZAMENTOS
ESTATÍSTICOS REALIZADOS COM O SPSS EM ‘DAR PARA’**

Cruzamento da Categoria do NI com as Categorias do NR

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Posição do Falante x Condições de Realidade	0,658
Posição do Falante x Alvo da MF	<0,001
Posição do Falante x Subtipos MFOE	<0,001
Posição do Falante x Subtipos MFOP	<0,001
Posição do Falante x Polaridade	0,457
Posição do Falante x Designação do A1	<0,001
Posição do Falante x Traço do Indivíduo	<0,001
Posição do Falante x Tipo de predicado	0,985

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento da Categoria do NI com as Categorias do NM

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Posição do Falante x Codificação do A1	<0,001
Posição do Falante x Tempo verbal	<0,001
Posição do Falante x Modo verbal	<0,001

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR e do NM – Condições de Realidade

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Condições de Realidade x Alvo da MF	0,112
Condições de Realidade x Subtipos MFOE	0,112
Condições de Realidade x Subtipos MFOP	0,112
Condições de Realidade x Polaridade	0,002
Condições de Realidade x Designação do A1	0,576
Condições de Realidade x Traço do Indivíduo	<0,001
Condições de Realidade x Tipo de Predicado	0,877
Condições de Realidade x Codificação do A1	0,525
Condições de Realidade x Tempo verbal	<0,001
Condições de Realidade x Modo verbal	<0,001

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Alvo da MF (continua)

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Alvo da MF x Subtipos MFOE	<0,001
Alvo da MF x Subtipos MFOP	<0,001
Alvo da MF x Polaridade	0,852
Alvo da MF x Designação do A1	<0,001
Alvo da MF x Traço do Indivíduo	<0,001
Alvo da MF x Tipo de predicado	0,980

Cruzamento das Categorias do NR – Alvo da MF (conclusão)

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Alvo da MF x Codificação do A1	<0,001
Alvo da MF x Tempo verbal	0,002
Alvo da MF x Modo verbal	0,003

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Subtipos MFOE

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Subtipos MFOE x Subtipos MFOP	<0,001
Subtipos MFOE x Polaridade	0,852
Subtipos MFOE x Designação do A1	<0,001
Subtipos MFOE x Traço do Indivíduo	<0,001
Subtipos MFOE x Tipo de Predicado	0,980
Subtipos MFOE x Codificação do A1	<0,001
Subtipos MFOE x Tempo verbal	0,002
Subtipos MFOE x Modo verbal	0,003

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Subtipos MFOP

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Subtipos MFOP x Polaridade	0,852
Subtipos MFOP x Designação do A1	<0,001
Subtipos MFOP x Traço do Indivíduo	<0,001
Subtipos MFOP x Tipo de Predicado	0,980
Subtipo MFOP x Codificação do A1	<0,001
Subtipo MFOP x Tempo verbal	0,002
Subtipo MFOP x Modo verbal	0,003

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Polaridade

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Polaridade x Designação do A1	0,785
Polaridade x Traço do Indivíduo	0,502
Polaridade x Tipo de Predicado	0,088
Polaridade x Codificação do A1	0,955
Polaridade x Tempo verbal	<0,001
Polaridade x Modo verbal	0,103

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Designação do A1 (continua)

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Designação do A1 x Traço do Indivíduo	<0,001
Designação do A1 x Tipo de Predicado	1,000
Designação do A1 x Codificação do A1	<0,001

Cruzamento das Categorias do NR – Designação do A1 (conclusão)

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Designação do A1 x Tempo verbal	0,025
Designação do A1 x Modo verbal	0,067

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR e NM – Tipo de Predicado

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Tipo de predicado x Codificação do A1	0,956
Tipo de predicado x Tempo verbal	0,968
Tipo de predicado x Modo verbal	0,951

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NM – Codificação do A1

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Codificação do A1 x Tempo verbal	0,123
Codificação do A1 – Modo verbal	0,088

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NM – Tempo verbal

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Tempo verbal x Modo verbal	<0,001

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

**APÊNDICE C - VALORES DO *QUI-QUADRADO* PARA OS CRUZAMENTOS
ESTATÍSTICOS REALIZADOS COM O SPSS EM ‘TER COMO’**

Cruzamento da Categoria do NI com as Categorias do NR

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Posição do Falante x Condições de Realidade	0,550
Posição do Falante x Alvo da MF	<0,001
Posição do Falante x Subtipos MFOE	<0,001
Posição do Falante x Subtipos MFOP	<0,001
Posição do Falante x Polaridade	0,757
Posição do Falante x Designação do A1	<0,001
Posição do Falante x Traço do Indivíduo	<0,001

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento da Categoria do NI com as Categorias do NM

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Posição do Falante x Codificação do A1	<0,001
Posição do Falante x Tempo verbal	0,361
Posição do Falante x Modo verbal	0,863

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR e do NM – Condições de Realidade

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Condições de Realidade x Alvo da MF	0,006
Condições de Realidade x Subtipos MFOE	0,006
Condições de Realidade x Subtipos MFOP	0,004
Condições de Realidade x Polaridade	0,058
Condições de Realidade x Designação do A1	0,003
Condições de Realidade x Traço do Indivíduo	0,011
Condições de Realidade x Codificação do A1	0,013
Condições de Realidade x Tempo verbal	<0,001
Condições de Realidade x Modo verbal	0,727

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Alvo da MF

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Alvo da MF x Subtipos MFOE	<0,001
Alvo da MF x Subtipos MFOP	<0,001
Alvo da MF x Polaridade	0,502
Alvo da MF x Designação do A1	<0,001
Alvo da MF x Traço do Indivíduo	<0,001
Alvo da MF x Codificação do A1	<0,001
Alvo da MF x Tempo verbal	0,022
Alvo da MF x Modo verbal	0,340

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Subtipos MFOE

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Subtipos MFOE x Subtipos MFOP	<0,001
Subtipos MFOE x Polaridade	0,502
Subtipos MFOE x Designação do A1	<0,001
Subtipos MFOE x Traço do Indivíduo	<0,001
Subtipos MFOE x Codificação do A1	<0,001
Subtipos MFOE x Tempo verbal	0,022
Subtipos MFOE x Modo verbal	0,340

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Subtipos MFOP

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Subtipos MFOP x Polaridade	0,688
Subtipos MFOP x Designação do A1	<0,001
Subtipos MFOP x Traço do Indivíduo	<0,001
Subtipo MFOP x Codificação do A1	<0,001
Subtipo MFOP x Tempo verbal	0,019
Subtipo MFOP x Modo verbal	0,634

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Polaridade

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Polaridade x Designação do A1	0,700
Polaridade x Traço do Indivíduo	0,307
Polaridade x Codificação do A1	0,075
Polaridade x Tempo verbal	0,044
Polaridade x Modo verbal	0,741

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NR – Designação do A1

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Designação do A1 x Traço do Indivíduo	<0,001
Designação do A1 x Codificação do A1	<0,001
Designação do A1 x Tempo verbal	0,010
Designação do A1 x Modo verbal	0,605

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NM – Codificação do A1

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Codificação do A1 x Tempo verbal	0,027
Codificação do A1 – Modo verbal	0,962

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.

Cruzamento das Categorias do NM – Tempo verbal

Cruzamento	Valor do Teste <i>qui-quadrado</i>
Tempo verbal x Modo verbal	<0,001

Fonte: Elaboração própria com base nas análises do SPSS.